

Meus dias com você

SERÁ QUE É TARDE
DEMAIS PARA MUDAR
O DESTINO?



CLARE SWATMAN



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Meus dias com você

SERÁ QUE É TARDE
DEMAIS PARA MUDAR
O DESTINO?



CLARE SWATMAN



Meus dias com você



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Meus dias com você



CLARE SWATMAN



Título original: *Before You Go*

Copyright © 2017 por Clare Swatman
Copyright da tradução © 2017 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Simone Reisner
Lucas Bandeira
Milena Vargas e Sheila Louzada
DTPhoenix Editorial
Rafael Nobre e André Manoel/
Babilonia Cultura Editorial
© Leanne Dixon
Marcelo Moraes

TRADUÇÃO:
PREPARO DE ORIGINAIS:
REVISÃO:
DIAGRAMAÇÃO:
CAPA:

FOTO DA AUTORA:
ADAPTAÇÃO PARA E-BOOK:

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Tom, Jack e Harry

prólogo

29 de junho de 2013

É UM DIA QUENTE e o sol brilhante contrasta brutalmente com o ambiente sombrio. O rosto de Zoe está pálido e inexpressivo quando ela desce do automóvel preto e percorre, insegura, o caminho até o prédio baixo de tijolos à sua frente. Sua mãe, Sandra, apressa-se para alcançá-la e segura, protetora, a filha pelo cotovelo.

O sol do meio-dia encurta as sombras de um grupo de pessoas paradas diante das portas. Zoe não consegue identificá-las, pois a luz brilhante as transforma em nada mais do que silhuetas, mas vê que uma ou duas estão fumando, soltando baforadas irregulares no ar quente de verão. Elas observam quando Zoe se aproxima, e uma delas a saúda com um sorriso forçado. Zoe não percebe.

Lá dentro, mãe e filha abrem caminho decididas até a primeira fileira. A sogra de Zoe, Susan, já está lá. Seus olhos estão vermelhos e inchados, apesar da maquiagem cuidadosamente aplicada, e ela consegue dar um fraco sorriso enquanto mãe e filha se sentam ao seu lado. Instintivamente, Zoe estende a mão e agarra a da sogra, apertando-a com firmeza no espaço do assento entre elas.

Elas ouvem, atrás de si, os sussurros, as fungadas e os murmúrios dos outros presentes, que se movem para tomar seus assentos. Mas o que prende a atenção delas por completo é o que está na frente: o caixão de Ed, colocado sobre uma mesa no meio da sala. Zoe olha para a inócua caixa de madeira e pensa que é impossível acreditar que o corpo de seu marido, tão forte, tão vibrante, tão alegre, esteja mesmo ali. É totalmente irreal.

Totalmente injusto.

No dia em que ele morreu, também fazia calor. Como sempre, Zoe estava zanzando pelo apartamento, jogando coisas na bolsa: laptop, diário, maçã, celular, Coca diet, livro, iPad.

– Se você colocar mais alguma coisa aí, vai precisar de um burro de carga para levar você ao trabalho – murmurou Ed enquanto escovava os dentes.

Um fio de pasta de dentes desceu pelo seu queixo e caiu no chão. Ela revirou os olhos.

– Pelo amor de Deus, Ed – disse ela, começando a se irritar.

Sabia que estava exagerando, que ele apenas tentava deixar o ambiente mais leve, mas não conseguiu se controlar. Marchou até o banheiro, pegou um pedaço de papel higiênico e se agachou para limpar a pasta do chão. Enquanto esfregava, sua unha ficou presa em um espaço entre duas tábuas do piso e se quebrou.

– Que merda! – xingou ela, sentindo a raiva subir pela garganta como bile.

Levantou-se e marchou de volta para o banheiro, abriu com raiva a porta do armário e procurou a tesourinha de unha. Estava atrasada, Ed a estava deixando louca e ela só queria sair do apartamento. Assim que encontrou a tesourinha, cortou a unha quebrada, jogou o objeto de volta no armário e bateu a porta.

Saiu do banheiro pisando forte e viu Ed de cara amarrada na sala, tentando sair do caminho dela. Zoe não podia culpá-lo. Ela andava sempre zangada nos últimos tempos, uma raiva inexplicável que borbulhava sob a superfície, pronta para explodir a qualquer momento. Mas saber que esse sentimento estava ali não significava que ela fosse capaz de represá-lo. Eram os hormônios, ela sabia. Sempre os malditos hormônios.

Zoe abriu a porta do guarda-roupa com um puxão, para buscar suas sandálias. Quando enfiou a cabeça para procurar, ouviu a voz abafada de Ed dizendo algo no outro quarto.

– O que você disse? – perguntou ela, inclinando a cabeça para ouvi-lo melhor.

Ele apareceu à porta, prendendo o capacete na cabeça.

– Estou saindo para o trabalho. Até logo.

– Tchau. – Breve, seca.

Ela não estava com vontade de conversar, e Ed sabia disso. Ele se virou e saiu. Segundos depois, a porta bateu e ela ouviu o barulho dele destrancando a bicicleta e começando a pedalar. Sentiu uma pontinha de arrependimento, mas a ignorou e voltou a atenção para o guarda-roupa.

E essa foi a última vez que o viu vivo.

Só ouviu a notícia bem mais tarde. Havia passado a manhã inteira em uma reunião e, quando saiu, Olive, sua chefe, a esperava em sua mesa com o rosto pálido.

– Olive? Está tudo bem? – perguntou Zoe.

Olive não disse nada por alguns segundos e Zoe começou a ficar preocupada. Teria cometido um erro? Estaria encrencada?

– Venha comigo – respondeu Olive.

Sua voz era suave e calma, não dura e irritada, o que deixou Zoe ainda mais confusa. Elas retornaram à sala de reuniões, de onde Zoe acabara de sair, e Olive fechou a porta.

– Sente-se – pediu ela, apontando para a cadeira ao seu lado e acomodando-se em outra. – Por favor.

Zoe puxou a cadeira e se sentou na ponta, nervosa. Suas mãos tremiam.

– Zoe, não sei como lhe dizer isso – começou Olive, sem preâmbulos. – Houve um acidente. Com o Ed. Ele foi atropelado por um ônibus.

Ela parou e Zoe prendeu a respiração. Queria que Olive dissesse as palavras seguintes depressa, para acabar logo com aquela aflição, mas ao mesmo tempo não desejava ouvi-las, não realmente, não em voz alta.

Uma batida suave na porta quebrou o terrível silêncio e Zoe quase pulou da cadeira. Olive correu para abri-la. Zoe também se virou e, então, seu mundo desmoronou.

Havia dois policiais parados na entrada. Estavam perguntando por ela.

No lugar de palavras, um soluço sufocado escapou de sua boca. Ela tentou se levantar, mas suas pernas falharam e ela caiu de volta na cadeira. Suas mãos tremiam e, quando a policial entrou na sala, Zoe olhou para Olive, seus olhos implorando que ela lhe dissesse que tinha havido um terrível, um lamentável engano. Mas Olive não conseguia encará-la.

Zoe olhou para os sapatos da policial. Estavam tão polidos que a ponta refletia a iluminação do teto. Imaginou aquela mulher se preparando para o trabalho pela manhã, de pé na cozinha, polindo os sapatos até brilharem, pensando no dia que teria pela frente. Será que ela pensara que, mais tarde, teria que informar a alguém que seu marido havia morrido?

Ela continuou calada, olhando para o chão.

– Zoe? – disse uma voz.

Ela levantou os olhos. Três rostos a encaravam, esperando que ela falasse alguma coisa.

– Eu... Eu.... – As palavras não saíam. – Onde ele está? – conseguiu murmurar finalmente.

Aliviado por ter algo a dizer, o outro policial deu um passo à frente.

– Ele foi levado para o Royal Free Hospital. Sinto muito, mas ele... Não havia nada que os médicos pudessem fazer. – Ele se deteve por um instante. – Podemos levá-la até lá se a senhora quiser.

Atordoada, Zoe assentiu e se levantou. Olive correu até ela, ansiosa para poder fazer algo útil.

– Vamos pegar as suas coisas, querida – disse ela, tomando Zoe pelo cotovelo e guiando-a para a porta.

Em sua mesa, Zoe abaixou-se para pegar a bolsa, que estava no chão, o casaco, que estava pendurado no encosto da cadeira, e conferiu se não estava deixando nada para trás.

Então ela e Olive seguiram os policiais, que as conduziram até lá fora. Olive a ajudou a entrar na viatura, que aguardava na calçada. A rua estava estranhamente silenciosa. No fundo de sua mente, ela sabia que tinha que avisar às pessoas o que estava acontecendo, por isso, enquanto o carro se dirigia para o hospital, ela pressionou uma sequência de números que lhe era familiar. Primeiro, Jane, sua melhor amiga.

– Oi – disse Jane, atendendo ao primeiro toque.

Sua voz, leve e animada, soou tão incongruente que Zoe sentiu faltar o ar.

– Zo, o que aconteceu?

– Ed... – Sua voz falhou e ela lutou para conseguir pronunciar as palavras. – É o Ed. Ele... Aconteceu um acidente e...

Ela não conseguiu terminar. Não era capaz de dizer a palavra. Não precisou.

– Que merda, Zo. Onde você está? Vou já para aí.

– Royal Free. – A voz de Zoe não era mais que um sussurro.

– Estou indo.

Quando Zoe desligou, eles estavam estacionando em frente ao hospital. Não havia tempo para ligar para mais ninguém. O sol descia atrás do edifício de tijolos, dando a ele uma estranha silhueta gótica contra o céu brilhante. Ela saiu do carro. Sua perna tremeu e ela

tropeçou, mas a policial – ela não conseguia lembrar o nome da moça – segurou-a pelo cotovelo e restaurou seu equilíbrio. Caminharam até as portas e, quando elas se fecharam, Zoe sentiu que estava sendo engolida pelo inferno.

Ela foi conduzida até uma fila de cadeiras em uma pequena sala enfiada nas profundezas do hospital. Enquanto esperava, ficou olhando, sem realmente ver, os cartazes na parede sobre luto e depressão, lendo as palavras sem compreendê-las. O esforço para manter a mente vazia consumia todas as suas forças. Então ela ouviu uma voz familiar e olhou para cima, e ali estava Jane, que correu até ela, atravessando a minúscula sala, e logo estavam nos braços uma da outra, apertando com força, enquanto Zoe soluçava: soluços fortes, que sacudiam seu corpo como se fossem parti-la ao meio.

– Ele... Ele morreu.

Ela engoliu em seco, em meio a lágrimas abundantes, o nariz escorrendo.

– Ah, Zoe, Zoe, Zoe... – murmurou Jane, acariciando com vigor as costas da amiga querida.

Elas ficaram assim até os soluços de Zoe diminuírem, depois se sentaram de mãos dadas.

– Eu fui tão má com ele hoje manhã... – disse Zoe quando sua respiração começou a se normalizar. – Ele nem olhou para mim. Ele teve ódio de mim, Jane.

– Zoe, Ed jamais teria ódio de você. Ele a adorava e sabia que você o amava. Por favor, não pense uma coisa dessas.

– Mas eu estava muito zangada com ele. E ele não tinha feito nada errado. Eu nem me despedi, e agora ele morreu e nunca mais vou poder dizer a ele quanto o amo. É tarde demais. O que vou fazer agora?

Antes que Jane pudesse responder, o médico chegou e elas foram levadas ao lugar onde Ed estava para identificar o corpo. Aturdida, Zoe ouvia as explicações dos médicos. Ed fora atingido por um ônibus, não teve a menor chance de escapar, já chegou morto ao hospital. As palavras “traumatismo crânio-encefálico” e “nada que pudesse ser feito” ficavam invadindo sua cabeça, mas ela não tinha coragem de pensar em Ed sentindo dor, sofrendo. Só conseguia se perguntar por quê. Por que ela o deixara sair de casa sem lhe dizer que o amava? Se o tivesse atrasado uns poucos minutos dando-lhe um abraço, ele estaria vivo agora e os dois poderiam resolver todos os problemas,

tinha certeza. Se ela o tivesse levado de carro até o trabalho em vez de permitir que ele fosse de bicicleta – ela detestava que ele andasse de bicicleta, sempre temia que fosse atropelado e se machucasse...

Mas agora era tarde. Ed estava morto.

Ah, meu Deus, Ed estava morto.

Aturdida, ela foi levada até a maca onde Ed estava. Apesar dos ferimentos – eles o haviam limpado da melhor maneira possível, mas ainda havia vestígios de sangue no rosto e no peito –, podia ver seu Ed deitado ali. A vontade de tocá-lo, de abraçá-lo e dizer que tudo ficaria bem era avassaladora. Mas Zoe sabia que não era possível. Ela se virou e se afastou, com Jane segurando-a pelos ombros.



As horas seguintes foram como um borrão. Ela se lembra das pessoas trazendo-lhe chá, dando-lhe abraços de pesar, e se recorda do barulho dos carrinhos passando pela sala reservada aos parentes, onde ela se sentou e esperou. Então chegou Susan, a mãe de Ed, e as duas mulheres se abraçaram, unidas por uma dor que ameaçava sufocá-las.

Agora elas estão juntas outra vez. Só se passaram dez dias e ainda dói tanto que Zoe mal consegue acreditar que continua respirando.

Um soluço rasga seu peito e escapa pelos lábios. Ela pressiona a mão na boca, tentando se controlar. Sua mãe aperta com força a outra mão.

E então a cerimônia começa.

Zoe se senta, os olhos secos, quando o celebrante começa a dizer palavras bonitas e gentis sobre seu marido.

Chega a vez de Zoe. Ela não se sente capaz de enfrentar tudo isso, mas prometeu a Susan, e ao subir ao púlpito, segurando uma folha de papel meio amassada, olhando para o mar de rostos, todas aquelas pessoas que amam Ed, que a amam, ela tem certeza de que precisa dizer algo. Zoe se aproxima do microfone.

– Escrevi algumas palavras que gostaria de dizer, mas agora não sei mais se estão corretas.

Sua voz vacila um pouco e Sandra faz menção de ir até lá para acalmá-la, mas Zoe balança a cabeça minimamente e respira fundo.

– Nesses últimos quinze anos, Ed foi sempre meu mundo. Ele era tudo para mim, e a verdade é que a simples ideia de continuar vivendo sem a presença dele é como atravessar um imenso deserto

sem nenhum sinal de água. Sinto que minha vida agora existe apenas pela metade, e ele mal acabou de partir. Sei que todos dizem que o tempo cura, mas não sei se quero que isso aconteça. Não quero que a lembrança dele, de tudo que vivemos juntos, desapareça. Quero guardá-la em minha mente para sempre, para que eu possa atravessar os dias tristes que sei que virão.

Ela faz uma pausa, olha para as mãos, fechadas com força sobre o púlpito, as articulações brancas.

– Eu vou levar para sempre o desejo de ter dito a ele algumas coisas que não disse, sempre vou desejar a chance de mudar algumas coisas que fiz no dia em que ele morreu e nos meses e anos antes desse dia. Mas não posso, então tentarei carregar comigo os momentos felizes e esquecer os ruins...

Ela se interrompe outra vez, olha para a frente e seu olhar cruza o de Jane. O rosto da amiga está pálido, tenso, uma versão apagada de si mesma.

– Espero que vocês possam fazer o mesmo. Lembrar-se de Ed com amor. Fico feliz por estarem aqui. Não sei se conseguiria sem vocês. Muito obrigada.

Então sua voz falha, as lágrimas começam a brotar e ela corre para seu lugar e para os braços da mãe.

O celebrante prossegue, mas Zoe mal consegue absorver as palavras. A cerimônia chega ao fim e, enquanto as cortinas ao redor do caixão de Ed são baixadas, a canção favorita dele, “Under My Thumb”, dos Rolling Stones, começa a tocar.

– Não! – grita Zoe.

Ela vira a cabeça, enterra o rosto nas mãos e deixa que as lágrimas fluam livremente. E, quando olha de novo, Ed já se foi.

16 de agosto de 2013

DE PÉ JUNTO À JANELA, Zoe coça a cabeça e observa a chuva escorrer caudalosa pelo vidro encardido, arrastando para baixo, junto com a água, o seu humor. A batida da chuva na janela soa como um tambor distante e espelha o martelar de seu coração. Ela não sabe dizer em que ponto as gotas de chuva terminam e suas lágrimas começam.

Do lado de fora, ela vê o jardim embaçado pela chuva. Faz menos de dois meses que não cuida do jardim, mas ele já parece fora de controle. As rosas estão arqueadas sob o próprio peso. Dezenas de ervas daninhas e cardos se elevam, altivos, em um pequeno pedaço de terra. O deque está escorregadio de musgo e chuva. Ela fecha os olhos por um instante e vê Ed encurvado, plantando, podando, removendo a erva daninha com todo o cuidado. Esse pequeno pedaço de jardim era seu orgulho e sua alegria, uma das razões que os levaram a comprar o apartamento. Ela deveria cuidar das plantas, mas não tem coragem de ir até lá. A simples ideia de olhar o jardim sem a presença de Ed provoca uma enorme pressão em seu peito.

Ela enfia a mão no fundo do bolso do casaco e sente a embalagem de alumínio. Olha para o relógio. Só se passaram duas horas desde que tomou a última dose, que a deixa meio tonta. Mas ela precisa muito desse socorro. É um antidepressivo. Está deprimida. É uma escolha fácil. Ela joga mais um comprimido na boca e o engole depressa, sem água, o que quase a faz engasgar.

Afastando-se da janela, Zoe entra na cozinha e destranca a porta dos fundos. A chave não coopera e ela insiste, desajeitada. Então, finalmente a chave gira com um clique. Zoe puxa a porta e sai. A chuva está tão forte que no mesmo instante seus cabelos se colam ao rosto, mas ela nem percebe. Atravessa o cascalho e pisa no deque. Inclina-se para a frente e arranca um cardo, alheia aos espinhos que

lhe perfuram a pele. Ela o joga no chão com raiva, depois gira o corpo, puxa outro e faz o mesmo. Tomada pela raiva, começa a arrancar as ervas daninhas sem nem perceber o que está fazendo. Plantas voam, pétalas são arrancadas das flores. Ela está descontando a raiva no lugar que Ed mais amava. Isso não a faz se sentir melhor, mas ela não consegue parar.

A chuva continua a bater em sua cabeça, colando as roupas na pele gelada, mas ela não sente frio. Não sente nada. Por fim, quando não há mais nada para ser arrancado, ela se vira e pisa na pilha que fez de folhas úmidas e encharcadas, água pingando de suas sobancelhas, seus lábios, suas bochechas. Zoe tenta se levantar e voltar para dentro, mas o pé desliza para a frente, sem fazer o contato apropriado com o chão molhado e escorregadio. Ela perde o equilíbrio e seu corpo se inclina para trás, como se estivesse em câmera lenta. Os braços giram depressa, tentando segurar algo, qualquer coisa, para evitar a queda. Mas não há nada além do vazio e ela sente o estômago saltar para a garganta enquanto cai para trás no chão molhado. Ela pensa que grita, mas não tem certeza, e sua cabeça bate em um vaso de cerâmica, quica e cai de novo no chão, com um barulho pavoroso. A dor é intensa, mas logo termina, pois ela perde a consciência e tudo ao seu redor fica preto.

18 de setembro de 1993

N O INSTANTE EM QUE ACORDO, meus olhos ainda fechados com força, sei que algo mudou. Enquanto minha mente se esforça para identificar o que pode ser, um pensamento louco surge de repente: talvez tenha sido um terrível pesadelo e Ed não esteja morto, afinal. Então eu me lembro de tudo outra vez e meu estômago se contrai, meus músculos se tensionam e eu sinto como se a delicada corda que me mantém presa à Terra, à minha vida, estivesse em perigo de se partir para sempre.

Então, o que há de tão diferente hoje?

Posso dizer, mesmo com os olhos ainda fechados, que o quarto está inundado de luz, o que já é estranho. Gosto do meu quarto bem escuro. Será que me esqueci de fechar o blecaute das cortinas ontem à noite? Talvez. Mas parece, definitivamente, mais do que isso.

Algo me vem à mente. Não está claro, mas há uma memória vaga, espreitando nas sombras, tentando me escapar. Eu estava no jardim. Chovia, e eu estava arrancando as ervas daninhas descontroladamente. Eu me lembro disso. Mas depois não me lembro de muito mais. Há apenas um espaço em branco e uma ou outra imagem mais clara: uma queda, a dor na cabeça, rosas, o rosto de Jane, luzes no teto... e, depois, nada.

Será que estou em um hospital? Talvez seja isso. Eu caí, bati a cabeça e agora estou aqui, em uma cama de hospital, em segurança.

Faz sentido, mas, de alguma forma, não acho que seja o que está diferente hoje.

Mantenho os olhos fechados por mais um minuto e escuto, com cuidado, os sons ao redor. Ouço um radiador batendo, como se o aquecimento acabasse de ser ligado. Identifico o som distante de um rádio e murmúrios, como se alguém estivesse conversando em uma

cozinha, o zumbido de um chuveiro elétrico, alguém assobiando. Isso me é familiar, mas ainda não muito, e por certo não é típico de um hospital.

Finalmente, tento abrir os olhos e um mundo embaçado entra em foco devagar. Consigo perceber um teto branco, coberto com os mesmos redemoinhos e semicírculos que o do meu quarto de criança. Estranho, não vejo esse padrão há anos. Há até uma pequena marca cor-de-rosa, exatamente a mesma que fiz no teto do meu quarto quando joguei um batom em minha irmã e errei. Balanço a cabeça, confusa com essa lembrança. O lustre cinza pendurado no meio também me é familiar e parece puxar com força a minha mente, como uma criança puxando meu casaco, desesperada por atenção, desesperada para que a lembrança faça sentido.

Olho para a direita. Há uma cômoda ali, de pinho, coberta de adesivos e com um espelho em cima, cercado por lâmpadas. Está vazia, sem maquiagens, perfumes ou essas coisas, mas ainda assim me é tão familiar que me tira o fôlego.

Sento-me na cama, o coração batendo forte. Mal consigo respirar.

Estou com medo de continuar olhando ao redor, mas não tenho escolha. Viro a cabeça e vejo o guarda-roupa de pinho que eu sabia que veria, uma porta aberta, a fileira de cabides vazios lá dentro. Na frente dele, há uma mala preta e uma caixa de papelão em que se lê *Objetos da Zoe!* escrito com marcador preto, ao lado de uma carinha desenhada mostrando a língua. Em cima, uma caixa de vinho com a marca da loja, Threshers, impressa, fechada com uma fita branca em que se lê a palavra *Cuidado* repetida em letras vermelhas e berrantes. Eu sei, sem olhar, que lá dentro estão meus preciosos CDs, todos prazerosamente escolhidos na noite anterior.

Passeio os olhos pelo quarto. Um gancho vazio atrás da porta, onde deveria estar uma camisola; meu antigo CD player no chão, embrulhado em papel-bolha; uma escrivaninha sem papéis e canetas, apenas um pote solitário com um par de lápis sem ponta e um marcador. É o meu antigo quarto e está exatamente igual ao dia em que parti para a universidade.

Meu coração ainda está martelando e eu respiro fundo algumas vezes, tentando acalmá-lo. Não há nada com que se preocupar, é apenas um sonho, digo para mim mesma. Sua mente está lhe pregando peças. Volte a dormir e, quando você acordar, tudo terá voltado ao normal, seja lá o que “normal” signifique.

Pouso a cabeça no travesseiro e fecho os olhos. Mas não resisto e, quando dou mais uma olhadela, nada mudou.

Que diabos está acontecendo?

Empurro o edredom, coloco as pernas para fora da cama e, cautelosamente, olho no espelho. Só me vejo na altura da cintura, mas já identifico meu pijama curto e a blusa refletidos ao me aproximar – um pijama que não uso há cerca de dezoito anos. Não sei se estou pronta para o que vou ver, mas, ainda assim, sento-me com cuidado na ponta do banquinho e olho para o espelho.

Fico sem ar. Não porque seja horrível. *Sou eu*. Mas não eu aos 38 anos, com olheiras e linhas finas sob os olhos, além de um profundo V gravado na testa que já estou acostumada a ver. É uma menina de 18 anos, com bochechas coradas e sem rugas – e uma maquiagem preta sob os olhos que me faz parecer o Alice Cooper. Meu cabelo está tingido de uma estranha cor púrpura-avermelhada e está todo arrepiado, como uma juba. Com mãos trêmulas, eu o toco e semicerro os olhos diante do meu reflexo, com uma careta. Minha testa não enrugua nem franze como costuma fazer, mas permanece suave e inexplicavelmente elástica.

Eu rio alto. O som é inesperado e me faz dar um salto. É um som que não ouço há algum tempo. Mas me parece apropriado, pois essa situação é totalmente ridícula.

Como isso pode estar acontecendo?

Penso em voltar para a cama, enterrar a cabeça debaixo do travesseiro e fingir que nada daquilo está acontecendo. Mas estou curiosa. Apavorada e confusa, mas também curiosa para saber o que pode vir em seguida. Porque a verdade é que eu sei que é mais do que apenas um sonho. Não sei como, simplesmente sei. A sensação é de que é... real. Por mais louco que pareça, sinto que estou realmente aqui.

Entretanto, não tenho a menor ideia do que fazer. *O que* você faz quando acorda em sua vida antiga? Existe algum manual, um conjunto de regras a seguir? E quanto tempo vai durar até eu voltar à vida real? Um dia, uma semana, um mês? Para sempre? Estremeço com esse pensamento.

Eu me levanto. Há uma pilha de roupas jogadas na ponta da cama, amassadas por terem sido chutadas durante o sono. Eu me lembro com clareza de ter passado horas escolhendo o que vestir hoje, em meu primeiro dia na universidade. Estava me mudando para Newcastle e

me sentia extremamente animada. Assustada também, mas principalmente animada.

“Mal posso esperar para sair daqui”, eu disse para minha melhor amiga, Amy.

Mas eu estava só bancando a durona. A verdade era que eu amava a minha casa em Doncaster, com meus pais e minha irmã mais nova, Becky. Eu reclamava, é claro. Mas sabia que meus pais me amavam, e esse mundo era tudo o que eu conhecia. Morar em Newcastle, onde eu não conhecia ninguém, seria uma enorme mudança. É difícil acreditar que eu já fui uma menininha assustada.

Tiro o short do pijama e visto as roupas que estão na ponta da cama: meias compridas listradas de preto e branco; um vestido preto justo e curto; um cardigã grande demais. Olho para mim mesma. Estranhamente, me sinto muito bem com esta roupa.

Estreito os olhos e observo a mesinha de cabeceira. Estou procurando meu celular e, de repente, solto um som de desaprovação (eu me pergunto se estou fazendo esse som também enquanto durmo e sorrio imaginando como seria engraçado se alguém estivesse me vendo). Estamos em 1993. Eu não tinha um celular em 1993. Ninguém tinha, a não ser empresários, com seus tijolões desajeitados permanentemente nos ouvidos. O que havia era meu rádio-relógio, que mostra as horas: 8h10.

Desço as escadas para ver o que está acontecendo.



Lembro-me de minha mãe me dizer certa vez que, quando saí de casa para a universidade, ela chorou por três dias inteiros. Nunca acreditei. Minha mãe não era do tipo chorona. Estava sempre ocupada demais cuidando de todos e não tinha tempo para a autoindulgência. Isso me parecia muito improvável.

Mas, quando desço, espio minha mãe pela porta entreaberta da cozinha por um minuto antes que ela perceba que estou ali. Ela parece tão jovem, o cabelo não mais grisalho, mas de um castanho escuro. Também está mais magra e usa uma blusa em vez dos incontáveis suéteres da Mark & Spencer que ela prefere atualmente. Está tão bonita... Eu tinha esquecido que um dia ela teve essa aparência. Uma voz monótona fala no rádio. Lentamente, minha mãe tira pratos e vasilhas da máquina de lavar louça com uma das mãos, enquanto na

outra segura um paninho que passa em volta dos olhos de vez em quando. Meu coração se enche de amor por ela.

Então Becky desce as escadas e quebra o encanto.

– Por que você está aí parada? – pergunta ela.

Eu a olho, incapaz de responder. Agora, quando vejo Becky, fico sempre impressionada ao perceber quanto ela está crescida. Ela é quatro anos mais nova do que eu e sempre a enxerguei como minha irmãzinha. Vê-la adulta me surpreende todos os dias. Essa aqui na minha frente é a Becky que eu tenho fotografada na memória.

E, é claro, isso também prova uma coisa: Becky pode me ver, o que, de alguma forma, significa que toda essa coisa é real.

Sem esperar uma resposta, Becky passa por mim e entra na cozinha.

– Mãe, cadê meu uniforme do hóquei? – pergunta com uma voz manhosa.

Minha mãe se endireita.

– Ali, meu amor – responde ela, apontando para uma pilha de roupas bem passadas sobre a bancada.

Que Deus a abençoe. Ela tem a paciência de um santo.

Minha mãe me observa e dá um leve sorriso.

– Olá, querida, está tudo pronto?

Então minha mãe também pode me ver. Certo. Respiro fundo e, hesitante, sorrio para ela. Normalmente, eu teria dito algo petulante, do tipo “Sim, mal posso esperar para sair daqui”. Mas, depois de ter visto como ela está chateada, não tenho coragem.

– Sim, as malas já estão prontas – respondo, percebendo, pela primeira vez, seus olhos inchados.

Dou um passo à frente e a abraço. Ela parece surpresa e leva alguns segundos para reagir. Ao sentir o cheiro de flor-de-maio de seu sabonete, fico nostálgica, lembrando-me da simplicidade da vida naquela época. Que pena que não é mais assim. Se ao menos eu só tivesse que me preocupar com sair de casa, decidir o que comer no café da manhã, fazer novos amigos!

Eu me afasto e noto que uma careta aparece brevemente no rosto de minha mãe. Deve estar se perguntando por que eu a abracei. Quando eu era adolescente, não me comportava assim. Estava muito ocupada me preocupando comigo mesma para perceber que minha mãe estava triste. Era muito mais provável que eu a ignorasse completamente, sujasse sua cozinha tão limpa e nunca parasse para

abraçá-la só porque ela parecia chateada.

Comportar-me como uma adolescente vai ser difícil. Eu não sou mais essa pessoa. Mas vou ter que tentar.

Vou até a pia para encher a chaleira com água.

– Chá? – pergunto para quem quiser ouvir.

– Sim, por favor, querida.

– Eu também – grunhe Becky, que está ao lado do armário onde ficam os cereais, enfiando um monte deles na boca direto da caixa, como se não comesse há um mês.

Acendo o fogo e coloco os saquinhos de chá nas xícaras antes de me sentar pesadamente à mesa, esperando a água ferver.

– Onde está o papai?

Estou morrendo de vontade de vê-lo novamente.

– Ah, ele acabou de sair para pegar um jornal. – Ela faz o sinal de aspas no ar com os dedos.

Todas sabemos que, quando papai sai para “pegar um jornal”, significa que ele está fumando um cigarro escondido. Ele volta com cheiro de fumaça e sempre há uma reveladora protuberância em forma de maço de cigarros no bolso de sua camisa, mas fingimos que não sabemos e ele também finge que não sabemos. Não sei por que nos damos esse trabalho. Eu reviro os olhos e vejo minha mãe andando de um lado para outro na cozinha. Ela abre gavetas, limpa manchas imaginárias no balcão e cata cereais que caíram aos pés de Becky.

– Não limpe a bagunça dela. Ela já é grandinha – digo, olhando para a trilha de cereais que Becky vai deixando atrás de si como João e Maria na floresta.

– Cale a boca! – Becky parece furiosa.

– Está tudo bem, querida, eu não me importo. Já estou limpando mesmo.

– Mas...

Eu me controlo. Não suporto ver minha mãe sendo tratada como empregada, só que tenho plena consciência de que eu fazia exatamente o mesmo, por isso não respondo nada, me levanto e encho as xícaras com água, coloco leite em cada uma, adoçante para mamãe, um torrão de açúcar para Becky e deixo o meu chá puro.

– Quer comer alguma coisa, querida?

Minha cabeça dói. Eu a esfrego suavemente.

– Não, obrigada. Acho que vou tomar meu chá lá em cima e

terminar de me preparar.

– Está bem. Daqui a pouco nos vemos. Mas não demore muito, seu pai quer pegar logo a estrada.

Concordo com um meneio de cabeça e subo a escada, colocando meu chá com cuidado no chão ao lado da minha cama. Então me deito de novo. Preciso de um momento para pensar.

Não sei quanto desse dia eu verei novamente, mas é estranho saber o que vai acontecer em seguida. Daqui a algumas horas, meus pais e eu juntaremos meus poucos pertences no carro e daremos adeus a Becky, que teve autorização para ficar em casa, ir ao treino de hóquei e almoçar com as amigas na cidade. Depois eu vou chegar a Newcastle, meu coração batendo de pavor enquanto dirigimos por ruas desconhecidas. Quando chegarmos à minha casa, vamos descarregar o carro e serei deixada sozinha pela primeira vez na vida, só eu e meus novos colegas de casa.

É nesse instante que me dou conta do fato, que me atropela como um trem. Fico tão sem fôlego que mal consigo respirar. Não acredito que levei tanto tempo para lembrar.

Foi neste dia – no verdadeiro, pelo menos – que eu vi Ed pela primeira vez. Meu Ed, por quem estive de luto a cada instante ao longo dos últimos dois meses; meu Ed, cuja morte me deixou arrasada, perdida e com raiva.

Eu viro de lado e aperto a barriga, respirando com dificuldade.

Isso significaria... Não ousou sequer formar o pensamento...

Poderia isso significar que, após dois meses de luto pela morte dele, sentindo como se meu coração tivesse sido arrancado do peito, depois de sonhar em voltar a tocar a barba malfeita em seu queixo, tirar o cabelo de seus olhos, enlaçar seu pescoço bronzeado e manter seu corpo junto ao meu, eu vou ter a chance de vê-lo novamente?

Sinto-me atordoada diante dessa possibilidade.

Mal posso acreditar. E mal posso esperar.



O ritmo do carro deve ter me feito adormecer porque, quando abro os olhos, já paramos, meu pai desligou o motor e, por um instante apenas, quando minha mãe se vira no banco do carona e sorri para mim, sinto que estou de volta em 1993, que está tudo bem, e eu sorrio para ela.

Então eu lembro, e sinto o ar faltar.

– Você está bem, querida? Está tão pálida.

Eu me ajeito no assento e limpo a baba do canto da boca.

– Tudo bem, só peguei no sono, me desculpe.

Papai pigarreia.

– Grande novidade.

– John, deixe a menina em paz.

– O que foi? Ela é uma adolescente, é isso o que eles fazem. –

Papai aponta com a cabeça para a janela. – Olhe lá. É a sua nova casa.

Espio pela janela e vejo a pequena casa onde vou morar durante o próximo ano. É tão familiar quanto meu próprio rosto e, apesar de tudo, me faz sorrir.

A porta simples da casa geminada está aberta. Saímos do carro, e uma mulher de meia-idade que me é familiar sai e vem ao nosso encontro.

– Olá, senhor... – diz ela, estendendo a mão para meu pai e sorrindo calorosamente.

– John – responde meu pai, sacudindo a mão com firmeza. – John Morgan. E esta é minha esposa, Sandra.

Elas apertam as mãos e em seguida a mulher se vira para mim, toda sorridente.

– Então você deve ser Zoe – diz ela, apertando a minha mão. – Sou a mãe de Jane, Cara. É um grande prazer conhecê-la.

– Olá – murmuro, tentando não deixar transparecer que já sei quem ela é.

Levamos minha bagagem para dentro e a despejamos no primeiro cômodo que encontramos.

– Vou pegar a chaleira – fala mamãe, arrancando a fita adesiva de uma das caixas.

– Não é preciso, eu já fiz um bule – diz Cara, levando-nos para a cozinha.

Enquanto meus pais conversam com Cara, vou até o andar de cima para dar uma olhada antes que mais alguém chegue. Quando chego ao segundo quarto, porém, levo um susto. Aqui, de costas para mim, pendurando a calça jeans cuidadosamente no guarda-roupa, os cabelos louros balançando em um rabo de cavalo alto, está alguém que conheço muito bem. Ela se vira para ver quem chegou e seu rosto excepcionalmente jovem e bonito se abre em um enorme sorriso.

– Oi, eu sou a Jane. Você deve ser Zoe. Entre e sente-se. Bem, se

você encontrar algum lugar.

Ela empurra uma pilha de roupas para o lado, abrindo espaço para mim. Eu me sento e tento pensar no que dizer a alguém que conheço tão bem quanto a mim mesma, mas que devo fingir que estou encontrando pela primeira vez. Meu Deus, como eu gostaria que *existisse* um manual de instruções. Tudo seria mais fácil.

– Que bom conhecer você finalmente – respondo, empoleirando-me precariamente na beirada da cama de solteiro.

– Também queria conhecer você logo. Eu estava torcendo para você chegar primeiro.

Bom, é assim que deve ser. Ninguém mais deve estar aqui ainda. Olho em volta, observando o quarto, e sorrio.

– Então parece que somos as únicas meninas. Quando será que os outros vão chegar?

Ela dá de ombros.

– Só Deus sabe, mas tomara que eles não sejam psicopatas.

Ela pisca, eu sorrio e, por um instante, o nó do meu estômago se desfaz. Essa é Jane, minha melhor amiga há cerca de vinte anos. Não há nada com que me preocupar.

– Quais eram mesmo os nomes deles... dos rapazes?

– Rob, Simon e Ed – respondo depressa demais, a voz fraquejando ligeiramente no último nome, e o sorriso de Jane vacila por um instante.

Mas, segundos depois, ele retoma o brilho.

– Será que vamos ficar com algum deles? Sabe como é, um caso entre colegas de casa e que acaba, e aí fica um mal-estar pelo resto do ano? Tem que haver um, não tem? Acho que é lei.

Meu rosto fica em chamas.

– Sim, deve acontecer.

Sem se deixar abater pela minha falta de entusiasmo, ela se espreme na cama ao meu lado e continua:

– Então, o que você vai estudar? Eu vou estudar teatro. Meus pais queriam que eu fizesse um curso que desse “futuro”, mas não sou inteligente o bastante. De qualquer forma, acho que vai ser divertido.

– Francês e marketing. – Minha resposta soa mortalmente maçante e sinto necessidade de elaborar. – Pensei que seria útil aprender uma língua e, você sabe, algo que possa realmente virar um trabalho. – Dou de ombros.

– Uau, a menina tem ambições. Gostei. – Ela pega um suéter da

pilha de roupas e começa a dobrá-lo. – O que mais? E quanto a música, filmes, hobbies? Namorados? Você é uma campeã de karatê lésbica enrustida, aficionada em jazz?

– Ha ha, bem que eu queria ser interessante assim – respondo, achando graça. – Que nada, sou muito monótona, para dizer a verdade. E um pouco roqueira. – Olho para minhas roupas para provar isso. – Sou um pouco CDF e meu filme favorito é *De volta para o futuro*, porque acho que seria incrível viajar no tempo.

Eu me interrompo, percebendo o significado de minhas palavras.

– E não. Não tenho namorado. Nem namorada. – É claro que já tive namorados, mas me parece errado falar neles. – E você? – indago, sem muito interesse.

– Não há muito a relatar, para ser honesta. Meus pais diriam que eu joguei um pouco fora minha adolescência, bebendo no parque e quase não estudando para as provas finais, mas não tem problema, porque estou aqui agora e eles podem se orgulhar. – Ela revira os olhos. – Eu tinha um namorado, Rich, mas ele foi para Plymouth e eu disse a ele que não fazia sentido tentarmos ficar juntos, então acho que nunca mais vou vê-lo. De qualquer forma, isso me dá a chance de conhecer algum cara bacana, um jogador de rúgbi bonitão, enquanto estou aqui, não é mesmo?

Ela sorri maliciosamente, mas, antes que eu possa responder, ouvimos passos pesados subindo as escadas.

Meu corpo fica tenso, embora eu tenha certeza de que não pode ser Ed. Segundos depois, uma cabeça aparece à porta, um belo rosto coberto por uma farta cabeleira preta.

É Rob. Ao vê-lo, a tensão sai aos poucos do meu corpo.

– Qualquer pessoa pode participar, ou é só para as meninas? – pergunta ele enquanto o resto do seu corpo segue a cabeça para dentro do quarto.

– Entre – diz Jane. – Qual deles é você?

Ele sorri.

– Rob. O mais bonito.

Eu sorrio. Rob é bonito, mas também é mulherengo e terá dormido com metade das calouras antes do final do mês. Além disso, ele não é nenhum Ed.

– Prazer em conhecê-lo, o mais bonito – respondo.

Rob se senta ao meu lado na borda da cama, esticando os pés à frente.

Enquanto Jane e Rob conversam, olho ao redor para as manchas escuras de umidade, para os quadrados de tinta mais escura e fita adesiva nos locais em que cartazes antigos deixaram suas marcas, e penso em como o dia tem sido surreal.

Por alguma razão, acordei em 1993, de volta à minha vida aos 18 anos. Se é apenas por um dia ou se vai durar muito tempo, não tenho ideia, e neste momento não me importo, porque só consigo pensar em uma coisa: Ed. Se tudo acontecer igual à primeira vez – e, como tem sido assim até agora, não tenho nenhuma razão para acreditar que vai ser diferente –, vou conhecer Ed em breve. Não vai ser meu Ed como conheço agora. Será o Ed que vi pela primeira vez, o jovem sexy e um pouco arrogante de quem gostei, mas por quem não me apaixonei perdidamente à primeira vista: não houve nenhum raio, nenhuma faísca elétrica. Só havia eu e um garoto, encontrando-nos pela primeira vez, com todo um mundo de possibilidades à nossa frente.

Desta vez, vai ser difícil – quase impossível – eu me comportar como se não o conhecesse. Eu o amei e odiei intensamente; eu o abracei, eu o confortei e briguei com ele, eu o perdi e chorei por ele. Com tudo isso na cabeça, como poderei enfrentar a situação? Não faço a menor ideia.

– O que você acha?

Com um sobressalto, sou trazida de volta e vejo Jane e Rob olhando para mim com expectativa, esperando uma resposta.

– Desculpe, eu estava a quilômetros de distância. O que você disse? Espero que nenhum deles tenha percebido a tensão em minha voz.

– Vamos encontrar o tal lugar? – pergunta Rob. – Tomar uma cervejinha antes que os outros cheguem?

– Boa ideia.

Preciso mesmo de um pouco de álcool para me dar coragem de atravessar as próximas horas. Uma bebida é exatamente o que vai me ajudar. Levanto-me depressa.

– Vou só colocar minhas coisas no meu quarto antes de meus pais irem embora.

Descemos a escada para nos despedir enquanto meu pai coloca minhas malas e caixas no quarto ao lado do de Jane.

– Cuide-se, querida. – Mamãe me abraça com força e sinto lágrimas brotando em meus olhos outra vez. – Não se esqueça de me ligar e venha logo para casa nos visitar.

– Mas não muito depressa, pois estou pensando em alugar seu

quarto – brinca meu pai, que sorri e me dá um abraço rápido.

Eu aceno enquanto o carro segue pela estrada, deixando-me sozinha em minha nova vida. Eu consigo fazer isso. Consigo viver de novo uma vida de estudante. Afinal, é apenas um dia – que pode ser o dia que venho esperando desde que perdi Ed.

– Certo, vamos – digo, inspirando profundamente e colando um sorriso no rosto enquanto nós três começamos a curta caminhada até nosso bar.

À medida que atravessamos a porta de vaivém, fico surpresa pela pontada de nostalgia. Faz muito tempo desde que estive aqui e as lembranças vêm à tona. Imagino Ed na mesa de bilhar, linhas profundas se formando na testa enquanto ele se concentra para encaçar a bola preta, meio bêbado, um copo de cerveja equilibrando-se na borda da mesa. Lembro-me de Jane ficar tão embriagada que caiu da cadeira e tirou uma soneca no canto do bar. Quase posso ouvir a canção “No Rain”, da banda Blind Melon, na jukebox que costumávamos usar, enfiando infinitas moedas para ouvir nossas músicas favoritas. E, apesar do ridículo absoluto da situação e da apreensão pelo que está por vir, um entusiasmo súbito toma conta de mim quando me sento à mesa para passar a tarde com essas pessoas – meus amigos mais antigos, que acabei de conhecer.



Três horas mais tarde, estamos de volta à casa. Simon já chegou e, depois de uma rápida apresentação, começamos a resolver a questão dos armários da cozinha enquanto dividimos uma garrafa de vinho barato que compramos a caminho de casa. Tem gosto de querosene, mas está aplacando um pouco minha ansiedade.

Lá fora já começou a escurecer e eu sei o que isso significa. Ed estará aqui em breve. Sinto o nó em meu peito apertar.

Ainda não aceitei completamente o fato de que nunca mais verei Ed. Entretanto, em algum lugar no fundo de minha alma, sei que é verdade e morro de medo, pois percebo que seu rosto já está começando a ficar embaçado em minha memória, por mais que eu tente desesperadamente mantê-lo lá. Posso ver o contorno de seu rosto, quase traçá-lo com a ponta dos dedos, mas não consigo mais definir o desenho de seus olhos, o formato de seu nariz, o arco dos seus lábios, e isso tem me deixado louca. Não sei se vou aguentar estar

na frente de todas essas pessoas quando o vir de novo. Como olhar para ele sem estender a mão para tocá-lo ou, pior ainda, sem me jogar em seus braços? Como posso me conter?

Os ponteiros do relógio de plástico barato em cima da pia movem-se de maneira ininterrupta; a torneira pinga, pinga, pinga sob a luz branca da cozinha. Minhas mãos começam a suar e minha mente fica confusa. Vozes murmuram na periferia da minha mente, mas estou bloqueando tudo, concentrada no ar que entra e sai de meus pulmões, na subida e descida do meu peito, no constante e insistente bater do meu coração. Eu só quero que a espera acabe logo.

E então, como que em resposta às minhas preces, ouço baterem na porta com força e, antes que alguém tenha a chance de ir até lá, a porta da cozinha se abre e ali está Ed, um sorriso enorme iluminando seu lindo rosto.

O sangue corre para a minha cabeça e eu acho que vou desmaiar no mesmo instante.

Ao meu redor há uma onda frenética de atividade quando todos se levantam para cumprimentá-lo, mas eu permaneço imóvel, os olhos virados para um ponto ao lado da cabeça dele, com muito medo de encarar Ed. Mas tenho que fitá-lo e, quando forço meus olhos, sinto como se tivesse levado um soco no estômago. Oh, Deus. É ele, ele está realmente aqui.

Eu me levanto e me movo lentamente para trás da cadeira, segurando-a com força, na esperança de que possa me sustentar. Então o encaro outra vez, tentando absorver cada centímetro de sua presença. Seu cabelo escuro está caído sobre os olhos azuis brilhantes e ele fica tentando afastá-lo com a mão, um gesto tão familiar que chega a doer. Ele parece tão jovem... Não posso acreditar que, quando nos vimos pela primeira vez na vida real, eu não tenha me apaixonado nem um pouco por ele.

Agora sinto como se meu coração tivesse sido arrancado e estivesse pendurado na frente de todos, exposto diante de meus amigos. Estou apaixonada por esse homem, meu coração está partido porque ele se foi, e eu sei que esta pode ser minha única chance de vê-lo outra vez. No entanto, não posso dizer a ele como me sinto.

Pelo menos não com palavras. Mas por certo ele saberá. No instante em que olhar nos meus olhos, com certeza ele vai ver tudo o que compartilhamos desde este momento. É *impossível* que ele não perceba o vínculo que nos une. Preciso fazer com que este momento

fique marcado, pois pode ser minha única chance.

Então respiro fundo, seco a mão no vestido e a estendo, dando um passo à frente, tentando fazer com que pare de tremer.

– Zoe. Muito prazer em conhecê-lo.

Quando ele toma minha mão na dele, tudo ao meu redor explode.

– Muito prazer em conhecê-la também – diz, o timbre profundo de sua voz vibrando direto em meu coração.

Eu seguro a mão dele por um segundo a mais que o necessário e sinto o calor fluindo para a minha pele. Ele também sente, tenho certeza, e olho no fundo de seus olhos. Mas o encanto é quebrado por outra batida e ele gentilmente puxa a mão e se vira na direção de um rosto que está espiando pela porta.

O rosto de Ed se ilumina e ele envolve com seu braço protetor os ombros da recém-chegada, puxando-a para si, os olhos cheios de amor. Ela é alta e graciosa, tem cabelos curtos elegantes e seus olhos estão cheios de afeto. É claro que ela adora Ed e que o sentimento é mútuo.

– Pessoal, esta é mamãe. Mãe, esse é o pessoal.

Ele abre os braços de forma majestosa por todo o ambiente e todos nós murmuramos nossos cumprimentos. Mas eu só consigo pensar no dia em que fiquei de pé ao lado de Susan no funeral de Ed, observando as cortinas serem fechadas em volta do caixão, nós duas abraçadas, unidas pelo luto.

– Mamãe quis ter certeza de que cheguei aqui sem me perder, não foi, mãe?

Susan baixa a cabeça e abre um sorriso de desculpas.

– Sim, sinto muito por ser uma mãe constrangedora, mas vocês sabem como é: preciso ter certeza de que meu menininho está bem.

Ela sorri e Ed resmunga, mas eu sei que no fundo ele está feliz por ela estar aqui. Neste momento de sua vida, ela é a única mulher do mundo que ele ama.

– Mas ela não vai ficar por muito tempo, vai, mãe?

– Não, não se preocupe, não vou tirar sua liberdade. – Ela dá uma espiada na garrafa de vinho sobre a mesa. – E não sei se meu estômago é forte o suficiente para beber aquilo ali.

Ed revira os olhos e ela sorri, o mesmo sorriso travesso que ele dá quando acha que está sendo engraçado.

– Desculpe, é melhor eu ir embora antes que ele me mate.

Susan coloca a bolsa no ombro e vai dar um beijo em Ed, o que faz

meu estômago se contrair de inveja. Eu daria tudo para beijá-lo agora.

Mas estou aprendendo. Só preciso esperar.

– Muito prazer em conhecer vocês – diz Susan, e então os dois deixam a cozinha e ele a acompanha até a porta.

Luto para meu coração desacelerar enquanto a conversa em torno de mim volta ao normal. Para eles é apenas mais um dia, ainda que emocionante e cheio de novos conhecidos. O que pensariam se soubessem o que estou enfrentando?

– Você está bem? Está pálida.

O rosto de Jane se contrai de preocupação enquanto ela traga com força o cigarro. Eu sorrio debilmente, afastando a fumaça para longe do meu rosto.

– Estou bem. Só um pouco bêbada, acho.

– Ha ha! Nós mal começamos. Você precisa ganhar mais resistência, menina!

Segurando o cigarro na boca, ela vai até a pia, lava uma caneca, enche-a com água e leva-a de volta à mesa.

– Aqui, beba isto.

Pego a caneca, torcendo para que ela não perceba minha mão tremendo, e bebo tudo de um só gole.

– Está melhor?

Faço que sim.

– Obrigada.

– Boa. Então, mais vinho.

Ela derrama mais um pouco da bebida vagabunda e quente em meu copo e sorri.

Ed volta, remexendo em sua mochila. Eu o observo, sabendo o que ele vai tirar dali, e em seguida surge uma garrafa de vodca.

– Muito bem, alguém quer uma bebida decente?

Um “Sim!” em uníssono é a resposta, e eu dou um suspiro. Quero fazer com que este momento fique marcado e, se estiver bêbada, não vou me lembrar de nada. Mas também não quero parecer uma desmancha-prazeres no dia em que essas pessoas me conhecem.

Os copos são enchidos – não há gelo, mas alguém encontrou uma garrafa de Coca diet – e vão sendo distribuídos. Pego um deles e o levo aos lábios, observando os rostos dos meus amigos ao redor da mesa, tentando não fixar o homem que eu amo mais do que qualquer outro no mundo.

– Saúde – diz Ed.

Ele levanta o copo e me encara. Sinto como se seus olhos estivessem olhando dentro de mim – não apenas para mim – e meu rosto queima. Levanto o copo e toco no dele e finalmente ele desvia o olhar. Meu coração bate tão rápido que parece que vou voar da cadeira.

O resto da noite passa como uma névoa de bebida, gargalhadas e conversas até a madrugada, quando por fim chega a hora de dormir. Eu não quero ir para a cama. Não tenho ideia do que vai acontecer amanhã, se voltarei a ver Ed ou se isso só vai acontecer uma vez, e realmente não quero ir dormir, só para garantir. Mas estou cansada e bêbada e sei que não tenho escolha. Mesmo que fique mais um pouco acordada, este dia não pode durar para sempre.

– Boa noite – diz Ed quando chegamos ao topo da escada.

– Boa noite, querido.

– Opa, não tão depressa.

Eu tremo e escondo minhas bochechas vermelhas com o cabelo.

– Desculpe, estou um pouco bêbada. Boa noite, Edward Williams. Foi um enorme prazer conhecê-lo.

Levanto a mão e ele a segura, sacudindo-a gentilmente. Seu toque me faz tremer.

– Foi um prazer absoluto conhecê-la também, Zoe Morgan.

Então ele solta a minha mão, fecha a porta atrás de si e se vai.

22 de julho de 1994

OS PRIMEIROS SEGUNDOS ACORDADA se passaram, a agonia de me lembrar de tudo se restabeleceu em sua constante e costumeira dor, substituindo o grito inicial de angústia, enquanto permaneço deitada, de olhos bem fechados.

Mas a lembrança de ver Ed novamente ontem, de sentir seu toque, também ficou comigo, e estou desesperada para saber se aconteceu de novo, se estou de volta ao passado. Então respiro fundo, abro os olhos, sento-me e olho ao redor. A primeira coisa que vejo no outro lado da minha cama de casal é uma Jane muito jovem, encolhida como um bebê, dormindo. Ainda está vestida, o cabelo emaranhado e colado no rosto. Ignorando-a, olho ao redor. É meu quarto no segundo ano da universidade. É o quarto onde desempacotei minhas coisas “ontem”, e vejo os cartazes que coleí na parede: Pop Will Eat Itself, Soundgarden, Red Hot Chili Peppers. Há uma enorme pilha de roupas em uma cadeira no canto e CDs espalhados pelo chão ao lado do meu aparelho de som. As outras caixas de CDs estão arrumadas ordenadamente na torre do aparelho.

Eu me sinto um pouco tonta.

Será este um outro dia? Parece que sim. Mas por quê?

Respiro fundo algumas vezes e fico mais algum tempo sentada, tentando descobrir o que fazer. Não tenho ideia do que está acontecendo e nem do dia que estou de alguma forma “revivendo”, mas tenho certeza de que logo vou descobrir. Coloco as pernas fora da cama, cuidando para não acordar Jane. O tapete sob meus pés é áspero e um pouco de poeira flutua no ar, capturada pela luz que atravessa as cortinas finas como papel. Passo por cima da pilha de CDs, tomando cuidado para não escorregar em um deles, e abro a porta do guarda-roupa. Há um espelho pendurado na parte de trás da

porta. Tentando agir de modo casual, dou uma olhada em mim mesma.

Meu cabelo está comprido e embaraçado, tingido de um castanho bem escuro, quase preto. Desce pelo meus ombros e vai até a metade dos braços. Meus olhos estão pintados com maquiagem preta e brilho prateado e minha pele parece branca e lisa como porcelana. Nenhuma ruga, apesar dos sinais de que tive uma noite pesada. Estou usando uma camiseta preta grande demais, que deixa de fora minhas pernas brancas e finas. Há um hematoma na minha canela, pequeno mas bem roxo, rodeado de amarelo. Não tenho a mínima ideia de como o consegui. Tenho uma argolinha de prata no nariz e quatro pinos prateados na orelha esquerda. Sorrio. Sempre amei meus piercings. Sinto falta deles. Sinto um pouco de falta de me vestir assim.

Cambaleio escada abaixo e vou caminhando em meio a cinzeiros e latas vazias espalhados pelo chão da sala. Ligo a TV. Aperto o botão de *closed caption* e fico admirada por ele realmente funcionar, com aquelas letras antiquadas rolando pela tela. Finalmente, depois de alguns minutos de busca nas frases que carregam lentamente, encontro o que estou procurando.

A data: 22 de julho de 1994.

Franzo o cenho, rebobinando descontroladamente minhas lembranças, tentando colocar a data em perspectiva. Por que este dia? Ele foi importante? Será que tem a ver com Ed?

Então descobro. Como posso ter esquecido?

Foi apenas alguns dias depois de Ed e eu darmos nosso primeiro beijo. O que só pode significar uma coisa.

É o dia em que ele partiu meu coração.

Minhas pernas fraquejam e eu me sento rapidamente na beirada do velho sofá para evitar cair no chão. Lembro claramente, como se fosse ontem, e não posso acreditar que vou ter que enfrentá-lo mais uma vez.

Foi um beijo inesperado, mas incrível. À medida que o ano passava, eu me surpreendia pela força de meus sentimentos por Ed. Eu me pegava observando-o o tempo todo: quando ele conversava com as pessoas, quando tomava o café da manhã, quando cochilava no sofá. E aos poucos fui percebendo que eu o via como mais do que apenas um amigo. Eu realmente gostava dele. Não sabia se ele sentia o mesmo por mim, mas ainda assim eu sonhava beijá-lo antes do fim do ano. Quando fizemos uma festa em nossa casa, mais ou menos uma semana

antes de irmos passar o verão em casa e arranjarmos empregos temporários chatos, eu já havia perdido a esperança de que alguma coisa acontecesse entre nós.

“Quando vocês começam?”, quis saber Simon durante a festa.

Ele tinha planejado algumas semanas de trabalho no escritório de advocacia do pai e queria se certificar de que nós também havíamos conseguido alguma coisa.

“Primeira semana de volta para casa”, comentei.

Eu tinha um emprego de férias no pub na esquina da casa dos meus pais.

“E você?”, perguntei a Simon. “Vai começar direto, certo?”

“Isso mesmo. E vou ter que usar terno.”

Eu ri alto. Simon usava sempre calças sujas e velhas, botas gastas e camisetas desbotadas de bandas.

“Que foi?”, disse ele, fazendo-se de ofendido. “Acho que vou ficar gato.”

Ele empinou o queixo e ajustou uma gravata imaginária antes de me oferecer o baseado.

“Sim, com certeza.” Dei uma tragada e soprei a fumaça no ar. “Vai ser difícil se concentrar no trabalho com todas aquelas mulheres fazendo fila na sua mesa.”

“É isso mesmo que estou esperando.” Ele piscou e eu ri novamente. “O que você vai fazer, Eddie?”

Ed deu de ombros.

“Não sei ainda. Vou voltar para a casa da minha mãe. Quando chegar lá, vou procurar alguma coisa. Eu gosto um pouco de jardinagem, trabalhar ao ar livre sob o sol, usar as mãos. Posso também tocar em algum bar.” Ele me lançou um olhar. “Ou não.”

“Tudo é fácil para alguns, não é mesmo?”, brincou Simon. “Bem que eu queria ficar por aí me divertindo e tocando guitarra o verão inteiro enquanto mamãe toma conta de mim.”

“Sim, é uma vida difícil, mas alguém tem que fazer isso.”

Ed riu, mas notei a dor em seus olhos. Ele tinha consciência de que todos os rapazes o consideravam mimado, mas eu sabia que não era bem assim. Ed e o pai sempre foram distantes, e ele e a mãe viviam sozinhos havia anos.

“Você vai encontrar alguma coisa”, falei.

Inclinei-me, passei para ele a ponta do baseado e nossos dedos se tocaram. Tremi e afastei a mão bem depressa, mas notei Ed me

observando pelo canto do olho e me senti desconfortável. Levantei-me e entrei na cozinha com as pernas bambas. Fiquei de pé ao lado da pia por um momento, tentando ficar sóbria. Ao fundo, a batida de “Insane in the Brain”, do Cypress Hill, fazia o chão vibrar.

“Ei.”

Com um sobressalto, eu me virei e vi Ed de pé atrás de mim. Meu coração deu um pulso. Sem desviar o olhar, ele se sentou na bancada e começou a me observar com cuidado.

“Então, como está se sentindo com a ideia de passar o verão inteiro em casa?”

Dei de ombros.

“Tudo bem. Você sabe como é.”

Eu me senti estranha sob seu olhar e me virei para mexer em algo sobre a bancada.

“E você?”

Ed não respondeu.

“Você vai sentir a minha falta?”, perguntou ele.

Sua voz era provocativa e eu não tinha certeza se ele estava flertando comigo ou apenas sendo Ed. Virei-me para encará-lo.

“Não, claro que não.”

Meu rosto estava ficando quente, ameaçando revelar meus sentimentos, mas sustentei o olhar até que ele desviasse o seu. Ele pulou da bancada e ficou a menos de um metro de mim.

“Ah, é uma pena.”

“É mesmo?”

Ele aquiesceu, um sorriso nos lábios.

“É, sim. Porque eu acho que vou sentir sua falta, Zoe.”

Temerosa de que o vinho estivesse me fazendo interpretar mal suas palavras, fiquei em silêncio, esperando. O azul profundo de seus olhos brilhava, insinuante.

“Ah, tá.”

“É só isso?” Ele deu um pequeno tropeço ao se aproximar mais. “Opa.” Ele sorriu. “Acho que bebi um pouco demais.”

Ele me alcançou e ficou me encarando, nossos corpos a poucos milímetros um do outro.

“Mas não é por isso que estou dizendo essas coisas. Não é por causa da cerveja. Eu realmente vou sentir sua falta.”

Então, muito lentamente, ele abaixou a cabeça e tocou com suavidade seus lábios nos meus. Eu me senti como se tivesse sido

incendiada e reagi com avidez. Ed me abraçou e puxou minha cabeça para mais perto, aprofundando o beijo. Até que, por fim, ele se afastou.

“Imagino que isso tenha sido legal, certo?”, indagou Ed.

Eu assenti.

“Mais do que legal.”

Ele se inclinou para me beijar outra vez.

“Ei, ei, ei!”, interrompeu uma voz, e Ed se afastou depressa. “O que significa isso?”

Rob estava parado na porta da cozinha, balançando o corpo levemente, com uma expressão de prazer por ter nos pegado em flagrante. Eu sorri, feliz.

Mas Ed não parecia tão satisfeito.

“Nada”, murmurou ele, dando dois passos para trás. “Estava apenas me despedindo.”

“É, foi isso mesmo que pareceu.” Rob sorriu. “Só vim aqui pegar mais cervejas. Quer uma?”

“Sim, por favor.”

Eles pegaram cervejas na geladeira e se viraram para mim.

“Zoe?”

Rob me ofereceu uma.

“Não, obrigada.”

Minha cabeça girava. E eu estava tentando descobrir o que acabara de acontecer. Ed tinha me dispensado, ou estava apenas constrangido por ter sido flagrado? Tentei olhar em seus olhos, mas ele não me olhou e meu rosto ficou vermelho. Quaisquer que fossem suas intenções, não pude deixar de ficar furiosa com ele. Virei-me, voltei para a festa e me servi de mais um copo de vinho quente da garrafa do chão.

Depois disso, Ed passou a bancar o engraçadinho comigo, agindo como se nada tivesse acontecido, e eu decidi fazer o mesmo. Não sabia qual era o problema dele, mas não pretendia perguntar. Se quisesse, ele mesmo me diria.

Agora estou de volta, menos de uma semana depois daquele dia, o último do semestre, um dia que odiei na primeira vez que aconteceu, e me pergunto como vou poder viver tudo isso outra vez. *Tem* que haver um motivo. Caso contrário, por que estou aqui? Será que esta é uma segunda chance para que eu faça algo diferente?

Eu arquejo, sem ar.

É isso! Eu tenho que tentar mudar alguma coisa hoje. Ver se posso fazer a diferença. Talvez seja como o efeito borboleta: uma pequena mudança em algum lugar ao longo do caminho pode criar uma transformação enorme e impactante na vida de alguém a quilômetros, ou anos, de distância. O que talvez signifique que até mesmo uma minúscula mudança hoje pode ser relevante o suficiente para evitar que eu perca meu Ed.

Não faço ideia se vai funcionar, mas tenho certeza de que vale a pena tentar.



São cinco horas da tarde. O sol está alto e quente no céu, e eu ergo o rosto, aproveitando o calor.

Jane está sentada ao meu lado, balançando as pernas com impaciência, fumando um cigarro.

– Vamos, eu preciso ir para casa tomar banho, estou fedendo.

– Ah, só mais alguns minutos – imploro.

– Vá em frente, então – diz ela, e eu sei, sem sequer olhar, que ela está revirando os olhos.

– Obrigada. E não faça isso.

– O quê?

– Não revire os olhos.

– Ah, desculpe.

Algumas vezes, parece que eu a conheço melhor do que a mim mesma, e vice-versa. Não é nenhuma surpresa, levando-se em conta que nos vemos todos os dias e contamos tudo uma para a outra. Sinto uma pontada de arrependimento quando penso nisso. Em 2013, eu ainda a adoro, mas sei que deixei nossa amizade esfriar e, neste exato momento, não consigo imaginar por quê.

Dou mais um gole em minha bebida e me volto para ela.

– Eu amo isto, sabe?

– Isto o quê?

– Isto. O fato de podermos estar aqui juntas, em silêncio, e ser bom.

Ela sorri.

– Eu também. Mesmo quando você me faz ficar aqui contra a minha vontade.

– Ah, desisto.

Eu me levanto, a cabeça girando um pouco. Estou evitando voltar para casa porque sei que Ed vai estar lá e ainda não estou pronta para vê-lo. Estou nervosa e preciso me recompor.

Jane e eu demos uma volta hoje, matamos aulas e bebemos sidra choca e barata no centro de estudantes. Depois, resolvemos tomar um pouco de ar fresco, o que só fez minha cabeça ficar ainda mais confusa. Eu a agarro no ombro para me equilibrar.

– Cuidado – diz ela, segurando-me ereta e apagando o cigarro na calçada. Em seguida, ela sorri. – Opa, acho que bebemos sidra demais.

Em seguida, ela deixa escapar um delicado arroto. Eu grito e morro de rir.

– Sua porca!

Damos os braços e começamos a andar vacilantes em direção à casa. Passei um dia delicioso com ela, mas quanto mais bêbada eu ficava, mais difícil era não contar a Jane o que estava acontecendo. O que estou vivendo é tão estranho, tão inexplicável e também tão gigantesco que parece totalmente errado não contar a ela.

Mas agora, enquanto caminhamos de braços dados, estou feliz por não ter dito nada. Tivemos um dia perfeito e não quero que nada o estrague. Jane sempre esteve presente em meus momentos de dor nos últimos anos, mas eu sabia que a havia afastado, incapaz de lidar com sua bondade. O dia hoje foi como um tônico, como se tivéssemos recuperado nossa amizade, e embora eu saiba que isso provavelmente não vai mudar nada no futuro, a sensação é maravilhosa.

Eu seguro as lágrimas e, antes que me dê conta, já percorremos os 3 quilômetros até em casa. Já estamos mais sóbrias e, quando Jane enfia a chave na fechadura, eu fico tensa.

Jane percebe.

– Você precisa falar com ele, você sabe.

– Eu sei, eu sei. Mas e se ele não quiser falar comigo? E se eu entendi tudo errado e o beijo não passou de um engano por causa da bebedeira, algo que ele está tentando esquecer?

– E se ele estiver apenas envergonhado? Você sabe, o clichê do namoro na faculdade: ele não sabe como lidar com isso, da mesma forma como você também não está sabendo? Talvez vocês só precisem conversar.

Eu balanço a cabeça.

– De jeito nenhum. Ele me beijou e disse que sentiria minha falta. Eu não disse nada. Agora cabe a ele vir a mim e dizer por que está se

recusando a falar comigo.

Jane me olha por um momento e, em seguida, dá de ombros.

– Eu já dei minha opinião. Não vou chatear você outra vez. Mas deixei claro que eu acho que você deve agir, e não ficar só esperando.

Concordo com um meneio de cabeça. Ficamos em silêncio enquanto Jane abre a porta e acende a luz. Ouvimos vozes na sala de estar, algumas risadas e o zumbido suave da TV. O corredor parece mais comprido do que o habitual. Finalmente chegamos à sala e abrimos a porta. Tenho que me segurar para não gritar.

Lá, encolhido no sofá, está Ed. Ao lado dele, aconchegada em seu braço, com um olhar superior de satisfação no rosto, está... Na verdade, qual é mesmo o nome dela? Naquele dia ela teve um impacto tão grande em minha vida que não acredito que esqueci, mas a verdade é que, de alguma forma, seu nome me escapou. Eu a chamo de Peituda, na falta de algo melhor.

Rob está esparramado no outro sofá com uma lata de cerveja aberta ao lado, conversando com Ed.

Mas é de Ed que não consigo tirar os olhos. Meu Ed, abraçando uma mulher que não sou eu apenas alguns dias depois de ter me beijado. Eu não pensei em mais nada desde aquele dia e aqui está ele, sem dar a mínima para o que aconteceu. Sinto-me como se tivesse levado um soco no estômago, minha cabeça gira e eu agarro o encosto do sofá para me equilibrar. É claro que é ridículo. Eu sabia o que ia acontecer. Mas saber não torna mais fácil de engolir.

Na primeira vez, eu me sentei, passei a noite fingindo que não tinha notado e depois fui me deitar cedo, para poder chorar em paz.

Desta vez, porém, vai ser diferente. Vou tentar alguma coisa, ver o que vai acontecer. A ideia de que uma pequena mudança agora, em 1994, tenha o potencial de impedir que alguém morra em 2013 pode parecer loucura, mas, se não for assim, qual é o sentido de tudo isso?

Eu me sento e espero, aguardando o momento oportuno. Ed ainda se recusa a olhar para mim. A conversa flui, mas eu quase não ouço nenhuma palavra. Estou esperando minha oportunidade.

Finalmente, Ed se levanta.

– Vou dar uma mijada.

Ele sai da sala. Eu espero por um instante e também me levanto. Jane me olha, inclina a cabeça interrogativamente, mas eu apenas faço um sinal e saio da sala casualmente. Sinto-me ridícula, esperando na cozinha pelo barulho da descarga. Mas, quando a ouço, atravesso o

corredor e passo pela porta do banheiro bem no instante em que Ed está saindo. Ele esbarra em mim e nossos ombros colidem.

– Desculpe.

Ele baixa o olhar e se vira para ir embora.

– Ed.

Minha voz é firme e ele para, erguendo as sobrancelhas.

– Zoe?

Meu coração bate com tanta força que posso senti-lo por todo o corpo, até na ponta dos dedos, até nos dedos dos pés. Eu me esforço para controlar a respiração.

– Ed, você não pode me ignorar para sempre. Quer me explicar por que está fingindo que não me beijou?

Ed parece chocado. E é bom que esteja, pois ele me fez passar por um verdadeiro inferno. Não vou deixá-lo escapar com tanta facilidade. Espero que ele diga alguma coisa enquanto minha cabeça gira com a emoção de fazer algo totalmente fora do meu feitio.

– Eu não estou fingindo, estou... – Ele para e olha para os próprios pés. Em seguida, levanta a cabeça e me encara nos olhos. – Sinto muito, Zoe, eu realmente não sei o que estou fazendo. Eu gosto mesmo de você, mas é só que...

Ele se interrompe outra vez e parece tão culpado que eu começo a ceder.

– Ed, eu só quero saber por que você está me evitando desde que... bem, desde que você me beijou.

– Eu sinto muito. De verdade. Sei que tenho sido um idiota. Eu só não queria criar uma confusão por causa disso, sabe como é, com os outros. Eu não queria que eles soubessem o que está acontecendo.

– Mas tem alguma coisa acontecendo?

Minha voz se suaviza, e Ed sorri.

– Bem, não, acho que não. Mas eu gostaria que estivesse.

– Sério?

Meu coração quase salta para fora do peito.

Ed assente.

– Acho que sim. É que... não tenho certeza se agora é o momento.

Meu coração desaba novamente e eu me esforço para controlar o tremor na voz.

– Por causa dela?

Aponto o polegar na direção da sala.

– Amy?

Ele tem a decência de parecer culpado.

– Sim, Amy – confirmo.

– Ah, meu Deus, não, não por causa dela. Quer dizer, ela é legal e tudo o mais, mas... é apenas uma amiga, para dizer a verdade. Uma garota da faculdade. Não é por causa dela. É que...

Dou um tempo para ele prosseguir.

– Apenas não é o momento certo, Zo. Sinto muito. De verdade.

Eu olho para meus sapatos, tentando evitar que as lágrimas escorram. Não sei por que me sinto tão triste agora, sabendo que, de qualquer forma, nós ficamos juntos no final. Mas é muito difícil ouvir as palavras que saem de sua boca. Quero dizer a ele que nunca é o momento certo, que a vida é muito curta para jogar as coisas fora, para perder tempo, para ficarmos separados. Mas não posso, e sei que um cara de 19 anos não tem como compreender isso. Como ele entenderia? Então apenas inspiro fundo e, em seguida, solto o ar bem lentamente.

– Eu também, Ed. Eu realmente sinto muito. Mas entendo.

– Entende?

Faço que sim e ficamos parados por um momento, sem saber como tratar um ao outro. O ar entre nós fica tão pesado com as palavras não ditas que parece vivo.

Finalmente, ele dá um passo em minha direção. Estamos a menos de um centímetro um do outro e posso sentir o calor de seu corpo enquanto ele hesita por um momento. Levanto os braços e coloco as mãos no peito dele. Sinto seu coração bater por baixo da camiseta e da pele quente.

Então ele me segura pela cintura e me puxa, beijando-me profundamente. Meu coração está na garganta e minhas pernas tremem de alívio quando eu o beijo, mesmo que não saiba o que isso significa. Em seguida, ele se afasta e eu olho em seus olhos.

– Acho que pelo menos preciso me livrar da Amy. Isso não é justo. Eu concordo.

– Por favor, me dê meia hora e eu volto. Prometo. Acho que precisamos conversar um pouco mais.

Ele se afasta, me deixando no corredor. Segundos se passam e eu ainda estou ali, sem saber o que fazer.

– Que diabos você pretende fazer, sua danadinha?

Jane ri ao se aproximar com as mãos na cintura.

– Ed está tentando se livrar da pobre Amy e agora eu encontro

você aqui, parada com essa cara de felicidade. O que aconteceu? Vocês dois... Aconteceu?

Eu conto a ela o que acabou de ocorrer e ela olha para mim, avaliando a situação.

– Hum, veja só. – Ela sorri. – Por essa eu não esperava.

– Nem eu. E não tenho a menor ideia de como isso vai acabar.

Ela inclina a cabeça e me observa.

– Então, o que vai acontecer agora? – indaga Jane.

– Não sei. O que devo fazer?

– Fazer? Você deve ir para o quarto dele e esperá-lo lá, sua grande idiota. – Ela sorri maliciosamente. – Vou providenciar para que ele saiba onde encontrá-la.

– Sério? Você não acha que isso é um pouco... precipitado? Especialmente depois do que ele disse?

– Talvez, mas e daí? Ele gosta de você, você gosta dele. Ninguém está pedindo que vocês se casem. Aproveite e divirta-se.

– Está bem.

Faço uma pausa, indecisa.

– Vá, então. – Jane me empurra suavemente em direção à escada. – Suba e espere por ele. E... Zo? Boa sorte.

Eu sorrio, depois me viro e subo as escadas, o sangue pulsando em minhas têmporas. Não posso acreditar no que acabei de fazer, no que estou fazendo. Mas, mesmo que isso não mude nada, pelo menos tenho a chance de estar com Ed. Quem sabe se terei outra? Tenho que agarrá-la enquanto posso.

Ao abrir a porta do quarto de Ed, sinto-me como uma colegial travessa. Já entrei ali antes, mas com outras pessoas, nunca sozinha, e me sinto uma intrusa. Eu *sou* uma intrusa. Fecho a porta e deixo meus olhos vagarem pelo quarto. A cama dele está mal arrumada, o edredom todo enrugado. A guitarra está em um dos cantos, dentro do estojo, e eu sorrio. A primeira vez que ele tocou para nós foi no dia em que percebi quanto gostava dele. Quem não gosta de um homem que toca guitarra? É uma pena que ele a tenha abandonado à medida que a vida foi seguindo adiante. Há também três ou quatro plantas perto da janela e um pequeno regador.

Algumas fotos foram coladas ao acaso na parede ao lado da cama, e, curiosa, eu me aproximo para ver melhor. Há uma em que ele e a mãe estão felizes, sorrindo para a câmera, seu braço colocado de maneira protetora ao redor dos ombros dela. Parece que foi tirada em

casa, mas não consigo distinguir nenhum detalhe. A outra mostra Ed e mais quatro rapazes, todos com pouca roupa e bronzeados, estendendo bebidas para a câmera. Deve ter sido tirada no feriado antes de ele vir para a universidade, mas não me lembro de ter visto essa imagem antes. Reconheço apenas um deles, seu amigo Jake, que encontrei algumas vezes na cidade quando fomos visitar a mãe de Ed. Os outros são desconhecidos. Há uma fotografia em preto e branco, que reconheço como a preciosa imagem de seus avós. Ele sentia muita falta deles e sempre deixou essa foto exposta em algum lugar da casa. Há mais algumas fotografias sobre a mesinha de cabeceira e não consigo evitar pegar uma delas. É um retrato de Ed e uma menina que não reconheço, os dois abraçados, sorrindo felizes. Ela é muito bonita, mas jovem, e ele só parece ter cerca de 15 anos. Ao longo dos anos, nós conversamos sobre nossos ex e eu me pego imaginando quem seria ela. Sinto uma pontada de ciúme, o que é ridículo. Isso já está no passado agora, em 1994, imagine só em 2013. A foto da moça foi retirada da parede, a fita dupla face ainda no verso, e foi jogada sem cerimônia na mesa, junto com papéis, embalagens e canetas. Que diabos pode haver ali para me deixar com ciúmes?

Vou até a estante, onde vejo alguns livros familiares, livros que estão em minha casa agora. Há poucos: *O apanhador no campo de centeio*, *O guia do mochileiro das galáxias*, alguns romances policiais, um livro sobre jardinagem e uma história da Primeira Guerra Mundial. Há também alguns livros sobre guitarra, com músicas que ele estava aprendendo a tocar sozinho.

Sinto-me culpada por espionar o quarto dele, embora saiba mais sobre Ed do que qualquer outra pessoa no mundo. Então tiro da prateleira um romance policial, sento-me na cama, cruzo as pernas e fico esperando.

É difícil me concentrar nas palavras: estou agitada demais, perguntando-me se fiz a coisa certa. Será que eu deveria deixar a natureza seguir seu curso e não tentar mudar nada? Não sei exatamente o que estou tentando fazer. Só sei que não tenho muito poder, mas mesmo assim isso é tudo o que tenho, portanto vou usar o que for possível.

Apurando os ouvidos, tento escutar o que está acontecendo lá embaixo. Será que os outros notaram minha ausência? Os minutos se arrastam e nada de Ed aparecer, então começo a me questionar se ele vai mesmo subir. Finalmente, ouço vozes e o som da porta da frente se

fechando. Em seguida, ouço passos subindo suavemente a escada. Quando os passos chegam ao topo, começo a me sentir tonta, temendo que não seja ele, ou que ele tenha mudado de ideia, ou que esteja com raiva de mim.

Mas, quando ele entra, há um sorriso fixo em seu rosto, seus olhos brilham com malícia e ele fecha firmemente a porta atrás de si e salta na cama ao meu lado, fazendo com que eu perca o equilíbrio.

– Fiquei imaginando se encontraria você aqui. Deu uma boa olhada em volta?

Meu rosto fica vermelho.

– Um pouco. – Indico a parede. – Boas fotos.

Ele olha para cima e acena com a cabeça distraidamente.

– Você gosta de música?

Ele pega um CD no chão e o coloca para tocar. Segundos depois, o som dos Rolling Stones cantando “Under My Thumb” chega gentilmente através dos alto-falantes e me atropela como um trem.

– Eu amo essa música – comenta ele.

– Eu também – digo, pouco mais alto que um sussurro.

Só consigo pensar no momento em que a cortina foi fechada em torno de seu caixão e tenho a sensação de que vou passar mal. Desvio o olhar e torço para que ele não perceba a dor estampada em meu rosto.

Ele se senta ao meu lado na cama, se estica com os braços atrás da cabeça e fica olhando para o teto. Eu me deito ao lado dele, apenas nossos quadris se tocando, e olho para o teto também, ouvindo a música. Quando ela chega ao fim e uma nova começa, consigo mudar meu fluxo de pensamento.

– Então, o que vai acontecer aqui? – Ed é o primeiro a falar.

Eu dou de ombros.

– Não faço ideia – respondo.

Ele se apoia nos cotovelos e se volta para mim, o rosto pairando acima do meu.

– Ed, veja bem, quando você me beijou na semana passada...

– Você também me beijou, segundo me lembro.

– Fique quieto por um minuto. Você sabe o que eu quero dizer.

Você me beijou, e foi ótimo.

– Só isso? Ótimo? Nada de incrível? A terra não tremeu?

– Ed, pare de me interromper.

– Desculpe.

– Está certo, foi mais do que ótimo. Mas não é essa a questão. A questão é que, desde então, você tem sido péssimo...

– Isso é um pouco duro demais.

– Mas é verdade. Você quase não falou comigo, na maior parte do tempo nem olhou para mim. Sei que você disse que não está pronto para nada, mas nós vamos voltar para casa e ficar lá seis semanas, por isso eu gostaria de saber em que pé nós estamos. Se é que estamos em algum pé. A vida é curta demais para desperdiçar.

Ed não tem ideia do que essas palavras significam. Ele me observa com o rosto sério.

– Você tem razão, e eu sinto muito. Tenho evitado você porque pensei que seria mais fácil.

– Mais fácil?

Ele parece culpado.

– Você sabe, nós vamos morar nesta casa de novo no próximo ano, todos juntos, dependendo uns dos outros, e, se começarmos algo e der errado, vai ser um pesadelo.

– Então você está se recusando a ficar comigo com medo de que dê errado? Sempre otimista, não é?

– Eu sei que parece besteira, de verdade. Mas, Zo, nós temos só 19 anos, acho que devemos apenas relaxar um pouco, ver o que acontece.

Eu espero um pouco, tentando assimilar as palavras dele.

– Então você está dizendo que gosta de mim, mas que não quer ficar comigo?

Ed se mexe, desconfortável.

– Sim, acho que sim. Sinto muito, Zo, sinto muito mesmo. Eu só quero me divertir. Você sabe...

Concordo com a cabeça, sentindo-me arrasada.

Ed deita de novo a cabeça no colchão e ficamos assim por alguns minutos, ouvindo a voz de Mick Jagger encher o ambiente. Eu penso sobre o que Ed acabou de dizer e sei que tenho que aceitar. Na verdade, nada mudou, pois também não estávamos juntos na primeira vez que vivi este dia. Tive que passar os dois anos seguintes admirando-o de longe e tentando não pensar nas garotas que ele trazia para casa de vez em quando. Parece que vai acontecer de novo, e eu vou ter que deixar que aconteça, na esperança de que acabemos juntos no final, assim como na primeira vez. Caso contrário, quem sabe o que pode acontecer? Tenho muito medo de forçar ainda mais os acontecimentos.

Eu me sento com as pernas para fora na cama, preparando-me para me levantar. Ed me observa com olhos interrogativos.

– Você vai embora?

Faço que sim.

– Está bem. Ouça, Zo, eu sinto muito, você sabe. De verdade.

– Eu sei. Eu também.

Então eu o beijo no rosto, saio do quarto dele, entro no meu e me deito na cama, encarando o teto. Depois deixo tudo vir de uma vez, os soluços balançando meu corpo, até eu cair em um sono profundo e inquieto.

18 de fevereiro de 1999

AINDA ESTOU MEIO ADORMECIDA quando um som perturba a minha paz. Eu me sento, o coração batendo descontroladamente. É o rádio, e “Stop”, das Spice Girls, preenche o vazio.

Eu me inclino e tateio no quarto quase escuro, tentando encontrar a fonte do barulho antes que mais alguém acorde. Finalmente, bato no topo do despertador com a palma da mão. O silêncio é um alívio imediato.

Caio de novo no travesseiro e, por um segundo, me sinto feliz, até que a dor inunda de novo meu corpo no instante em que lembro que Ed está morto. Então eu me sento, o coração batendo forte ao pensar em “ontem”. Eu tentei mudar as coisas e estou morrendo de vontade de saber se consegui.

Olho em volta, tentando descobrir onde – e quando – estou. A única luz que vejo vem do sol, entrando bem fraco por entre as ripas da veneziana. Aquilo me é familiar e uma sensação de nostalgia me invade. Estou em uma cama de solteiro e o quarto é pequeno, com um guarda-roupa, uma cadeira no canto e nada mais. Como sempre, uma pilha de roupas está jogada sobre o encosto da cadeira. Acima, presa na parede, há uma colagem de fotos. De onde estou, não consigo distingui-las, mas sei o que há em cada uma delas.

Eu conheço bem este quarto: fica no primeiro apartamento que aluguei em Londres, depois de concluir a universidade. Jane se mudou comigo e juntamos até o último tostão para fazer o depósito do aluguel. Era muito pequeno – aconchegante, segundo a descrição do corretor. Havia o quarto onde estou, o quarto de Jane, que era ainda menor, se é que isso era possível, uma pequena sala de estar, que servia também de sala de jantar e cozinha, e um armário que se fazia passar por banheiro. Mas não importava que mal houvesse espaço

para uma de nós ficar de pé. Era nosso primeiro apartamento juntas em Londres e nós o adorávamos.

Agora meu coração está martelando com a mesma inquietação de ontem. Pelo que percebo, nada mudou – não há nenhum sinal de Ed, nenhum indício de que ele esteve aqui –, mas eu tenho outra chance. Talvez eu veja Ed hoje de novo.

Com um nó de ansiedade no estômago, puxo o edredom e saio da cama. Está mais frio no quarto do que eu esperava. Começo a tremer e coloco o edredom em volta dos ombros quando me levanto. Não há espelho, então vou até a cadeira – cerca de dois passos – e procuro alguma coisa para vestir. Uma calça de lã xadrez e uma camisa de gola polo surgem da pilha. Cheiro as peças. Parecem razoavelmente limpas. Eu as pego e vou até o banheiro. A porta está trancada e posso ouvir o barulho do chuveiro ligado, além de Jane cantarolando desafinada. Vou para a cozinha e coloco a chaleira no fogo.

Há uma bolsa dependurada no encosto de uma cadeira e, embora eu saiba que é minha, não posso deixar de me sentir culpada quando a abro e dou uma espiada, como se estivesse invadindo a privacidade de outra pessoa. Não sei bem o que espero encontrar, mas seria bom ter pelo menos uma pequena pista sobre o que devo fazer hoje. Há um pequeno diário lá dentro e, surpreendentemente, uma fita marca a data.

“Quinta-feira, 18 fevereiro de 1999.” Não estou cem por cento certa se a data se refere a hoje ou se foi ontem, mas pelo menos tenho uma noção de em qual ponto do tempo estou. Abaixo da data, algumas palavras estão escritas em minha caligrafia horrorosa.

20h, Andy. No The Bull?

Meu coração dá um salto. Andy. O rapaz com quem eu saí algumas vezes, sem nenhum interesse, e que depois nunca mais vi. Se eu marquei um encontro com ele, posso concluir que o que aconteceu ontem não causou nenhuma mudança.

Estendo a mão e ligo o rádio. “Give It Away”, do Red Hot Chili Peppers, enche o quarto e, apesar de tudo, eu sorrio. É engraçado como a música pode trazer lembranças que nos inundam com mais clareza do que qualquer outra coisa. A primeira imagem que me vem à mente quando ouço essa canção é estar dançando na minha boate preferida de música *indie*, ainda na universidade, com Ed e todos os

meus amigos.

A música chega ao fim e ouço atentamente para ver se alguém menciona a data. Ouço Jane mexendo nas coisas no banheiro e sei que ela não vai demorar a sair e que vou precisar fingir que está tudo normal.

– Aqui vão as notícias desta quinta-feira, 18 de fevereiro – anuncia finalmente o apresentador.

Sinto um aperto no coração. É quinta-feira, o que significa que devo me encontrar com Andy esta noite. Não tenho certeza se posso enfrentar isso. Não é apenas a ideia de que posso ter que beijar alguém que não seja Ed após todos esses anos, embora isso seja uma preocupação, é claro. É mais porque não sei como fingir que sinto algo por alguém quando meu coração ainda está partido, quando ainda sinto tanta falta de Ed. Quando eu ainda o amo, de todo o coração. Como vou seguir com os eventos do dia e fingir que nada está acontecendo?

Mas decido lidar com isso mais tarde. Por ora, tenho muito com o que me preocupar, como, por exemplo, evitar que Jane desconfie de mim e descobrir onde é meu trabalho e quando preciso chegar.

Neste momento, a porta do banheiro se abre e o rosto de Jane aparece.

– Bom dia – diz ela, sorrindo. – Está fazendo o café?

– Sim, eu só... – Faço um gesto na direção da chaleira e também sorrio. – Desculpe, eu me distraí. Vou fazer agora.

– Obrigada, Zo. – Ela olha para o relógio do forno. – Você não vai se atrasar?

Olho para o relógio. São 7h50. Não sei bem o que dizer. Vou me atrasar para o *quê*?

– Eu... eu acho que sim.

Jane me olha intrigada.

– Zo, você está bem?

– Estou, claro. Estou bem – murmuro. – É que... não consigo me lembrar a que horas devo estar no trabalho hoje.

Ela me olha por um segundo, uma expressão confusa em seu rosto, antes de esclarecer:

– Você não tem uma entrevista com Madeline hoje, antes do trabalho, para o cargo de júnior? Ou eu me enganei?

As lembranças levam apenas um segundo para se organizarem, mas a sensação é de que fico parada por um bom tempo diante do

olhar confuso de Jane até meu cérebro decodificar as informações. É claro! Nos meus primeiros meses em Londres, trabalhei como estagiária em uma instituição de caridade. Eu não recebia nada, por isso precisava dar duro em um bar à noite para pagar o aluguel. Finalmente, minha chefe, Madeline, decidiu que eu estava pronta e, quando uma posição como redatora júnior apareceu, ela disse para eu me inscrever. Eu andava ao mesmo tempo animada e nervosa por causa desse dia havia tempos. Não é de admirar que Jane achasse que eu estava maluca.

– Preciso me apressar, é claro – respondo, dando um salto.

Corro para o banheiro e fecho a porta. Não sei exatamente a que horas preciso estar lá, mas as pessoas costumam começar a trabalhar mais ou menos às nove e meia, então imagino que combinamos às nove. Incluindo a caminhada até a estação, preciso de cerca de quarenta minutos para sair do meu apartamento, em Tufnell Park, e chegar a Camden, onde fica o escritório. Isso em um dia bom, quando os ônibus e o metrô estão a meu favor. Tenho, portanto, cerca de meia hora para tomar banho, vestir-me e descobrir que diabos vou dizer na entrevista.

Não tenho tempo a perder.



No final das contas, chego ao escritório cinco minutos antes das nove. Estou quente e suada e uma bolha está se formando no meu pé por causa dos sapatos de salto alto baratos que não estou acostumada a usar, mas aqui estou e, espero, no horário. Embora eu não venha ao escritório há catorze anos, o edifício ainda me é familiar. É uma monstruosidade dos anos 1960, localizado em uma esquina agitada. As janelas estão sempre imundas, o piso foi manchado por anos de substâncias não identificadas sendo derramadas, o elevador raramente funciona e a pesada porta range bem alto quando eu a empurro. Parece estranho, depois de todo esse tempo, que os detalhes não tenham se apagado. É engraçado o que a mente escolhe para guardar.

Chego ao topo da escada – são três lances, mas não me arrisco a tomar o elevador. Então inspiro fundo, caminho até a sala de Madeline e bato na porta.

– Entre! – diz uma voz alegre do outro lado.

Estou feliz por ser Madeline a pessoa com quem tenho que falar

hoje. Ela é adorável, o tipo de pessoa que discorda da teoria de que você tem que ser canalha para chegar ao topo. Ela nunca tem uma palavra ruim para dizer sobre ninguém e, embora não levante a voz nem seja rude, sempre consegue o que quer. Madeline conquistou o respeito de todos os que trabalham para ela.

– Bom dia, Madeline – digo, estendendo a mão.

– Ora, não seja boba, não há necessidade de ser tão formal – responde ela, gesticulando para eu me sentar na cadeira em frente à sua mesa.

Eu me acomodo sobre o plástico duro, deixando as costas rigidamente eretas.

– Não fique tão nervosa, Zoe, você sabe tão bem quanto eu que isso é apenas uma formalidade. Você tem feito esse trabalho nos últimos meses e é ótima nisso. Estou confiante de que você é capaz, só quero saber se há alguma coisa que queira me perguntar.

Sinto meu corpo relaxar enquanto ela fala e vasculho meu cérebro para encontrar algo para perguntar, mas minha mente parece ter dado um branco.

– Bem, acho que não – murmuro feito uma tonta.

– Você nem quer saber quanto vamos lhe pagar?

Ela sorri com malícia. Eu retribuo o sorriso.

– Acho que seria bom.

– Bem, temo que no início não seja muito, mas espero que o salário logo possa subir. O que você acha de um salário inicial de 18 mil libras anuais, com um aumento depois de três meses se tudo correr bem?

Faço que sim, concordando.

– Isso me parece ótimo. Obrigada.

– Certo – diz ela, batendo palmas. – Bem, então é isso. Posso contar com você?

– Claro. Será maravilhoso, obrigada.

Estou ciente de que sou como uma idiota sem jeito, porém, neste momento, não me importo. Estou apenas aliviada por ter conseguido passar por isso sem me atrapalhar.

Eu me levanto para apertar a mão dela, mas, em vez disso, ela dá a volta na mesa e me puxa para um abraço. Seus cabelos macios roçam o meu rosto, e ela usa um perfume almiscarado que até hoje me faz lembrar dela.

– Ótimo, Zoe, eu acho que você vai ser maravilhosa.

Eu me afasto, tentando conter as lágrimas. É graças à confiança que Madeline está depositando em mim hoje que cheguei a um bom lugar em minha carreira. Tenho muito o que agradecer a ela. Seco uma lágrima antes que ela perceba.

– Certo, então, vamos começar a trabalhar – diz ela, abrindo um sorriso. – Mais tarde vou contar para todos que você é nossa mais nova funcionária.

– Obrigada, Madeline – agradeço, abrindo a porta da sala dela e indo até minha mesa.

O escritório ainda está deserto e eu ligo meu computador. É um dos iMacs originais, arredondado, elegante e transparente. O meu é roxo, mas há alguns laranja, azuis e verdes por todo o escritório. Naquela época, era o que havia de mais moderno, mas agora, aos meus olhos de 2013, parecem charmosamente antiquados.

Deixo o computador iniciando enquanto preparo uma xícara de chá. Olho pela janela suja por alguns minutos, observando os carros se movendo devagar pelo intenso tráfego da Camden Road, e me pergunto onde Ed estará neste exato minuto. O pensamento faz minha cabeça rodar. Porque o fato é que, em algum lugar lá fora, em meio ao amontoado de edifícios, pessoas e carros, Ed está vivo, seguindo em frente com sua vida, sem saber do amor, da felicidade e do sofrimento que seu futuro trará.

Eu me apoio no parapeito da janela para me equilibrar enquanto as lembranças flutuam em minha mente. A última vez que o vi foi cerca de dezoito meses atrás, em nosso último dia na universidade. Havíamos chegado ao fim dos quatro anos da faculdade dividindo a mesma casa e eu havia aprendido como enterrar os sentimentos que nutria por ele. Ed nunca ficou com uma namorada por mais de um mês e, embora fosse extremamente doloroso vê-lo com outras meninas, aprendi a fechar meu coração para isso, sufocar meus sentimentos e continuar amiga dele. Amizade, decidi, era melhor do que nada.

Quando saímos da universidade, nós todos combinamos – com toda a sinceridade – que nos veríamos com frequência. O problema é que a vida tem seus próprios caminhos. Tive que voltar para minha cidade natal, Doncaster, onde passei alguns meses juntando dinheiro. Morar com meus pais e Becky outra vez foi bom, mas eu estava ansiosa para me mudar para Londres, como sempre planejei.

Finalmente, há um ano, em março de 1998, Jane e eu juntamos

dinheiro suficiente para nos mudarmos e, embora ficássemos sem um centavo, amávamos cada minuto de nossa nova vida.

Só uma coisa me incomodava. Eu não tinha ouvido nem falar dos rapazes desde que deixamos a casa. No fundo, eu já esperava isso de Rob e Simon – sabia como os homens dificilmente mantinham contato –, mas era difícil lidar com o silêncio de Ed. O fato de não o ter em minha vida deveria ter facilitado as coisas, dando ao meu coração a oportunidade de esquecê-lo e seguir em frente. E, até certo ponto, foi o que aconteceu. Mas a verdade é que eu sentia saudades dele. Sentia falta de sua risada, de seu rosto e, acima de tudo, da maneira como ele me provocava impiedosamente.

“Ligue para a mãe dele e descubra onde ele está”, disse Jane quando confessei a ela como estava me sentindo.

Mas eu não pretendia fazer o que ela me sugeriu. Teria que torcer para o destino nos juntar outra vez.

“Destino?” Jane revirou os olhos. “Você faz o seu próprio destino. Ligue para ele e pare de ser tão idiota.”

Só que eu simplesmente não tive coragem de ligar, portanto já faz dezoito meses desde a última vez que conversei com Ed e ainda não tenho ideia de onde ele está.

Então percebo com um choque que eu sei exatamente onde ele está. E sei exatamente quando será a próxima vez que vou falar com ele. Olho para o relógio. Em apenas algumas horas, se tudo correr como antes.

Meu coração salta de empolgação. Mas, ao mesmo tempo, sinto uma esmagadora sensação de desapontamento no fundo do peito. Afinal, se eu estiver certa, isso quer dizer que, apesar dos meus melhores esforços para fazer alguma diferença, nada mudou. As coisas continuam exatamente como sempre foram. Ed e eu não estamos juntos. Pelo menos, não ainda.

Viro-me para abrir a geladeira e pego um pouco de leite. Cheiro o líquido. Parece bom ainda e derramo um pouco em minha bebida, retiro o saquinho de chá da xícara e volto para minha mesa. A garota que costumava sentar-se ao meu lado já chegou. Quando atravesso o escritório, tento desesperadamente lembrar seu nome.

– Bom dia – murmuro, sentando-me diante de meu computador, torcendo para ela não puxar conversa.

– Oi, Zoe – diz ela. – Tudo bem?

– Sim, bem, obrigada. – Então eu me lembro de ser educada. – E

você?

– Tudo ótimo. Fui dormir tarde ontem. Preciso de um café. – Ela sorri. – Quer também?

– Não, obrigada. – Levanto a minha xícara, tímida. – Já tenho.

Ela sorri, levanta-se e, felizmente, desaparece na cozinha, dando-me tempo para descobrir o que devo fazer hoje.

A manhã passa com uma rapidez surpreendente. Consigo descobrir no que eu estava trabalhando, Madeline anuncia que fui contratada, todos me felicitam. Converso um pouco com as pessoas sem entrar em nenhum assunto mais profundo e importante. Então chega a hora do almoço. Preciso de um sanduíche, mas estou esperando ansiosa que o telefone toque. Fico sentada, tamborilando na mesa, impaciente.

Então o telefone toca e eu quase caio da cadeira.

Eu atendo, a mão trêmula.

– Alô?

– Alô, poderia me informar com quem eu posso conversar sobre bebedouros, por favor?

A voz é grave e familiar e causa um arrepio quente em minha espinha. Tento me manter serena e fazer a conversa parecer normal.

– Acho que o senhor precisa falar com Lizzie, a secretária, mas ela não está aqui no momento – respondo com certo tremor na voz, mas ele não parece notar.

– Você sabe quando ela volta?

– Ed, é você?

Ele fica em silêncio um momento, parecendo desconfiado.

– Siiim?

– Ed, é Zoe. Morgan – acrescento, para não deixar dúvidas.

– Ah, meu Deus, é você! – exclama ele. Ed ao menos parece feliz. – Não acredito!

– Nem eu. Como você está?

– Estou bem, muito bem – responde ele, e posso imaginá-lo meneando a cabeça enquanto fala. – E você? Como vai?

– Estou ótima. Consegui hoje um emprego novo.

– Isso é ótimo!

– Obrigada, eu estou realmente feliz.

Paro, sem saber o que dizer em seguida. O silêncio se estende, esperando para ser preenchido, e tenho certeza de que ele consegue ouvir meu coração batendo do outro lado da linha.

– Onde você está? – pergunto.

– Londres. Brixton. E você?

– Neste momento, em Camden. Mas moro em Tufnell Park. Com Jane.

– É mesmo? Puxa, na última vez que a vi, ela estava pronta para agarrar qualquer coisa que se movesse.

– Jane nunca fez isso!

– Fez, sim. Ah, mas não comigo. – Ele faz uma pausa, envergonhado. – Fico surpreso de ela não ter agarrado você, para ser honesto.

– Que absurdo. Nada disso. Jane é ótima, nós amamos nosso apartamento. É divertido morarmos juntas e adoramos viver em Londres, embora tenha demorado um pouco para virmos para cá. Mas agora está tudo ótimo e... – Eu me interrompo, percebendo que estou divagando, tentando preencher o silêncio.

– Parece incrível. – Ed faz uma pausa e, quando fala novamente, sua voz soa hesitante, demonstrando pela primeira vez alguma insegurança. – Eu estava pensando, talvez pudéssemos nos encontrar. Sair para tomar alguma coisa, o que acha?

A ligação fica com ruídos e posso ouvi-lo respirar. O silêncio se estende e começo a sentir a cabeça latejar.

– Quando?

– Hum, eu tenho certeza de que você não está livre, mas, bem, que tal hoje à noite?

Eu sorrio. Ele parece assustado, então respondo depressa:

– Seria legal.

– Legal?

– Sim, legal. Qual é o problema com “legal”?

– Bem, é apenas um pouco... – ele faz uma pausa – sem graça.

– Ah, então seria maravilhoso. Incrível. Sensacional. Melhor agora?

– Muito.

– Então está combinado. E aonde você quer ir?

– Que tal o Soho?

– Perfeito. Às sete?

– Às sete. A gente se vê mais tarde. Eu encontro você no Shakespeare’s Head, no final da Carnaby Street.

– Combinado. Até mais tarde.

Antes que ele possa mudar de ideia, desligo o telefone, o coração acelerado. Foi tão bom falar com ele que me sinto de novo como uma adolescente, tonta de emoção e expectativa. Ainda não tenho ideia do

que está acontecendo, mas me parece claro que os dias que estou revivendo têm a ver com Ed, ou, mais especificamente, com nós dois: o dia em que nos conhecemos, o dia em que o vi com outra pessoa depois do nosso primeiro beijo. Não sei se esta será a última vez que vou vê-lo, por isso quero aproveitá-lo ao máximo. Tem que haver algo que eu possa mudar.

O resto do dia passa arrastado. Os ponteiros do relógio acima da porta quase não se movem durante a tarde e cada minuto parece durar mais que uma hora. Leio a mesma coisa trezentas vezes e não consigo entender o que está escrito. Converso desatenta com Anna, a moça ao meu lado – cujo nome finalmente descubro quando alguém a chama do outro lado do escritório –, sobre o que ela vai fazer no fim de semana com o namorado. Algo que envolve Hoxton e uma exposição de arte, mas não estou prestando atenção. Só consigo pensar que vou me encontrar com Ed mais tarde.

Por fim, depois do que parecem dias e dias, o relógio marca seis horas e o expediente chega ao fim.

Não preciso de uma hora para chegar a Oxford Circus. Às seis em ponto pego minha bolsa, que está no chão, e praticamente corro até o banheiro do escritório. É um lugar escuro. Uma lâmpada dependurada fornece uma luz fraca, os espelhos estão salpicados de manchas pretas, alguns dos azulejos na parede estão quebrados e há sempre um cheiro desagradável, que parece determinado a vencer a batalha contra o aromatizador de ambiente que a faxineira joga no local cada vez que sai do banheiro. Nesta tarde, porém, isso não importa. Nem percebo os detalhes.

Remexo em minha bolsa e encontro o brilho labial, o rímel e a escova de cabelos. Não é muito, mas vai ter que ser suficiente. Olho no espelho e, enquanto escovo o cabelo, percebo que é a primeira vez que consigo olhar para mim mesma de verdade hoje. Meu cabelo ainda está muito escuro, mas não tão comprido quanto antes, e o corte mais curto faz meu rosto parecer mais redondo e até mesmo mais jovem, o que provavelmente não era o efeito que eu buscava aos 24 anos. Está quase liso, mas com algumas ondas. Eu me lembro de mim mesma fazendo escova no cabelo antes que existissem os alisamentos e sinto uma pontada de pena da antiga Zoe. Meu cabelo sempre foi indisciplinado. Nunca parecia elegante, a não ser quando eu ia ao cabeleireiro. Gostaria de ter minha chapinha comigo agora mesmo para dar uma melhorada.

Passo brilho labial de novo – inutilmente, porque ele terá desaparecido quando eu chegar lá – e me viro para sair. Faço a rota familiar, passando pelo supermercado Sainsbury's, pela sequência de lojas ultrapassadas, com seus produtos espalhados pela calçada: esfregões, baldes, caixas de plástico, panos de prato, painéis, calçadeiras, todos eles disputando atenção. O vento gelado já começou e, de repente, o ambiente fica típico do inverno, e os sapatos de salto alto que coloquei de manhã para a entrevista não são suficientes para aquecer meus pés. Pedacos de papel voam ao vento e um mendigo sentado à porta de uma loja aperta seu cobertor encardido ao redor dos ombros. O sol fraco desapareceu e nuvens escuras começam a se aglomerar. “Parece que vai nevar”, teria dito minha mãe.

Continuo a caminhar de cabeça baixa para a estação do metrô, o vento fazendo meu cabelo bater com força no rosto. Quando chego lá, algumas gotas de chuva começam a cair. Imagino que já esteja descabelada e desarrumada, mas não me importo, pois na minha cabeça só existe o encontro com Ed.

Desço a escada rolante com a cabeça nas nuvens, olhando sem enxergar os cartazes na parede. Desço e fico parada na plataforma, as pessoas andando em volta e atrás de mim, e eu mal percebo a presença delas. Começa a ventar no túnel, indicando a chegada do próximo trem, e, quando as portas se abrem, entro e ocupo um pequeno espaço entre corpos, segurando firme a barra superior, balançando com suavidade de acordo com o movimento do trem. Tento esvaziar a mente.

O trem para na estação de Tottenham Court Road e eu desço. Ainda tenho vinte minutos até me encontrar com Ed, por isso, apesar do tempo ruim, decido fazer a pé o resto do caminho pelas ruelas do Soho. Ando depressa, com meus cabelos chicoteando com força meu rosto, e minha mente parece correr na mesma velocidade. Ao me aproximar do belo edifício preto e branco da loja de departamentos Liberty no final da Carnaby Street, onde costumávamos nos encontrar para uma bebida depois do trabalho, sinto meu coração se acelerar e respiro fundo várias vezes. Desacelero o passo, consciente de que estou alguns minutos adiantada. Não quero parecer muito ansiosa. Afinal, como preciso me lembrar o tempo todo, ele não sabe o que acontece em seguida. Ainda não sabe que nos apaixonamos. Ainda não sabe que gosto de ler na banheira, ou que sou como um urso com dor de cabeça de manhã antes de beber duas xícaras de chá. Ele nunca me

viu nua. Nunca me viu soluçando até meu coração explodir enquanto ele me abraça com força, tentando me acalmar. Ele não sabe de nada disso, mas eu sei de tudo e muito mais, por isso preciso ter cuidado.

Fico esperando, observando a multidão, quando vejo Ed, com aquele jeito de andar tão característico, percorrendo lentamente a Carnaby Street em direção à placa que se estende de um lado ao outro da rua vazia. Ele está tão bonito e tão jovem, usando calça jeans rasgada no joelho e os cabelos caindo nos olhos, e meu coração se aperta um pouco mais, quase explodindo de amor.

Meu Ed.

E então aqui está ele, na minha frente, e seu rosto se abre em um sorriso largo quando me vê, e é como se o sol tivesse nascido.

– Oi, linda – diz ele, abraçando-me com força.

Eu retribuo o abraço, sem querer que termine, mas acabo soltando-o.

Mantenho a voz firme.

– Ei, você. – Sorrio e o examino de cima a baixo. – Olhe só para você, virou um homem.

Ele revira os olhos.

– Deus, eu não sei de nada sobre isso.

Ele não diz mais nada e acho que vejo uma pitada de tristeza em seu olhar, mas que desaparece de imediato.

– Então, aonde vamos? – pergunto. – Preciso me aquecer um pouco.

– Primeiro vamos entrar aqui para uma bebida e depois decidimos.

Ele me leva pela mão para o Shakespeare's Head. Suas mãos estão quentes e a minha parece estar no lugar a que pertence: entre as dele.

Corremos até a escuridão do pub e paramos, morrendo de rir, enquanto eu empurro a porta para abri-la. Dou uma olhada em volta, descubro uma mesa livre em um canto e corro até lá, tentando esconder a decepção por ele soltar minha mão.

– E aí, o que você vai querer? – pergunto.

Enfio a minha bolsa debaixo da mesa e faço menção de me dirigir até o bar.

– Deixe de ser boba. Eu pago. O que vai ser?

– Tem certeza? É muito caro aqui...

– Claro. Acho que posso me dar ao luxo de lhe pagar uma bebida.

– É claro, me desculpe. Não quis dizer...

Faço uma pausa, respiro, lembrando que Ed não sabe que, no

futuro, ele está sempre tão duro que, em geral, sou eu que pago pelas bebidas... e por todo o resto.

– Vou querer um gim-tônica, por favor. Com limão normal, não siciliano.

– Em um minuto.

Ele faz uma pequena reverência e vai até o balcão.

Sozinha por alguns minutos, eu respiro fundo para acalmar os nervos. É maravilhoso ver Ed novamente, mas ele não tem ideia do quanto me deixa feliz. Para ele, sou apenas uma amiga que ele beijou há alguns anos, ao passo que para mim ele significa tudo. E tudo o que perdi.

Eu o observo no bar enquanto ele espera para ser servido. O rosto dele está iluminado por um fio de luz e é tão familiar que mal posso crer que havia começado a esquecer seus lindos traços. Cílios longos enquadram seus profundos olhos azuis, ainda sem pés-de-galinha. Eles virão mais tarde. Deslumbrada, toco a minha própria pele lisa. Uma barba de alguns dias cobre o queixo e as bochechas de Ed, e a luz ilumina as maçãs altas de seu rosto. Está com olheiras e parece cansado, e uma pequena careta de preocupação franze sua testa. Chega a vez de Ed fazer nossos pedidos e ele se inclina para a frente sobre o balcão, os lábios abrindo-se em um sorriso, e meu coração dá um salto. E então eu não resisto. Meus olhos descem até sua bunda, quase imperceptível dentro da calça larga, tentando imaginar seus contornos, lembrando-me de como eu costumava agarrá-la quando estávamos... Por Deus, Zoe, pare agora! Meu rosto fica vermelho por causa do que estava pensando e desvio o olhar, tentando me acalmar.

Ed volta para a mesa, um gim-tônica em uma das mãos e uma taça de vinho tinto na outra.

– Abandonou a cerveja?

Para disfarçar meu constrangimento, faço um sinal com a cabeça para as bebidas enquanto ele as coloca na mesa. Sinto-me como se tivesse sido flagrada fazendo algo indecente.

– Não, nunca fui muito fã de cerveja. Mas gosto de vinho tinto como um cachorro gosta de lamber o saco.

– Que encantador!

Eu sorrio, e ele retribui o sorriso e toma um gole. Sinto-me nervosa, o que é ridículo. Este é *Ed*, que conheço há anos, com quem dividi a cama, com quem dividi a vida. Como posso ficar envergonhada diante dele?

– Então, o que há de novo na sua vida? – pergunta ele.

– Desde que nos vimos pela última vez? Bem, eu me mudei para cá, é claro, e, como já disse, eu e Jane alugamos um apartamento.

– Ah, sim, aposto que é divertido.

– E é mesmo, embora o apartamento seja do tamanho de uma lata de sardinhas. Não é como a casa que tínhamos na universidade, mas é ótimo morar com Jane. E eu trabalho em uma instituição de caridade, no departamento de marketing, e consegui um emprego novo hoje.

– Ah, é! Eu tinha esquecido. Devíamos estar comemorando com champanhe.

– Não, de jeito nenhum, isso não cabe no orçamento.

Eu paro, torcendo para que ele não tenha ficado ofendido por eu insinuar que não pode pagar por algo tão caro. Por que falar com Ed ficou tão complicado? Ora, porque agora vocês não passaram catorze anos como um casal, sua idiota.

– Bem, parece que você tem se saído muitíssimo bem – comenta ele. – Mas quem tinha dúvidas disso, Srta. Faço Sempre os Meus Trabalhos Morgan?

Essas palavras são ditas com um sorriso e eu não posso me ofender. Ele está certo, eu me esforcei muito. Provavelmente era uma chata de galochas.

– Verdade, obrigada. E você, o que está fazendo atualmente?

– Não muito. Depois da universidade, viajei por seis meses. Um clichê, eu sei, mas eu não sabia mais o que fazer. Morei com minha mãe por alguns meses depois disso, mas, por mais que a ame, ela me deixa louco, sempre tentando fazer tudo por mim, então vim tentar a sorte em Londres. Agora estou morando sozinho em um pequeno apartamento em Clapham, dormindo em uma cama horrorosa e trabalhando em um emprego horrível de vendedor de bebedouros para empresas que não têm interesse em ter um no escritório e que só querem que as deixe em paz. Para ser honesto, não é bem o que eu estava esperando quando terminei a universidade.

– O que você estava esperando? – Minha voz é mais rude do que eu pretendia, e Ed olha para cima, surpreso.

– Bem, acho que eu pensei, você sabe, que com um diploma, mesmo que seja muito fraco em geologia, seria fácil encontrar um trabalho de que eu gostasse. Acho que o problema é que eu realmente não sabia o que queria fazer. E ainda não sei.

– Não faz muito que você se formou. Ainda há muito tempo.

Talvez, se você não sentir tanta pena de si mesmo, encontre alguma coisa boa.

– Uau, de onde veio isso?

– Desculpe, eu não queria parecer tão dura. É só que...

Paro de falar e pego um porta-copo, consciente de que não devo descontar a frustração dos últimos catorze anos no Ed que mal me conhece. Assim eu vou afastá-lo antes de começarmos, e aonde isso nos levaria?

– Eu só quis dizer que você é bom em muitas coisas e pode chegar longe caso se dedique de verdade.

– Como o quê, por exemplo?

Ele apoia o queixo na mão, à espera de uma resposta.

– Bem, que tal a música? Você amava tocar guitarra. Não poderia dar aulas?

Ele dá de ombros.

– Talvez, mas provavelmente não sou bom o suficiente.

– E que tal cozinhar? Você sempre amou preparar o jantar para todos nós na universidade. Não tem nada que você queira fazer com comida? Ou jardinagem. Algo prático. Você sempre foi bom com as mãos. – Fico vermelha diante do duplo sentido. – Não sei. Não estou tentando lhe dizer o que deve fazer da sua vida, mas, sabe, há muitas coisas em que você é bom e que pode descobrir que ama se tentar.

Discurso terminado, eu observo o rosto de Ed. Ele parece estar achando graça, e não zangado, o que me deixa aliviada, consciente de que talvez tenha ido longe demais.

– O que é tão engraçado?

– Nada, Zo. Apenas parece que você pensou muito nisso. Mais do que eu mesmo. Talvez você deva ser consultora de carreiras em vez de trabalhar em marketing. Acho que seria um sucesso.

– Ha ha, sei.

– Mas você tem razão. Eu preciso me entender melhor, me “encontrar”. E talvez você possa me ajudar nisso.

O tom de voz dele é sedutor e eu sorrio, feliz em mudar a direção da conversa.

– Talvez eu possa mesmo.

Ele se inclina mais para perto e eu percebo a mão dele sobre a mesa, bem perto da minha. Quase posso sentir o calor que ela exala e fico desesperada para tocá-la, para agarrá-la. É uma sensação tão avassaladora que, por um minuto, não consigo pensar em mais nada.

Ele olha para baixo, eu retiro a mão e começo a brincar com minha taça.

– Então, chega de falar de mim – diz ele. – Conte-me mais sobre a sua promoção.

De novo em terreno seguro, eu converso alegremente sobre o trabalho, sobre a mudança para Londres, sobre tudo o que aconteceu nos dezoito meses que se passaram desde que nos vimos pela última vez.

– E quanto a namorados? Tem saído com alguém?

Eu olho para cima. O rosto dele está sério, me estudando.

– Hum, não exatamente. Bem, na verdade, eu devia ter me encontrado com alguém hoje à noite...

– Mas você deu o bolo nele por mim?

– Não! – Olho para o relógio. São nove horas. – Bem, quer dizer, acho que sim. Oh, céus. Pobre Andy. – Eu sorrio com malícia. – Espero que ele não fique muito tempo me esperando.

– Por que não? Eu ficaria.

Suas palavras pairam no ar. Nenhum de nós sabe o que fazer com elas. De qualquer forma, há algo que eu preciso perguntar, querendo ou não saber a resposta.

– E você? Está namorando? – As palavras saem artificiais, até mesmo para meus ouvidos.

Ed olha para sua bebida e passa o dedo distraidamente pela borda da taça, produzindo um zumbido insistente e baixo. Ele tem uma expressão de culpa e eu sei o que vai dizer antes de abrir a boca.

– Eu... Mais ou menos.

– Mais ou menos. – Eu tento evitar a raiva no meu tom de voz, mas é difícil. – O que isso quer dizer?

– Eu... Eu meio que estou namorando, mas é... complicado.

– Complicado?

Meu Deus, eu estou parecendo um papagaio. Controle-se, Zoe.

Ed esfrega a mão no rosto e respira fundo.

– Bem, Zoe, é isso aí. Eu estou namorando, já faz alguns meses, talvez cinco ou seis. Nós... Ela... está falando sobre morarmos juntos.

Ele faz uma pausa e tamborila sobre a mesa. Eu espero.

– A questão é que eu não a tenho exatamente desencorajado. Mas agora... Bem, agora isso, Zo. – Ele acena com a mão para nós dois. – Agora que estamos aqui e... bem, como eu disse, é complicado.

Deixo as palavras dele ficarem no ar por um momento.

– Não parece nada complicado para mim. Você está com alguém, é bastante sério, sério o suficiente para ela pensar que você deseja morar com ela.

Ed se apressa a balançar a cabeça.

– Não, você entendeu errado, Zoe. Não é tão simples assim. Jenny... bem...

Ele se interrompe outra vez, olha para as mãos cruzadas com força sobre a mesa e suspira.

– Não é um acaso, você sabe.

Eu faço uma careta.

– O que não é um acaso?

– O fato de estarmos aqui, agora. Eu e você.

– O que você quer dizer?

Ed continua a olhar para as mãos, recusando-se a me encarar.

– Eu liguei para você de propósito. Mais cedo, sabe?

Eu me dou um tempo para assimilar essas palavras.

– Como? Por quê?

Ed dá de ombros, desconfortável.

– Eu só... Eu e Jenny... Bem, me pareceu errado, quando há outra pessoa em quem eu não paro de pensar. E então... então eu banquei o detetive e descobri onde você trabalha. E agora estamos aqui.

Eu fico olhando para ele por um momento, desejando que ele também olhe para mim. Finalmente ele levanta o rosto e ficamos assim por um instante, sem dizer nada.

– Está falando sério?

– Sim – responde ele.

– Ah...

Ed dá uma pequena risada autodepreciativa.

– Então, você pode perceber que a história é confusa. Acho... bem, eu acho que preciso desfazer a confusão.

Concordo, assentindo. Um silêncio pesa entre nós e eu não sei como preenchê-lo. Minha mente está desnorteada com as possibilidades. Foi assim que o encontro terminou na última vez, além de um beijo antes de nos despedirmos. Eu quis fazer a coisa certa. Mas e se não fizesse? E se eu não fosse mais aquela menina e, sabendo que terminamos juntos no final, deixasse isso de lado e ficasse com ele? Pode ser minha última chance.

Antes que eu diga alguma coisa, Ed empurra a cadeira para trás e se levanta.

– Preciso de mais uma bebida. O mesmo outra vez?

Ele aponta com a cabeça para minha taça vazia.

– Sim, por favor.

Eu o observo no bar novamente. Penso em ir até lá, abraçá-lo com força pela cintura e beijar a pele macia de seu pescoço. Outras pessoas fariam isso. Jane provavelmente faria. Mas eu sei que seria errado e não tenho certeza se quero seguir conselhos sobre relacionamento dados por Jane, levando em conta a experiência futura de minha amiga. Sinto-me culpada por meu pensamento desleal.

Ed retorna com taças cheias e parece ter se recomposto.

– Muito bem, vamos em frente. Sobre o que estávamos falando antes de chegarmos a esse impasse?

Feliz por ver a tensão se dissipar, eu sorrio e me inclino para a frente. Passamos as duas horas seguintes conversando sobre amigos, família, lembranças. Só o fato de estar ao lado dele, sem nada pesando a conversa, faz eu me sentir muito bem. Tenho saudades desse Ed. Faz muito tempo que nossas conversas não são tão despreocupadas, sem precisarmos tomar cuidados extremos para evitar uma discussão.

A campanha toca.

– Últimos pedidos! – grita o barman.

Eu dou um pulo, olhando o pub quase vazio. Estou bastante bêbada e o lugar gira um pouco.

Ed olha o relógio.

– Opa! – diz ele, com um sorriso torto. – Acho que é um pouco tarde para jantar.

– É mesmo.

– Acho melhor levá-la em casa.

– Sim, acho que sim.

Eu não quero que a noite termine, não assim, mas não sei o que fazer para evitar, então obedeço, levanto-me, coloco o casaco sobre os ombros e perco um pouco o equilíbrio quando pego minha bolsa no chão.

– Opa! – Eu sorrio.

Ed segura minha mão e me leva com cuidado pela porta. Esfriou muito e nossa respiração forma nuvens em torno de nós enquanto ficamos parados, um pouco perdidos.

– Vou levá-la em casa. Para dormir – acrescenta ele, com um sorriso.

– Não seja bobo, você mora do outro lado da cidade.

– Não faz mal. Não vou deixar você ir para casa sozinha. Vou ficar bem.

Nós andamos de mãos dadas até a estação de metrô e nos sentamos lado a lado no trem. Percebo nossos reflexos na janela oposta enquanto chacoalhamos pelo túnel. Parecemos um casal qualquer e eu estremeço. Ah, se realmente fôssemos!

Ed não solta minha mão durante todo o percurso. O trem para lentamente na estação de Tufnell Park e nós nos levantamos e saímos. Meu coração está martelando com o que pode acontecer em seguida. Na última vez, simplesmente nos despedimos e eu disse que iria esperar até que ele resolvesse a confusão. Desta vez, com a bebida amolecendo meus pensamentos, nem eu sei o que vou fazer.

Viro-me para encará-lo.

– Você não precisa me levar em casa. Está tarde. Vai perder o trem.

Ele olha para o relógio no painel da estação. São 23h36. Ele concorda, mas não se mexe.

– Gostei muito desta noite – diz ele por fim.

Em seguida, inclina-se para mim e seus lábios tocam os meus delicadamente. Ele se afasta e olha para mim, como se perguntasse se está tudo bem, e faço um leve aceno com a cabeça. Ele se inclina novamente e minhas pernas começam a tremer quando ele me beija, seus lábios gelados contra os meus.

A plataforma da estação está vazia, mas poderia estar cheia até o teto que eu não teria notado. Neste minuto, somos apenas Ed e eu, mais ninguém no mundo.

Finalmente ele se afasta.

– Então? – A palavra está carregada de questões.

E, de repente, eu sei o que vou fazer. Balanço a cabeça quase imperceptivelmente, mas fica bem claro o que quero dizer.

– Sinto muito, Ed, eu simplesmente não consigo. Não agora. Não é certo.

Ed faz que sim com a cabeça e dá um pequeno passo para trás.

– Eu sei. Você está certa. É claro.

Enfio a mão na bolsa e encontro uma caneta hidrográfica velha e mastigada. Seguro a mão de Ed e anoto nela cuidadosamente o número do meu telefone, depois a solto.

– Você me liga quando puder?

Ele concorda e, antes que eu mude de ideia, me viro e vou embora, olhando para trás apenas uma vez, para vê-lo observando-me até eu

desaparecer de vista. É a decisão mais difícil que já tomei, sabendo que talvez nunca mais o veja, mas é o certo a fazer.

Só quando já estou de volta em casa, deitada em minha cama, é que me permito chorar, ao me lembrar de Ed afastando-se de mim quando tudo o que eu queria era segurá-lo pelo resto da vida. E nunca deixar que vá embora.

Com a cabeça aninhada no travesseiro macio, as lágrimas vão diminuindo e eu caio no sono, na esperança de mais um amanhã.

5 de junho de 1999

UMA XÍCARA DE CHÁ ESTÁ ESFRIANDO na bancada da cozinha e ouço Jane movendo-se em seu quarto. Logo ela vai aparecer, então aproveito os poucos minutos em que posso ficar sozinha.

Quando acordei hoje de manhã e percebi que estava acontecendo de novo, meu coração disparou. Mais um dia com Ed. Quando eu implorei por mais tempo com ele nos dias sombrios que se seguiram à sua morte, imaginei o que diria e faria se tivesse poucos minutos ao lado dele: eu lhe diria quanto estava triste, quanto o amava e que o amaria para sempre. Eu me imaginava abraçando-o, beijando-o, tocando-o, todas as coisas que não podia mais fazer. E agora eu tinha a oportunidade de fazer exatamente isso.

Apesar de tudo, um sorriso se espalha pelo meu rosto.

– Do que você está rindo com essa cara de idiota?

Jane entrou na cozinha, os cabelos despenteados, os olhos vermelhos. Ela está segurando um bocejo.

– Nada. Caramba, você parece virada.

Ela ri.

– Obrigada. Eu me sinto um zumbi. – Ela me olha de novo, desconfiada. – Ao contrário de você. Por que está tão animada esta manhã, viu um passarinho verde?

– Por nada.

Pelo menos não me lembro de nada.

Jane levanta as sobrancelhas.

– Você não está... – os olhos dela brilham na direção da porta do meu quarto – *com alguém*, está?

– Não, nada disso. Estou apenas feliz por ver você, é claro.

Eu sorrio e ela pega uma almofada e a joga na direção da minha cabeça. Eu me desvio a tempo e a almofada cai no chão atrás de mim,

quase batendo no abajur.

Ela se aproxima da chaleira.

– Café. Preciso de café.

Jane tira do armário um vidro de café instantâneo e coloca uma colherada na caneca.

– Deixe que eu faço um café de verdade para você – ofereço, levantando-me do banco.

Ela olha para mim de novo, como se estivesse prestes a dizer algo, mas muda de ideia e abre caminho para eu fazer o café.

– Tudo bem. – Ela dá de ombros. – Obrigada.

Ela se senta em um banco e abaixa a cabeça para descansá-la nos braços sobre a mesa.

– Então, o que você fez ontem à noite? – indago, enquanto mexo ruidosamente em colheres, esperando que ela lance alguma luz sobre as coisas.

Ela franze a testa.

– Quando? Depois que você saiu, você quer dizer?

Droga.

– Sim, é claro. Você foi a algum outro lugar?

Ela suspira.

– Bem, depois do jantar, eu e Tom fomos para Turnmills, mas estava muito chato, então só ficamos por cerca de uma hora. E aí, bem, ele foi para casa sozinho. Mais uma vez.

Ah, Deus, Tom não. Além de ser um idiota completo, ele sempre tratou Jane terrivelmente mal no período de cerca de um ano em que ficaram juntos. Jamais a levou a sério e a largava sempre que lhe convinha. Descobrimos, mas só muito depois, que ele estava ao mesmo tempo com outra pessoa.

– Ele está traindo você. Mande-o pastar.

As palavras saem antes que eu possa refletir e, quando percebo meu erro, é tarde demais.

– O quê? – Jane levanta a cabeça depressa.

– Ora, você sabe. É óbvio.

– Ele está? E por que você tem tanta certeza?

A voz dela é seca, irritadiça. Eu tento voltar atrás.

– Nada, esqueça. Mas ele trata você muito mal, Jane. Sempre deixa você na mão, não quer se comprometer com nada. Só pode haver alguma coisa estranha, você não acha?

Ela olha para mim, chateada.

– Será?

– Bem, eu não sei. Só me parece que... Olha, ignore o que estou dizendo. Estou falando besteira. Só não gosto de ver você magoada, e você poderia conseguir um cara muito melhor. Você merece um cara muito melhor.

Ela olha para mim por um momento, decidindo se vai me perdoar. Para meu alívio, ela suspira.

– Desculpe, Zo. Eu sei que você está certa, eu só... só não entendo. Num minuto ele parece realmente gostar de mim, mas no próximo é como se me detestasse e quisesse simplesmente desaparecer de perto.

– Você não devia tolerar isso.

Eu derramo a água na cafeteira e quase escaldo as sobrancelhas no vapor.

Ela suspira.

– Eu sei, eu sei. Mas ele é tão... – ela procura a palavra certa – fofo. Reviro os olhos.

– Essa é uma maneira de descrevê-lo. – Eu me sento de novo no banco enquanto espero o café ficar pronto. – *Eu* o descreveria mais como irritante.

Ela sorri sem muito ânimo.

– Sim, eu sei.

Um silêncio se instala por alguns segundos, então ela abre um sorriso malicioso.

– Além do mais, você não pode falar muito – comenta.

Suspiro. Sei o que ela quer dizer.

– Ed. – É uma afirmação, não uma pergunta.

– Sim, Ed. Ora, você sabe do que estou falando. Vocês passam uma grande noite juntos, aí ele cai fora e a deixa esperando por quatro meses, sem uma palavra até agora. Isso é mais do que irritante. É simplesmente rude.

– Eu sei, eu sei. Mas, para ser justa, ele tem uma namorada.

– E daí? Ele prometeu resolver a questão. Você não acha que quatro meses é muito tempo para esperar?

– Claro que é. Mas já falamos sobre isso muitas vezes. Eu não vou atrás dele. Ele pode vir até mim.

– E se ele não vier?

– Bem, então meu coração vai ficar partido pelo resto da vida, eu nunca vou me perdoar e vou acabar meus dias como uma solteirona solitária, culpando-me pelo homem que perdi.

– Está vendo? Foi o que pensei. Então, o que vai fazer a respeito? Você fica me dando conselhos, mas e quanto a você?

Eu suspiro.

– É, eu reconheço. De verdade. E talvez você tenha razão. Talvez eu deva ligar para ele.

Jane bate palmas e dá saltinhos em cima do banco.

– Está vendo? É isso o que eu quero dizer. Você tem que fazer alguma coisa, não pode simplesmente deixar a vida passar. Você conhece o velho ditado: é melhor se arrepender de algo que fez do que de algo que não fez.

– Isso não é de uma canção?

Ela sorri.

– Talvez. Mas ainda assim é verdade.

Eu sorrio de volta. Pode ser irônico ela me aconselhar na situação em que se encontra, mas talvez, sem saber, tenha acertado na mosca. Talvez seja isso o que eu posso fazer para mudar as coisas desta vez. Talvez eu deva ligar para Ed, apressar as coisas, parar de ficar esperando. Mal, certamente não fará.

– Certo, vou ligar.

– Vai mesmo?

Ela ainda parece desconfiada.

– Vou, é sério. – Faço que sim para dar ênfase.

Ela pula e corre até o outro lado da sala, voltando com o telefone na mão.

– Vá em frente, ligue agora antes que perca a coragem.

Eu pego o telefone. Minha mão treme. Quando penso em falar com Ed de novo, fico tensa. Não quero estragar nada. Ainda não sei exatamente que dia é hoje. Como posso ter certeza de que ele está pronto para ficar comigo?

– Vou ligar mais tarde.

– Sua medrosa. Por que não agora?

– Eu... não estou pronta. Está cedo demais. – A desculpa soa fraca mesmo para os meus ouvidos. – Vou ligar mais tarde, prometo.

Jane estreita os olhos, incrédula.

– Vou, sim. Honestamente. Só me dê tempo para me acostumar com a ideia. – E pensar no que vou dizer.

– Está bem. Mas eu não vou deixar você escapar dessa, Zoe Morgan. Não sei se consigo continuar ouvindo você falar sobre isso o tempo todo. – Ela sorri quando eu passo por ela e quase cai do banco.

– Bom, agora chega de desperdiçar um sábado precioso falando de homens. Não fizemos planos para hoje?

Fizemos?

– É claro que sim. Vamos só beber mais alguma coisa e serei toda sua.

Eu me levanto depressa, abro o armário de cima e tiro uma caneca onde se lê “Eu amo comprar” e outra azul, sem nada escrito, que é parte de um conjunto. A azul tem uma pequena lasca na asa. É engraçado como eu não penso nessas coisas há anos – nas canecas lascadas, no relógio antiquado na parede da cozinha que bate alto demais, nos temperos raramente usados mas alinhados perfeitamente na prateleira, ao lado da torradeira. No entanto, aqui estão elas, tão familiares e normais como sempre foram, como se nenhum segundo tivesse se passado.

Sirvo o café e passo a caneca estampada para Jane. Em seguida, encho para mim uma pequena xícara.

– Por que você está bebendo café? – pergunta Jane, o vinco entre as sobrancelhas mais profundo.

– Eu... não sei. Nem sei se gosto.

Derramo o café na pia, xingando a mim mesma. Eu nunca bebia café, era quase um dogma em minha vida, porque não tolerava o sabor amargo. Com o passar do tempo, desenvolvi quase que um vício, mas aqui, agora, em 1999, eu ainda odiava, e Jane sabe disso, é claro.

Ela olha para mim por mais um segundo, então se vira para ligar o rádio, e eu me ocupo em preparar uma xícara de chá. “Hey Boy Hey Girl”, dos Chemical Brothers, ressoa pela cozinha e o incidente do café é imediatamente esquecido enquanto sorrimos por causa da canção.

– Essa é boa! – grita Jane, e nós duas saltamos por uns cinco minutos, rindo como crianças.



O que planejamos foi um sábado de compras seguido de uma saída à noite para beber, e mais ou menos uma hora depois estamos caminhando de braços dados até a estação do metrô. Eu vesti calça jeans, botas e um colete preto. Como sempre, Jane está usando um vestido de verão de alcinha um pouco jovem demais, com um cinto. O sol bate quente no meu rosto, o calor refletindo nas paredes e no pavimento e voltando sobre a nossa pele recém-lavada. Pela primeira

vez, noto as sardas que surgiram nos meus braços e percebo que já devia estar fazendo sol e calor há algum tempo. Londres fica diferente quando o sol aparece. É como se a cidade perdesse sua timidez habitual e se transformasse em uma adolescente louca para se divertir, pronta para qualquer coisa. Até mesmo o farfalhar das folhas provocado pela brisa soa como uma risada baixa e as aves cantam sua resposta em forma de canção. Eu amo tudo isso.

Passamos um dia agradável visitando as lojas da Oxford e da Carnaby Street (não posso deixar de olhar para o Shakespeare's Head quando passamos por ali, lembrando-me da noite com Ed), comemos macarrão, experimentamos roupas ridículas. Mesmo que eu não veja Ed, cada minuto deste dia vale a pena. Eu tinha esquecido como é apenas me divertir, relaxar e me sentir bem – e Jane também. Hoje está sendo especial.

Finalmente, mais ou menos às cinco horas, voltamos para casa carregadas de sacolas, os pés doendo de tanto andar. Meu coração está agitado só de pensar na promessa que fiz a Jane hoje de manhã, de que iria telefonar para Ed. Estou apavorada com o que essa mudança pode significar – mas, ao mesmo tempo, animada.

Quando entramos, o apartamento está frio e eu vou para meu quarto. Despejo as sacolas sobre a cama e troco de roupa. Estou admirando uma nova calça jeans que acabei de comprar quando Jane grita meu nome. Ela parece em pânico.

Eu deixo cair a calça e corro para a sala, onde a vejo com uma expressão consternada.

– O que foi? O que aconteceu?

Ela está começando a me assustar. Mas então seu rosto se abre em um sorriso.

– Ed – sussurra ela, agitando os braços loucamente na direção da secretária eletrônica.

– Ed?

Eu olho para o telefone como se esperasse ver Ed ali, sentado. Em seguida, olho para Jane.

– O que tem ele?

Ainda sorrindo feito uma louca, ela se inclina e aperta o botão da secretária eletrônica. Há um pouco de ruído de crepitação, como se a pessoa do outro lado tivesse deixado seu aparelho cair, e então uma voz grave e familiar penetra na sala, clara como o bater de um sino.

– Oi, Zo, sou eu. Ed. Lamento ter levado tanto tempo, mas eu

estava tentando resolver as coisas e, por isso, bem... Ligue de volta, está bem?

Ele deixa seu número e, em seguida, o telefone faz um zumbido baixo e contínuo e fica em silêncio. Eu fico parada por um minuto, olhando para o aparelho, como se estivesse esperando algo mais acontecer.

– Ele ligou! – Jane praticamente berra, pulando feito criança ao meu lado. – Zoe? Ei, Terra para Zo, está me ouvindo? Ed ligou para você!

Olho para ela e não consigo deixar de sorrir.

– Ele ligou, não ligou? Ligou de verdade!

– Ora, não fique aí parada, ligue de volta.

Ela agarra uma revista velha e remexe em sua bolsa para achar uma caneta. Depois aperta o botão uma terceira vez. Ficamos paradas enquanto a voz de Ed enche a sala novamente, e quando chega o final, Jane rabisca freneticamente o número do telefone no alto da capa da revista, verificando se está certo.

Ela a entrega a mim.

– Vamos lá!

Eu pego a revista com as mãos trêmulas.

– Cai fora, então. Não posso ligar para ele com você escutando.

Eu bato com a revista no braço dela e ela sorri, depois foge em direção ao quarto e fecha a porta com um estrondo dramático.

Meu coração martela no peito descontroladamente quando pego o aparelho e disco o número. A letra de Jane é um verdadeiro rabisco e mal consigo entendê-la, mas finalmente ouço o som da chamada.

Já totalmente preparada para a entrada da secretária eletrônica, sou pega de surpresa quando alguém atende, o que me faz ofegar.

– Alô?

– É... Oi, sou eu – respondo como uma perfeita idiota. – Desculpe, quero dizer Zoe. É Zoe.

– Oi – responde ele, com a voz afetuosa. – Estou muito feliz por você ter retornado a ligação.

Quase posso ouvi-lo sorrir ao telefone e sinto que começo a relaxar.

– Então... – começo, sem saber como perguntar a ele o que realmente quero saber: se está disponível, embora eu saiba a resposta.

– Sim – diz ele. – Está tudo acabado com Jenny.

Minha respiração acelera e eu rio, nervosa.

– Ah... – falo apenas, sem saber o que dizer.

– Então... – Há uma pausa e eu o ouço respirando. Em seguida, ele respira fundo e diz: – Olha...

– Eu acho que devemos nos encontrar – termino a frase por ele.

– Acho que sim. A questão é: na sua casa ou na minha?

– Ah, que encantador. Você ainda está em Londres?

– Sim, ainda em Londres. Então, você quer me encontrar mais tarde, sair para jantar?

Eu reflito. Tudo o que eu mais quero é passar a noite nos braços de Ed e nunca mais deixá-lo partir. Mas antes é preciso haver nosso primeiro encontro. E um jantar seria bem normal. Eu bem que preciso de um pouco de normalidade.

– Sim. Eu adoraria.

Marcamos um encontro em Covent Garden e vamos a um pequeno restaurante italiano que ele conhece. Eu também conheço o lugar. Estivemos lá muitas vezes ao longo dos anos, mas finjo que é tudo novo para mim.

Desligo o telefone e, antes mesmo de me virar, Jane já está às minhas costas.

– E aí, aonde vocês vão?

– Você estava ouvindo!

Ela dá de ombros.

– Claro, cada palavra. Quem não ouviria? Então, aonde vocês vão?

– Jantar. Covent Garden, às oito.

– Isso quer dizer que você está me dando o bolo por um cara, não é?

– Você se importa?

– Por que diabos eu me importaria? – Jane olha para o relógio. – Mas isso significa que só temos pouco mais de duas horas para fazer você ficar linda e sair de casa. Vamos, vamos!

Ela corre para o quarto dela enquanto eu entro no banheiro e ligo o chuveiro. Quando tudo começa a se encher de vapor, vejo meu reflexo desaparecendo no espelho, meus traços virando manchas e borrões. É a primeira vez hoje que eu tenho um minuto para parar e pensar, e concluo que talvez esteja mesmo me sentindo feliz.



Duas horas depois, estou pronta. Jane está tentando me empurrar

para fora de casa.

– Ande, você vai chegar tarde, e pode ter certeza de que isso não é bom – diz ela, entregando-me a minha bolsa. – Certo, você tem dinheiro, chaves, maquiagem, escova de dente... – Ela sorri maliciosamente e eu a encaro. – Qual é o problema? É melhor estar preparada, não é?

Eu reviro os olhos e sorrio de volta para ela.

– Acho que sim. Jane?

– O quê?

– Obrigada.

– De nada.

Ela olha para mim por mais um segundo e eu penso que vai me dar um abraço, mas ela se inclina para a frente e tira uma mecha de cabelo da minha testa.

– Afinal – diz, com o rosto sério –, eu não podia deixá-la com aquela aparência horrorosa, podia?

Encaro-a por mais um segundo e então nós duas explodimos em risos.

– Sua atrevida. – Eu me inclino, beijo o rosto dela e ajeito, nervosa, vincos imaginários em minha blusa. – Então, chegou a hora. Deseje-me sorte.

– Boa sorte. Espero vê-la só amanhã.

Ela me dá uma piscadela e praticamente me empurra porta afora.

E aqui estou eu, de novo a caminho de um encontro com Ed. Enquanto o trem do metrô chacoalha em direção ao centro de Londres, meu coração bate descontrolado na expectativa de saborear esse encontro com Ed, em um momento em que ainda gostamos de verdade um do outro.

Em 2013, Ed e eu mal continuávamos amigos, quanto mais amantes. Estávamos a ponto de terminar tudo. A vida girava menos em torno de “nós” e mais em torno de tentar engravidar e, no processo, era como se tivéssemos nos esquecido de quem éramos. Será que terei a chance de descobrir onde as coisas deram errado e fazer algo para impedir agora – dizer a ele que ainda o amo, que ele é tudo o que eu desejo na vida e quero parar de tentar engravidar e voltar a ser apenas sua esposa?

Esse pensamento me deixa tonta.

O trem para na estação de Tottenham Court Road e eu saio depressa antes que as portas se fechem, juntando-me às pessoas que se

dirigem para fora. Continuo caminhando e, quando chego à calçada, o sol ainda está brilhando em um céu nebuloso. Sinto meu ânimo crescer.

Vou me encontrar com Ed!

Chego ao restaurante alguns minutos mais cedo e me sento perto da janela, feliz, observando as pessoas enquanto espero por Ed. Um casal passeia pela rua de mãos dadas, descendo da calçada para deixar passar um homem que usa calça de algodão dobrada e mocassins e que fala sem parar ao celular. Imagino por algum tempo que esse homem está passando pelo mesmo que eu, revivendo um dia estranho, uma versão paralela de outro tempo, e me pergunto se, caso fosse verdade, ele tentaria fazer algumas coisas diferentes de quando aconteceram pela primeira vez. Claro que sim. Quem não tentaria?

Sinto um toque suave no ombro e viro a cabeça depressa. Ali está Ed, e só de vê-lo fico sem fôlego.

Seus cabelos estão mais claros do que há muito tempo, queimados de sol, mais compridos, tocando os ombros. Eles caem de maneira sexy sobre um olho. É bem evidente que ele fez algum esforço para se arrumar e parece um pouco desconfortável em uma camisa de manga curta e jeans mais justos. Meu coração se contrai quando me levanto e me lanço em cima dele, envolvendo-o em um forte abraço.

– Oba, que recepção mais gostosa.

Nós nos sentamos e, de repente, eu me sinto tímida. Ele parece tão jovem, tão igual ao Ed que guardei na mente que quase não consigo falar.

Sou salva pela chegada do garçom.

– Posso lhes trazer alguma coisa para beber?

– Bem, para mim, uma taça de vinho branco, por favor. Grande – respondo.

– Tinto, por favor – diz ele. – Grande também.

O garçom se afasta com pressa e Ed se vira para mim, as sobrancelhas levantadas.

– Bebendo para criar coragem, hein?

– Sem dúvida.

Há um silêncio e eu brinco com a ponta de um guardanapo de papel.

– Sinto muito por ter demorado tanto, Zoe – diz ele depois de algum tempo. – Jen... As coisas foram mais difíceis do que imaginei.

Meneio a cabeça, rasgando uma tira do guardanapo, depois outra.

– Mas é definitivo agora?

– Definitivo. E não se preocupe, eu não fui cruel. Ela está bem. Está tudo bem.

Ele me conhece bem. Mas estou ansiosa para mudar para outro assunto que não seja Jenny.

– Obrigada.

– De nada. – Ele olha para a mesa. – Nervosa?

Eu baixo os olhos, vejo o guardanapo rasgado em pedaços e sorrio.

– Desculpe, mau hábito.

Afasto as mãos e pego o cardápio, mas mal entendo o que leio. Ter Ed tão perto e não poder tocá-lo é uma tortura, não consigo pensar em outra coisa. Ele está concentrado estudando o cardápio, uma linha vincando a testa. De vez em quando, sua língua aparece, umedece os lábios e desaparece outra vez. Seus braços são esguios, sua pele, quente e bronzeada por andar tanto de bicicleta, os minúsculos pelos claros e macios, os tendões aparecendo, tensos. Uma das mãos repousa suavemente sobre a mesa, batendo na toalha de mesa e criando um som abafado, e meus olhos são atraídos por seus longos dedos, movendo-se em um ritmo silencioso. Anseio por acariciá-los.

– Pronta?

Tenho um sobressalto, olho para cima e vejo Ed me observando e o garçom esperando pacientemente ao lado da mesa.

– Hum, sim.

Meu rosto fica quente e me sinto feliz por Ed não conseguir ler minha mente. Peço a primeira coisa que me vem à cabeça: macarrão com frutos do mar, o mesmo que eu sempre comia quando vínhamos aqui. O garçom se retira, eu me viro para Ed e percebo que ele me olha com curiosidade.

– Você está bem, Zoe? Parece muito... distraída.

Se ele soubesse...

– Estou bem, de verdade. É que estou feliz por estar aqui, com você.

– Eu também. – Ele pega minha mão e sinto uma corrente elétrica ao seu toque. – Então...?

– Então.

Eu dou de ombros.

– E agora?

Essa é a grande questão, não é? E agora? Antes, passávamos a noite conversando sobre nossas vidas, amigos, trabalho. Mas agora

isso não me parece suficiente, é muito banal. Parece – isso vem martelando em minha cabeça desde que acordei esta manhã – que esta é a oportunidade perfeita para tentar mudar alguma coisa outra vez. Não deu certo até agora, mas e daí? Quem pode afirmar que não vai dar certo? Quem pode dizer que o efeito borboleta não funciona?

Minha mente percorre todas as possibilidades. Há muitas. Talvez, se eu falar de bebês, deixar claro desde o início que acho que não quero ter filhos (mesmo que não seja verdade – eu não os quero agora, tenho muito o que fazer antes disso, mas posso querer algum dia), quem sabe eu possa mudar alguma coisa mais tarde. Se Ed acreditar o tempo todo que não tenho certeza sobre ter um bebê, talvez seja mais fácil lidar com a questão mais adiante.

É um assunto sério demais para ser mencionado em um “primeiro” encontro, mas eu o conheço bem o suficiente. Vale a pena tentar.

– Vamos conversar. Quero dizer, conversar de verdade. Você sabe, em relação ao futuro, o que queremos, o que não queremos. – Ele parece surpreso, mas eu não paro. – O que quero dizer é que nós realmente nunca falamos sobre o que desejamos da vida, não é? E eu gostaria de saber.

Uma nuvem cruza seu rosto brevemente, mas logo desaparece.

– Certo, tudo bem. – Ele parece preocupado.

– Devo começar?

– Vá em frente.

Respiro fundo.

– Certo, um tema chato. Eu sempre quis viajar pelo mundo, ver lugares diferentes, mas sempre tive um pouco de medo, temia que, se tirasse uma folga na escola, na universidade ou no trabalho, acabaria não conseguindo voltar, então eu nunca fui a lugar nenhum, com exceção da França, nas férias em família. Agora, aqui estou eu, aos 22 anos, e ainda não vi nada deste grande mundo. Eu quero ver mais. – Olho para ele. – É a sua vez.

– Certo. Bem, eu fiz algumas viagens, obviamente, por isso o meu caso é um pouco diferente. Você sabe que sempre fomos apenas eu e minha mãe enquanto eu era criança? Ou quase isso. – Eu concordo. – E tudo bem, quero dizer, é ótimo. Mamãe é ótima. Mas o apartamento era sempre muito quieto e eu passava muito tempo brincando sozinho, ou com primos não muito próximos, ou com quem quer que fosse. Sempre me perguntei como seria ter uma família bem grande, uma casa enorme no campo, cheia de crianças e um jardim para brincar.

Sei que é uma fantasia, que nada é tão idílico quanto imaginamos, mas a parte dos filhos... Bem, eu adoraria.

Devo ter empalidecido porque, quando ele olha para mim, dá de ombros.

– Bem, você perguntou – diz ele.

Eu sorrio com desânimo.

– Perguntei mesmo.

– E você? Quer filhos, casamento, tudo dentro dos conformes?

A pergunta de um milhão. Todo o meu futuro pode desabar com a resposta a essa pergunta, mas não tenho muito tempo para refletir.

– Bem...

Faço uma pausa para organizar os pensamentos. Isso tem que soar da maneira correta, autêntico.

– Eu acho que não tenho certeza. Gostaria de me casar, mas, quanto a filhos, realmente não sei. Quero dizer, todo mundo sempre imagina que vai ter filhos um dia, mesmo que não seja agora. Mas, quando eu penso na realidade de tê-los e no que isso significaria para minha vida, para ser honesta, não tenho certeza. Eu amo minha vida como ela é, amo o trabalho e, como você sabe, sou ambiciosa. Quero trabalhar duro, subir na vida, me sair bem. Sei que tenho apenas 22 anos e as pessoas sempre acham que vão mudar de ideia, mas a verdade é... que não me vejo como mãe. Apenas não acho que é o que eu quero.

Discurso finalizado, recosto-me na cadeira, exausta. Ed está me olhando com uma expressão curiosa.

– Uau.

Eu abro um sorriso fraco.

– Bem, você também perguntou.

– Perguntei. Mas é que você parece ter muita certeza.

– E tenho, por enquanto. Quem sabe o que virá no futuro? – Eu estremeço diante da ironia das minhas palavras. – Mas, por enquanto, esta sou eu.

O silêncio parece não ter fim, por isso fico aliviada quando o garçom aparece trazendo a comida. A confusão que se segue – o barulho dos talheres, a conversa sobre como a comida parece gostosa, a adição de parmesão, pimenta, o vinho – serve como uma bem-vinda distração da intensidade da conversa. Eu mergulho no meu prato de massa, fazendo força para não encontrar o olhar de Ed, certa de que ele saberá que há algo errado.

Sinto-me cruel sendo tão direta, destruindo o sonho da perfeita vida em família que ele acabou de descrever com tanta clareza. Com qualquer outro, isso não teria importância, pois as pessoas não supõem, em um primeiro encontro, que vão ficar juntos. Mas eu e Ed temos uma história – sem contar todas as coisas que eu sei que ainda estão por vir – e isso é mais do que um primeiro encontro. Somos duas pessoas tentando se conhecer melhor, planejando ficar juntas.

Eu tenho que acreditar que meu pequeno discurso não vai estragar tudo completamente.

– Espero que você não tenha me achado muito dura.

O olhar de Ed é insondável.

– Não, dura não. – Ele parece ponderar as palavras por um momento. – Só espero que não seja um mau sinal querermos coisas tão diferentes. Espero que não seja um mau presságio.

Meu coração martela descontrolado.

– Por Deus, não, eu acho que não. Quero dizer, as pessoas sempre lidam com as coisas de maneiras diferentes, não é mesmo? Somo muito jovens. Temos muito tempo para nos preocupar com tudo isso mais tarde.

Ele me observa por mais um momento, então claramente decide mudar de assunto:

– Você tem razão. Não vamos começar nosso encontro desse jeito. Vamos conversar sobre outra coisa. Que tal música? Você ainda gosta daquela coisa demoníaca de heavy metal que ouvia na faculdade?

– Demoníaca? Você fala como meu pai.

– Porque seu pai tem bom gosto.

– Porque meu pai não sabe reconhecer boa música nem se topar com uma. E eu achava que você gostava do que eu ouvia.

– Algumas coisas. Mas aquilo alto e barulhento? Não é para mim. Prefiro um pouco de Rolling Stones.

Faço que sim.

– Quanto a isso, eu concordo. O que me lembra... O que aconteceu com sua banda? Imagino que as apresentações não trouxeram um contrato de gravação.

Eu tento esconder meu sorriso, mas ele percebe.

– Não, eles não sabem o que estão perdendo. – Ele sorri. – Para ser honesto, Zo, eu amo tocar guitarra, mas éramos péssimos. Não acho que meu futuro estivesse ali.

– Então onde está? Certamente você não está planejando vender

bebedouros pelo resto da vida.

– Não mesmo. É um trabalho que destrói a alma, ficar ligando para clientes. Embora tenha me ajudado, porque encontrei você outra vez.

Seu rosto fica sério e eu tremo de prazer.

– Encontrou. Graças a Deus pelos bebedouros, hein?

– Vou fazer um brinde a isso. Aos bebedouros e a todos os que bebem deles. E a nós e ao que quer que isto – ele movimenta a mão entre nós – se torne.

Nós tocamos nossas taças e bebemos um gole, cada um perdido nos próprios pensamentos.

Terminamos de comer e o restaurante começa a esvaziar, mas ficamos no mesmo lugar, de mãos dadas, de frente um para o outro, rindo. Os proprietários devem estar no odiando, mas não me importo. Este pode ser meu último dia com Ed e eu não quero que acabe.

Mas é claro que tem que acabar e, por fim, não podemos prolongá-lo mais. Os restos de nossas sobremesas ficam nos pratos, sorvete derretido e farelos de bolo de chocolate, e nossas taças de vinho estão vazias, manchadas nas bordas onde nossas mãos as seguraram durante toda a noite. Os outros clientes já foram embora e os garçons ficam andando ao nosso redor, visivelmente desesperados para fechar o estabelecimento e ir para casa, mas educados demais para nos pedir para sair.

Eu não quero sair de perto de Ed, mas não quero levá-lo ao meu apartamento. Não posso submetê-lo ao interrogatório de Jane, não esta noite. Eu o quero só para mim. Então faço algo totalmente inesperado.

– Então, vamos até a sua casa?

Encorajada pelo vinho e por saber que ele é meu e me ama – se não agora, pelo menos sei que logo vai me amar –, eu me sinto valente.

– Vamos, então.

Ele paga a conta e me puxa pela mão por todo o caminho até o metrô com um senso de urgência em cada gesto.

Menos de uma hora depois, chegamos ao apartamento de Ed e ele nos serve mais vinho. Parece que estou flutuando fora do corpo, assistindo às coisas se desdobrarem como em um filme. Ed está aqui, ele é meu, e algo dentro de mim explode de felicidade.

Eu me sento na beira do sofá, segurando minha taça, e espero que ele também se sente. Mas ele está de pé na minha frente e me estende

a mão.

– Ora – diz ele, direto –, vamos parar de enrolar e vamos para a cama.

Eu tomo a mão dele.

– Que proposta romântica – brinco, sorrindo para ele enquanto o sigo pela sala.

Ele dá de ombros.

– Ah, você me conhece.

Ele me puxa para perto e nós caímos na cama, um emaranhado de braços e pernas, e é maravilhoso estar de volta em seus braços. Seus lábios quase queimam minha pele. Estava morrendo de saudades dele. Mal posso acreditar que ele está aqui e que isto está acontecendo. Não quero que termine nunca.

E então eu me perco, sem me importar se isso muda ou não alguma coisa.

Depois, ficamos deitados na cama em silêncio, observando a sombra de uma árvore balançar suavemente contra o brilho alaranjado da luz, e eu experimento uma felicidade imensa, que não sinto há meses, talvez anos. Nunca, nem em meus sonhos mais ousados, eu poderia imaginar que teria a chance de estar com Ed outra vez, e ainda não consigo realmente crer que está acontecendo. Mas por enquanto estou aqui, aninhada com segurança no ombro de Ed. Observando seu peito subir e descer, eu relaxo, até que, finalmente, fecho os olhos.



Quando os abro de novo, preciso de um momento para entender onde estou. Não sei bem o que esperar, mas me surpreendo ao descobrir que ainda estou na cama de Ed, onde dormimos na noite passada. Continuo aninhada em seu braço, e ele está com o outro braço esticado sobre a cama e o peito aberto. Com todo o cuidado, eu me sento e olho ao redor. O ambiente está escuro. O sol penetra suavemente em volta da persiana, mas há luz suficiente para enxergar e reconhecer, de imediato, que não apenas é o quarto em que estávamos ontem à noite, mas estamos na manhã seguinte, não semanas ou meses mais tarde: minhas roupas formam uma pilha no chão, ao lado das de Ed; do outro lado do quarto, sob a luz mais clara da janela, posso ver nossas taças de vinho, bebidas pela metade,

manchadas e abandonadas no calor do momento. Meu rosto fica em chamas quando me lembro e eu sorrio.

Preciso beber alguma coisa, então pego a camisa de Ed que está no chão, visto-a e vou até a cozinha pegar um copo de água. À medida que o líquido frio percorre minha garganta, tento entender o que está acontecendo. Algo está diferente do normal – ou do que se tornou o normal –, mas não sei identificar o que é. Por que acordei no dia seguinte, e não dias ou meses depois?

Quem pode saber? Mas isso significa mais um dia com Ed, então não posso reclamar. Volto para o quarto e me deito na cama. Com o movimento, Ed se mexe e abre os olhos, forçando-os para me enxergar na meia-luz.

– Bom dia – diz ele.

Seu hálito é de quem acabou de acordar, mas eu o beijo assim mesmo e ele retribui com avidez. Quando se afasta, está totalmente desperto e sorri para mim.

– Ontem à noite foi bem divertido.

Eu descanso o queixo na mão e olho para ele.

– Foi mesmo.

Ele se senta e ajeita os travesseiros, colocando-se de frente para mim.

– E aí? O que você quer fazer hoje?

Eu o encaro.

– Como você sabe que não estou ocupada?

Ele dá de ombros, com um sorriso nos lábios.

– Não sei.

Eu lhe dou uma cotovelada e ele cai de volta na cama.

– Ai! – geme ele. Eu o ignoro.

– Acontece que estou livre e seria bom fazer alguma coisa, sim.

Ele sorri novamente e olha para o relógio. São nove e meia.

– Que tal um piquenique?

– Boa ideia. – Bato palmas. – Adoro piquenique.

– Ótimo. Vamos para Clapham Common?

Eu franzo a testa.

– Não posso sair assim. Você se importa se eu voltar para casa e trocar de roupa antes? Então talvez possamos ir ao Ally Pally?

– Sim, claro. – Seus olhos vagueiam pelo meu corpo de cima a baixo e eu sinto meu rosto queimar. – Mas não sei por que você precisa trocar de roupa. Acho que está incrível usando apenas a minha

camisa.

– Ora, muito obrigada, meu rapaz.

Eu pisco com força, com uma expressão ridícula, e Ed joga os braços ao redor do meu corpo, me puxa para si e me abraça com tanta força que mal posso respirar.

– Mas você não vai a lugar nenhum agora. Temos muito tempo para isso.

E então seus lábios descem para meu pescoço, para meus mamilos, e eu suspiro, perdida no tempo outra vez.



Já passa do meio-dia quando volto para casa, Ed junto comigo. Estamos de mãos dadas, rindo como adolescentes, e fico aliviada ao ver que Jane não está. Ele me espera na sala enquanto eu tomo uma ducha e visto uma roupa. Fico torcendo, pelo bem dele, para Jane não voltar e encontrá-lo ali sozinho, pronto para ser interrogado.

Meia hora depois, já podemos sair. Eu coloco pão, queijo, batatas chips e vinho em uma sacola, que Ed pendura nas costas. Em seguida, saímos pelas ruas banhadas pelo sol até o Alexandra Park. Ficamos de mãos dadas todo o tempo e seu toque parece queimar minha pele, mas eu não o solto. Não posso soltá-lo.

O parque está cheio neste domingo de sol quente. O céu tem um tom azul leitoso e o calor faz com que todos sintam preguiça. Corpos queimados brilham ao raro sol do verão, absorvendo com avidez seus raios, enquanto uma pessoa ou outra lança com muito empenho um disco ou uma bola no ar pesado. De uns 200 metros de onde estamos vem o som de risos e gritos quando um grupo de amigos resolve jogar água uns nos outros com pistolas de brinquedo. Nós paramos e esticamos nossas toalhas sobre a grama em uma das poucas áreas livres onde há sombra. Ed desembulha a comida e fico admirando esta vista que me é tão familiar. As fileiras de casas de Crouch End no primeiro plano, indo em direção ao centro de Londres, salpicadas do verde dos gramados e das árvores, seguindo até os arranha-céus de Canary Wharf e, em um dia como hoje, a parte sul de Londres, embaçada e cintilante. É tão impressionante que me tira o fôlego.

– Meu Deus, estou morrendo de fome – comenta Ed, pegando um pedaço de pão e enfiando-o na boca.

Migalhas se espalham pela toalha enquanto ele se esforça para

mastigar a enorme quantidade que decidiu comer de uma só vez.

– Puxa, que bela maneira de impressionar uma garota!

Eu reviro os olhos e tento sacudir as migalhas, que se espalharam na toalha como balas de chumbo.

– Desculpe.

Ele sorri com malícia, as bochechas estufadas como as de um hamster.

Eu pego um pouco de pão e de queijo e começo a preparar um sanduíche. O calor faz com que cada movimento exija esforço. O ar está cheio de um suave zumbido, uma mistura distante de cortadores de grama, conversas e estranhos insetos voando por perto. Espreito de trás dos meus óculos escuros e, como Ed não pode enxergar meus olhos, aproveito a oportunidade para dar uma boa olhada nele. Ainda está mastigando furiosamente, os músculos da mandíbula trabalhando duro para tornar possível engolir outro enorme pedaço de pão. Seus cabelos, um pouco suados, colam-se à testa, três fios escuros por cima dos olhos, obrigando-o a empurrá-los para cima o tempo todo. Sua pele está levemente bronzeada, a mistura de filtro solar e suor fazendo com que brilhe ao sol. Ele vira a cabeça para observar algumas crianças que brincam de lançar um disco ali perto e permito que meu olhar desça, apreciando seus braços fortes e magros sob as mangas curtas da camiseta, os pelos queimados das horas de exposição ao sol. Fico corada quando meus olhos viajam mais para baixo ainda, tentando não pensar no que está debaixo daquelas roupas, analisando as pernas que saem dos shorts, os músculos fortes. Sua cabeça vira de repente e eu desvio o olhar, torcendo para ele pensar que a vermelhidão que inunda meu rosto é resultado do calor e não do constrangimento por ter sido flagrada admirando-o.

Ed se inclina para trás, apoiando-se nos cotovelos, e me observa.

– O que foi?

Fico desconfortável sob seu olhar, com medo de que ele enxergue através de mim e descubra tudo o que está acontecendo na minha cabeça.

– Nada. Apenas apreciando a vista.

Ele sorri e deita de costas, colocando as mãos atrás da cabeça. Eu faço o mesmo e fico observando as folhas farfalharem suavemente ao sabor da quase inexistente brisa. Minha mente está cheia de perguntas que acho que jamais serei capaz de responder. O corpo de Ed está muito perto do meu e sinto uma enorme vontade de tocá-lo. Eu mudo

de posição, pousando a cabeça levemente sobre sua coxa, e ele desce a mão para brincar com meu cabelo. Sinto um arrepio percorrer meu corpo e, antes mesmo de acontecer, sei que o sono vai me levar embora, deixando-me presa neste momento. Mas eu não me importo. Estou tão feliz que, mesmo que seja meu último momento com Ed, não faz mal. E então o cansaço toma conta de mim, minhas pálpebras ficam pesadas e não tenho força para impedi-las...

20 de janeiro de 2000

EU ABRO OS OLHOS e quase dou um pulo de susto. Não vejo nada além de um rosto muito próximo ao meu: pequenos tufo de cabelo escuro brotam dos poros de seu queixo, como cactus no deserto, e um odor um pouco rançoso vem de sua boca aberta quando ele expira. Afasto-me depressa e observo os minúsculos pelos que se movem em suas narinas quando elas se abrem e o brilho de sua pele, suada devido ao calor do ambiente. Quando me movo mais para trás, ele começa a se transformar em um rosto inteiro, os cílios escuros e longos, uma mecha de cabelos presa à testa, os lábios contorcidos e cheios porque a bochecha está mergulhada no travesseiro.

Meu coração explode de alegria com a onda repentina de lembranças da última vez que estive com Ed, sob o sol em Alexandra Park. Ele está aqui, o que significa que meu pequeno discurso sobre não querer filhos não o assustou.

Já faz bastante tempo desde que estudei seu rosto em detalhes – será que alguma vez eu o fiz? – e me esforço ao máximo agora, tentando fixar na memória cada um de seus traços mais simples, de forma que eles nunca mais me abandonem.

Depois de alguns instantes, Ed se mexe, muda de posição. Temendo que ele acorde antes que eu tenha a chance de me orientar, aproveito a oportunidade para olhar ao redor.

Deitada na cama, olho para o teto. Há lacunas no gesso e, no meio, uma luminária com uma única lâmpada. À direita, vejo uma porta com um ferrolho de um lado a outro e algumas instruções de segurança contra incêndio. Estou em algum tipo de hotel.

Sento-me e lanço um olhar para o restante do quarto: em frente, uma porta aberta deixa entrever um vaso sanitário com o assento levantado; um crucifixo na parede creme; um armário com as portas

fechadas; uma cadeira de madeira desgastada com uma mochila e dois suéteres sobre o encosto, e só. Eu sei onde estamos! Um quarto de hotel barato em Arequipa, no Peru, onde passamos uma noite antes de seguirmos para Lima. Se alguém tivesse me perguntado como era esse quarto, eu não teria conseguido descrevê-lo, mas assim que o vi reconheci exatamente onde estamos. Tremo de emoção. Ed e eu tiramos férias alguns meses depois que nos reencontramos e fomos viajar, já que conhecer o mundo era um dos meus desejos. Eu amei o Peru e fico muito feliz por estar aqui outra vez.

Mas por que este dia? O que aconteceu hoje que foi tão significativo? Não sei ainda o que pode ser, mas tenho certeza de que logo vou descobrir.

Há uma caderneta na mesa de cabeceira ao meu lado. Eu a pego e passo os olhos pelas páginas. Apoiada no cotovelo, leio trechos do diário que mantive durante nossas viagens pelo mundo. Eu não o leio há séculos e isso me faz sorrir.

Oh Deus!!!!!! Hoje foi HUMILHANTE. Fomos ver o Taj Mahal e, a meio caminho de volta ao hotel, tive uma dor de barriga terrível. No instante em que chegamos lá, eu já sabia que algo ruim estava acontecendo e tive que correr para o banheiro. Sem entrar em MUITOS detalhes, fiquei lá um bom tempo e não foi nada bonito de se ver. Mas a pior coisa foi que Ed teve que ficar do lado de fora de uma porta fina e frágil e podia ouvir TUDO. É claro que já dividimos a mesma casa, mas o pobre coitado nem sequer me viu no banheiro, muito menos com minhas entranhas CAINDO NO VASO! E o cheiro? Meu Deus, o cheiro. Na verdade, meu Deus, acho que está acontecendo de novo. Tenho que parar, estou deses

A anotação termina aqui e, mesmo agora, lendo-a outra vez, fico envergonhada. Eu me lembro desse dia. Acho que essa foi a data em que nosso relacionamento mudou para sempre, o dia em que ele viu, ouviu e cheirou a mim e a meu desarranjo intestinal. Eu fiquei extremamente constrangida, mas Ed fez tudo o que pôde para eu me sentir melhor.

Eu não podia imaginar, naquela época, que seria apenas uma das muitas vezes que toda a minha dignidade seria jogada no lixo, com as doenças e o tratamento de fertilidade nos despindo de qualquer reserva que poderia ter restado.

Coloco o diário de volta no instante em que uma voz abafada soa ao meu lado.

– Que horas são?

Eu me viro e dou de cara com um travesseiro em vez de um rosto. Não sei como ele suporta colocar essa coisa sobre a cabeça. Cheira mal, cheio de fungos.

Estendo a mão para meu relógio.

– Dez e meia.

O corpo de Ed se sacode e, de repente, ele está sentado, olhando para mim em pânico.

– Merda, estamos atrasados!

– Atrasados para quê?

Ele franze a testa e olha para mim.

– O maldito ônibus – diz ele, arrancando o cobertor de cima do corpo e pulando da cama.

A visão de seu corpo nu me causa um arrepio, que eu tento ignorar. Ele caminha pelo quarto e começa a remexer nos bolsos da mochila. Eu tento não olhar para ele. Por fim, ele encontra alguns bilhetes amassados dentro de uma pasta de plástico e aperta os olhos para lê-los.

– Merda – repete, jogando os bilhetes para mim. – O ônibus sai às onze e meia. Temos que ir.

Eu salto da cama, sem ter certeza exatamente de onde temos que estar, mas consciente da pressa. Vestimos qualquer coisa, escovamos os dentes, enfiamos todo o resto em nossas mochilas e corremos para a recepção do hotel. A mulher atrás do balcão parece não compreender que estamos com pressa e leva séculos para contar nosso dinheiro e devolver nossos passaportes. Quando ela termina, saímos correndo para a rua e seguimos por uma calçada poeirenta. Eu sigo Ed às cegas, percorrendo ruas largas repletas de carros antigos, vitrines coloridas, belas igrejas e palmeiras muito altas, esperando que ele saiba para onde estamos indo, até que finalmente viramos uma esquina e chegamos à rodoviária. Há pessoas correndo para todo lado em meio ao ar enfumaçado, gritando bem alto em espanhol, acenando. Os ônibus buzina, malas de viagem são jogadas de um lado para o outro. Como é que vamos encontrar nosso ônibus?

Entretanto, minutos depois, lá estamos nós, subindo no veículo, nossas mochilas sendo jogadas no bagageiro enquanto nos ajeitamos nos assentos. Eu pego o meu walkman e coloco a fita que Ed gravou

para mim, e então reclino a poltrona e observo o caos pela janela do ônibus com ar-condicionado, dando um suspiro de alívio. Faz um bom tempo que só ando por Londres, e o Peru está sendo um pouco chocante para mim.

– Graças a Deus conseguimos isto – diz Ed, mexendo na ventilação acima de nossas cabeças. – Não dava para pagar por um ônibus melhor.

Eu não digo nada, esperando que ele prossiga.

– Só temos mais um dia no Peru. Dá para acreditar?

– Não – respondo.

Ele me olha

– Você está bem?

Eu aquiesço.

– Sim, tudo bem. Só estou um pouco cansada.

Bocejo para provar que estou dizendo a verdade.

Ficamos sentados por alguns minutos em um confortável silêncio. Então, finalmente, o ônibus começa a se mover, deixando a rodoviária e balançando em direção à estrada. Eu me recosto na poltrona e fico vendo as casas semiconstruídas passarem depressa pela janela. Ouço o motor, as vozes abafadas, um grito ocasional em espanhol e o barulho das batatas chips que Ed está comendo ao meu lado, e sinto que vou adormecer.

A viagem foi ideia de Ed.

“Vamos riscar alguma coisa de sua lista de desejos”, disse ele enquanto bebíamos alguma coisa poucas semanas antes. Éramos poucos: Jane, um casal de colegas de trabalho e Josh, um companheiro de ciclismo de Ed, todos apertados em volta de uma mesa de pub em Camden depois do trabalho. Nossas bebidas estavam precariamente alinhadas sobre a mesa pegajosa à nossa frente enquanto “Charmless Man”, do Blur, tocava no alto-falante à direita, bem ao lado de nossas cabeças, nossas vozes ficando cada vez mais altas para competir com o tom melódico de Damon Albarn e os gritos das pessoas ao redor.

“O quê?”

“Vamos conhecer um pouco do mundo. Vamos viajar.”

“Eu não posso simplesmente sair por aí viajando. Tenho um emprego, aluguel para pagar.”

“Ora, Zoe, essas são as desculpas que você sempre dá, e é por isso que você nunca viaja.”

Eu me inclinei um pouco para perto de Jane quando um homem com dreadlocks passou por nós equilibrando três copos, quase derrubando todos nós.

“Sim, mas não são desculpas, são razões. É diferente.”

A insinuação de que eu realmente não queria ir, ou tinha medo, me deixou zangada, apesar de haver mais do que um pingo de verdade nisso.

Ed revirou os olhos.

“Não seja chata. Você sabe o que eu quero dizer. Eu consigo arranjar tempo facilmente. Sempre tem um trabalho de jardinagem a ser feito. E você pode tirar uns dias de folga, não precisamos ficar muito tempo. No máximo três meses. Isso é totalmente possível, não é?”

Sentada ao meu lado, Jane assentiu.

“Ele tem razão, Zo, você pode fazer isso sem problemas. Mesmo que signifique me abandonar, me deixar sozinha naquele apartamento, soluçando enquanto como uma lata de feijões frios todas as noites...”

Ela fingiu chorar e eu lhe dei um soquinho no ombro.

“Mas e o meu trabalho? Não posso simplesmente me levantar e sair. Eu me esforcei muito para conseguir esse emprego. Estou no meio de uma campanha.”

As desculpas surgiram sólidas e rápidas, mas Ed rebateu todas elas.

“Preste atenção, Zo, você só precisa pedir e eles podem simplesmente dizer sim ou não. Mas pense em como seria incrível conhecermos um pouco do mundo juntos. Nós poderíamos ir para a América do Sul, Brasil, Peru, Bolívia, escalar montanhas, fazer passeios de elefante, nadar no mar. Seria incrível...”

Meu estômago se contraiu com a menção de todos esses lugares. Até aquele momento, eu havia pensado em viajar da mesma maneira abstrata com que pensava em ganhar na loteria: algo que eu esperava que acontecesse um dia, mas achava que não aconteceria jamais. Então, confrontada com a realidade de uma lista de lugares e de razões para realmente ir, fiquei aterrorizada. Tomei um grande gole do meu vinho branco barato e coloquei a taça com força na mesa. O vinho se derramou, encharcando o porta-copos e molhando minha calça jeans.

Notando minha relutância, Ed virou-se para Josh, tentando conseguir algum apoio moral.

“Josh, conte a Zoe como a América do Sul é impressionante.”

O rosto de Josh se iluminou.

“Puxa, cara, é mesmo surpreendente. Foram os melhores dias da minha vida. O que você quer saber?”

Durante a meia hora seguinte, os dois me contaram histórias sobre lugares que visitaram e pessoas que conheceram. Senti que não havia escolha e, quando consegui férias não remuneradas no trabalho, não havia mais nada que pudesse dizer a não ser concordar.

Agora aqui estamos, e Ed e Josh tinham razão. Estava tendo alguns dos melhores dias da minha vida. Sentia-me grata pelo estímulo.

Sentado ao meu lado, Ed muda de posição e eu levanto a cabeça, sentindo o pescoço duro. Devo ter adormecido recostada no ombro dele. Ed está dormindo. Portanto, olho para fora da janela um tanto suja e observo a paisagem mudar enquanto massajeio o pescoço dolorido. As casas degradadas se transformaram em campos empoeirados e árvores raquíticas, quilômetros de nada em ambos os lados. Lentamente, a estrada começa a subir pelas montanhas e as árvores ficam mais verdes, a paisagem se tornando cada vez mais exuberante. No lado esquerdo, o penhasco sobe até as nuvens, ao passo que à direita ele cai de maneira abrupta e assustadora para o nada. Há apenas uma frágil barreira entre o ônibus e a gigantesca queda.

Tento não pensar nisso.

Subimos cada vez mais nas montanhas e a neblina vai se tornando mais densa, formando um sufocante nevoeiro que não me deixa ver direito a borda do penhasco. Parece que ainda estamos viajando muito rápido; não consigo entender como o motorista consegue enxergar bem o suficiente para dirigir a tal velocidade.

E então eu suspiro, enquanto lembranças inundam minha mente.

Foi neste dia que nós quase morremos. Ou pelo menos pensamos que fôssemos morrer. O sangue corre para a minha cabeça e eu agarro a mão de Ed. Ele abre os olhos e sorri para mim.

– Tudo bem?

– Sim. Mas... Ed?

– Hã?

– Olhe pela janela.

Ele olha para fora e eu sinto seu corpo ficar tenso.

– Como o motorista consegue ver para onde está indo?

Tento manter a voz firme, mas eu mesma consigo percebê-la falhar.

– Ele deve conhecer a estrada muito bem.

Até a voz de Ed soa insegura, o que me deixa ainda mais assustada. Ele não costuma entrar em pânico. Ed aperta mais forte minha mão e eu aperto a dele com mais força, até minhas articulações doerem.

– Ai, você não precisa me apertar até me matar.

– Desculpe.

Afrouxo o aperto e ele se aproxima, não deixando o mínimo espaço entre nós.

Nos próximos minutos, ficamos sentados em silêncio, observando o ônibus avançar em direção ao topo. Ele desacelera e, de vez em quando, as luzes de um enorme caminhão surgem à nossa frente, saindo do nevoeiro, dando a sensação de que o vento que ele cria vai lançar nosso pequeno veículo em direção ao penhasco. A cada vez eu prendo a respiração, certa de que chegou a hora, mas sempre passamos incólumes, nosso pequeno ônibus andando bem devagar, uma vez que o motorista cada vez enxerga menos a estrada a ser percorrida através da neblina espessa.

– Nós podemos morrer aqui em cima. A gente lê sobre acidentes de ônibus o tempo todo. É muito fácil acontecer. – Minha voz treme de forma incontrolável.

– Eu sei – diz Ed.

Ele não tenta me tranquilizar, ou mudar de assunto, ou fazer piada com a situação, o que faz com que eu me sinta ainda pior. Em vez disso, Ed me abraça e me puxa para ainda mais perto. Minha orelha fica pressionada contra o peito dele e ouço seu coração batendo rapidamente sob o tecido fino da camiseta. Ele está tão vivo, e está aqui, e eu tenho a chance de fazer, neste exato momento, algo que não fiz na última vez. Não hesito nem um segundo.

Levanto a cabeça e olho para ele. Ed olha para baixo, nossos olhos a poucos milímetros de distância. O azul de suas íris adquiriu um tom escuro e profundo e seu rosto está tomado pela preocupação, um grande vinco marcando sua testa.

– Ed?

– Hum?

– Eu amo você.

É pouco mais que um sussurro, mas eu sei que ele me ouviu, pois sua expressão muda e se suaviza. As palavras que eu desejava lhe dizer desde o dia em que ele morreu. Na outra vez que fizemos esta viagem, eu me recusei a dizê-las, apesar de estar loucamente

apaixonada por ele, simplesmente porque queria que ele as dissesse primeiro. E agora as palavras saem de minha boca e ficam no ar entre nós, afastando o terror, deixando apenas nós dois ali e mais nada.

Ele abaixa o rosto até que nossos narizes quase se tocam e posso sentir sua respiração em meu rosto. Seu hálito cheira vagamente a menta e àquele odor quente e almiscarado cuja falta me traz tanta dor.

– Eu também amo você, Zoe. Sempre.

Meu coração quase explode de alegria ao ouvir essas palavras, palavras que não dizemos um ao outro há muito tempo. Ele me beija, seus lábios cheios, quentes e ligeiramente salgados, e eu retribuo o beijo, agarrando-o como se este fosse nosso último momento juntos.

E poderia ser.

Eu não quero chorar, mas sinto as lágrimas tentando escapar e pisco com força para impedi-las, mas não consigo, e elas deslizam lentamente pelo meu rosto, caindo na camiseta de Ed.

– Zoe, não chore.

Nós dois olhamos pela janela e depois ele volta o rosto para mim, apertando com mais força meus ombros.

– Nós vamos ficar bem. Pode ter certeza.

Eu seco o rosto na manga e tento olhar de novo pela janela, o terror da viagem voltando à minha mente. Fico observando, entorpecida, enquanto o ônibus continua sua rota traiçoeira, procurando não pensar na morte nem na queda no abismo. Não posso pensar em Ed morrendo neste momento.

Depois do que parecem horas, finalmente começamos a descer do outro lado da montanha e o nevoeiro vai lentamente se desfazendo, como se fosse um cobertor sendo puxado para cima. Em torno de nós, ouço os murmúrios aliviados dos outros passageiros, cuja presença eu mal havia notado, quando percebem que conseguimos e que tudo vai ficar bem.

O ônibus segue pela estrada aberta, aumentando aos poucos a velocidade à medida que o chão vai se tornando mais plano e o perigo fica para trás. Sinto o corpo de Ed ao meu lado, quente e sólido, enquanto minha cabeça sobe e desce com a respiração dele, e a felicidade ameaça me sufocar. Eu inspiro com toda a força e expiro depressa. Ed se afasta e olha para mim.

– Você está bem, querida?

As lágrimas ameaçam cair novamente de meus olhos.

– Sim, só estou feliz porque acabou.

Ele assente, sério.

– Foi um pouco arriscado lá, não foi?

Eu sorrio diante do eufemismo.

– Só um pouco. – Faço uma pausa, subitamente receosa. – Sabe, eu realmente pensei que fosse morrer lá em cima.

– Eu também.

– Sabe de uma coisa? Estou feliz por ter dito... o que eu disse.

Meu rosto fica em chamas.

– Eu também.

– Que bom.

Olho para meus joelhos, afasto uma migalha imaginária e ele pega minha mão e a leva à boca, dando-lhe um beijo suave.

– Não fique envergonhada, Zoe. Estou feliz por você ter dito isso, e estou feliz por eu também ter dito. Eu amo você de verdade, mais do que você pode imaginar, e acho que sempre a amei, desde o primeiro momento que a vi, parecendo um coelho paralisado pelo farol de um carro, aliás um coelho muito lindo, naquele dia na cozinha da nossa casa na universidade. Eu só levei algum tempo para perceber que fui um verdadeiro idiota por não ficar com você.

Minha respiração parece ter ficado presa na garganta e eu engulo em seco. Ele sempre me amou. Durante todos os anos em que estivemos juntos, ele nunca me disse isso, e preciso de um momento para assimilar o significado dessa constatação: isso é novo, o que significa que algo mudou. Quanto, eu não sei, mas por enquanto não importa. É suficiente. Não há mais nada que eu possa fazer hoje, a não ser aproveitar ao máximo o fato de estarmos juntos, de poder estar com Ed outra vez, e prometo a mim mesma que, se for nosso último dia, pelo menos será muito feliz.

Horas mais tarde, depois de uma noite terrível em que não consegui dormir, o ônibus para em uma rodoviária e o motorista desliga o motor. Em volta de nós, as pessoas batem palmas de alívio, e Ed faz como elas, seu enorme sorriso produzindo linhas ao redor dos olhos e da boca e um brilho no olhar.

Nós nos levantamos e ele pega minha mão, levando-me para fora do ônibus. Recolhemos nossa bagagem e caminhamos pelas ruas movimentadas que levam ao hotel. Nenhum de nós fala muito no caminho, apenas ficamos felizes por estarmos na companhia um do outro.

Quando chegamos ao nosso quarto, com suas paredes claras e uma

cama de aparência dura, a exaustão nos domina e, apesar dos planos de visitar uma parte da cidade, nós dois desabamos na cama.

– Bem, foi interessante.

– É uma maneira de descrever o que aconteceu.

– Sabe de uma coisa, Zo? Acho que nunca fiz uma viagem tão assustadora. Já estive em voos terríveis, em que o avião balançava tanto que parecia que ia cair, e mesmo assim, diante da ideia de despencar de uma altura tão imensa, nunca senti tanto medo quanto hoje. E foi por sua causa.

Sinto Ed me olhando e me viro para encará-lo.

– Por minha causa?

– Sim. Antes, era apenas eu e é claro que eu não quero morrer cedo – meu coração se contrai ao ouvir essas palavras –, mas, se isso acontecesse, bem, aconteceu e pronto. Mas a ideia de perder você... essa é a pior dor que posso imaginar. É assustadora. – Ele para, o rosto vermelho. – Eu sei que isso me faz soar meio bobo, mas é verdade.

Ele dá de ombros, envergonhado.

– Ed, você não soa nem um pouco bobo. Eu sinto o mesmo. A simples ideia de perder você me faz sentir como se meu coração tivesse sido arrancado. Não tenho certeza de que posso seguir em frente. De que poderia seguir em frente – corrijo rapidamente meu erro, mas ele parece não notar.

Ficamos deitados em silêncio por alguns momentos e então um sorriso se espalha em seu rosto.

– Uau, isso foi intenso.

– Muito.

Aquele momento já se foi, mas estou aliviada. Preciso de algum conforto após a viagem que tivemos.

Ele se senta e junta as mãos.

– Vamos sair.

– Sair? Para onde?

– Não sei. Comer. Caminhar. Beber. Acho que precisamos de uma boa bebida.

Eu me sento ereta na cama.

– Edward Williams, acho que, pela primeira vez na vida, você pode ter razão.

– Pela primeira vez? Eu sempre tenho razão.

Nós nos levantamos, vestimos roupas limpas e descemos para a cidade movimentada. Passamos pela catedral e por igrejas, olhamos as

vitruines e nos sentamos em praças, bebendo café forte demais e vinho. E, pelo resto da tarde e noite adentro, tento não pensar em nada, só no aqui e agora. Ed está aqui, somos jovens, estamos nos divertindo. Nós nos amamos.

Não há nada que eu queira mais.

Mais tarde, de volta ao quarto, desabamos na cama e nos enroscamos sob o edredom, bêbados e felizes. Quando eu começo a pegar no sono nos braços de Ed, não posso deixar de me sentir aliviada por não ter que viver a ressaca de amanhã. Meu coração se sente completo, feliz, e meu último pensamento antes de adormecer é que espero ter mais um dia com Ed. Pelo menos mais um dia.

12 de maio de 2001

EU SEI, ANTES MESMO de abrir os olhos esta manhã, que estou de volta ao passado, de volta a mais um dia, e meu coração bate tão descompassado que tenho que inspirar profundamente várias vezes para acalmá-lo. Não importa a data; estou feliz por *ter* mais um dia.

Como o sol ainda não surgiu lá fora, saio da cama, que ainda é a cama do apartamento que eu dividia com Jane, e vou para a sala de estar com um cobertor sobre os ombros para me manter aquecida. Agora estou sentada encolhida no sofá, cercada de caixas, bebericando chá com leite e observando o céu escuro clarear aos poucos atrás dos prédios do outro lado da rua.

Eu já sei o que hoje vai me trazer – as caixas me deram a pista – e estou animada por ir morar com Ed, mas já me pergunto o que posso tentar mudar, se há algo que eu possa fazer de forma diferente para alterar o curso da história. Isso pode evitar que Ed morra. Eu sei que deve haver alguma coisa.

Meu chá acabou. Deixo a caneca sobre a mesa de cabeceira e me levanto, esticando os braços sobre a cabeça. O edredom cai no chão e eu o deixo lá. O ar está ficando mais quente, o frio da manhã indo embora. Ando descalça do quarto até a pequena cozinha e paro na frente da geladeira. Está coberta de fotos presas com ímãs, assim como recibos, comprovantes e várias outras coisas que não sabemos onde guardar. A porta está tão cheia que quase não se vê o branco do eletrodoméstico.

As fotos me são familiares, mas eu nunca as havia examinado da maneira adequada. Agora, porém, dou uma boa olhada, tentando me lembrar da minha vida até agora. Meu olhar é atraído por uma imagem colocada na metade inferior da porta, na qual eu e Jane estamos com dois rapazes bem bonitos. Um feriado passado na Grécia,

onde nos divertimos muito e quase não vimos a luz do sol. Nossos olhos e nossa pele brilham. Parecemos muito embriagadas. Há infinitas imagens de nós duas em restaurantes, segurando taças de vinho, sorrindo para a câmera. Há fotos da formatura, de festas de aniversário, fotos minhas com Ed, minhas com Jane, de Jane com rapazes há muito esquecidos. É um catálogo de nossas vidas e amores, e isso me faz sorrir.

Há um cartão que garante duas refeições pelo preço de uma no restaurante espanhol local, um aviso nos lembrando de comprar mais leite e várias notas fiscais. Há um cartão-postal de Barcelona. Eu o puxo do ímã e o viro.

Estamos amando, fizemos compras e comemos coisas deliciosas. O tempo está ensolarado, mas frio, bem melhor do que aí. Você iria adorar, devia trazer Zoe um dia. Vejo você em breve. Com amor, mamãe e Roger.

Eu sorrio com essa lembrança. Susan raramente tinha um homem em sua vida, mas ela estava feliz com Roger havia algum tempo. Foi essa viagem que fez tudo chegar ao fim, quando ela percebeu que eles almejavam coisas diferentes. O maior desejo dele era dormir com outras mulheres, ao passo que o dela era que ele lhe fosse fiel. Pobre Susan, só atraía esse tipo de homem – inclusive o pai de Ed – e eu não sabia por quê. Esse pensamento me traz outra dolorosa lembrança e eu estremeço: Ed e eu quando voltamos de nossa viagem, impulsionados pela intimidade que havíamos criado, sentindo-nos seguros um com o outro. As conversas se voltaram para o casamento. Especificamente o dos pais de Ed.

“Bem, depois do desastre que foi o casamento dos meus pais, jamais pretendo repetir esse erro.”

Eu sabia que era apenas uma observação casual, mas me cortou como uma faca.

“Como assim, jamais?”

Ele balançou a cabeça.

“Qual é o sentido? Casar não manteve meus pais juntos, e claramente não significava nada para meu pai. Se as pessoas são falsas e mentirosas, uma cerimônia de casamento e um pedaço de papel não vão mudar nada.”

Sua voz era dura e decidida, e me surpreendi com a força de seus

sentimentos. Sempre soube que seus pais tiveram um casamento infeliz antes da morte do pai, mas não sabia que ele nutria um rancor assim tão forte.

Eu não sabia o que dizer. Não estava desesperada para me casar, mas sempre imaginei que um dia isso iria acontecer. Nos últimos tempos, estava pensando que Ed seria o homem que me levaria ao altar. Agora, porém, percebia que ele tinha ideias diferentes e parecia que não havia nada que eu pudesse fazer para que mudasse de opinião. Mas isso não me impediu de tentar.

Afasto o pensamento e volto minha atenção outra vez para as fotos. Tantas recordações, tantos amigos, parentes, momentos felizes. Há uma foto da minha antiga colega de trabalho e amiga Lucy e seu bebê recém-nascido, uma das primeiras entre nós a engravidar. Para a maioria de nosso grupo, isso era algo distante, inatingível. No entanto, Lucy e o namorado, Jake, haviam planejado, desejado um filho, e estavam felizes. Meu coração fica um pouco apertado quando passo o dedo com toda a delicadeza pelo lindo rostinho da menina.

– Você acordou cedo.

A voz de Jane corta meus pensamentos. Eu me viro e a vejo com os olhos avermelhados e os cabelos embaraçados, como se tivesse se metido em uma briga com um cortador de grama.

– Posso dizer o mesmo de você.

– É verdade, não dormi bem. Estou triste demais pela perda de minha melhor amiga.

Ela faz beicinho.

– Desculpe.

– Não faz mal. Está animada?

– Mal posso esperar.

Vou sair do apartamento para morar com Ed, e me lembrar disso agora traz de volta a emoção daquele dia.

Decidir morar juntos foi um grande passo e, para minha surpresa, foi Ed quem tocou no assunto.

“Eu passo tanto tempo no seu apartamento que poderíamos muito bem morar juntos”, disse ele um dia enquanto se esticava no sofá para assistir à TV.

“Hum.” Na verdade, eu não estava prestando muita atenção.

“Afim, por que não?”

Eu fiz uma careta, tentando sintonizar a conversa, ciente de que ela estava tomando um rumo diferente.

“Por que não o quê?”

Ed hesitou e eu me virei para encará-lo, esperando que ele falasse.

“A gente podia... você sabe. Arrumar algum lugar juntos.”

Ele pegou um fiapo imaginário da calça jeans, recusando-se a me olhar nos olhos. Em geral ele não era tímido e eu sabia que fazer essa sugestão exigiria um esforço enorme da parte dele. Decidi facilitar as coisas.

“Edward Williams, está me pedindo para morar com você?”

Ele deu de ombros.

“Bem, sim, eu só pensei que talvez fosse mais fácil se nós realmente, você sabe, morássemos juntos.”

Deixei as palavras se acomodarem entre nós.

“Mais fácil?”

“Pois é.” Ele deu de ombros outra vez. “A gente não ia mais precisar ficar carregando nossa tralha de uma casa para a outra. Poderíamos manter tudo em um só lugar. Bem... seria legal.”

Eu não pude me controlar. Um enorme sorriso tomou conta do meu rosto.

“Sim, seria legal. Seria mais do que legal, seria incrível. Ed, eu adoraria.”

Assim, passamos as semanas seguintes procurando um apartamento por toda a área norte de Londres – das ruas sujas de Tottenham às arborizadas de Hampstead, onde só poderíamos pagar por uma lata de sardinhas – até nos decidirmos por Crouch End, pertinho do Alexandra Palace. E então demos a notícia a Jane.

“Quer dizer que você vai me abandonar, hein?”, disse ela, fingindo estar aborrecida. Mas eu sabia que ela não estava e, no dia em que encontramos nosso novo lar, ela comprou uma garrafa de *prosecco* para comemorar.

Agora o dia chegou, e eu estou vivendo tudo mais uma vez. Eu estava tão feliz naquele dia, mas neste momento experimento uma tensão misturada à alegria.

Jane está andando pela cozinha de nosso pequeno apartamento em Tufnell Park, colocando pó de café em um filtro de papel. Eu a observo por um momento e sorrio. Sinto falta disso, da companhia de Jane, do conforto de simplesmente estarmos juntas. Ela se vira e me pega observando-a.

– Está tudo bem?

– Sim, tudo bem. Mas vou sentir sua falta. Vou sentir falta disso.

Ela suspira dramaticamente.

– Eu também. De verdade.

Ela se volta, e estou prestes a lhe pedir desculpas quando ela me interrompe:

– Quer uma torrada?

Ela balança uma fatia de pão.

– Quero, sim.

Ela a coloca na torradeira e se vira para mim.

– Aposto que Ed não cuida de você tão bem quanto eu. Tem certeza de que não quer ficar?

Ela faz um beicinho ridículo, fingindo mau humor.

– Bem, é tentador... Você está certa, vou ligar agora para o Ed e dizer que mudei de ideia.

Ela sorri.

– Ha ha, imagine se você fizer isso. Ele me mata!

A torrada fica pronta, ela passa manteiga e a entrega a mim.

– Obrigada – agradeço, dando uma enorme mordida. – Hum, a mocinha sabe fazer uma boa torrada. Um dia você vai ser uma esposa maravilhosa.

– Ora, cale a boca – responde Jane, jogando um saquinho de chá encharcado em cima de mim. Eu me desvio e ele cai no sofá. – Ei, o prejuízo fica por sua conta.

Ela ri e eu lhe mostro a língua.

– Então, a que horas o caminhão de mudança chega? – pergunta ela.

– Lá pelo meio-dia.

Eu olho em volta para ver se há alguma coisa que precise empacotar. Parece que fui muito eficiente.

Faço um esforço para me lembrar de quem se mudou para o apartamento depois que eu saí. Seria estranho se eu não dissesse nada. Lembro-me de uma garota estranha chamada Ruth, que morou lá por algumas semanas, mas foi embora logo que Jane descobriu que ela estava tirando dinheiro de sua bolsa, o que me faz sentir mais uma pontada de culpa. Mas eu a afasto.

– Quando a Ruth se muda?

– Amanhã. Espero que ela não seja uma perfeita imbecil.

Eu não digo nada e, no mesmo instante, Jane fica desconfiada.

– Por quê? Você sabe de alguma coisa sobre ela?

– Não seja ridícula, como eu poderia saber? – Minha voz não soa

muito convincente nem para meus próprios ouvidos e Jane me olha de maneira estranha. – Apenas... apenas tome cuidado. A gente nunca sabe se ela pode ser uma psicopata.

– Ah, que ótimo. Isso me ajuda muito.

– Bem – digo, mudando de assunto, enquanto enfio na boca o último pedaço de torrada –, tenho que me aprontar. Obrigada pelo café da manhã.

Eu me levanto do banco, levando comigo o chá, e sigo para o banheiro.

Mais uma vez estou olhando para meu reflexo no espelho. Meu cabelo está claro e bem curto, com uma franja. É bem diferente do que costumo usar e me faz parecer bem jovem. Eu devo ter... o quê? Vinte e seis? Pareço ter 13 anos.

Tomo banho, visto as roupas que deixei de fora das malas sobre a cadeira e começo a levar as caixas para a sala. Jane não está à vista, mas ouço, ao longe, a água do chuveiro escorrendo.

Finalmente, o meio-dia chega junto com Ed e o caminhão que contratamos. Ed sobe as escadas que levam até o apartamento, parecendo satisfeito consigo mesmo.

– O que você tem?

– Nada. – Seus olhos brilham com malícia.

– Edward, o que você andou aprontando?

O rosto dele se abre em um sorriso quando ele pega minha mão e me puxa para baixo atrás dele. Ele me leva para o caminhão e abre as portas traseiras. A carroceria não está vazia como eu esperava. Há um sofá de couro com aparência surrada.

– Encontrei em um brechó. Sei que nosso apartamento é mobiliado, mas achei que você fosse gostar.

– Ed, é maravilhoso – comento, jogando os braços em volta dele.

É igual ao modelo que eu lhe mostrei algumas semanas antes, quando saímos para comprar edredons e almofadas.

“Nós precisamos mesmo de todas essas almofadas?”, indagou ele naquele dia.

“Precisamos, sim”, respondi.

“Mas para quê?”

“Elas são bonitas”, retruquei. “E não pretendo morar em um apartamento de solteiro.”

Ed deu de ombros e não disse nada. Mas, quando saíamos da loja, ele me pegou olhando com desejo para um lindo sofá de couro

marrom. Este não é exatamente o mesmo, mas é bem parecido, e significa que ele prestou atenção, o que é muito mais importante do que a aparência do sofá.

Eu o beijo no rosto.

– Certo, agora você vai me ajudar a carregar essas caixas?

– Sim, senhora.

Ele me segue obediente pela escada e passamos a meia hora seguinte carregando caixas do apartamento para o caminhão. Parece coisa demais para um quarto tão pequeno, mas finalmente terminamos e estamos prontos para ir embora.

– Nós vamos ficar a apenas uma viagem de ônibus de distância – afirmo para Jane, abraçando-a, os olhos cheios de lágrimas.

– Não chore, sua boba. Vou aparecer todas as noites para jantar.

Ed fica em silêncio, um olhar de pavor no rosto.

– Está bem. Dia sim, dia não. – Jane sorri. – Ed, não fique tão assustado. Estou só brincando.

– Ah, desculpe – diz ele, corando. – Desculpe.

Nós nos despedimos e em seguida subimos no caminhão e partimos. Crouch End fica a pouco mais de 3 quilômetros do meu, quero dizer, do apartamento de Jane em Tufnell Park, mas não há dúvida de que é o fim de uma era e eu me sinto triste enquanto seguimos a caminho de nosso novo lar.



Há momentos em que eu só queria que o tempo parasse e que nada, nem mesmo o mais ínfimo detalhe, mudasse. E, embora possa não parecer muito para qualquer outra pessoa, este momento, as primeiras horas em nosso novíssimo apartamento, é um deles.

Meus olhos seguem uma trilha de vapor que atravessa o céu e eu me pergunto, distraída, aonde ela leva. É a única marca em um céu azul-claro, e eu a observo até ela começar a se dissipar e meus olhos começarem a marejar. Eu os fecho com força e viro a cabeça um pouco para a direita, tentando aliviar a tensão no pescoço, que ficou muito tempo na mesma posição. Sob o peso da minha cabeça, os músculos do abdômen de Ed se contraem, esperando enquanto eu me movo, para depois relaxarem quando deixo a cabeça pousar sobre ele, novamente confortável. Posso sentir o travesseiro macio de sua barriga movendo-se com suavidade para cima e para baixo ao

ritmo de sua respiração, e minha cabeça também se move lentamente, subindo e descendo, subindo e descendo.

O minúsculo quadrado de jardim foi o fator decisivo para Ed se decidir pelo apartamento. Ele sempre quis espaço ao ar livre, verde, ar puro, paz e sossego. E, embora esse pedaço de terra não fornecesse tudo isso – continuávamos em Londres e o som dos vizinhos era impossível de ignorar –, Ed parecia feliz. Assim que chegamos, ele quis vir para fora, por isso agora estamos deitados no piso irregular, olhando para o céu, e sinto o meu corpo por completo, pesando sobre o chão. Percebo que, pela primeira vez em muito tempo, estou totalmente feliz. Eu me recuso a permitir que qualquer pensamento ruim entre em minha mente. Em vez disso, concentro-me no quanto me sinto próxima de Ed neste exato momento. Parece um milagre. Minhas pernas estão esticadas, os braços cruzados sobre o peito, os cotovelos tocando o chão de cada lado para evitar que eu me vire. O corpo de Ed está em um ângulo reto com o meu e formamos um T de um lado ao outro do deque. Uma garrafa de *prosecco* pela metade descansa ao nosso lado, as bolhas subindo lenta e preguiçosamente ao sol. Ao nosso redor, árvores e plantas farfalham suavemente como um sussurro, e apenas gritos ocasionais rompem a relativa paz.

Meu rosto está cálido e sinto o calor irradiando do corpo de Ed para o meu, fazendo com que me sinta muito quente, mas não quero me mexer. Quero ficar assim para sempre, presa no tempo. Não quero que nada mude.

Então os músculos do abdômen de Ed ficam tensos de novo sob a minha cabeça, mas desta vez ele não relaxa e continua a se levantar até que eu seja forçada a levantar a cabeça, o pescoço esticando com o esforço. Eu me apoio nos cotovelos e pisco loucamente, fazendo sombra nos olhos com o antebraço para conseguir olhar para ele.

– O que você está fazendo? – murmuro enquanto ele se senta e estica o braço na minha direção.

Quando acho que ele vai me tocar, sua mão vai para a direita e volta segundos depois segurando uma garrafa de água, que ele abre e leva à boca.

– Desculpe, estou com sede.

Ele inclina a cabeça para trás, o cabelo cai e ele bebe com sofreguidão, direto da garrafa, a água borbulhando a cada gole. Um filete escapa de sua boca e corre pelo seu rosto, pingando no ombro, molhando a camiseta, criando uma mancha de um cinza escuro.

Finalmente, a garrafa meio vazia, ele endireita a cabeça e passa as costas da mão na boca. Seus lábios brilham ao sol e não posso resistir. Eu me inclino para a frente e o beijo. Um beijo profundo, e sinto sua boca úmida e quente retribuir. Então eu me afasto.

– Desculpe, não pude me controlar.

Sorrio para ele descaradamente e outro sorriso se espalha por seu rosto, fazendo surgir linhas suaves no canto dos olhos.

– Bem, quem pode culpá-la? Sou mesmo irresistível.

Ele dá de ombros e abre os braços.

– É verdade.

Eu retribuo o sorriso e ele fica sério. Sei que ele espera que eu o provoque, como costumo fazer. Mas não desta vez. Não quero que nada estrague o momento, por isso fico em silêncio. Em seguida me deito de novo, esticando os braços atrás da cabeça para formar um travesseiro improvisado, e continuo a olhar para o céu. Ed ainda está sentado e sua sombra cai sobre meu peito. Sinto que ele está me observando.

– Isto é demais, não é? – pergunta ele depois de algum tempo.

– O quê?

– Você sabe, isto aqui.

Do canto do olho, eu o vejo abrir os braços como se quisesse envolver nós dois, o pequeno quadrado de jardim, o apartamento. Ergo a cabeça e olho ao redor, piscando contra a luz. Então eu o observo: o cabelo que sempre cai sobre o olho, não importa o que ele faça, a pele levemente bronzeada por trabalhar ao ar livre o dia todo, a barba começando a brotar no queixo, e eu sei que está certo. Isto tudo está certo.

Levo a mão ao rosto dele, sentindo a aspereza da barba de dois dias. Ele coloca a mão sobre a minha e a prende ali.

– Isto é perfeito, Ed.

– É mesmo. Nunca vamos permitir que as coisas mudem.



É claro que estou consciente, mais do que qualquer um, de que nada dura para sempre. Por isso, uma hora depois, estamos de volta ao apartamento, desembalando caixas, a magia desfeita.

– Pensei que você tivesse dito que íamos fazer isso amanhã – resmunga Ed, retirando das caixas pratos enrolados em jornal. – Nossa

mãe, de quantos pratos você precisa?

– Eu gosto de comer. E você, de quantas plantas precisa?

– Três! Eu só trouxe três!

– É mesmo?

Eu levanto as sobrancelhas e olho ao redor. Conto pelo menos sete.

– Algumas são lá para fora, Madame Jardineira.

– Oh! Bem, para mim, todas parecem iguais.

Ed revira os olhos.

– Pelo amor de Deus, que absurdo. Sabe de uma coisa? Vou levar estas aqui lá para fora e deixar você desembulhar o conteúdo do nosso habitat.

Ele se vira e levanta um dos vasos grandes com um grunhido, carregando-o pela porta dos fundos. Eu o observo até que ele desaparece na luz intensa do sol. Em seguida, volto a desembalar pratos, empilhando-os ao lado das canecas. Ed fica entrando e saindo, levando as plantas para o jardim. Ele se animou muito quando encontramos um local com jardim. Para ele, era mais importante do que o próprio apartamento.

– Imagine só, podemos fugir para fora sempre que quisermos tomar um pouco de ar fresco.

– Ed, é um espaço minúsculo, com vista para quinze outros apartamentos e no meio de Crouch End. Não é como se estivéssemos no jardim botânico.

Ele deu de ombros.

– Sim, mas um dia talvez possamos ter um lugar maior, no meio do nada. Este é apenas o começo.

Eu não disse nada naquela época, mas agora não consigo tirar isso da cabeça. Ed amava o campo e, embora estivesse feliz em Londres, não via nossa situação como algo de longo prazo. O problema era que eu via. Não conseguia me imaginar morando em qualquer outro lugar, não tinha nenhum desejo de viver no campo. Mas, em vez de falar para ele o que pensava, enfiei a cabeça na areia e torci para aquilo nunca vir a ter importância.

Mas é claro que um dia teria.

E se eu tocar no assunto agora, dar a ele algum aviso de que, na verdade, não desejo a casa grande no campo, com os filhos com os quais ele tanto sonha? Será que isso evitaria as brigas que vieram mais tarde?

– Ed?

Ele para bem no meio da função de transportar uma planta para o lado de fora, respirando depressa.

– Sim?

– Eu adoro morar em Londres.

– Eu também.

– Mas você não quer morar aqui para sempre, quer?

Ele ajusta o vaso de plantas nas mãos e o coloca sobre o balcão.

– Zo, o vaso é pesado, precisamos falar sobre isso agora?

– Sim. É importante.

– Espere um segundo, então.

Ele se abaixa, pousa a planta no chão e limpa as mãos na calça.

– Pronto. Sou todo ouvidos. E aí?

– Eu só... eu tenho medo de que, um dia, isso não seja o suficiente para você.

– O quê? Eu e você, ou este apartamento?

– Nós, na cidade. Eu temo que você ache que isso é temporário, que um dia eu vou querer me mudar para uma casa enorme no meio do nada. Mas, Ed, eu acho que nunca vou querer isso.

Ed se apoia no balcão, inspira fundo e solta o ar de um só golpe. Ele olha para o nada, pensando.

– Você escolhe os momentos a dedo, não é mesmo?

Eu dou de ombros.

– Desculpe. Só senti que era importante, você sabe, mencionar isso.

– Bem, sabe de uma coisa? Vamos apenas curtir o dia de hoje, o fato de estarmos aqui, e deixar para nos preocupar com isso se um dia acontecer. Sim, seria ótimo viver em outro lugar, algum lugar com ar para respirar e espaço, mas isso não é tudo. – Seus olhos se fixam nos meus. – É você que eu quero, Zoe, e, para ser honesto, poderíamos morar em uma casa de taipa, no meio do deserto, que eu não me importaria.

Não consigo evitar. Um sorriso cruza meu rosto.

– Ed, acho que não há casas de taipa no deserto. Eu acho que é só areia.

Rápido como um relâmpago, ele pega um pedaço de jornal amassado e joga na minha cabeça.

– Você não tem graça nenhuma, Morgan.

– Tenho, Ed, eu sou hilária. Você vai perceber.

Ele para, repentinamente sério.

– Acho que nós vamos perceber um monte de coisas um sobre o

outro ao longo dos próximos anos, hein?

A voz dele é suave e lágrimas me vêm aos olhos.

Ele está certo, temos muito a aprender um sobre o outro, sobre o que o futuro vai nos trazer. Pelo menos ele tem. Eu sei mais do que deveria.

– Sim, acho que vamos.



Mais tarde, quando a escuridão já desceu sobre nós e tudo foi desempacotado, Ed e eu caímos exaustos no novo sofá de couro.

– Estou exaurido.

Eu me aninho no ombro dele e ele me abraça protetoramente.

– Eu também.

Ele pega o controle remoto e liga a TV. Ficamos sentados em silêncio, olhando para as imagens na tela. E em pouco tempo não posso mais suportar, tenho que permitir que este dia termine e ter esperanças de poder ter mais um. Minhas pálpebras ficam pesadas, minha respiração, ritmada, e aos poucos eu adormeço e deixo a escuridão me levar...

26 de janeiro de 2002

— **Z**OE, SOU EU. MAMÃE.

Esfrego os olhos, ainda atordoada. O som do telefone havia me acordado e consegui atendê-lo um segundo antes que parasse de tocar.

– Mãe. Oi.

– Você está bem? Eu acordei você?

– Sim. Mas não faz mal.

Olho para o relógio com os olhos embaçados. Sete e quinze da manhã. Por que minha mãe está me ligando a essa hora? E onde é que eu estou?

Antes que eu tenha a chance de pensar, minha mãe continua falando e eu faço um esforço para me concentrar.

– Só liguei para desejar boa sorte hoje. Eu e seu pai estaremos pensando em você o dia todo. Prometa que, assim que você sair, vai me contar como foi.

Sem saber do que ela está falando, olho ao redor, procurando pistas, agarrando-me a trechos de lembranças antes que eles voem para longe como borboletas e eu não possa mais alcançá-los.

– Zoe, você ainda está aí?

– Sim, me desculpe, ainda estou aqui.

– Você não está chorando, está? Ah, querida, por favor, não chore. Você vai ficar bem. Vai dar tudo certo.

As últimas palavras de minha mãe fazem meu coração saltar. Que diabos está acontecendo?

– Eu ligo para você, prometo.

– Ótimo, está certo então. Vá se arrumar e nos falamos mais tarde. Boa sorte. Amo você.

– Obrigada, mãe. Também amo você.

Minha mãe desliga e eu fico segurando o telefone, sem saber o que fazer. Sinto frio, descalça sobre as tábuas de madeira, e percebo que

estou tremendo. Pego o roupão, pendurado atrás da porta, e vou até a cozinha, esperando encontrar uma pista. Ed não está por perto, mas este é nosso velho apartamento, aquele para o qual nos mudamos “ontem”. Alguns pratos limpos estão no corredor, e uma cafeteira meio cheia de café esfria em cima do balcão, a caneca favorita de Ed ao lado, um anel marrom de café na parte de dentro. Não há mais nada fora do lugar, pelo menos que eu possa ver. Olho para a mesa da cozinha. Para variar, não há papéis, contas e envelopes – mas há um bilhete, e eu reconheço a letra irregular de Ed no mesmo instante. Meu coração para.

Fui trabalhar. Não queria acordar você. A gente se vê no hospital às duas.

Amo você,

Ed

Hospital.

Sinto as pernas fraquejarem e puxo uma cadeira para me sentar. Passei muitas e muitas horas e dias no hospital nos últimos anos, sendo picada, cutucada e examinada. O que será desta vez? Boas ou más notícias?

Eu sei uma maneira de descobrir.

Levanto-me e ando, as pernas tremendo, até o pequeno banheiro. Não há luz natural aqui, mas não importa. Acendo a luz, fico na frente do espelho e levanto a blusa do pijama.

E então descubro. Ali, no lado do meu seio direito, há uma pequena cicatriz. Seria quase invisível para a maioria das pessoas, mas eu a vejo. E isso, junto com a dor que sinto em meus seios agora, me diz exatamente o que o dia de hoje vai me trazer.

É janeiro de 2002. No último Natal, encontrei um nódulo no seio. Estava tomando um banho quente de banheira, o vapor subindo ao redor, enevoando o banheiro de um jeito que eu mal podia enxergar o armário na parede ou os dedos dos pés na outra ponta. Estava esfregando o corpo, aproveitando o momento, quando, de repente, parei. Esfreguei o seio direito novamente. Será que...? Estaria sentindo...? Será que havia um nódulo ali?

Levantei-me bruscamente, água e bolhas descendo pelo meu corpo, e quase pulei para fora da banheira. Peguei uma toalha, enrolei-a no corpo e fui gotejando até a sala. Ed estava deitado no sofá, exausto

depois de um longo dia de jardinagem, um olhar vazio no rosto, vendo TV, com uma taça de vinho na mão. Ele olhou para cima quando eu entrei, franzindo ligeiramente a testa ao me ver.

“Eu encontrei um nódulo”, fui logo explicando antes que ele tivesse a chance de dizer alguma coisa.

Atirei-me no sofá ao lado dele e tirei a toalha.

“Olhe só”, disse eu, apontando para o seio. “Sinta isto. Parece normal para você?”

Ed sabia que não era hora para brincadeiras e passou a mão suavemente pela curva do meu seio. Parou quando chegou à protuberância e vi que ele também a sentiu. Meu corpo enrijeceu.

“Isso não é normal, é?”, perguntei quase em um sussurro.

Ele deu de ombros.

– Zo, sinceramente, eu não tenho ideia.

Eu sabia que ele estava apenas dizendo a verdade, mas não era o que eu queria ouvir e comecei a chorar.

“Ed, estou com câncer de mama!” Minha voz vacilou, insegura.

“Zo, você não acha que está sendo um pouco dramática? Pode não ser nada. Provavelmente não é nada. Não fique nervosa antes mesmo de saber se tem motivo para isso.”

“É fácil para você dizer”, respondi.

“Como?”

Eu parei.

“O quê?”, perguntei.

“Como é que para mim é fácil dizer?”, retrucou ele, a voz endurecendo. “Ver você chorar, ficar toda nervosa, entrar em pânico, além da possibilidade de estar doente? Isso não é nada fácil. Na verdade, é muito duro. Mas simplesmente não faz sentido ficar nesse estado porque você encontrou um caroço até saber o que é.”

Olhei para ele, chocada pela emoção em sua voz.

“Você tem razão”, respondi, enxugando o rosto com a toalha que colocara em volta do corpo, que agora tremia. “Eu sinto muito. Estou apenas com medo. É só que... você sabe, a gente lê sobre essas coisas e é sempre uma má notícia e, bem, eu...”

“Você o quê?”, perguntou ele com suavidade.

“Eu não posso suportar a ideia de deixá-lo”, respondi com a voz trêmula.

Ed se inclinou e colocou o braço em meus ombros.

“Sua bobinha”, disse ele, e eu percebi um esboço de sorriso. “Você

não vai a lugar algum. Eu não vou permitir.”

Ele me beijou de leve na cabeça e, embora não tivesse ideia se suas palavras eram verdadeiras, eu me senti reconfortada. Eu me senti segura. Meu Ed não ia deixar nada ruim acontecer comigo.

Dois dias depois, seria Natal, portanto não havia nada que pudéssemos fazer. Passamos o dia de Natal com minha família, em Doncaster. Não os víamos fazia meses e eu estava ansiosa pela visita.

“Não vamos contar nada aos meus pais até sabermos um pouco mais”, pedi.

“Tem certeza?”

Ed sabia o quanto eu odiava mentir para eles.

Pensei um pouco. De que adiantaria contar a eles antes mesmo de saber se havia motivo para preocupação?

“Vamos esperar”, insisti. “Vamos ter um Natal feliz e lidar com isso quando virar o ano.”

E era o que eu pretendia fazer. Mas, quando estava lá, cercada pelas pessoas que amava, percebi que precisava de apoio. Eu precisava delas. Então contei a minha mãe enquanto preparávamos a ceia.

“Mãe, eu tenho... uma notícia.”

“Boa ou ruim?”

Fiz uma pausa.

“Hum. Não é boa.”

Eu a ouvi largar a faca que usava para cortar cenouras.

“Zoe, o que é? O que aconteceu?”

De repente, ela estava atrás de mim, com as mãos nos meus ombros, e eu me virei e olhei para ela, enterrando o rosto em seu peito. Lágrimas correram pelo meu rosto, molhando seu suéter com estampa de renas, e ela me abraçou por um momento, em silêncio.

Eu me afastei e limpei o rosto, soluçando.

“Sinto muito. É que eu ainda não conversei muito sobre isso. Ainda não. Vou fazer alguns exames. Agora, no início do ano. Encontrei um caroço no seio e preciso saber se é câncer.”

Senti o corpo de minha mãe ficar tenso, mas ela não disse nada, apenas afastou meu cabelo do rosto e beijou minha testa com carinho.

“Estou com medo, mãe.” Minha voz era quase um sussurro.

“Eu sei, querida. Eu sei. Mas vai ficar tudo bem.”

Eu não sabia se as palavras dela eram verdadeiras, mas estava grata por elas, grata por minha mãe não ter feito muitas perguntas, não ter pedido muitos detalhes.

Quis que ela contasse ao meu pai e a Becky, e, mais tarde, durante o jantar, o ambiente era silencioso.

Enquanto passávamos os legumes pela mesa, calados, eu me levantei. Todos se voltaram para mim.

“Certo, chega disso. Eu sei que mamãe contou a vocês sobre a minha... a nossa notícia.” Olhei para Ed, que deu um sorriso fraco. “Mas eu não quero estragar o dia de hoje. Não quero estragar nada. Assim, podemos apenas fingir que não está acontecendo nada e aproveitar nossa ceia de Natal? Por favor.”

Houve um momento de silêncio. Em seguida, papai tomou a iniciativa:

“Tudo bem, vamos começar.”

Ele pegou um tradicional *cracker* de Natal, um tubo embrulhado em papel brilhante, e ofereceu para alguém puxar. Sorri para ele, inclinei-me e puxei a outra ponta do embrulho, fazendo um estrondo, e sem mais nem menos a tensão havia desaparecido.

Quase não falamos mais no assunto, além de alguns votos de boa sorte quando fomos embora, e eu fiquei grata a eles por se esforçarem tanto.

Em seguida, o novo ano chegou e fui ver meu médico, que me encaminhou para alguns exames. Fiz um ultrassom e uma biópsia, que me deixou com a pequena cicatriz, e Ed ficou ao meu lado durante todo o processo, segurando a minha mão. Fiquei feliz por ele estar lá. Minha mãe também queria vir, mas eu havia insistido que não precisava.

“Eu estou bem, honestamente. Vou avisar no instante em que tiver notícias, prometo.”

E agora aqui estamos nós, apenas uma semana depois. O dia do resultado do exame.

Embora no presente, mais de dez anos depois, eu saiba quais foram os resultados, sinto um aperto no peito diante da ideia de passar por tudo novamente. E quem pode me garantir que o resultado será o mesmo na segunda vez?

Eu poderia morrer antes de Ed. Esse pensamento me atropela com a força de um trem e eu fico sentada por mais alguns minutos, apenas observando os detalhes da cozinha de nosso velho apartamento. Ainda me parece estranho como algo pode ficar tão arraigado na memória que, mesmo depois de dez ou vinte anos sem ver ou pensar naquilo, ainda é totalmente familiar.

Acima da pia há um azulejo lascado que sempre pensávamos em consertar. Um dos botões do fogão não funciona e nunca vai funcionar. Eu sei que, se abrir o armário na parede, haverá sete ou oito canecas, todas diferentes umas das outras, uma caixa de saquinhos de chá e um pote de café. Eu sei que o café bom, o que usamos na cafeteira, é guardado na geladeira. Sei que a luz da geladeira pisca e que vai acabar queimando e que há duas marcas em forma de anel na superfície da mesa de madeira, onde Jane e eu deixamos nossos copos depois de uma noite de bebedeira. Sei que há uma lacuna entre as tábuas e que, se eu colocar minha cadeira no ângulo errado, a perna fica presa ali.

Eu sei de tudo isso intimamente, apesar de não ter estado no apartamento há anos, apesar de ter me mudado faz muito tempo.

Se a mente é um lugar estranho, então a minha é ainda mais estranha.

Minha cadeira arranha o chão quando me inclino sobre o tampo da mesa e me esforço para me levantar. Em todas as outras vezes que acordei, meu corpo estava mais jovem, mais cheio de energia do que agora, aos 38 anos. Eu não havia percebido meu envelhecimento físico, e o fato de ser lembrada de como eu me sentia me fez perceber como estou mais endurecida, menos ágil.

Mas desta vez meu corpo se sente velho. Não sei se é o medo ou se é porque realmente estou doente, só sei que hoje vai ser muito mais difícil do que o último dia que passei com Ed.

O relógio na parede marca apenas nove horas. Normalmente, eu estaria no trabalho, mas tirei o dia de folga.

Está frio no apartamento e eu me visto com cuidado, colocando várias camadas de roupas: camiseta, blusa de manga comprida, suéter, calça jeans e meias grossas. Ligo o rádio enquanto preparo o café da manhã e como mecanicamente à mesa da cozinha.

Quando termino, lavo os pratos e os coloco com cuidado no escorredor. Passo um pano no balcão, embora não precise de limpeza, e lanço os olhos em volta para ver se há outra coisa que eu possa fazer para manter as mãos ocupadas. Tenho o dia de folga, mas ainda faltam quatro horas até me encontrar com Ed e não sei como preenchê-las. Mas eu sei que não posso ficar esperando sem fazer nada, apenas pensando. Está muito frio para uma caminhada, então decido ir a uma galeria de arte. Há alguma coisa calmante no ato de caminhar por galerias silenciosas. Não importa que tipo de arte esteja

nas paredes – não sei nada sobre arte mesmo –, mas é uma forma agradável de me distrair por algumas horas e de me perder na multidão de turistas.

Uma hora depois, estou no enorme e cavernoso espaço do salão principal da Tate Modern. Estive aqui muitas vezes depois deste dia e o simples tamanho da galeria sempre coloca as coisas em perspectiva para mim.

Passo a hora seguinte vagando pelas salas, admirando as pinturas e as instalações. Cores se fundem diante dos meus olhos, texturas emergem, e eu me pergunto como os artistas que passaram a vida criando essas obras se sentiriam se soubessem que estão todas formando um enorme borrão para mim, que suas formas e cores suaves ajudam a acalmar meus nervos.

Desço até o café, peço um cappuccino e uma fatia de bolo de cenoura – não há ninguém aqui para me ver pedir o café que eu, nessa época, deveria odiar – e me sento a uma mesa perto da janela, observando as nuvens cinzentas deslizarem lentamente pelo horizonte de Londres. É apenas meio-dia e meia e já está escurecendo. O céu está tão carregado que parece que vai nevar a qualquer minuto, e parte de mim espera que sim.

Passo mais um tempo sentada e depois vou caminhar do lado de fora, parando na grade da margem sul do Tâmisa. Alguns poucos barcos pontilham o poderoso rio. A água está tão escura, refletindo a cor do céu, que parece não ter fundo e, por um segundo, eu me pergunto qual seria a sensação de saltar da margem do rio na água gelada e apenas me deixar levar. Será que meu verdadeiro eu, dormindo em 2013, ficaria à deriva e jamais voltaria?

Não estou preparada para arriscar. Embora Ed tenha partido e pensar em sua ausência seja doloroso demais, tenho que levar em consideração outras pessoas que precisam de mim.

Eu verifico a hora e caminho rapidamente pela Waterloo Bridge, subo os degraus e corro pela estação de metrô de Embankment. Ouço o barulho suave do trem e, vinte minutos depois, quando piso na plataforma de Archway, sinto-me mais tranquila.

Sigo devagar pela rua que leva até o Whittington Hospital, onde saberei meu destino. Examino a entrada enquanto me aproximo, mas não vejo Ed em lugar nenhum. Está muito frio para esperar do lado de fora, então aperto mais o casaco ao redor do corpo e caminho de cabeça baixa até a porta da frente. Assim que entro, o vento para e

sou envolvida pelo ar quente. Sinto a tensão escoar do meu corpo. E então vejo Ed. Ele está de pé, perto da loja do hospital, olhando distraidamente a seção de revistas. Dou um suspiro alto, que, para minha sorte, é abafado pelo ruído ambiente. Ed parece mais velho do que da última vez que o vi, mas, ainda assim, dolorosamente jovem. Seu cabelo está mais curto, mas ainda paira sexy sobre os olhos. Ele segura um casaco e está todo de preto, como se fosse a um funeral. Eu fico admirando-o por uns dois segundos e em seguida vou até ele. Preciso de um abraço. Ele me vê antes que eu chegue e abre os braços, como se pudesse ler meus pensamentos.

– Você está bem? – indaga com suavidade, afastando-se.

Faço que sim.

– Então vamos acabar com isso.

De mãos dadas, caminhamos até o elevador e subimos em silêncio ao quinto andar. Meu corpo está tenso, o estômago mais apertado do que uma bola de lã, e agarro a mão de Ed como se nunca fosse largá-la. Ele aperta a minha com delicadeza e, quando o elevador chega ao nosso andar, nós saltamos.

Nós nos sentamos nas duras cadeiras de plástico verde.

– Você está bem? – sussurra Ed mais uma vez.

Faço que sim com vigor.

Há três outras mulheres na sala de espera. Uma delas está sozinha e traz um lenço florido enrolado com destreza na cabeça. As duas outras estão sentadas lado a lado, uma mais velha que a outra. Quase não falam, à exceção de uma palavra ou outra sussurrada tão baixo que, de onde estou sentada, não consigo distinguir. Elas seguram as mãos uma da outra com força. Provavelmente mãe e filha. Eu me pergunto qual delas está à espera de notícias. Dou um sorriso fraco para as duas, que sorriem de volta. Em seguida, desvio o olhar. O fato de saber que outras pessoas estão passando pelo mesmo problema não ajuda nem um pouco. Não me livra do absoluto pavor que estou sentindo.

Fico olhando fixamente os detalhes da sala de espera. As paredes verdes bem clarinhas, os cartazes oferecendo orientação, ajuda, conselhos. As fileiras de cadeiras verdes presas ao chão, como se alguém fosse roubar uma e levar sob o casaco. As pilhas de revistas amassadas e velhas nas mesas baixas entre as fileiras de cadeiras. Eu leio e releio uma manchete: *Abandonada por emagrecer*. Pergunto a mim mesma como essa mulher deve ter se sentido ao contar sua

história ao mundo inteiro. Alguém acreditaria na minha história se eu a revelasse?

Então meu nome é chamado. Ed me puxa delicadamente da cadeira, entramos no consultório da cirurgiã, sentamo-nos outra vez e a médica olha para mim com olhos gentis. Ed segura minha mão e meu coração martela com tanta força no peito que parece que vai saltar para fora e cair sobre a mesa do consultório. Eu respiro fundo e a respiração fica presa na garganta, parecendo um soluço. Ed aperta minha mão com mais força. Eu não me atrevo a olhar para ele.

Fico olhando, sem realmente ver, um cartaz na parede bem atrás da cabeça da médica. Tudo isso parece tão antigo, mas ao mesmo tempo tão fresco em minha mente, e agora estou aqui de novo, revivendo o terror. O silêncio na sala antes de ela falar não deve ter levado mais do que alguns segundos, mas sinto como se demorasse uma vida inteira, e fico ali sentada, contorcendo-me na cadeira, tentando não imaginar o que ela vai dizer, o silêncio preenchido por um rugido ensurdecedor na minha cabeça. Coloco as mãos nas orelhas para tentar sufocá-lo.

O silêncio é quebrado. A médica tem uma voz suave e tudo o que ela diz soa gentil, capaz de amortecer qualquer golpe que ela for obrigada a dar a seus pacientes. Penso que essa é uma boa qualidade. Durante todo esse processo, ela me deu várias notícias que eu não queria ouvir: *Zoe, você precisa fazer uma biópsia; Zoe, precisamos nos apressar; Zoe, temos os resultados*. Nunca foram boas notícias. Por isso, agora que ouço seu tom de voz familiar, aguardo o mesmo, tanto que quase não a escuto. Então, quando ela para de falar e eu percebo que está olhando para mim com expectativa, esperando que eu diga alguma coisa, não sei o que dizer, pois não me lembro de ter escutado nada. E, apesar de saber o que aconteceu na última vez, não posso ter certeza de que desta vez será igual.

Nervosa, eu olho para Ed. Seus olhos buscam os meus, uma pequena ruga entre as sobrancelhas, esperando minha reação.

– Eu... Sinto muito, o que você disse? – pergunto, gaguejando.

O rosto da médica se abre em um sorriso afetuoso.

– Você está bem. Não tem câncer.

– Oh!

A exclamação vem estrangulada, como um soluço, a tensão e o alívio saindo de dentro de mim com essa única sílaba, e sinto como se fosse cair da cadeira. Viro-me para Ed, que me envolve em seus braços

enquanto choro compulsivamente. As lágrimas não param, mas desta vez é mais do que apenas o alívio por não ter câncer, um resultado que eu mais ou menos esperava. Desta vez, eu me permito soluçar por tudo o que perdi, tudo aquilo pelo qual não me permiti chorar até agora.

Finalmente, três, quatro, cinco minutos depois, eu me recomponho e ouço o que a médica tem a dizer. Ela explica que a biópsia mostrou que o nódulo era apenas um cisto benigno, com o qual não devo me preocupar. Eu não preciso ser operada. Ele deve desaparecer sozinho. São as mesmas palavras que ouvi antes, mas o alívio ainda é imenso. Eu não tenho câncer. Eu vou ficar bem.

Nada mudou. Não vou morrer antes de Ed. Não tenho certeza se isso realmente me alegra.

Eu me levanto, as pernas ainda bambas, mas me sentindo forte.

– Obrigada.

Estendo a mão e aperto com firmeza a da médica.

– De nada.

Nós nos despedimos e saímos do consultório. Atravessamos a sala de espera, tentando não chamar a atenção de ninguém, pois, afinal, podem não receber a mesma notícia que eu. Descemos de elevador e saímos do hospital para um dia nublado e cinzento.

O vento, que antes parecia tão gelado, agora refresca meu rosto, e as nuvens escuras parecem reconfortantes em vez de ameaçadoras.

Eu olho para Ed. Lágrimas brilham no canto de seus olhos.

Ele as seca com a manga da camisa.

– Bem, isso foi uma surpresa – diz ele.

– Foi mesmo.

Ele não diz mais nada por um segundo, sua respiração quente subindo no ar cortante. Eu tremo.

– Vamos sair daqui, estou congelando.

Ele pega minha mão e vamos para o local mais próximo que encontramos longe do frio, um café na esquina. O aquecimento me atinge assim que entro e eu desabotoo o casaco e me sento a uma mesa. Ed pede bebidas, e aqui, no calor abafado do café, com o zunido da máquina de cappuccino ao fundo, eu ligo para minha mãe pelo celular.

Ela atende antes até que eu ouça chamar.

– Zoe?

– Mãe. Tudo bem. Não tenho câncer.

Ela respira aliviada.

– Ah, graças a Deus, Zoe! Graças a Deus. Eu estava tão preocupada! Espere. – A ligação fica entrecortada e a escuto, ao fundo, falando com papai: – John, ela está bem. Ela vai ficar bem.

Eu não ouço a resposta do meu pai, mas depois minha mãe volta para o telefone.

– Não conte para ninguém, mas seu pai está chorando.

– Não estou, não – responde meu pai de maneira brusca, mas eu rio. É gostoso ouvir meus pais brigando como se não houvesse nada fora do comum.

– Diga a ele que meus lábios estão selados.

Há um momento de silêncio. Ed coloca os copos de papel na mesa e sorri quando se senta à minha frente. Eu sorrio de volta, agradecida. Depois escuto um soluço na linha.

– Mãe, você não está chorando também, está?

– Não, meu amor, não estou chorando. Estou apenas tão... Ah, Zoe, estou tão aliviada! Eu amo tanto você!

– Eu também, mãe.

Neste momento, tomo uma decisão precipitada, algo que eu não fiz o suficiente antes.

– Por que vocês não vêm para cá e ficam um pouco? Seria bom ver vocês. Não temos nos encontrado com muita frequência.

– Eu adoraria, querida. Seria bom mesmo passar algum tempo aí. Deixe-me falar com seu pai e nós vamos dar um jeito, tudo bem?

– Certo. E... mãe?

– Sim, querida.

– Você pode contar a Becky por mim? Acho que não consigo ter essa mesma conversa tantas vezes.

Eu bebo um gole de minha bebida e estremeço quando o líquido quente queima meu lábio pela abertura da tampa de plástico.

– É claro.

– Bem, eu ligo para você mais tarde para saber o que ficou resolvido, certo?

– Certo, querida. Papai manda beijos.

– Dê a ele um beijo grudento.

Minha mãe ri.

– Ele vai adorar. Tchau.

Nós desligamos. Ed me observa do outro lado da mesa, bebendo café em silêncio. As vozes e os ruídos em volta são suaves e sinto a

tensão nos ombros desaparecer enquanto fico ali, segurando o chocolate quente. Uma sensação de contentamento toma conta de mim e percebo quanto estava nervosa. Imagino que Ed se sinta da mesma maneira.

– Que tal sair para comemorar?

Dou mais um gole na minha bebida e lembro como foi da última vez. Saímos e nos embebedamos de champanhe e gastamos com comida mais do que nosso orçamento permitia. Foi muito legal, mas, tendo Ed aqui e agora, meu único desejo é passar algum tempo sozinha com ele. Quem sabe se terei outra chance?

– Para ser sincera, eu apenas gostaria de ir para casa e relaxar, talvez comprar alguma coisa para comer. Você acha que seria chato?

– Sim, terrível. – Ed sorri. – Parece perfeito, Zo.

– Que bom.

Terminamos nossas bebidas, nos levantamos e vamos embora. O frio é cortante e uma rajada de vento quase me deixa sem ar. Caminhamos depressa para o ponto de ônibus, de mãos dadas, e nos escondemos, não com muito sucesso, atrás do abrigo de plástico que o vento parece atravessar. Ed me abraça com força e eu enterro o rosto em seu peito, escorregando as mãos ao redor de sua cintura sob o casaco. Ele descansa o queixo levemente em minha cabeça e, apesar do frio, eu me sinto aquecida, amada. Quero ficar assim para sempre.



Embalagens de comida cobrem o tapete e a luz da TV ilumina o rosto de Ed, dando-lhe um brilho macabro. Um tremor percorre meu corpo.

– Vamos para a cama?

Ed olha para mim, sonolento.

– Vamos. Só vou limpar essa bagunça.

– Deixe como está. Podemos limpar amanhã de manhã.

Ele não precisa que eu diga isso duas vezes. Eu me levanto e estendo a mão para ajudá-lo a se levantar também. No quarto, tiramos nossas roupas e as deixamos caídas no chão, em seguida nos enfiamos debaixo do edredom. Ed mantém o braço levantado para eu me aconchegar e ficamos deitados, pensativos. O corpo dele está quente, a pele levemente úmida, apesar do ar frio. Eu inspiro seu perfume, tentando gravá-lo na memória, só para garantir. Ouço seu coração,

tum tum tum, em meu ouvido direito, e ele parece tão forte, tão vivo, que mal posso acreditar que agora se foi. Como pode ser verdade, quando ele está aqui, bem ao meu lado?

– Ed?

– Hum? – Sua voz vibra de seu peito para o meu.

– Sabe que eu vou amar você para sempre, não sabe?

– Aham. Eu também.

Sua voz está cheia de sono, mas ainda não estou pronta para deixá-lo. Há algo que preciso dizer primeiro para tentar fazê-lo entender.

– O que... – Faço uma pausa, sentindo-me insegura. – O que você realmente quis dizer quando falou que não queria se casar nunca?

O corpo dele fica tenso e ele se afasta um pouco, olhando para mim.

– O quê?

– Você disse que achava que casamento era perda de tempo e que não era para você. Eu só queria saber se, talvez, você acha que pode mudar de ideia um dia.

Tenho consciência de que isso saiu do nada, mas é importante. Ele está me observando e eu não quero olhá-lo nos olhos, com medo do que posso descobrir ali, por isso mantenho a cabeça abaixada, os olhos fixos em seu peito, estudando os minúsculos pelos e a pele lisa e macia.

– Eu quis dizer isso mesmo, Zo. Não vejo nenhum sentido.

Meu coração se contrai, aperta meu peito com força.

– Mas...

Eu me calo e me sento para poder olhar para ele da maneira adequada. Isso é algo que precisa ser dito e ele precisa ouvir, fazendo ou não diferença. Eu cruzo as pernas e apoio os cotovelos nos joelhos.

– Preste atenção, Ed. Eu sei que você acha que não faz sentido porque não significava nada para o seu pai. Mas você não é seu pai e eu não sou sua mãe. Não estou dizendo que quero me casar agora e, sem sombra de dúvida, não quero que você se assuste e saia correndo. Mas, para ser honesta, eu acho muito doloroso que você seja tão inflexível, tão avesso à ideia, que se recuse a falar comigo sobre isso e a pelo menos considerar a possibilidade.

Ele abre a boca para falar, mas eu o interrompo:

– Eu sei que é apenas um pedaço de papel e que não deveria fazer nenhuma diferença, e não sei explicar por quê, mas faz diferença, sim, Ed. E é isso. Um dia, eu vou querer me casar e quero que você esteja

preparado para isso. Não quero que isso nos separe, mas você precisa saber. – Eu paro e dou de ombros. – É isso.

Ed me encara enquanto minhas palavras pesam sobre nós e dou um tempo para ele processá-las. O ar fica carregado e eu coço a cabeça, sentindo o efeito do vinho.

– Eu não sei o que dizer, Zo. Acho que eu realmente nunca pensei que isso fosse tão importante para você.

– Bem, é importante, sim.

Meu tom é petulante, mas eu não ligo.

– Estou vendo.

Ele se senta, coloca o edredom sobre os ombros e me olha bem nos olhos.

– Tudo bem. Ouça, prometo que vou refletir sobre isso e que não vou simplesmente descartar a ideia. Mas você tem que me dar algum tempo, Zoe, combinado?

Eu concordo. Pelo menos é um progresso. Ele estende a mão e pega a minha.

– Mas, se eu decidir que não é para mim, para nós, isso significa que você vai me deixar? Porque eu não suportaria isso.

A verdade é que eu não tenho a menor ideia. Não consigo imaginar não estar ao lado de Ed para sempre e, se isso significa não conseguir aquele pedaço de papel, realmente importaria tanto assim? Eu não tenho certeza.

– Não, eu acho que não.

É o melhor que posso dizer por enquanto. Não posso explicar por que parece ter tanta importância, mas o fato de ele nem considerar a possibilidade de se casar comigo era como se ele rejeitasse a mim, a nós. Talvez o problema fossem minhas inseguranças e não as dele.

– Não, provavelmente não – acrescento.

– Tudo bem.

Alguns segundos se passam. Ed retira a mão e quebra o silêncio:

– Certo, vamos dormir um pouco.

Ele solta o edredom e eu me enfileiro feliz debaixo dele outra vez porque já estava sentindo frio. Ed apaga a luz e eu fico deitada, olhando para o teto cinza. Ao meu lado, ouço a respiração dele, primeiro irregular, até se aprofundar, se tornar ritmada e ele claramente adormecer.

Viro-me de frente para ele e permaneço assim por algum tempo, observando-o. Um braço está esticado para cima, a cabeça voltada

ligeiramente para o lado, e ele parece em plena paz. Gostaria de poder parar este momento para sempre e nunca ter que deixá-lo.

Finalmente, porém, a exaustão toma conta de mim e não posso mais controlá-la. Assim, apesar de tudo que este dia nos trouxe, eu cedo ao sono e adormeço...

5 de outubro de 2002

MEUZ OLHOS SE ABREM e vejo o rosto de Ed pairando centímetros acima do meu, sorrindo, e meu coração salta de felicidade. Mais um dia com ele. Mal posso acreditar. Pouco importa onde ou quando seja.

– *Bonjour, ma chérie, tu as bien dormi?*

– O qu... quê?

Eu me esforço para sustentar o corpo sobre os cotovelos. Esfrego os olhos para limpar a vista ainda um pouco embaçada.

– *Bonjour, c'est le matin, il faut...* Ahn, vamos levantar...

O francês de Ed o abandona e não posso deixar de sorrir. Ele nunca foi muito apto com línguas.

– *Bonjour, chéri, ça va? Pourquoi tu me parles en français?*

– O quê?

Ele coça a cabeça.

– Por que você está falando comigo em francês?

– Ora, bem, eu pensei que poderíamos tentar, uma vez que estamos em Paris. Desculpe por assassinar a bela língua.

Ele dá de ombros, indiferente, mas já não estou ouvindo. Estamos em Paris! Olho em volta, observando os detalhes do quarto. As cortinas estão fechadas, por isso eu saio da cama e vou até a janela para enfiar a cabeça para fora. E levo um susto.

– Paris! Estamos mesmo aqui!

– Bem, sim, pelo menos estávamos na última vez que olhei.

Ed puxa a cortina da minha mão e espreita também. A vista não tem nada de especial, apenas mais hotéis e prédios do outro lado da rua, mas eu sei onde estamos e meu coração bate forte. Paris, a cidade do amor e do romance. Isso poderia ser fabuloso.

Só que na última vez não foi. Nem um pouco. Na última vez, passei a viagem inteira esperando Ed me pedir em casamento. Toda vez que

íamos jantar, quando visitamos a Torre Eiffel, caminhamos na Champs-Élysées, às margens do Sena, eu via ali uma ocasião cheia de significado, um momento para recordar. Isso me deixou maluca e, no fim das contas, deixou Ed louco também.

“Que diabos está acontecendo com você?”, perguntou ele, afinal, no nosso último dia em Paris, enquanto comíamos crepes de uma van na calçada. “Você passou o dia inteiro mal-humorada. Na realidade, não só hoje, mas os últimos três dias.”

“Não é verdade.” Um pedaço de crepe caiu da minha boca no meu pé. “Que saco!” Chutei-o para longe, com raiva.

“Está vendo? Você está com raiva até de um pedaço de comida.”

Um trovão rugiu em meus ouvidos.

“Eu não estou zangada com a merda da comida, estou zangada com você!”

Bati o pé no chão como uma criança petulante.

“Comigo? Que diabos eu fiz, além de marcar férias incríveis em Paris para animar você depois do susto com a história do câncer? Meu Deus, que droga de namorado terrível e egoísta eu sou.”

Eu não respondi. Sabia que estava agindo como uma babaca insuportável, mas isso não significava que conseguia parar. Senti vontade de socar alguma coisa, bater em alguém, diante da injustiça de tudo aquilo. A raiva tinha que sair por algum lugar e parecia que ali, uma inofensiva rua no meio de Paris, era o lugar onde ela explodiria, amarga como bile.

“Você é egoísta. O tempo todo que estivemos aqui, eu achei que você fosse me pedir em casamento, perguntar se eu queria passar o resto da vida ao seu lado, mas, oh, não. Edward Williams nem imaginou que levar sua namorada a Paris a faria pensar que ele queria se casar com ela, imaginou? Você sabe quanto eu quero me casar, você sabe quanto isso significa para mim, mas *ainda* se recusa a ao menos pensar nisso. Você é um maldito imbecil, Ed, e eu estou furiosa.”

As lágrimas corriam grossas e rápidas agora, mas Ed apenas ficou parado, com o crepe na mão, olhando para mim. Eu precisava de um abraço, precisava que ele me dissesse que ia ficar tudo bem, mas ele não se mexia. Ficou lá, completamente imóvel, no ar frio de outono, depois se virou, jogou o resto do crepe em uma lata de lixo ali perto e foi embora. Horrorizada e furiosa, observei-o se afastar de mim, querendo que ele voltasse, me abraçasse e me dissesse que tudo ia

ficar bem. Mas ele não fez isso. Foi embora, me deixando ali sozinha.

Agora, é claro, eu entendo sua dor, sua confusão e sua raiva. Mas, naquela época, bem, eu me senti um lixo. Fiquei andando sem rumo por horas, até que o sol se pôs e o ar foi ficando cada vez mais frio. Não tinha coragem de voltar para o hotel e ver o desgosto estampado no rosto dele. Pensei que havia estragado tudo.

E estraguei, por um tempo. Nós quase não nos falamos pelo resto do dia e, quando voltamos para casa, concordamos, depois de uma conversa tensa, que talvez fosse necessário passarmos algum tempo afastados. Meu coração se partiu. Ele foi para a casa da mãe, onde passou algumas semanas, enquanto eu cambaleava sozinha pelo apartamento, sentindo-me vazia e desolada.

Com o passar do tempo, é claro, Ed e eu resolvemos o problema. Mas eu não posso enfrentar essa situação novamente. Não vou estragar a viagem desta vez. É minha chance de reparar o erro.

Eu me viro e o abraço pela cintura. Ele enterra o rosto em meus cabelos.

– Você está mais bem-humorada hoje.

Eu recuo, lembrando-me da última vez.

– Pois é. Sinto muito. É incrível o que uma boa noite de sono pode fazer.

Sorriso para ele, me desculpando.

– Então, aonde gostaria de ir hoje?

Olho pela janela para o céu cinzento, as nuvens deslizando sobre os telhados. Estamos na cidade mais romântica no mundo e não importa aonde vamos. Eu me sentiria feliz só de ficar no hotel, nós dois juntos. Dou de ombros.

– Não sei. Ao Louvre?

Ed faz uma careta, com uma expressão ilegível.

– Mas fomos lá ontem.

– Ah! Ah, sim, claro. – Opa. Espero que ele tenha colocado na conta do cansaço. – Eu realmente não me importo.

– Bem, e que tal a Sacré-Coeur? Você disse que queria ir lá. – Ele olha pela janela e franze o nariz. – Embora pareça que vai chover.

– Podemos também ficar aqui, pedir um café da manhã na cama...

– Ah, agora, sim, você teve uma boa ideia.

Ed pega o cardápio do serviço de quarto e pedimos um desjejum leve à francesa.

Meia hora depois, o café da manhã chega e espalhamos tudo sobre

o tapete, como se fosse um piquenique, sentados de pernas cruzadas. Eu passo um pouco de geleia em um croissant e vejo Ed fazer o mesmo.

– Obrigada por isto, Ed.

– Pelo quê? Pelo café da manhã?

– Não, por isto. Paris.

Ele dá de ombros.

– Eu só queria animar você depois de todo aquele susto com o câncer. Queria que você soubesse quanto significa para mim. Quanto eu amo você.

Eu sorrio, feliz.

– Eu também amo você.

Dou uma mordida meio desajeitada no croissant e acabo com uma enorme porção de geleia no queixo. Eu me inclino para dar um beijo em Ed.

– Fique longe de mim! – grita ele, rindo e me afastando. – Você está coberta de geleia!

– Eu sei.

Continuo indo em direção a ele.

Ed se levanta de um pulo e corre pelo quarto. Pega uma escova de cabelo e a levanta no ar.

– Eu tenho uma arma e não tenho medo de usá-la – ameaça, apoiando-se na cadeira.

– Ha ha, você acha que pode me derrotar, não é? – falo, imitando um gato e espalhando a geleia por toda a minha boca e pelo queixo.

Aproximo-me dele bem devagar, lambendo os lábios.

– Fique longe de mim, Mulher-Geleia – grita ele. – Você será derrotada!

Ele brande a escova em círculos como uma espada. Eu continuo me esquivando, fazendo-o se afastar de mim e entrar no banheiro, então agarro sua nuca e lhe dou um beijo forte na boca, cobrindo seu rosto de geleia vermelha e melada.

– Ah, que nojeira! – grita ele, me enlaçando com os braços.

Acho que ele está me abraçando e afundo nele, morrendo de rir. Então, de repente, sinto água escorrendo pelo meu rosto e percebo que ele ainda não terminou. Ed está segurando uma toalha de rosto encharcada acima da minha cabeça, a coisa mais próxima que consegui encontrar, e deixa que a água fique pingando em mim.

– Seu malvado! – grito, afastando-me. – Está bem, agora é guerra!

Pego sabonete líquido e jogo no braço de Ed e na frente de sua camiseta. Ele agarra o xampu e esguicha o conteúdo em mim. Uma enorme porção pousa no topo da minha cabeça e escorre por cima do meu olho e pelo meu rosto. Não me deixo intimidar. Recolho um pouco do xampu que está em cima de mim e passo nas sobrancelhas e no nariz dele.

Volto para o quarto para procurar outra coisa que possa jogar, mas, quando desvio o olhar por um segundo, ele me segue, apanha um punhado de manteiga e joga em mim. A textura suave desliza pelo meu peito, caindo no tapete. Eu suspiro, em seguida pego a taça de morangos com iogurte e despejo tudo na cabeça dele. Ed parece chocado e, durante alguns segundos, nós ficamos em silêncio, observando os morangos que não foram esmagados em sua cabeça rolaem pelo chão.

Isso parece quebrar a magia e ficamos ali, pegajosos, molhados e cobertos de comida, rindo histericamente. Rimos tanto que mal consigo respirar, até que finalmente nos sentamos no chão, tentando recuperar o fôlego, cobertos do nosso café da manhã.

– Sua palhaça – diz ele, rindo.

Ele está coberto de iogurte, geleia e morangos. Começo a rir outra vez.

– Você está ridículo.

– Já olhou para si mesma?

Olho para baixo. Minha camiseta, antes tão limpa, está coberta de manchas de iogurte, completamente molhada. A calça do pijama também está em péssima situação e nem quero pensar em como está meu cabelo. Sinto-o grudado na cabeça.

Eu olho em volta.

– Acho melhor a gente limpar isso.

Atravesso toda essa bagunça até o banheiro, onde tiro a roupa e entro no chuveiro. A água morna bate em minha cabeça e eu fecho os olhos. Então ouço a porta do banheiro se abrir e Ed se junta a mim no pequeno espaço sob a ducha, me abraçando por trás. Sinto seu corpo firme contra o meu e coloco as mãos em seu rosto. Ele beija meu pescoço e eu me viro, nossos corpos esmagados um contra o outro. Meu coração bate forte. Eu sentia tanta falta dele, ansiava por seu toque, tinha saudade da sensação de seu corpo forte contra o meu. Agora ele está aqui, e saber que preciso dele dói, preciso senti-lo dentro de mim, me entregar e realmente sentir essa entrega. Assim, no

espaço confinado e embaçado do chuveiro, Ed e eu fazemos amor. Não é como nos filmes: o cubículo é pequeno demais e nós dois batemos os cotovelos no vidro a todo instante, depois a água esfria e temos que desligá-la, e Ed tem que mudar de posição várias vezes porque suas pernas ficam doloridas. Mas isso não importa, porque a experiência continua incrível.

Depois, enquanto nos secamos, eu me sinto envergonhada. Embora não tenha sido a primeira vez que tivemos algo tão íntimo nos últimos dias que estou revivendo, a verdade é que eu pensava que havia perdido para sempre a chance de estar com Ed novamente, de senti-lo em mim, dentro de mim, e agora não sei como me comportar. Eu me visto rapidamente e, quando ele me abraça, sorrio de felicidade.

– Bem, isso foi divertido.

Ed sorri com malícia.

– Foi.

– Acho que eu gosto mais da sua versão bem-humorada.

– Como?

– Você sabe o que eu quero dizer. – Ele olha pela janela molhada de chuva. – O tempo não está com cara de que vai melhorar. Você quer sair?

Enfio na boca uma parte do croissant que foi salva e faço que sim.

– Acho que devíamos sair.

Passamos o resto do dia em Paris do jeito que deve ser: passeamos de mãos dadas pelas Champs-Élysées, fazemos algumas compras e caminhamos até a colina da Sacré-Coeur. Ficamos parados no alto dos degraus. Já não chove mais e as nuvens se movem depressa pelo céu, enquanto Paris e todas as suas infinitas possibilidades se estendem diante de nós. Eu aperto a mão de Ed, ele aperta a minha e sorri.

Desta vez, eu me recuso a pensar em casamento. Desta vez, eu quero ser feliz.

Nós vagamos de volta para o hotel, parando para tomar um café e comer bolo no belíssimo Café de la Paix. É um verdadeiro presente. Passeamos às margens do Sena, atravessamos lindas passagens e belos jardins. Na Pont Neuf, fazemos um passeio de barco, Notre-Dame elevando-se diante de nós, a Torre Eiffel sempre ao fundo, lembrando-nos de onde estamos, em uma das cidades mais românticas do mundo. Eu me sinto a mulher mais sortuda do planeta por estar aqui, ao lado do meu Ed.

À noite, desfrutamos de um jantar romântico à luz de velas com

vista para o rio e, desta vez, eu não fico uma pilha de nervos, esperando encontrar uma aliança dentro de minha taça e Ed se ajoelhar diante de mim. Tudo o que eu quero é me divertir.

Mais tarde, enquanto nos aconchegamos na cama para dormir, penso em tudo o que aconteceu hoje e me sinto feliz. É tão diferente da última vez. Só espero que seja o suficiente para mudar alguma coisa. Só posso esperar ter feito o suficiente.

19 de outubro de 2002

AACORDO EM UM QUARTO TOTALMENTE desconhecido e me sinto sem fôlego, em pânico, enquanto olho ao redor, em ansiedade extrema. As cortinas estão bem fechadas e é difícil ver os detalhes com clareza, mas, mesmo na semiescuridão, consigo distinguir as paredes cobertas de pinturas genéricas de paisagens, moinhos, um lago. Há móveis de madeira escura, cortinas grossas e floridas, um abajur comum no canto. Não tenho ideia de onde estou.

O que significa o fato de eu não reconhecer este quarto? Será que algo mudou no passado, ou será que estou de volta ao presente, em um dia inteiramente novo? E, se estiver, o que isso quer dizer? Que eu mudei alguma coisa? Que Ed pode não estar morto? Essa ideia me deixa tonta.

Meus pensamentos se recusam a sossegar, debatendo-se como uma pipa ao vento, e luto para colocar as ideias em ordem.

Fico deitada por mais alguns momentos, tentando estabilizar meu coração, inspirando profundamente. Isso é loucura. Onde e em que dia estou?

Rolo na cama, me levanto, vou até a janela e abro as cortinas. O céu escuro e ameaçador parece feito de ferro, pesado, sufocante. As nuvens baixas e imóveis quase tocam o mar. Apenas uma linha manchada e suja separa céu e mar, como se não pudesse decidir onde um termina e o outro começa. Meus olhos são atraídos para a água, a espuma branca da ressaca aparecendo na rebentação, a água sem fundo estendendo-se para o infinito. Olho para a esquerda e para a direita. Na frente da casa há uma estrada, escorregadia por causa da chuva, e a luz do poste, ainda acesa, é refletida no asfalto preto. Um carro passa lentamente, espirrando água com os pneus, formando ondas que perduram por muito tempo. Há uma pequena cerca com um

portão, um caminho cruza um jardim que no verão deve ficar cheio de luz e cor, mas que hoje parece cinza e sem vida. Inclinando-me para a frente, olho para a esquerda e vejo um cais, sem luzes piscando e onde não se vê ninguém. À direita, a estrada se eleva de maneira acentuada, estendendo-se entre o mar e a fileira de casas. De onde estou, não vejo a praia, mas sei que está lá, vazia, exceto por um sujeito ou outro que passeia com o cachorro, agasalhado contra o frio.

Viro-me e encontro um suéter pendurado no encosto de uma cadeira. Eu me agasalho nele e abro a porta com cuidado, olhando para fora. Prestando atenção a qualquer sinal de movimento, apuro os ouvidos, mas não escuto nada. Tudo está totalmente silencioso.

Passo por duas outras portas – a do banheiro e a de outro quarto, vazio – e desço a escada para a cozinha, onde procuro xícaras e chá antes de ferver a água. Em seguida, pego a minha xícara e me sento à mesa com vista para o mar, o mesmo que acabei de ver pela janela do quarto. Parece que é de manhãzinha, ainda bem cedo, como se o resto do mundo ainda estivesse dormindo e eu estivesse acordada, vendo o vapor subir da minha xícara e se dissipar no ar frio.

Há uma bolsa sobre a outra cadeira, contendo meu laptop e algumas anotações do trabalho. Estou claramente planejando passar algum tempo aqui, já que trouxe trabalho. Minha bolsa está pendurada no encosto da cadeira; eu me inclino para pegá-la e procurar meu celular. Quando localizo o velho Nokia – sem dúvida é meu antigo telefone –, olho para a tela. São 7h14. Cedo ainda. Não há chamadas não atendidas nem mensagens de texto. A data diz 19 de outubro de 2002.

Estou no passado, um dia antes do 28º aniversário de Ed. Mas não é um passado em que já estive.

Quando percebo isso, o ambiente parece girar e eu me seguro na mesa para me apoiar. Que diabos está acontecendo? E como é que eu vou descobrir?

Sento-me por mais alguns minutos, tentando me acalmar e trazer alguma ordem para os pensamentos que correm pelo meu cérebro. Faz duas semanas que estivemos em Paris e vivemos momentos de felicidade. Na última vez foi tão ruim que, quando voltamos para casa, achamos melhor nos separarmos por um tempo. Eu fiquei no apartamento, enquanto Ed foi passar uns dias com a mãe e depois com Rob.

Quando chegamos em casa, Ed quase não tinha falado comigo

desde nossa briga no dia anterior, nas ruas de Paris. A viagem para casa havia sido tensa. Nós nos tratamos com educação, mas com frieza. Odiei cada minuto e esperava que tudo se ajeitasse quando chegássemos em casa. Mas Ed tinha outras ideias.

“Eu acho que não consigo fazer isso.”

Estávamos na cozinha. Eu estava enfiando roupas na máquina de lavar enquanto Ed cortava cogumelos. Ele se virou, a faca ainda na mão, e me encarou, o rosto sério. Eu nunca o vira com uma aparência tão infeliz e senti o estômago revirar.

“Fazer o quê?”

Odiei o tom alto de minha voz, mas ela simplesmente saiu assim. Meu coração batia contra o peito e eu rezei para ele não dizer as palavras que eu sabia que ia dizer.

“Isto. Eu e você. Acho que...” Ele fez uma pausa, umedeceu os lábios, olhou para o teto, a janela, a porta, qualquer lugar menos para mim. “Acho que precisamos de um tempo separados para decidir se é mesmo isso que a gente quer.”

Suas palavras me atingiram como balas e eu perdi o ar. Fiquei agachada ao lado da máquina de lavar sem saber o fazer, o que dizer.

“Eu... Eu não quero passar nenhum tempo separada de você. Sem dúvida... sem a menor sombra de dúvida, podemos conversar sobre isso, resolver isso.”

Ed assentiu brevemente.

“Talvez. Mas acho que precisamos ficar longe por algum tempo, organizar os pensamentos. Você deixou claro, quando estávamos em Paris, que só vai ser feliz se nos casarmos, e eu... eu ainda não sei se estou pronto. Preciso de algum tempo para pensar.”

Ele parecia tão frio, tão distante... Senti meu mundo sair dos eixos, como se tudo o que eu imaginava ser real e sólido estivesse prestes a desaparecer e ficar fora do meu alcance. Eu não podia deixar isso acontecer.

“Mas... eu posso viver sem isso, Ed. Eu posso. Só quero estar com você. Por favor. Por favor, não faça isso.”

Levantei-me e passei por cima da pilha de roupas para me aproximar dele. Quando cheguei perto, ele ficou tenso e eu hesitei.

“Sinto muito, Zo. Eu amo você, mas tenho que colocar minha cabeça em ordem. Bem, vou passar um tempo com Rob, talvez ficar um pouco com minha mãe.”

Olhei para ele, sentindo que meu coração ia se partir em dois

pedaços. Não havia nada que eu pudesse dizer. Ele estava decidido.

E foi assim que eu o deixei ir. Aquelas semanas sem ele foram terríveis, como se houvesse um buraco na minha vida que não podia ser preenchido. A ideia de não ter Ed ao meu lado me enchia de pavor. Seria como viver uma vida pela metade. Depois de algum tempo, quando ele voltou, foi um alívio tão grande que fizemos um acordo tácito de não falar sobre o assunto e seguir em frente.

Mas agora, lembrando-me daquela época, percebo que senti esse mesmo pavor desde o dia em que ele morreu – mas não havia nenhum caminho de volta. A vida havia se estendido diante de mim como um deserto sem cor, mas então recebi essa “segunda chance” de passar alguns dias ao lado de Ed para, quem sabe, mudar alguma coisa, e foi como ver um oásis e perceber que era real.

Minha mente volta para o agora. Nada do que aconteceu até o momento explica por que estou nesta casa. Talvez o que eu fiz em Paris tenha realmente mudado as coisas. Se mudou, o que foi? Franço a testa. Estou aqui e é óbvio que estou sozinha. Não há nenhum sinal de que haja alguém comigo. O que será que isso quer dizer?

Pego minha xícara, me levanto e subo de volta a escada. Ligo o chuveiro e deixo a água correr até ficar escaldante e me coloco debaixo dela, tentando dissipar o frio que desceu sobre mim, penetrando meus ossos. O banheiro se enche de vapor e, depois de algum tempo, eu me vejo de pé, toda molhada, na frente do espelho, esperando que o vapor se desfaça. Impaciente, esfrego um círculo pouco nítido, me aproximo e olho para mim mesma. Pareço exausta. Tenho olheiras profundas, a pele retesada no rosto. Franço a testa e a pequena ruga que aparece é mais profunda do que nas últimas vezes.

Eu me visto, seco o cabelo, coloco um pouco de maquiagem. Parece inútil eu me arrumar quando não tenho nenhuma ideia do que o dia vai trazer. Mas sinto a necessidade de estar preparada.

Chegando ao primeiro andar, calço as botas, visto o casaco e vou para a rua. Preciso fazer alguma coisa, sair de casa, descobrir onde estou. Caminho à beira-mar em direção ao cais, as mãos nos bolsos. Está começando a chover: uma garoa fina que molha meu rosto, me dando a sensação de que estou respirando debaixo d'água. Chego ao cais deserto e me dirijo até a beira, inclinando-me para observar o redemoinho de água alguns metros abaixo de mim. Ando até chegar a uma loja. Uma placa do lado de fora revela onde estou: Lowestoft. Eu franço a testa. Nunca estive aqui antes, por que estaria aqui agora?

Entro, compro um jornal e volto para a casa caminhando ao longo da orla, passando pelas fileiras de hospedarias meio vazias. Há algumas pessoas ao redor agora, passeando com cachorros, e algumas acenam para mim quando passo, o capuz levantando e apertado em volta do rosto. Eu aceno de volta. Entro na casa e fecho a porta, tomando consciência imediata do silêncio que me pressiona por todos os lados. Estou totalmente sozinha.

Passo a hora seguinte lendo o jornal, que depois uso para acender o fogo. Uso o atizador para evitar que a chama se apague e coloco um pouco mais de lenha na lareira, que tiro de uma pilha no canto da sala. O calor começa a se infiltrar no quarto e eu me sento e ligo a TV, desesperada por alguma companhia.

Devo ter adormecido, porque acordo ao som de uma batida. Alguém está à porta, batendo insistentemente. Levanto-me de um salto e vou até a janela ver quem é. Quando descubro, solto um suspiro.

É Susan. A mãe de Ed está aqui.

Corro para abrir a porta e uma lufada de ar frio entra com ela. Assim que entra, Susan abre os braços e me abraça, segurando-me firmemente contra seu casaco úmido. Eu sinto o cheiro familiar de seu perfume. Em seguida, ela se afasta e segura a parte superior dos meus braços, sem deixar de me encarar. Seus olhos têm o mesmo azul profundo dos de Ed e eu luto para não desviar o olhar.

– Zoe, que diabos está acontecendo?

Eu me contorço, desconfortável, sem saber o que responder. Como explicar o que está acontecendo quando eu mesma não tenho a menor ideia? Espero que ela me dê alguma pista.

– Podemos nos sentar?

Eu concordo. Ela tira o casaco, que penduro ao lado da porta. Vamos juntas para a cozinha.

– Quer beber alguma coisa?

– Eu adoraria um café, por favor.

Eu me ocupo preparando o café enquanto espero que ela fale, mas ela permanece quieta. Finalmente, bebidas prontas, sento-me à mesa em frente a ela.

– Então...? – Eu me interrompo, sem saber o que dizer.

– Ah, Zoe, eu sinto muito. Em primeiro lugar, sinto muito por vir atrás de você. Ninguém sabia onde você estava, mas fiz Jane me dizer. Eu precisava falar com você. Principalmente, sinto muito por você e Ed, e eu... preciso consertar essa situação porque... bem, eu me sinto

responsável.

– Responsável? Pelo quê?

– Por isso... essa confusão.

Ela tamborila na mesa com as unhas bem-feitas. Em seguida, franze a testa.

– Ouça, Ed me contou o que está acontecendo. Que você quer se casar e que ele... bem, ele não quer.

Ah! Então eu estava certa. Aquiesço, confirmando, tentando não transparecer nenhuma emoção.

Ela se inclina para a frente, como se quisesse me contar um segredo.

– O problema, Zoe, não tem nada a ver com você. Ed adora você, qualquer um vê isso. Ele faria qualquer coisa por você. A culpa é daquele idiota do pai dele.

– O pai dele?

Ela assente de forma enérgica.

– Isso mesmo. Parece que meu filho tem medo de se transformar no próprio pai, um completo irresponsável, caso concorde em se casar, por mais louco que isso pareça.

– Mas ele não é o pai. E, pelo que ele me disse, não se parece em nada com ele.

Susan me encara, depois olha para as próprias mãos e balança a cabeça.

– Não, ele não tem absolutamente nada do pai, graças a Deus. Ouça. Henry era um completo mau-caráter, sempre foi, até o fim da vida. Eu sabia que ele era um mentiroso quando me casei, mas eu o amava. Patético, eu sei, mas pensei que poderia mudá-lo. Pensei que subir ao altar iria transformá-lo no marido perfeito. Mas é claro que isso não aconteceu. Ao contrário, ele piorou. Sempre dando suas escapadas, “trabalhando até tarde” quando estava era transando com a secretária. Foi tudo um sórdido clichê que eu deixei acontecer. Mas Ed é totalmente diferente do pai, e eu lhe disse isso.

Ela faz uma pausa e continuo a olhá-la nos olhos.

– Eu disse a Ed que, se ele não se casar com você e a perder, será um completo idiota.

Por um momento, ficamos sentadas, deixando as palavras de Susan se acomodarem em torno de nós como se fossem confete. Estou chocada. Sempre soube como Ed se sentia em relação ao pai – o pai que ele raramente via, que estava sempre fora, que deixava sua mãe

lutando contra as lágrimas cada vez que se dava ao trabalho de voltar para casa. Mas eu nunca tinha escutado Susan falar dele assim.

– O que Ed falou quando você lhe disse isso?

Ela deu de ombros.

– Disse que sabia. Ele ama tanto você, sabe, Zoe? Acho que vocês precisam conversar.

– Eu também acho. – Faço uma pausa, minha voz um pouco mais que um sussurro. – Mas ainda há uma coisa que eu não compreendo.

– O quê?

– Ed é louco para ter um filho.

Fico corada, sentindo-me constrangida por falar sobre isso com a mãe dele. Mas é tarde demais agora. Ela parece já saber de tudo.

– Eu disse a ele que não sei se quero ter filhos, que amo meu trabalho e não acho que a maternidade seja para mim, mas ele parece ter essa ideia de uma casa cheia de crianças correndo pelos cantos. Como ele pode ter tanto medo de assumir um compromisso se deseja tudo isso?

– Ora, o medo dele não é de ter uma família. Para Ed, ter uma família grande é sinal de uma vida perfeita. Isso já prova que ele não é como o pai, porque só tivemos um filho, como você sabe. Não é o compromisso o que o apavora, Zoe, mas a ideia do casamento. Ele enfiou isso na cabeça, que vocês podem se transformar na cópia exata dos pais dele.

Estou começando a entender.

– Você... Você sabe onde ele está agora? Está na sua casa? – indago.

O rosto de Susan fica vermelho e ela parece constrangida.

– Bem, na verdade, ele está aqui.

– Aqui?

Olho em volta feito uma idiota, esperando que ele apareça de repente, como um coelho saindo da cartola.

– Ele foi dar uma caminhada. Está esperando que eu ligue para ele. Desculpe, Zoe, eu só pensei que, se fizesse vocês conversarem, vocês poderiam resolver as coisas, em vez de você ficar aqui sozinha nesta... casa no meio do nada, enquanto ele fica no meu apartamento, deprimido, com cara de enterro.

Ela sorri, esperançosa.

– Então, você vai falar com ele?

– Sim. Sim, eu vou falar com ele. Desde que ele me ouça.

– Ah, ele vai ouvir, não se preocupe com isso. Caso contrário, vou falar muito no ouvido dele. – Ela sorri. – Então, posso ligar para ele? Ou você prefere ligar?

– Eu ligo. Mais uma coisa...

– Sim?

– Muito obrigada. Por tudo. Por me contar tudo.

– De nada. Eu pensei que já era hora de alguém começar a falar por aqui, já que vocês são tão teimosos.

Eu pego o celular na bolsa e disco o número de Ed com as mãos trêmulas. Há muito em jogo aqui – nosso futuro, nossa vida juntos – e tenho que consertar tudo.

Ele atende antes do final do primeiro toque.

– Zoe?

– Ed.

Uma pausa. Um silêncio pesado, cheio de expectativas.

– E aí? Posso ir ver você?

– Sim, por favor.

Eu ligo o passo o endereço e Susan desaparece. Enquanto espero por ele, sinto-me como uma menininha boba esperando pelo telefonema do garoto de quem gosta. Meu estômago dói e meus ombros estão tensos. Eu me sento, eu me levanto, ando de um lado para o outro, limpo com o dedo alguma poeira imaginária sobre a lareira.

Até que finalmente ouço uma batida na porta e, quando a abro, vejo meu Ed ali, de pé, com uma expressão séria, o cabelo molhado colado no rosto. Dou um passo para a frente e jogo os braços em torno dele, sentindo a tensão me abandonar, enquanto continuamos de pé, abraçados, como se nunca quiséssemos nos soltar.

Mas é preciso, e eu o conduzo pela mão até a cozinha. Não me incomodo com gentilezas, em oferecer bebidas ou conversar sobre o tempo. Em vez disso, nós nos sentamos e eu vou direto ao assunto:

– E aí? Sua mãe disse que precisamos conversar. Acho que ela está certa, concorda?

– Está. Precisamos mesmo.

– Está bem. Então, você começa.

– Certo.

Ele passa a mão no rosto, afasta o cabelo dos olhos e descansa os braços ensopados sobre a mesa, as gotas de água caindo no tampo como pequenos rios.

– Eu conversei com minha mãe. Conversamos muito sobre meu pai,

sobre como ele agia. Isso provavelmente soa estúpido, mas, em algum lugar dentro de mim, eu tinha a sensação de que, se me casasse, se me estabelecesse com alguém que eu amo, eu me transformaria em meu pai, eu me tornaria uma farsa, um mentiroso. Alguém que eu nunca quis ser. Por isso achava que seria mais fácil me fechar, dizer a mim mesmo, e a você, que não quero me casar, que não preciso disso. Que eu era feliz do jeito que estávamos.

– E nós estamos felizes.

– Estávamos. Mas olhe para nós agora, Zo. Estamos arrasados, e tudo porque eu fui um pateta teimoso.

– Você tinha suas razões. Eu entendo, Ed, juro. Agora entendo que não era eu a questão. Mas sempre achei que fosse. Sentia que você não queria se casar comigo porque não tinha certeza de que eu era a pessoa certa e estava esperando para ver se não havia alguém melhor. Sentia isso como uma rejeição.

– Não posso acreditar que você pensou uma coisa dessas.

Eu dou de ombros.

– O que mais eu poderia pensar?

– Não sei, mas definitivamente não devia pensar que eu estava à espera de alguém melhor.

Ele faz uma pausa e olha para as próprias mãos em concha sobre a mesa à sua frente. Sua voz sai muito baixa e tenho que me esforçar para ouvir o que vem depois:

– Não existe ninguém melhor, Zoe. Sempre foi você. Sempre.

Meu coração explode de felicidade.

– Ah, Ed, eu sinto o mesmo. Eu amo tanto você!

Lágrimas descem pelo meu rosto quando ele se levanta e vem me envolver em seus braços, mas não me importo em limpá-las. Ficamos parados talvez por um minuto, mas parecem dias, e toda a tensão das últimas semanas e meses vai desaparecendo.

Finalmente, exaustos, nos afastamos e nos sentamos de novo.

– Então, isso significa que você quer se casar?

Ele inspira fundo.

– Sim, acho que sim. É algo enorme para mim. De qualquer maneira, você não pode me perguntar isso, não assim. Quero fazer tudo da maneira certa, não apenas concordar em me casar no meio de uma conversa. Você sabe, o grande gesto, o grande pedido. Uma proposta tradicional, como deve ser. Isto – ele aponta para o espaço entre nós – não é uma proposta. É apenas uma conversa.

– Seu romântico.

– Ora, você sabe, se for fazer alguma coisa, tem que fazer direito. É o que você sempre me diz.

Ele sorri e não posso deixar de sorrir de volta.

– É verdade, eu sempre digo isso.

O toque abafado de um telefone interrompe o momento. Ed remexe no bolso para encontrá-lo antes que pare de tocar. Ele olha para a tela antes de atender:

– Oi, mãe... Sim, tudo certo... Sim, pode voltar... Vou, sim, vou fazer agora. Até daqui a pouco.

Ele desliga.

– Desculpe, minha mãe está ficando com frio e queria saber se já pode voltar aqui para dentro. E ela quer que eu coloque a chaleira no fogo.

– Acho que podemos dar conta disso.

Poucos minutos depois, Susan está de volta. A tensão se dissipou e risos enchem a sala enquanto preparamos o jantar juntos, nos sentamos ao redor do fogo e comemos com o prato no colo. Estou tão grata a Susan que quero abraçá-la. Depois de um tempo, por fim ela se levanta.

– Então, acho que é melhor eu ir embora. – Ela dá um bocejo exagerado e fixa os olhos em Ed. – Imagino que você vai ficar aqui esta noite, não?

Ele assente com certa timidez e me olha.

– Se eu puder...

– Pode – respondo, tranquila. – É claro que pode.

– Ótimo, então vou embora.

Susan pega o casaco e a bolsa e nós a levamos até seu carro. A chuva diminuiu. Acenamos para ela, de mãos dadas, até ela virar a esquina e desaparecer. Então voltamos para dentro.



O dia termina no mesmo lugar onde começou: na cama, neste quarto que não reconheço. Só que, desta vez, deitada de lado, sinto o corpo de Ed abraçado ao meu, seu peito nas minhas costas, suas pernas seguindo o contorno das minhas, seu braço em minha cintura. Sinto seu hálito quente no pescoço e isso me faz tremer. Estou tentando fixar para sempre na memória a sensação de seu corpo para

que, se nunca mais o vir, pelo menos possa ter a lembrança. Não quero me esquecer dessa sensação, mas sei que, com o tempo, ela vai acabar evaporando.

Continuamos deitados em silêncio, mas minha mente está ocupada, tentando colocar em ordem os acontecimentos de hoje. Algo mudou. Hoje foi um dia totalmente novo. Na última vez que passamos por isso, eu fiquei sozinha em casa, fui ao escritório e trabalhei até tarde, sem parar, tentando evitar a volta para o apartamento vazio. O apartamento sem Ed. Desta vez, vim para esta casa, nesta cidade que não conheço, e Susan veio me ver e nos ajudar a resolver as coisas. Eu não sei o que isso significa, mas só posso esperar que seja um indício de que, se mudei algo tão pequeno, talvez também possa ter mudado algo maior. Talvez eu já tenha alterado o suficiente para Ed não morrer. Afinal, seria apenas uma questão de alguns segundos de diferença naquele dia terrível. Quem pode dizer que não daria certo?

– Você está bem, Zo?

– Sim, tudo bem. Só estou pensando.

– Em quê?

– Em como me sinto feliz.

– Eu também. Muito feliz.

Seu braço me aperta com mais força.

Passamos mais um tempo deitados e eu percebo a respiração de Ed desacelerar.

– Eu amo você, Ed. Prometa que nunca vai me deixar. Prometa que não vai morrer.

Mas não há nenhuma resposta. Ele não me ouviu, o som ritmado de sua respiração é a única resposta. E, assim, eu também adormeço, na esperança de que esta não seja a última lembrança de nós dois juntos que eu seja capaz de criar, esperando que eu tenha pelo menos mais um dia...

13 de dezembro de 2002

“LET’S GET THE PARTY STARTED”, da Pink, está tocando no aparelho de som, a batida pulsando pelo meu corpo. Eu estou de pé no canto de uma sala, tomando uma taça de vinho, observando a festa já animada. Não vejo Ed, mas o local está cheio de gente e Jane está em pé ao lado da árvore de Natal, falando com um homem que me é familiar, com um cavanhaque esquisito, e que, tenho certeza, ela acaba beijando. Ela parece animada, jovem.

Eu sorrio. Estamos em uma festa no apartamento de Rob em Tooting. Eu me lembro bem dessa festa. Foi duas semanas antes do Natal de 2002. Ficamos loucamente embriagados e só voltamos para casa de manhã. É uma das últimas grandes festas de que me lembro antes que todos nos tornássemos adultos ajuizados. Olho para o relógio. Dez da noite. Cedo ainda.

– Você está pensativa.

Ao ouvir uma voz perto do meu cotovelo, eu me sobressalto e me viro. Simon está aqui, uma cerveja na mão, um sorriso torto nos lábios.

– Olá, sumido, como você vai?

Ele sorri timidamente e dá de ombros.

– Sabe como é, nada mal. Muito ocupado, mas...

Ele olha em volta.

– É bom ver você. Faz muito tempo. Como está indo o curso de Direito?

– Eu sei, me desculpe, andei sumido mesmo. Vai indo bem, mas... é tanto trabalho que estou sempre ocupado, sem tempo para respirar, quanto mais para sair.

Eu sorrio.

– Sei como é. Nos últimos tempos, parece que estou sempre trabalhando.

– Marketing, não é isso? E extremamente bem-sucedida. Ed me disse que você é chefe do departamento ou algo assim.

– Não sei se sou bem-sucedida, mas adoro o que faço.

– Ótimo, ótimo. Eu sempre soube que você se sairia bem, Zoe. Eu gostaria de ter feito algo mais fácil, como Ed. Você sabe, zanzar por aí, fazer um pouco de jardinagem.

– Ele não está mais zanzando por aí, não mais. – Percebo que fui rude e que, sem querer, me coloquei na defensiva. – Está apenas fazendo uma experiência com jardinagem por um tempo, decidindo se é isso mesmo o que quer, você sabe, como profissão. Nem todo mundo é focado como você, Si.

– É claro, é claro. Desculpe, eu não quis dizer isso. Eu só gostaria de às vezes ter mais tempo livre, sair mais para ver os amigos. – Ele faz uma pausa e toma um gole de cerveja. – Bem, como vocês vão... você e Ed?

– Bem. – Tomo um gole de vinho. – Estamos realmente bem, obrigada. Felizes.

E estávamos. Depois da enorme briga sobre o casamento – na primeira vez –, Ed voltou para casa e chegamos a um tipo de estabilidade. Parecíamos estar indo bem. As tensões diminuíram e eu comecei a aceitar que talvez nunca acontecesse, que talvez ele nunca me pedisse em casamento. Estava até começando a achar que não fazia mais questão.

Até que, um dia após esta festa, saímos para jantar. Ele estava muito mal-humorado e eu atribuí a aquilo à nossa terrível ressaca. Mas de repente ele se ajoelhou e me pediu em casamento e eu quase caí da cadeira de tanto susto.

Eu disse sim, é claro. Não me lembro de ter me sentido tão feliz, nem antes nem depois desse dia.

Mas o que estou tentando descobrir desde que acordei esta manhã é: se os outros dias que revivi foram tão significativos para mim e para Ed, por que voltei hoje e não amanhã, o dia do pedido? Na verdade, nada aconteceu hoje, além desta festa – nós dois fomos trabalhar, jantamos, nos vestimos e viemos para cá. Espero que tudo fique claro em breve. Não consigo me livrar de uma dúvida persistente, uma sensação profunda de que algo vai dar horivelmente errado.

Sou puxada de volta para a festa pelo som da voz de Simon. Ele estava dizendo alguma coisa e eu não ouvi nem uma palavra.

– Desculpe, eu estava a quilômetros de distância.

Há uma mulher ao lado de Simon. É alguns bons anos mais velha do que ele, tem cabelos sedosos e uma maquiagem impecável. Seus olhos brilham de felicidade e eu a reconheço imediatamente como Joanna, que em breve vai se tornar esposa de Simon.

Ela estende a mão.

– Muito prazer em conhecê-la.

– Muito prazer.

Eu aperto a mão dela e sorrio. Estou prestes a dizer outra coisa quando vejo Ed do outro lado da sala, mexendo nos CDs. Não é a primeira vez que o vejo hoje, mas assim mesmo meu coração dá um salto.

– Peço desculpas, me deem licença por um minuto.

Corro até Ed, sem me importar se pareço rude, enlaço sua cintura e apoio o rosto em suas costas quentes. Ele gira o corpo e me olha de frente.

– Oi, querida.

– Oi, amor. O que você está fazendo?

– Nada, só vendo se acho alguma coisa melhor do que essa barulheira chata.

Ele revira os olhos. Está segurando alguns CDs.

– E achou?

– Nada, só um monte de porcaria velha. Você sabe como é o gosto de Rob. – Ele sorri. – Vamos pegar mais uma bebida?

– Boa ideia.

Seguimos para a cozinha, de mãos dadas. Quase todo o balcão está coberto de garrafas e uma pilha crescente de embalagens vazias foi acomodada na porta dos fundos. Vejo algumas pessoas que não reconheço e que sorriem quando nós entramos. Eu sorrio de volta.

Ed abre a geladeira, pega uma garrafa de vinho tinto, serve um pouco para mim, procura outra taça e se serve. Nós dois damos um gole e estremecemos.

– Meu Deus, tem gosto de enxaguante bucal. – Ele olha para a garrafa, toma outro gole e faz uma careta. – Ora, a cavalo dado não se olham os dentes.

– Verdade. E você sabe qual é a melhor maneira de parar de perceber o gosto?

– Beber mais depressa?

– Exatamente.

Eu sorrio, e inclinamos a cabeça para trás ao mesmo tempo e

esvaziamos as taças. Bato com a minha de volta no balcão, sem fôlego.

– Isso foi horrível. Mais, por favor.

Ed nos serve e ficamos em silêncio por um instante, a música reverberando em nossos corpos enquanto nos apoiamos no balcão da cozinha. Minha cabeça está girando por ter bebido tão depressa. O rosto de Ed está sério, pensativo, e ele me observa atentamente. Por um momento, eu gostaria de poder ler seus pensamentos.

– Que cara séria.

– O quê? Ah, me desculpe, eu só estava pensando.

– Sobre?

– Só... Você sabe, isto. Nós. Como somos maravilhosos. – Ele dá um sorriso sacana. – Especialmente eu.

– Ha ha ha.

Dou um soquinho no braço dele.

– Sério. É verdade. Desde a nossa conversa, eu tenho pensado...

– Zoeeeeee!

Jane aparece à porta, tropeçando um pouco, de mãos dadas com o homem de cavanhaque, um sorriso bêbado e alucinado no rosto.

– Oi.

O clima se desfaz e eu olho para Ed, levantando as sobrancelhas de maneira interrogativa. Ele dá de ombros.

Jane para na minha frente e olha para mim, depois para Ed.

– Vocês estão fazendo uma festinha particular aqui, hein? – pergunta, indicando com um gesto a cozinha agora vazia.

– É, pode-se dizer que sim – responde Ed, com uma voz inexpressiva.

– Sinto muito por interromper, mas este... – ela aponta para o rapaz – é Adam. Adam, esses são Zoe e Ed. Meus melhores amigos.

O homem levanta a garrafa de cerveja para nos saudar.

– E aí?

Ed faz um aceno de cabeça.

– Prazer em conhecê-lo.

– Adam é um velho amigo, trabalhava comigo... – Jane aperta o braço no dele, como se marcasse território. – Bem, só viemos pegar uma bebida, estou morrendo de sede.

Ela se inclina, arranca duas cervejas do balcão e passa uma para Adam, e então ambos se viram e saem tropeçando da cozinha, tão depressa quanto entraram.

De repente, o local fica calmo outra vez e Ed olha para o chão,

passando o sapato em uma mancha imaginária no piso.

Ele parece ansioso e estou desesperada para saber por quê.

– Então, antes que fôssemos rudemente interrompidos, você estava prestes a dizer alguma coisa...

Os olhos dele encontram os meus, mas depois voltam para o chão.

– Sim, mas não importa. Não agora.

– Ah, tudo bem. É que... você disse que andou pensando, então imaginei que devia ser alguma coisa importante.

– Sim, era. É só que... não sei se é assunto para falar aqui, agora, afinal.

– Por que não? – Eu olho em volta e sorrio. – Qual é o problema desta linda cozinha?

Há pratos sujos e xícaras espalhadas pela maioria das superfícies, além de cinzeiros transbordando. Ed sorri de volta.

– De fato. Está imaculada.

– Então?

– Você não vai deixar isso passar, vai?

– Não.

Ele inspira profundamente e solta o ar pela boca provocando um assovio, as bochechas inflando.

– Está bem. Então, eu tenho pensado. Muito. Sobre nós.

Ele faz uma pausa, olha para os pés, se mexe, desconfortável.

– Estive pensando sobre nosso futuro, sobre a casa no campo, os filhos, o casamento... tudo aquilo sobre o qual conversamos.

Ele se cala de novo e meu coração martela descontroladamente no peito. O que virá a seguir? E se desta vez ele decidiu que não consegue, não pode ficar comigo? Onde isso me deixaria agora, no presente? Sinto a cozinha girar enquanto ele inspira fundo e sinto que vou desmaiar. As luzes sobre minha cabeça se tornam um turbilhão de cores e minha visão perde a nitidez. Então percebo que Ed está segurando alguma coisa à sua frente, esperando que eu fale, e eu tento me concentrar nele, em seu rosto.

– Zoe, você está bem?

– Eu... estou bem. O que... O que você acabou de dizer?

Ed apenas mexe a cabeça, indicando o objeto que está segurando. É uma caixinha, e dentro dela... Eu aperto os olhos para ver melhor o que é. É um anel! Um pequeno e lindo anel de brilhantes, e Ed está olhando para mim com expectativa, à espera de uma resposta.

– Eu acabei de pedir você em casamento, Zoe.

Seu rosto é grave.

E então eu dou a única resposta que posso dar, a única resposta que nunca deixaria de dar:

– Sim. – Minha voz é pouco mais que um ruído.

– Isso foi um sim?

– Foi.

Enxugo as lágrimas do rosto, mas são tantas que não há como impedir que escorram.

Ed abre os braços e eu me jogo neles, ensopando sua camiseta. Ele enterra o rosto em meus cabelos.

– Graças a Deus – diz Ed.

Olho para ele. Seu rosto está tão perto do meu que mal consigo distinguir seus traços.

– Você realmente achou que eu fosse dizer não?

– Não, na verdade não. Mas, para ser honesto, Zoe, isso não foi planejado, não para esta noite. Eu tinha tudo arranjado para amanhã, você sabe, quando saíssemos para jantar. Estou carregando o anel há dias porque não queria que você o encontrasse no apartamento. Mas hoje você parecia tão feliz e tão linda e, bem, você sabe. Eu apenas pensei, por que não? Por que não agora? Pelo menos não é um clichê.

Ele dá um sorriso tímido.

– Definitivamente, não é. E eu sinto muito, não queria assustar você. Foi apenas muito... inesperado.

Fico na ponta dos pés, estico o pescoço e o beijo. Seus lábios estão quentes e macios e têm um ligeiro sabor de vinho tinto. Adoráveis.

Eu me afasto e olho para ele.

– Então, o que fez você mudar de ideia?

Ele faz uma pausa por um momento e umedece os lábios.

– Acho que foi a ideia de perder você, Zoe. Eu ficava pensando em como me sentiria se me recusasse a me casar e, por isso, você me deixasse e se casasse com outra pessoa e eu simplesmente... Eu simplesmente não podia imaginar uma coisa dessas. Não podia permitir que acontecesse. Além disso, minha mãe me disse que eu estava sendo um perfeito idiota por me recusar a me casar com você. – Ele sorri. – Não que eu ouça muito minha mãe, é claro.

– É claro que não. Mas ela tem muito bom senso.

– Tem. E ela está certa, você sabe. Só porque o inútil do meu pai não era capaz de assumir um compromisso por mais de cinco minutos, não quer dizer que eu seja igual. Não sou. Eu o odeio pelo que ele fez,

mas não sou assim.

– Não, não é. – Eu o abraço. – Vamos formar um casal maravilhoso, você vai ver.

Gostaria de poder revelar a ele o que está por vir, os bons tempos e os tempos ruins. O que está acontecendo comigo é algo tão importante e eu não posso dividir com a única pessoa com quem compartilho tudo. Parece errado, quase como uma traição.

Mas o que ele diria se eu lhe contasse? Valeria a pena tentar?

– Ed?

– Sim.

– O que você faria se tivesse a chance de me conhecer outra vez?

Ele se afasta e olha para mim, um vinco se formando na testa, e eu sei que cometi um erro.

– O quê?

– Ora, você sabe. Se pudéssemos fazer tudo isso de novo, até este ponto. Você faria algo diferente?

– Eu... não sei. Por que você está perguntando isso? Está tentando me dizer alguma coisa, Zo?

Ele parece confuso. Queria não ter começado o assunto.

– Nada. Não é nada. Esqueça que eu disse isso.

Eu desvio o olhar, mas sinto seus olhos me perfurando à procura de uma pista para descortinar meus pensamentos. Não deixo transparecer nada. É muito arriscado.

Finalmente ele dá de ombros e se vira para servir mais vinho.

– Acho que isso merece uma comemoração, não é?

– Sem dúvida. – Levanto minha taça e nós brindamos. – A nós!

– A nós.

Tomamos um gole, um pouco sem jeito.

– E então, você vai ou não me deixar colocar o anel?

– O quê? Ah, me desculpe, Zo, eu esqueci completamente.

Suas mãos estão tremendo quando ele desliza o anel com muito cuidado pelo meu dedo.

– Obrigada. Eu adorei.

O anel se encaixa perfeitamente, como eu já sabia. É o que tenho usado todos os dias nos últimos onze anos. Eu fico olhando para ele por um momento, perdida nas recordações. E então eu beijo Ed profundamente e nós dois vamos contar a boa notícia a todos.



Este dia tem sido interessante, um dia que não saiu exatamente como eu esperava quando acordei de manhã. O novo pedido foi ótimo e estou muito animada. Mas, enquanto caio no sono, nas primeiras horas da manhã, a cabeça girando pelo excesso de vinho barato, não posso deixar de me perguntar o que significam essas coisas novas que continuam acontecendo.

Não posso deixar de alimentar a esperança de que, de alguma forma, isso signifique que tudo mudou.

14 de dezembro de 2003

UMA BATIDA NA PORTA me acorda e eu me sento, ereta, o coração batendo forte. Segundos depois, Becky passa pela porta.

– Sou tão feliz hojeeee... – cantarola ela enquanto coloca uma xícara de chá ao meu lado e se joga na minha cama. – Bom dia, Sra. Williams.

Ela sorri, feliz.

– Ainda não – murmuro, apoiando-me no cotovelo. – E bom dia para você também.

Eu esfrego os olhos e olho em volta. Não levo muito tempo para descobrir onde estou: esta é a segunda vez que acordo em meu quarto de infância e ele parece quase o mesmo, exceto pelas caixas. Também não preciso de mais do que alguns segundos para descobrir que dia é hoje, uma vez que meu vestido de noiva está pendurado no guarda-roupa em frente à cama. Meu estômago dá um nó quando o vejo. Este foi um dos dias mais felizes da minha vida. Nunca sonhei que fosse revivê-lo.

Franzo a testa quando um pensamento passa pela minha cabeça. Este dia foi quase perfeito – não, *foi* perfeito. Não posso imaginar nada que queira mudar. Vou apenas esperar para ver.

Cruzo as pernas e tomo um gole do chá que Becky trouxe para mim. Ela se senta ao meu lado e ficamos perdidas em nossos pensamentos, as duas irmãs de pernas cruzadas sobre a cama. Sorrio quando me lembro de ter pedido a Jane para ser minha madrinha.

“Contanto que você não me faça parecer um rolo de papel higiênico”, disse ela. “Na verdade, melhor do que isso, eu quero ficar sexy.”

“Claro”, respondi, sorrindo. “Você não vai encontrar o amor de sua vida no casamento de sua irmã, não é mesmo? Ou pelo menos ficar

com alguém? E não vai conseguir se estiver parecendo um abajur.”

“Exatamente. Então está bem. Vou ser sua madrinha.”

Ed e eu combinamos não fazer um casamento enorme. Bem, eu não teria me importado, mas Ed foi firme.

“Não vou me vestir como um pinguim e ficar desfilando na pista de dança. Eu só quero que seja um dia divertido.”

E eu sabia o que ele queria dizer. O que importava neste dia éramos eu e ele, não o fato de os guardanapos e as toalhas de mesa combinarem, ou se todos receberiam uma amêndoa confeitada envolta em tule sobre o prato do jantar. Nós passamos os meses anteriores cuidando pacientemente dos detalhes. Teríamos um casamento civil bem discreto no Mount Pleasant Hotel, perto de Bawtry, com um bufê e uma banda. A decoração seria mínima, pois o local já estava repleto de árvores e luzes de Natal, e convidamos cerca de cinquenta pessoas. Seria perfeito.

E foi perfeito. E agora eu ia aproveitar tudo outra vez.

– E aí, animada?

Becky está olhando para mim por cima de sua caneca, o vapor subindo na frente de seu rosto.

– Apavorada. – Eu tomo um gole de chá. – Mas também estou muito animada.

– Eu também.

Sopro meu chá delicadamente.

– Becky, obrigada por ser minha madrinha. Estou tão feliz por você estar aqui! Sinto saudades de você desde que me mudei.

O rosto dela fica anuviado por um momento.

– Sem problemas. De qualquer forma, você querendo ou não eu seria sua dama. Ou teria matado você.

Eu sorrio.

– Verdade. Mesmo assim, fico feliz.

– Que bom.

Ficamos em silêncio por mais alguns minutos, até que ouvimos mamãe pelas escadas.

– Vamos lá, vocês duas, desçam e venham tomar café.

– Sim, mãe – respondemos em uníssono.

– É melhor nós irmos. Mamãe fez comida suficiente para alimentar um pequeno exército.

Becky se levanta e sai do quarto. Antes de descer, vou até o quarto de hóspedes e acordo Jane.

– Mamãe fez o café da manhã – sussurro, balançando-a gentilmente.

– Hggghhghh – murmura ela e rola de lado para me encarar. – Tem panqueca?

– Estamos falando de minha mãe. É claro que tem panqueca.

– Então já estou indo.

Ela se arrasta para fora da cama, enfia seus cigarros no bolso do robe e me segue até a cozinha.

– Surpresa! – grita minha mãe assim que entramos.

Ela me entrega uma taça de champanhe. Meu pai está de pé ao lado da mesa, mastigando um pedaço de torrada.

– John, largue isso, nós ainda não começamos.

– Eu já. Além disso, você fez o suficiente para alimentar a rua inteira. Um pedaço de torrada não vai fazer diferença.

Migalhas caem quando ele enfia o último pedaço na boca, e minha mãe o olha com fúria. Sou obrigada a conter uma risada.

Olho para a mesa, onde mamãe colocou pilhas de panquecas, uma fileira de pães ao lado da torradeira, potes de geleia e mel, manteiga, croissants, ovos cozidos, caixas e caixas de cereal e uma jarra de leite, além de chá e café, e ainda está passando mais na cafeteira.

– Puxa, obrigada, mãe – digo, e depois completo, sem conseguir me conter: – Mas... não estou com muita fome...

O rosto dela fica vermelho e meu pai quase engasga com seu chá.

– Você tem que comer alguma coi... – começa ela, mas para quando vê a expressão em meu rosto. – Ha ha, muito engraçadinha. – Ela bate palmas. – Agora venha, sente-se e comece a comer.

Obedecemos. Enquanto comemos torradas e croissants, bebemos litros de chá e muito mais champanhe do que deveríamos às oito horas da manhã, conversamos e rimos e eu tenho que conter as lágrimas. Sinto tanta falta de momentos como este. As coisas estavam tão tensas com Ed no final que eu não queria falar sobre nossos problemas com ninguém. Não queria admitir que estávamos fracassando. Mas, fazendo isso, eu me afastei das pessoas que importavam para mim, as pessoas que mais amo. Minha família. E é disso que eu sinto falta.

Depois do café, tomo um banho e Becky faz meu cabelo e maquiagem, assim como os de minha mãe, Jane e de si mesma. Eu coloco o vestido, Jane o fecha atrás e eu me viro para me olhar pela primeira vez nesta manhã. Ver a mim mesma vestida de noiva quase

me tira o fôlego. A foto que mais tarde vai ficar sobre nossa lareira não captura a felicidade que irradia de mim como raios de sol, nem o brilho que exala de meu rosto. Meu vestido se ajusta ao corpo em todos os lugares certos e meus ombros parecem magros e bronzeados.

– Você está linda, meu amor – diz minha mãe enquanto examina meu rosto no espelho.

– Você também.

E é verdade. Ela parece tão jovem, e o azul brilhante do vestido ilumina seu rosto. Ela cora e desvia o olhar.

– Certo, vamos andando – diz ela, e então saímos.

Nós nos apertamos no carro. No caminho, olho pela janela, tentando acalmar meu coração. Após a animação da manhã, esta é a primeira oportunidade que tenho de realmente pensar, assimilar o que está acontecendo. Em poucos minutos, será hora de ver Ed de novo, diante de dezenas de pessoas, e não sei como vou conseguir. Toda vez que o vejo, sinto-me enfraquecida pela dor e pelo desejo. Eu me sinto tonta.

Mas, antes que eu me dê conta, já estamos estacionando no hotel. Em frente à porta principal, minha tia Jo amassa depressa um cigarro sob o sapato e se inclina para jogá-lo em um arbusto antes de correr para dentro. Rob está de pé ali perto, elegante e desconfortável em seu terno preto, puxando a gola e ajustando a gravata enquanto observa os carros que se aproximam. Quando ele me vê, logo sorri, acena e se aproxima do automóvel. Ele chega à porta quando estou saindo e me estende a mão para me ajudar a ficar ereta. Está me olhando com uma expressão difícil de decifrar.

– Tudo certo? – pergunto.

– Sim, está tudo ótimo – responde ele. – Estou tão aliviado por você ter chegado! Ed tem se comportado como um urso com dor de cabeça durante toda a manhã. Eu nunca o vi tão nervoso.

Eu sorrio e dou um abraço apertado em Rob.

– Obrigada por cuidar dele.

– De nada, Zoe.

Papai surge ao meu lado.

– Certo, então, vamos casar você? – pergunta ele, suavemente.

Rob pega mamãe pelo braço e a leva para dentro. Então ficamos apenas eu, papai, Becky e Jane do lado de fora, no ar frio e cortante de dezembro. Quero me lembrar deste momento para sempre, por isso presto atenção em cada detalhe: o céu cinza-claro; as folhas com as

extremidades brancas das sempre-vivas; o olhar do meu pai, meio orgulhoso, meio triste. Então um arrepio percorre meu corpo e eu respiro fundo.

– Certo, vamos em frente.

Caminhamos lentamente pelo cascalho em direção à porta, seguidos por Jane e Becky. Há um rugido em minha cabeça que torna difícil pensar e eu me concentro em colocar um pé na frente do outro.

Chegamos à entrada e todos se levantam, esperando que façamos o caminho até o altar, observando-me com expectativa. Eu mantenho os olhos fixos no chão enquanto caminhamos devagar. Finalmente, olho para cima e ali está Ed, e vê-lo é tão avassalador que sinto minhas pernas amolecerem e eu tropeço. Meu pai força o braço e me segura, e alguém suspira. A sala está girando, mas eu continuo caminhando, um pé, depois outro, e outro, até que chegamos lá, meu pai solta minha mão e o rosto de Ed fica bem diante do meu. Eu olho no fundo dos olhos dele, firme, absorvendo os detalhes de seu rosto: os olhos azuis e penetrantes, o cabelo cortado mais curto do que de costume, mais arrumado. Seus ombros estão curvados e ele me parece pálido.

– Você está bem? – pergunta ele, e faço um pequeno movimento com a cabeça para indicar que sim.

Quando o juiz começa a falar, Ed estende as mãos e toma as minhas com suavidade. Seu toque é como um choque elétrico e eu estremeço quando aquelas palavras tão familiares tomam conta do ambiente, fazendo o que posso para não chorar.

E então estamos casados – novamente – e, enquanto caminhamos de mãos dadas, percebo que todos vibram, mas ainda assim sinto como se meu coração fosse se partir: estamos tão felizes hoje, mas não sei se seremos felizes assim outra vez. E agora... agora ele se foi e esta pode ser a última vez que vejo meu Ed.

Lá fora está ainda mais frio e, enquanto ficamos lá parados, de pé, e tiramos algumas fotos, tremo incontrolavelmente, sem saber se é por causa do frio ou do terror que tomou conta de mim.

– Vamos lá, voltar para dentro. Você está congelando.

Ed me puxa pela mão e me segura em seus braços para aquecer meu corpo gelado. Eu pisco descontroladamente, tentando não deixar as lágrimas caírem. Este deveria ser o dia mais feliz da minha vida, mas é difícil me comportar como uma noiva emocionada quando eu sou, na verdade, uma viúva em luto.

Ed beija o topo da minha cabeça e se afasta.

– É melhor você ir ao encontro dos convidados.

Eu concordo.

– É verdade. – Olho para ele. – Ed?

– Sim, Zo?

– Promete que você nunca vai esquecer como estamos felizes neste momento? Promete que nunca vai esquecer quanto amamos um ao outro?

– É claro que não vou esquecer. Mas por que tudo isso?

– Nada. É só... Eu não quero que seja só isso. Quero que este seja apenas o começo, não o fim.

Ed me observa por um momento, obviamente tentando achar algo para dizer, mas meu pai se aproxima.

– Venham, os dois pombinhos, se juntem a nós. Estamos morrendo de fome.

Eu respiro fundo e colo um sorriso no rosto. Tudo o que desejo é ficar aqui com Ed e nunca deixar este momento, este dia, terminar. Mas sei que é impossível, que tudo tem que chegar ao fim alguma hora. Assim, tomo uma decisão: se vou passar pelo dia de meu casamento outra vez, devo aproveitá-lo ao máximo e fazer dele um dia maravilhoso.

Pego a mão de Ed.

– Venha, vamos lá comer, beber e ser felizes.

Então, nos juntamos aos outros convidados, que nos dão os parabéns, pessoas que eu não vejo há muitos, muitos anos, e sinto uma pontada de culpa. Eles eram meus amigos, nós gostávamos deles o suficiente para convidá-los para nosso casamento, mas o que aconteceu? Será que eu realmente fiquei tão obcecada que deixei de valorizá-los o suficiente para manter contato? Eu prometo mudar isso, se algum dia tiver a chance.

Nós nos sentamos para comer e meus olhos vagueiam pelo salão. Jane está sentada com Simon, Joanna e dois amigos de Ed de sua cidade, dois rapazes cujos nomes me escapam agora. Lá está minha tia Jo, seu marido, Richard, e seu filho adulto, meu primo Josh. Sorrio quando me lembro do fim da noite, quando Josh e Jane dançaram, completamente bêbados, antes de se agarrarem na pista. Tia Jo ficou chocada.

Assim como na primeira vez, o dia passa num turbilhão de euforia. A primeira dança ao som de “Smile”, do Pearl Jam – uma de minhas canções favoritas e que sempre me faz pensar em Ed –, depois

conversando, bebendo e dançando, e, antes que eu me dê conta, Ed está me segurando em seus braços e estamos nos movendo juntos na pista de dança. Estamos inebriados de champanhe e é quase o fim do dia. Descanso o rosto em seu peito e ele me aperta com mais força, as luzes se transformando em um borrão ao nosso redor. Levanto a cabeça e olho para ele.

– Eu amo você, Edward Williams.

– Eu também, Zoe Williams.

Eu me sinto tão próxima dele neste momento que tenho uma vontade quase esmagadora de lhe revelar tudo. De lhe contar sobre nós, nosso futuro, sua morte, as brigas, os altos e baixos. E, é claro, sobre mim, vivendo outra vez nossos momentos significativos juntos. É uma coisa tão incrível, tão importante, que me parece errado esconder dele. Mas é impossível. Não posso nem imaginar o que ele diria se eu tentasse explicar. Como eu teria reagido se ele tivesse me dito isso um dia?

Enquanto nos balançamos suavemente, não posso deixar de me perguntar outra vez se tudo isso está nos levando a algum lugar. Por que isso aconteceu comigo? Significa que as coisas vão acabar de forma diferente? Embora os dias não tenham sido exatamente iguais à primeira vez, detalhe por detalhe, o resultado até agora tem sido o mesmo. Mas isso não quer dizer que as coisas não podem mudar. Isso não exclui a possibilidade de que, se eu continuar tentando fazer tudo de forma diferente, Ed fique bem e tenhamos a chance de envelhecer juntos, como hoje prometemos um ao outro.

A música chega ao fim e eu me afasto de Ed para limpar uma lágrima do olho antes de sairmos da pista de mãos dadas e nos sentarmos. Olho para o relógio. São onze da noite, quase na hora de todos irem embora. Não estou pronta para o dia terminar, ainda não.

Um por um, os amigos e parentes vêm se despedir e nos desejar felicidades. Então a música para, as luzes se acendem e nós dois nos encaminhamos para nosso quarto. Eu quero que o dia tenha um significado, quero tentar fazer algo diferente, mas não sei o quê. Estou correndo contra o tempo.

– Eu sei que isso soa estranho, mas podemos simplesmente sentar e conversar? – pergunto a Ed, cambaleando para dentro do quarto e acendendo as luzes.

Observamos a cama. Está coberta de pétalas e há uma caixa de preservativos com uma nota presa a ela. Ed a pega.

“Cuidado, vocês acabaram de se casar.”

Eu reviro os olhos. Rob.

– Quer dizer que você não quer violentar seu novo marido na noite de núpcias?

Ed finge fazer beicinho e eu pego a caixa de preservativos e a jogo nele.

– Eu me sinto um pouco... sobrecarregada. Você se importa?

– Claro que não, se é isso o que você quer. Seu desejo é uma ordem.

– Então, me ajude a sair disto aqui.

Ed abre o zíper do meu vestido, que cai no chão. Estou usando a lingerie que comprei especialmente para hoje e, quando subo na cama e me coloco debaixo das cobertas para esperar por Ed, fico encoberta. Alguns momentos depois ele se junta a mim, deita-se ao meu lado e me envolve em seus braços.

– Você está feliz?

– Completamente – respondo. E é verdade. Estou muito feliz.

– Só não está no clima, não é?

Ele sorri para mim.

– Não, é que eu não gosto de você.

Ele me dá um tapinha no bumbum e eu rio e, de repente, já estou no clima. Não sei se é o temor constante de não vê-lo nunca mais, mas, neste exato momento, eu quero este homem mais do que nunca em minha vida. Eu me sento e jogo uma perna por cima dele, beijando-o apaixonadamente. Ele responde com avidez e nós passamos a hora seguinte perdidos um no outro. É tão bom que me faz ansiar de novo por aqueles dias.

Quando terminamos, deitamos um no braço do outro e conversamos sobre o dia.

– Você viu minha mãe na pista de dança? – Ed ri. – Estava maluquinha.

Começo a rir.

– E quando seu tio Ted caiu? Ele estava tão bêbado que perdeu o equilíbrio, derrubou a bebida e escorregou no piso molhado. Um desastre.

– Foi apenas o comportamento usual do tio Ted.

Alguns segundos se passam em silêncio.

– Rob disse que você estava um pesadelo hoje de manhã.

– Ele disse isso?

– Contou que você estava extremamente mal-humorado.

– Hum, que agradável. – Ele faz uma longa pausa. – Mas acho que eu estava mesmo. Estava morrendo de medo de você não aparecer e, honestamente, não sei o que faria se você mudasse de ideia. Acho que não conseguiria mais viver.

Eu olho para ele.

– Sério? Você pensou que eu fosse desistir?

– Ora, nunca se sabe.

– Edward, eu amo você mais do que qualquer outra coisa em todo o mundo. Você é a minha calma em meio ao caos, minha alegria nos momentos tristes. Você é tudo para mim.

Ele se apoia no cotovelo e me encara.

– Você não sabe como fico feliz ao ouvir isso.

Ele está tão sério que não me parece o momento certo para fazer uma piada, então fico quieta. Ele se inclina e me beija com paixão mais uma vez e, em seguida, fazemos amor de novo, de uma maneira ainda mais profunda e apaixonada do que jamais fizemos. Depois, eu finalmente me sinto pronta para adormecer, deixar este dia para trás e ver o que vem a seguir. Finalmente, tudo parece bem.

19 de maio de 2005

OS PRATOS DO CAFÉ DA MANHÃ estão empilhados na pia e fios de geleia mancham a superfície de madeira da mesa. Eu passo o dedo preguiçosamente pelas migalhas, ouvindo Ed cantar alto no chuveiro, acompanhando o rádio.

Meu novo e brilhante celular já me disse que hoje é dia 19 de maio de 2005, o que significa que tenho 30 anos. Infelizmente, ele não me contou o que vai acontecer hoje. Isso ainda está enterrado em algum lugar no ferro-velho da minha memória.

Preciso sair para uma corrida, limpar a mente. Correr tem sido a libertação de minhas tensões desde o casamento, minha maneira de relaxar depois de um longo dia de trabalho. Eu me levanto, volto ao quarto e pego os tênis de corrida, que sei que vou encontrar ali.

Quando estou pronta, o barulho do chuveiro para e ouço Ed se movimentando no banheiro. Preciso vê-lo antes de sair, caso não tenha outra chance mais tarde, então abro a porta e enfio a cabeça. Ed enrolou uma toalha na cintura e seu peito está nu, e só de vê-lo meu coração quase para. Quero me aproximar e tocá-lo, correr os dedos de leve sobre os pelos escuros espalhados pelo seu peito, descer até o umbigo, seguir os pelos mais escuros lá embaixo...

– Terra para Zoe.

– O que foi? – Eu me sobressalto e olho para ele, culpada.

– Você estava olhando para mim, sem dizer nada. Parecia ter visto um fantasma.

– Ah, eu... – Eu me interrompo, o rosto quente.

Sinto-me como um voyeur, como se o corpo de Ed há oito anos não fosse algo que eu tivesse licença para olhar. Eu me sinto uma verdadeira impostora em minha própria vida, e não é uma sensação agradável.

– Eu só vim aqui para avisar que estou saindo para uma corrida. Você vai estar aqui quando eu voltar?

Ele pega uma toalha e a esfrega nos cabelos, flexionando os músculos do peito. Tento me concentrar no que ele diz.

– Não, eu vou levar minha mãe à exposição de flores de Chelsea, lembra?

– Ah, sim, claro. Desculpe.

Eu não quis ir, mas agora gostaria de poder, gostaria de passar o dia inteiro com Ed.

– Você tem mesmo que ir?

Ed franze a testa, os cabelos úmidos apontando para todas as direções.

– Como assim? É claro que eu tenho que ir. Minha mãe está ansiosa por essa exposição. Eu também estou.

– Mas ela realmente não se importaria se você cancelasse, não é mesmo? Se ficasse aqui comigo o dia todo... Poderíamos, você sabe, ir para a cama...

Eu me calo. O olhar de Ed deixa evidente que minha tática não está funcionando.

– Zoe, o que há com você? Está agindo de uma maneira muito estranha.

– O que há de estranho em querer ficar com meu marido?

– Você entendeu. Você sabia sobre isso há séculos e não quis vir. Por que está agindo desse jeito agora?

Eu dou de ombros.

– Não sei.

Ele olha para mim por um momento, depois se vira para pegar a escova de dentes.

– Escute, eu tenho que me arrumar. Boa corrida, e vejo você mais tarde.

Ele se inclina, me dá um beijinho no rosto e volta a encarar o espelho. Fui rejeitada. Não tenho escolha a não ser sair agora e torcer para vê-lo mais tarde.

Amarro os cadarços, prendo meu porta-iPod no braço, coloco os fones de ouvido brancos e saio. A calçada está úmida devido à chuva desta manhã, mas agora não está mais chovendo e o sol luta para mostrar sua cara por trás das nuvens escuras. Sigo pela rua, o som de Prodigy tocando “Firestarter” enchendo meus ouvidos enquanto meu pé toca o chão e ouço minha respiração cada vez mais acelerada até

assumir um ritmo constante. Faz muito tempo que não me sinto tão livre, sem a sensação pesada de fracasso que se alojou sobre meus ombros ao longo dos últimos anos. Eu senti falta disso.

Aos poucos, minha mente também adquire um ritmo, até a corrida e os sons de Londres se tornarem apenas ruídos ao fundo. Arrasto minha memória de volta até este dia e tento me lembrar do que aconteceu, de por que estou aqui. Deve haver uma razão.

E, de repente, a memória me atropela como se fosse um ônibus.

Este é o dia que mudou tudo entre nós para sempre. Este é o dia em que Ed disse que queria começar a tentar ter um filho. E eu disse não.

Eu sabia que Ed vinha pensando nisso havia algum tempo. Ele até tentou trazer o assunto à tona algumas vezes, mas eu desconversei, fingindo que não estava entendendo. Eu percebia a mágoa em seus olhos cada vez que alguém perguntava: “E aí, quando é que vamos ouvir o choro de um neném na sua casa?” Tinha vontade de gritar: *Cuide da sua vida!* Mas me mantive quieta e ignorei o que estava borbulhando logo abaixo da superfície do nosso casamento. Filhos ainda não estavam na ordem do dia. A vida era muito cheia de obrigações. Eu estava trabalhando muito, amando o sucesso profissional, ganhando dinheiro, saindo para beber. Eu adorava viver em Londres com Ed e não queria que nada mudasse.

Mas hoje – quando hoje aconteceu pela primeira vez –, quando voltei de um dia com Jane, e ele, do passeio com a mãe, Ed sentou-se no sofá e ficou em silêncio. A TV não estava ligada. Uma revista estava aberta em seu colo, mas ele não lia. Estava olhando para a frente, na direção da lenha empilhada na lareira. Ele não se moveu quando entrei, não pareceu me ouvir, e eu me coloquei na frente dele e me ajoelhei. Havia um nó de tensão crescente em minha barriga, serpenteando até a garganta.

“Ed?” Eu segurei a mão dele. “Ed, o que houve?”

Seus olhos lentamente entraram em foco, ele me olhou e deu um sorriso fraco.

“Oi, amor.”

Eu o encarei.

“O que aconteceu? Você está doente?”

Ele me olhou fixamente.

“Precisamos conversar”, disse ele depois de um tempo.

Suas palavras, aquelas palavras, lançaram dardos em meu coração,

pois eu sabia exatamente o que ele ia dizer. Assenti, olhei para o chão e me sentei, tensa, ao lado dele no sofá.

“Tem a ver com filhos, não tem?”, perguntei com uma voz inexpressiva.

Pelo canto do olho, vi que ele se virou para mim, mas eu não retribuí o olhar. Não conseguia encará-lo.

“Tem, sim.”

Esperei que ele dissesse mais alguma coisa.

“É que hoje, quando saí com minha mãe... Havia famílias por toda parte, unidas, com seus filhos, e pareciam tão felizes e eu me senti tão... sozinho. Não sei explicar. Foi a mesma sensação de quando eu era criança, vendo todo mundo se divertindo com irmãos enquanto eu estava sozinho, e percebi que simplesmente não quero me sentir assim nunca mais. Sei que já venho dizendo isso há um tempo, mas hoje foi mais pungente, Zoe. Eu realmente quero um filho. Um filho seu. Nosso.”

Enquanto eu estava sentada ali, sob seu olhar, senti como se todo o meu corpo fosse uma mola pronta para dar um salto. Os segundos de silêncio se tornaram minutos, horas, semanas, até que percebi que a tensão não poderia se esticar mais.

“Ed, eu não posso.” As palavras saíram de repente, como uma explosão, como se assim ficasse mais fácil ouvi-las. Eu me virei para encará-lo, tentando suavizar o golpe. “Entendo o que você está dizendo, mas ainda não estou pronta. Eu... preciso de um tempo.”

A expressão de Ed se fechou e ele levou a mão ao rosto tentando esconder a mágoa. Mas era tarde demais.

“Eu sinto muito, Ed. Sei que você quer um filho... Mas eu não posso. Ainda não. Agora não. Eu sinto...”

“Está certo. Eu sabia que você ia dizer isso. Acho que eu tinha a esperança de que você tivesse mudado de ideia. Você sabe, já que estamos casados há algum tempo, e depois de tudo...” Ele falava com a voz fraca, perdida.

Tive vontade de abraçá-lo e reconfortá-lo, mas continuei sentada, esperando que o momento passasse.

Mas é claro que não passou.

“Eu realmente sinto muito, Ed, mas nada mudou, não para mim. Sei que você quer um filho, sei que você acha que é isso que vai fazer de nós uma família, mas eu penso diferente. Para mim, nós já *somos* uma família, eu e você. Sinto muito, meu amor.”

O que eu não disse a ele foi que estava com medo. Medo de que um filho estragasse tudo pelo qual eu havia trabalhado tanto. Uma criança não fazia parte dos planos, pelo menos por mais alguns anos. Isso soava egoísta demais até para meus próprios ouvidos.

Ele assentiu e em seguida se levantou, olhando para mim.

“Eu entendo, Zo, de verdade. Não quero pressioná-la e peço desculpas. Prometo que vou parar se você me prometer uma coisa.”

“Qualquer coisa.”

“Você pode pelo menos começar a pensar sobre isso? Não rejeitar a ideia de imediato? Promete?”

Concordei.

“Prometo.”

“Obrigado.”

Ele se inclinou, beijou o topo da minha cabeça e acariciou meu rosto, o que me fez sentir sua pele ligeiramente calejada.

E então, ao longo dos meses, Ed manteve sua promessa e eu tentei manter a minha. Mas o assunto se tornou nosso elefante na sala de estar, a tensão nos pressionando todos os dias, até não podermos mais suportá-la.

Agora, enquanto corro, passando por propriedades dilapidadas, mansões palacianas, estações, lojas, parques, jardins e linhas ferroviárias, os elementos que compõem o tecido da cidade, sei que não posso deixar aquilo voltar a acontecer desta vez. Eu resisti muito a tentar engravidar até que isso quase nos destruiu, o que, em retrospectiva, foi inútil, já que, no final, acabamos querendo a mesma coisa.

Então, desta vez, eu vou fazer alguma coisa para tentar evitar a mágoa, algo que talvez possa mudar as coisas o suficiente para manter Ed ao meu lado.

Eu sei o que preciso fazer.



Quando Ed volta, a escuridão já desceu como um véu, as luzes do outro lado da rua se acenderam uma a uma enquanto as pessoas se preparam para a noite. A impaciência toma conta de mim. Estou desesperada para vê-lo chegar em casa.

Apesar de tudo, mantive o programa com Jane hoje. Precisava fazer alguma coisa para passar o tempo até Ed chegar. Entretanto,

decidi não contar a ela o que eu tinha em mente. Era complicado demais, e tinha medo de dizer algo que não deveria e revelar meu segredo. Em vez disso, só me certifiquei de que chegaria em casa antes de Ed, para me preparar.

Estou na cozinha, mexendo uma panela de molho de tomate caseiro, quando ouço a chave de Ed na fechadura, e meu coração se acelera. Alguns segundos depois, ele entra. Parece cansado, abatido. É claro que algo está pesando em sua mente.

Ele franze a testa quando me vê.

– Achei que você só chegaria mais tarde.

– Pois é, voltei mais cedo. Pensei que seria bom jantarmos juntos. – Eu levanto a colher. – Não está tão gostoso quanto o seu, mas quer provar?

Ele balança a cabeça.

– Não, obrigado.

Faço um esforço para não ficar zangada pelo mau humor dele, pois sei o que se passa em sua cabeça.

– Está bem. Bom, isso vai ficar pronto logo, logo. Quer beber um vinho enquanto espera?

Tenho consciência de que minha voz está um pouco alta e instável demais, mas Ed não parece notar. Ele se senta pesadamente na cadeira, pega a garrafa de vinho tinto já aberta, coloca um pouco na taça, inclina a cabeça para trás e bebe tudo de uma vez.

– Zoe, preste atenção...

– Está tudo bem, Ed, eu sei o que você vai dizer.

Ele franze a testa.

– Não acho que você saiba.

Eu diminuo um pouco o fogo e me sento na frente dele, descansando os cotovelos na mesa. Ele está com os ombros curvados, o rosto pálido e tenso.

– Sei, sim. É sobre termos filhos, não é?

Seu rosto se ilumina brevemente com a surpresa e ele assente ligeiramente. Eu prossigo:

– Eu sei que você está com isso na cabeça e imagino que tenha conversado sobre o assunto com sua mãe, não é mesmo?

– É, mas... – Ele para e esfrega a mão no rosto. – Como é que você sabe?

Eu dou de ombros.

– Foi só uma intuição. Você mencionou isso algumas vezes e eu

imagino que... Bem, faz dezoito meses que nos casamos, então já está na hora de conversamos sobre isso...

– Está, sim. Mas, para ser honesto, você andou evitando o assunto, Zo. Eu estava preparado para chegar aqui, falar com você sobre isso e você responder que não, de jeito nenhum. Não estava esperando que você puxasse o assunto. O que aconteceu?

Respiro fundo.

– Só andei pensando. Sobre mim, sobre você. E, sim, eu acho que nós somos uma família, apenas nós dois, e, para falar a verdade, o momento não me parece o mais propício, com meu trabalho e tudo o mais. Entretanto... Ora, quando é um bom momento? E a gente nem sabe se vai conseguir engravidar imediatamente... – Minha voz falha quando digo isso e finjo um acesso de tosse. – Suponho... Acho que o que estou tentando dizer é que talvez devêssemos pensar em tentar. Tentar engravidar, eu quero dizer.

Os olhos de Ed se arregalam e a boca fica entreaberta.

– Você quer dizer que quer ter um bebê? Agora?

– Quero dizer que acho que deveríamos começar a tentar. – Estendo a mão e pego a dele. – O que você acha?

– Que coisa! Desculpe, Zo, mas estou em choque. Eu... Essa é a última atitude que eu esperava de você. Mas estou... estou tão feliz!

Lágrimas brilham em seus olhos. Eu me levanto, contorno a mesa e me sento no colo dele, de maneira desajeitada, colocando as mãos em seu rosto e o beijando com suavidade.

– Também estou feliz. Eu amo tanto você, só quero que a gente seja feliz, sempre.

– Eu também. Obrigado, Zoe.

Ele me abraça e nos mantemos unidos por alguns instantes.

– Hum, Zo, está sentindo cheiro de queimado?

– O quê? Ah, droga, o molho.

Há fumaça saindo da panela. Ouço um chiado e sinto um forte cheiro de queimado. O molho está preto, totalmente arruinado.

– Ah, merda!

Eu pego a panela e mostro para Ed.

– Que tal pedirmos alguma coisa para comer?

Ed ri.

– Sabe de uma coisa? Vou sair e comprar comida chinesa enquanto você limpa essa bagunça. Combinado?

– Combinado.

Ele me beija e sai, quase pulando de alegria. Enquanto eu esfrego a panela sob a água quente, não posso deixar de pensar que talvez, apenas talvez, essa tenha sido a melhor coisa que já fiz. Talvez eu tenha simplesmente mudado tudo.



Mais tarde, enquanto vemos TV, nossas barrigas cheias de comida, eu olho para Ed, sentado na outra extremidade do sofá. Ele sorri para algo e o canto de seus olhos se enrugava levemente. Sua pele cintila sob o brilho da tela e, sem que ele mesmo perceba, seus dedos tamborilam suavemente no braço do sofá, enviando suaves vibrações de seu corpo para o meu. A noite está quente e ele está de bermuda, os músculos de suas panturrilhas flexionando com força enquanto ele bate o pé no mesmo ritmo dos dedos. Ele nunca fica parado, mesmo quando parece que está.

Ed percebe que o estou observando e vira o rosto para mim.

– Tudo bem, Zo?

– Sim – murmuro. – Tudo bem, só estou olhando para você.

Ele se inclina e planta um beijo suave na ponta do meu nariz.

– Eu amo você, sabia? – diz ele e, antes que eu possa responder, volta a olhar para a TV.

– Eu sei. Também amo você.

Paro de olhar para ele e percebo que meu rosto está molhado de lágrimas. O dia está quase no fim e, embora eu queira descobrir se mudei alguma coisa hoje, não quero deixá-lo. Não quero que o dia termine para eu descobrir que acabou e que nunca mais vou poder ver Ed.

Mas não tenho escolha. Meu trabalho por hoje está feito. Preciso seguir adiante.

Eu me levanto.

– Vou para a cama.

– Já? São apenas... – ele aperta os olhos para o relógio na parede – dez horas.

– Sim, mas estou cansada. Foi um dia longo.

– Está certo, minha linda. Durma bem.

Eu me aproximo e lhe dou um beijo. Ele segura meu ombro.

– Obrigado, Zoe. Por tudo. Eu amo você.

– Eu também. Mais do que você jamais saberá.

E então caminho até nosso quarto, visto meu pijama, deito na cama, puxo o edredom sobre a cabeça e começo a mergulhar no esquecimento...

16 de dezembro de 2007

AS VEZES ACONTECEM COISAS que realmente nos surpreendem. Oito meses atrás, na casa dos meus pais, enquanto Becky e eu bebíamos chá e atacávamos o pote de biscoitos, aconteceu algo que eu nunca teria esperado, nem em um milhão de anos. Minha irmã mais nova me contou que estava grávida.

“Você o *quê?*”, gritei quando ela me deu a notícia, quase engasgando com um biscoito de gengibre.

Ela me encarou com os olhos arregalados e deu de ombros.

“Grávida”, repetiu. “Você sabe como é, engravidei, fiquei prenha, embarriguei...”

“Eu sei o que *significa!* Eu só...”

Eu realmente não sabia o que dizer. A notícia me deixou boquiaberta. Becky tinha só 28 anos e estava com o namorado, Greg, havia apenas cinco meses. Como ela já podia trazer uma criança ao mundo? Eu estava mesmo espantada.

O silêncio entre nós se estendeu por mais um tempo. Finalmente, eu tive que preenchê-lo.

“Como... quero dizer... Mamãe já...?”

“Não, mamãe não sabe ainda, então não diga nada. Você é a primeira pessoa para quem eu contei. Além de Greg, é claro. Eu só precisava falar com você sobre isso.”

Eu me dei tempo para assimilar suas palavras.

“Então não foi planejado?”

“Não exatamente.” Ela parecia envergonhada. “Bebemos muito uma noite e, bem...”

“Ah, Becky...”

“Eu sei. Mas está tudo bem. Eu e Greg já conversamos sobre isso e, sem dúvida, queremos ter o bebê. Afinal, nenhum de nós tem 16 anos

e é jovem demais, não é? Nós dois temos um bom emprego e, bem, realmente nos amamos. Queríamos conhecer o mundo um pouco antes disso, mas, agora que aconteceu, tudo bem. Parece que o destino quis assim.”

Eu não podia discutir com ela. Becky estava decidida e, na verdade, parecia feliz com a novidade. Então eu me levantei e a abracei com tanta força que pensei que ela fosse estourar.

Agora aqui estou eu, revivendo o dia em que conheci minha sobrinha. Em comparação com o último dia que tive que reviver, sinto-me abençoada.

Ela nasceu há menos de dois dias e Becky já está em casa, no apartamento que divide com Greg. Eles decidiram chamá-la de Gracie e, quando entro no quarto e vejo Becky pela primeira vez desde que ela teve o bebê, sinto como se tivesse levado um soco no estômago. Becky está sentada no sofá, apoiada em travesseiros, inclinada para trás. Parece cansada, mas emana um brilho que eu nunca vi antes. Então vejo o pacotinho em seu peito e meu coração dá um pulso. Gracie está dormindo, vestida com um macacãozinho listrado, o rosto esmagado no peito da mãe, o bumbum empinado para o alto.

Assim que me vê, Becky sorri, formando pequenas rugas no canto dos olhos.

– Oi – diz ela, quase em um sussurro.

O quarto está escuro e a TV pisca em silêncio ao fundo.

– Ela acabou de adormecer, então estou tentando não acordá-la.

Eu faço que sim, entendendo, e entro na ponta dos pés, sentando-me ao lado dela com o maior cuidado, depois de dar um beijo leve em sua testa – a única parte dela que posso alcançar sem esmagar Gracie.

– E aí? – pergunto, dando de ombros, sem saber o que dizer.

– Pois é. Eu sou mãe. Muito louco, não é?

– Totalmente. Então, como foi?

Adormecida, Gracie se mexe e Becky se ajeita para acomodar a filha.

– Foi uma coisa horrível.

Ela olha para mim e sorri, mas posso perceber que disse a verdade.

– Foi pior do que eu jamais poderia imaginar. Mas valeu a pena.

Ela olha para a filha com uma expressão de amor total e absoluto, e eu sinto uma faísca de ciúme. Como deve ser amar alguém assim, tão completamente, com tanta certeza?

Ficamos sentadas em silêncio por um tempo, observando as

peessoas leiloando na TV objetos de suas casas, tentando ler os lábios delas para saber o que estão dizendo. Toda vez que há um barulho ou um pequeno ruído, Becky fica tensa, mas em seguida relaxa de novo, dando um suspiro de alívio.

– Levei a manhã inteira para fazê-la dormir. Preciso que a paz dure o maior tempo possível.

Concordo com um leve meneio de cabeça, como se entendesse, mas é claro que no fundo eu não entendo. De qualquer maneira, pouco tempo depois tudo isso se torna irrelevante, pois Gracie começa a se mexer.

– Oh, céus! Ela vai acordar morrendo de fome – comenta Becky, sentando-se mais ereta enquanto Gracie abre os olhos e observa o mundo ao seu redor.

Por alguns segundos, eu me pergunto qual é o grande problema, já que não há nada além de silêncio. Então, de repente, ela começa a berrar, um som de furar os tímpanos, seu rostinho se contorce e fica cada vez mais vermelho.

Tão súbito quanto começou, o barulho para e eu fico com um zumbido nos ouvidos, perguntando-me como Becky conseguiu conter os gritos tão rapidamente. Então vejo Gracie grudada no seio da minha irmã, sugando feliz, e eu olho para outro lado de novo. Não importa se é natural; parece-me errado e estranho ficar olhando. Por isso, eu me concentro no rosto de Becky, no quadro na parede atrás dela, na tela da TV do outro lado do quarto, ligada para ninguém.

– Ah, silêncio... – diz Becky, suspirando. – O melhor som do mundo.

Enquanto Gracie mama, Becky me conta todos os terríveis detalhes do parto. A dor, os gritos, a dilatação, a anestesia, tudo, e eu ouço admirada. Minha irmãzinha passou por tudo isso, algo que eu nunca experimentei. E, surpreendentemente, sei que ela se recupera tão depressa que repete a dose daqui a uns dois anos. Mas, por ora, eu só ouço e a deixo colocar tudo para fora, tentando ignorar a dor em meu peito pelo fato de que minha irmã teve um filho enquanto eu não fui capaz.

Finalmente, Gracie para de sugar e seus olhos começam a se fechar outra vez enquanto ela adormece, feliz e satisfeita.

– Vida dura, a de um bebê – comento.

– Duríssima – concorda Becky, e então olha para mim. – Você quer segurá-la?

Eu hesito. Estou ansiosa para segurá-la, mas também apavorada. E se eu a quebrar? E se ela trazer de volta toda a dor dos últimos anos antes da morte de Ed? Não sei se consigo lidar com isso.

Por outro lado, pode ser reconfortante, e, na verdade, não há nenhuma maneira de eu dizer não.

– Quero – sussurro, e Becky se ajeita e coloca Gracie em meus braços.

A cabeça da bebê se acomoda na dobra do meu braço e ela dá um pequeno resmungo, para em seguida adormecer bem contente, aconchegada em mim.

Eu sinto o calor de seu corpo minúsculo em meus braços. Olho para baixo, para seu rostinho amassado, os olhos fechados com firmeza contra a luz, o peito subindo e descendo suavemente a cada respiração, e penso na primeira vez que vi Gracie. Agora minha sobrinha está chegando aos 6 anos e eu não a vejo há algumas semanas. Voltar a vê-la como um bebê tão pequenino me provoca uma onda de amor misturado com arrependimento. Durante os últimos anos e meses, fiquei tão presa em minha própria dor e em minhas preocupações que me esqueci das outras coisas que são importantes. Eu ainda encontro minha irmã e seus filhos, mas não o suficiente. Percebo agora que pensava que seria muito doloroso, quando, na verdade, poderia ter me feito muito bem.

Depois de cerca de meia hora, noto que está ficando escuro lá fora e que preciso voltar para casa.

– É melhor eu ir – digo, levantando-me, e Becky se aproxima para pegar a filha no colo.

– Tudo bem – sussurra ela, enquanto Gracie se instala em seu novo ambiente, nos braços da mãe.

Na verdade, não quero ir embora. Quero ficar aqui e segurá-la para sempre, protegê-la do mundo, nunca deixar nada ruim acontecer a ela. Mas preciso ir e ficar sozinha por um tempo, descobrir como estou me sentindo.

Eu me abaixo e pego a bolsa no chão, onde a joguei quando entrei, e depois me inclino para beijar suavemente a cabeça de minha sobrinha e de minha irmã.

– Eu amo você – sussurro, e Becky sorri e passa a mão com delicadeza na cabeça de Gracie.

Percebo que as duas vão pegar no sono bem depressa assim que eu for embora. Saio da sala e abro a porta da frente. O ar frio me atinge

como um trem e eu fecho a porta e enfio depressa os braços no casaco. Gostaria de ter trazido minha echarpe. O sol fraco de dezembro ainda aquecia um pouco quando eu cheguei, mas agora está muito frio e uma névoa paira no ar. Eu tremo e fecho os botões do casaco, penduro a bolsa no ombro e começo a andar. Não sei direito aonde estou indo. Ainda não quero ir para casa, por isso penso em uma direção geral e continuo apenas colocando um pé na frente do outro.

Isso me dá tempo para pensar.

A primeira vez que vi Gracie foi no dia em que as coisas mudaram para mim. Quando peguei no colo seu corpo pequenino e observei sua respiração suave, feliz, percebi que eu queria isso também, que queria um filho de Ed.

Desta vez, é claro, eu já disse a Ed que quero começar a tentar engravidar, portanto as coisas são diferentes. Ou pelo menos deveriam ser. Depois desta manhã, porém, não tenho mais tanta certeza.

Antes de sair de casa para conhecer Gracie, eu havia encontrado Ed.

“Tem certeza de que não quer vir?”

“Não, vá você, passe algum tempo a sós com ela.”

Ele parecia distraído, mas não consegui descobrir por quê.

“Tem certeza?”

“Sim, tenho certeza.”

Sua voz estava estranha, dura. Ele parecia não querer olhar para mim.

“Ed, algum problema?”

“Sério, você está me perguntando isso?”

Eu não sabia o que dizer. Não tinha ideia do que estava acontecendo, mas é claro que não era nada bom.

“Zoe, vá ver a Becky, tudo bem? Não sei se sou capaz de ficar com você hoje, depois de tudo que você me fez passar nas últimas semanas.”

“Tudo o quê?” Eu tinha que saber.

Ed estava furioso.

“Como assim? Quer dizer que não se lembra de ter prometido que íamos começar a tentar ter um bebê e depois mudou de ideia? Que se recusou a falar sobre isso nos últimos seis meses? Não se lembra das brigas constantes, da confusão e do... estresse? Bem, então talvez seja melhor tentar se lembrar, porque, francamente, eu não quero nem estar no mesmo lugar que você neste instante...”

Ele se afastou de mim, fechou a porta da frente com força e me deixou ali em pé, sentindo-me péssima. Obviamente, eu não me lembro de nada disso e não posso acreditar que, depois de tudo o que pensei que havia alcançado, voltamos à estaca zero. Na verdade, pior do que a estaca zero, porque, pelo menos na última vez, eu não havia lhe dado falsas esperanças. O que estava havendo comigo? Eu precisava consertar isso.

Minha cabeça está girando. Eu paro e me apoio em uma parede por um minuto. Sinto a bile subir pela garganta e me inclino para a frente, achando que vou vomitar.

– Você está bem?

Olho em volta e vejo um homem idoso segurando meu cotovelo, parecendo preocupado.

– Você parou de repente. Está tudo bem?

Levanto-me e sinto a náusea passar. Passo a mão na boca.

– Sim, sim, estou bem, obrigada. Desculpe, eu só me senti um pouco... Estou bem agora, obrigada.

– Que bom, mas se cuide – diz ele.

– Pode deixar.

Eu sorrio, embora fracamente, para que ele saiba que estou bem. Ele parece convencido e começa a caminhar, sua bengala batendo na calçada enquanto se movimenta.

Olho ao redor e percebo que não tenho nenhuma ideia de onde estou e nem há quanto tempo estou andando. Um manto de escuridão cobriu o céu, banhando metade dele em uma luz azul esbranquiçada e o resto em cinza escuro sobre os edifícios. Pego o celular do bolso e olho para o visor: 16h50. Só estou andando há mais ou menos meia hora, mas já consegui me perder completamente.

Olho em volta, em busca de sinais, de alguma indicação de qual direção preciso tomar. Bem no meio de Londres, e nada. Olho para as vitrines. Nada me é familiar. Sei que não visito Becky com frequência, mas isso é ridículo. Tento não entrar em pânico e continuo caminhando, rezando para que algum local familiar apareça, qualquer coisa que me dê uma pista de onde estou. E então, finalmente, ali está, como um oásis em um deserto – o círculo familiar vermelho e azul do metrô, e eu vou nessa direção o mais depressa que posso e desço as escadas sujas a caminho do trem de volta para casa.

É tarde quando entro em casa. A luz do corredor chega até mim e posso ouvir o som metálico da televisão. Quando fecho a porta, Ed aparece na porta da sala de estar.

– E aí? Como ela está?

Seu cabelo está bagunçado e seus olhos estão vermelhos, como se ele tivesse acabado de acordar. Está incrivelmente bonito.

– Está ótima. Gracie é linda.

Ele assente e vai até mim.

– Escute, eu sinto muito pela nossa discussão hoje mais cedo. Não quis dizer aquilo. Eu estava com raiva.

– Você quis dizer exatamente o que disse, Ed.

– Mas...

– Não, tudo bem. Você tinha todo o direito. – Faço uma pausa e tomo fôlego. – Escute, eu não sei por que tenho agido desse jeito. Parece que tenho estado insuportável...

– Até parece que você não estava realmente aqui, Zo.

– Talvez não estivesse, não de verdade. Não sei o que há de errado comigo, Ed, mas, seja o que for, ver Gracie hoje deixou tudo muito mais claro.

– De que maneira?

– Quando eu a segurei, fiquei imaginando como seria se ela fosse nossa e percebi que queria descobrir. Não quero lamentar nunca ter tido um filho. Acho que, desta vez, realmente chegou a hora.

Ed olha para mim e seus olhos se estreitam.

– O que foi? O que eu disse de errado? – pergunto.

– Tem certeza de que você está pensando isso de verdade, Zoe? Não é apenas efeito de ter conhecido Gracie? Porque, para ser honesto, eu não acho que posso passar por tudo isso de novo.

– Tenho certeza, Ed, absoluta, cem por cento, eu juro. Não vou decepcioná-lo outra vez.

Ele me olha por mais um momento e estende os braços para eu me aconchegar neles.

– Nesse caso, você acaba de me fazer o homem mais feliz do mundo. Obrigado, Zoe.

Meu ombro fica molhado com as lágrimas dele, mas eu finjo não notar. Sei que deveria me sentir feliz por finalmente decidirmos fazer isso – e uma parte de mim está animada com a ideia de que talvez, desta vez, as coisas sejam diferentes. Mas não posso deixar de temer que, depois de hoje, eu estrague tudo de novo e que, apesar de todos

os meus esforços, nada tenha mudado. Que eu acabe magoando Ed mais uma vez.



Nessa mesma noite, quando estou quase pegando no sono, acordo com um sobressalto. Estava sonhado com um bebê. Eu o seguro nos braços, ele berra sem parar e então Ed tenta arrancá-lo de mim, gritando: “Ele não é seu, você tem que devolvê-lo, ele tem que vir comigo.” Começo a chorar e Ed puxa o bebê dos meus braços e foge com ele, deixando-me aos prantos, de braços vazios, sem a criança, sem Ed, sem esperança. Agora, totalmente acordada, respiro com dificuldade e meu coração luta para se abrandar, enquanto tremo de frio. Eu me viro na cama pelo que parecem horas, desesperada para o sono vir e me permitir acordar em mais um dia e descobrir se fiz a coisa certa. Até que finalmente caio em um sono profundo, sem sonhos...

14 de dezembro de 2009

EU NÃO TENHO CERTEZA se é o som de uma xícara caindo no chão, o palavrão ou a luz do teto piscando e quase me cegando que me acorda, mas desperto com um sobressalto nesta manhã, o coração acelerado. Sento-me na cama e, quando meus olhos se ajustam à luz, entreabertos, vejo Ed de quatro no chão, ao lado da cama. Meu estômago dá o nó costumeiro e isso é tudo o que posso fazer para não gritar bem alto seu nome.

– Que diabos você está fazendo aí?

Ed olha para mim.

– Que droga, você está acordada.

– Também fico feliz por vê-lo.

Ele parece culpado.

– Desculpe, amor. Eu queria surpreender você com um café da manhã na cama, mas a xícara escorregou e... bem, aconteceu isto.

Ele ergue as mãos, uma delas com um pano encharcado de chá, a outra segurando a minha caneca favorita em pedaços.

– Sua torrada está no chão, se você ainda a quiser.

– Acho que vou dispensá-la, mas obrigada.

Abro um espaço para ele e dou um tapinha na cama.

– Volte para cá.

Ele se deita ao meu lado e me dá um beijo no rosto.

– Feliz aniversário de casamento, de qualquer maneira. Acredita que já se passaram seis anos?

Seis anos. Isso significa que acordei dois anos depois da última vez que estive em minha antiga vida. Tenho um monte de coisas para descobrir, mas nem sei por onde começar.

– Feliz aniversário para você também.

Eu retribuo o beijo. Então Ed se afasta e se levanta.

– Espere aí.

Ele desaparece e retorna segundos depois, brandindo alguns lírios brancos e uma caixa branca com uma alcinha. Ele me entrega os lírios e se senta novamente. Eu pego o buquê e o coloco sobre a cama.

– A vendedora me disse que essas coisas são uma tradição no aniversário de seis anos de casamento. Imaginei que ela tivesse razão.

Ele sorri e pega a caixa branca do chão. Ouço o ruído de um arranhão e sei de imediato o que está lá dentro. Fico olhando enquanto ele abre a parte superior da caixa e tira dali um gatinho malhado que não para de se contorcer e o coloca suavemente sobre minha barriga. Eu suspiro de emoção e o pego no colo.

– George!

Ed faz uma careta.

– Você já decidiu o nome dele?

– Oh, ah, sim. Achei a cara dele e...

Eu me calo, consciente de como soou estranho. O nome simplesmente escapou quando o vi, o gatinho que se tornou um bebê substituto por tanto tempo e que cobrimos de amor.

Ed me olha por um momento e depois dá de ombros.

– Então tudo bem, ele vai se chamar George.

– Obrigada, Ed, ele é perfeito – sussurro, esmagando o nariz no pelo macio do gatinho.

– Ei, qual é o problema? Por que você está chorando?

Ed se inclina para a frente e limpa uma lágrima do meu rosto. Eu não tinha percebido que estava chorando.

– Nada. – Fungo, tentando forçar um sorriso. – É uma surpresa incrível. Obrigada.

– De nada.

Ele se inclina e dá um beijo suave nos meus lábios, enquanto eu luto outra vez contra as lágrimas. Por alguns minutos, permanecemos ali, observando o gatinho, que investiga seu novo lar, farejando a casa inteira, empurrando as portas com suas patas minúsculas. Meu coração se enche de amor e, por um momento, tenho a sensação de que tudo vai ficar bem.

Mas não posso deixar de me perguntar mais uma vez por que estou aqui. Este dia foi doce e amargo ao mesmo tempo quando aconteceu pela primeira vez. Nós comemoramos nosso aniversário e demos todos os sinais de estarmos felizes. Mas havia uma corrente subterrânea de tensão movimentando-se, esperando para gerar grandes ondas, que

optamos por ignorar. Nós dois sabíamos o que era – como não saberíamos? –, mas evitamos o problema, como sempre.

Mas agora está claro que nada mudou desde a última vez: aqui estamos, casados há seis anos, e ainda não temos um filho. Se for como na última vez, já estamos tentando há dois anos, sem sucesso.

E, se for como na última vez, eu me tornei uma mulher completamente obcecada pela ideia de ser mãe. Cada mês era um novo pesadelo, e sofremos muito enquanto esperávamos para ver se minha menstruação ia chegar. Cada vez que ela chegava, o coração doía.

“Eu sei que é difícil, Zo, mas você tem que manter o pensamento positivo”, disse Ed após um mês particularmente ruim.

Minha menstruação havia atrasado alguns dias e, quando por fim veio, criou um verdadeiro colapso emocional.

“Pensamento positivo?”, esbravejei, sentada no vaso sanitário com a tampa fechada, a cabeça nas mãos. “Isto é um pesadelo, Ed. O que há de *errado* comigo?”

Ele deu um passo em minha direção, mas eu me virei de costas e ele parou.

“Eu só queria... Ouça, Zo, você se lembra do que leu numa revista outro dia? O estresse pode diminuir as chances de engravidar. Eu sei que você está chateada, eu também estou, mas você precisa tentar fazer algo para relaxar. Eu não sei bem o quê. Ioga? Meditação?”

“Você só pode estar de sacanagem. Meditação?”

Eu sabia, no momento em que as palavras saíram da minha boca, que estava sendo totalmente insensata, mas não conseguia me controlar. Deve ter sido demais para Ed suportar. Primeiro, eu estava convicta de que não queria ter filhos. No minuto seguinte, estava obcecada por engravidar. Mas eu odiava o fato de aquilo ser algo que eu não podia controlar, algo que não conseguiria resolver de imediato. Toda vez que eu via alguém com um bebê, sentia uma onda de ressentimento, uma dor subindo no meu peito, até eu mal poder respirar. Isso me deixava tão irritada, com raiva do mundo, de mim mesma, de Ed, que eu não conseguia nem mesmo passar muito tempo com Becky e sua filha.

E então Becky ficou grávida novamente.

Eu sabia que ela estava com medo de me contar.

“Zoe, eu preciso falar com você”, disse ela, o rosto branco como papel, quando nos sentamos em minha sala de estar em uma manhã

para bebermos um chá. E eu sabia, sem sequer olhar para Becky, o que ela ia dizer.

“Você está grávida, não está?”

Tentei fazer com que não soasse como uma acusação. Afinal de contas, eu estava feliz por ela. Não era culpa de minha irmã que eu não pudesse conceber e ela, sim, e eu estava determinada a não fazer com que ela se sentisse culpada por isso.

Ela assentiu.

“Sinto muito, Zoe”, disse ela.

“Becky, jamais diga que sente muito”, respondi, levantando-me e abraçando-a. “Estou muito feliz por você, eu realmente estou, de verdade.”

Senti a tensão escoar de seu corpo quando ela percebeu que tudo ficaria bem. E eu fingi como uma verdadeira atriz. Mas, depois que ela foi embora, no final da tarde – depois que coloquei Gracie na cadeirinha, fechei o cinto de segurança e lhe dei um beijo afetuoso na testa, depois que abracei Becky e lhe disse que a amava, depois que acenei para elas enquanto o carro se afastava –, só então caí na cama, enterrei o rosto no travesseiro e solucei de raiva até não ter mais lágrimas para derramar. Ed não sabia o que dizer. Eu sabia que ele também estava triste, mas, por algum motivo, embora tenha sido ele quem sempre desejou um filho, não sentia uma obsessão tão absoluta quanto eu.

Isso me deixava furiosa, e, mesmo sabendo que não era justo descontar nele, era a maneira mais fácil.

Eu soube da notícia há dois meses. A barriga de Becky crescia, enquanto eu ainda estava longe de me tornar mãe. Na primeira vez, deixamos o tempo passar até admitir que precisávamos de ajuda. Talvez, se eu puder trazer o assunto hoje, sugerir que procuremos alguém para nos orientar, as coisas possam mudar e tenhamos mais uma chance.

Viro-me para Ed. Ele está embalando George, que esfrega o focinho suavemente no nariz do meu marido. Ele parece tão feliz! Sei que preciso nos dar essa oportunidade.

O que tenho a perder?



O problema do tratamento de fertilidade é que é totalmente

desprovido daquilo que faz um casamento ter significado: amor, emoção, sentimentos. É algo científico, sem romance e, muitas vezes, constrangedor. Você tem que perder todas as suas inibições e pensar em seu corpo como uma máquina, essa é a verdade.

O tratamento também pode causar terríveis alterações de humor e brigas ainda piores. E eu estava apavorada, temendo que isso voltasse a acontecer. Estava quase em pânico.

Mas, apesar de tudo isso, sei que tenho que dar a mim e a Ed a chance que merecemos de que, desta vez, as coisas deem certo.

É por isso que, mais tarde, quando nos sentamos à mesa da cozinha para comer a refeição que comprei na delicatessen local, meu coração está batendo com força no peito enquanto penso como tocar no assunto.

Acabo decidindo ser direta.

– Acho que precisamos de ajuda.

Ed levanta os olhos do prato, um cogumelo espetado no garfo a caminho da boca.

– Para quê?

– Para ter um filho.

Ed enfia o cogumelo na boca e mastiga devagar, olhando para mim do outro lado da mesa. Finalmente, ele engole e limpa a boca com as costas da mão.

– É sério?

Faço que sim.

– Ed, já faz dois anos. Nada aconteceu e provavelmente não vai acontecer. Acredito que precisamos consultar alguém, falar com um médico sobre nossas opções.

Bebo um gole de vinho e o observo com cuidado. Ele está segurando a taça pela haste, girando-a lentamente para um lado e para o outro. Uma música suave toca ao fundo.

– Acho que você tem razão. – Ele faz uma pausa e suspira. – Então, o que fazemos agora?

Dou de ombros, torcendo para não demonstrar meu medo. Porque eu sei o que vem a seguir: as consultas, os exames, as agulhadas, as cutucadas. As variações de humor, o nervosismo, as brigas, a tensão que quase dilacera o casamento.

Mas não posso dizer nada disso.

– Acho que precisamos ir ao médico, descobrir se há um problema.

– Certo – responde Ed. Ele mastiga em silêncio, pensativo. – O que

acontece se...

– Se o quê?

– Se descobrirmos que simplesmente não podemos ter filhos?

– Bem, então vamos enfrentar isso. Mas, Ed, não há nenhuma razão para pensarmos assim. Talvez só estejamos precisando de um pouco de ajuda.

Sinto-me uma verdadeira fraude, fazendo o papel de esposa. Porque estou mentindo para ele: eu sei que precisamos de mais do que de um pouco de ajuda. Mas também sei que ninguém nos disse para perder as esperanças. Então tem que valer a pena tentar.

– Espero que sim.

Nós comemos em silêncio por alguns minutos, cada um perdido nos próprios pensamentos.

– Você sabe que, mesmo se não pudermos ter um filho, eu nunca vou deixá-la, não sabe? – As palavras de Ed saem de uma vez só, como se uma comporta tivesse sido aberta e elas comesçassem a jorrar.

– Eu sei – respondo.

E sei o que ele quer dizer com isso. Entretanto, não significa que não vai acontecer, apesar de nossas promessas. Há um limite para o que um casamento é capaz de suportar.

– Se isso chegar a acontecer, ainda poderemos adotar.

– Ed, não vamos falar sobre isso agora. Um passo de cada vez. Primeiro marcamos uma consulta e conversamos com o médico para ver o que ele tem a dizer. Se precisarmos de exames, tudo bem, mas vamos ver o que acontece.

– Você está certa – diz ele, olhando para o jantar. Então alguma coisa se encaixa dentro dele e seu rosto se ilumina. Ele ergue sua taça.

– Ao futuro. Ao *nosso* futuro.

Levanto minha taça para fazer o brinde.

– Ao futuro.

Só me resta esperar que tenhamos um.

10 de dezembro de 2010

AACORDO ASSUSTADA e me sento na cama, suando e tremendo, o coração batendo como se estivesse tentando sair do peito. O quarto está escuro e, quando me acalmo, procuro Ed na cama, desesperada por conforto. Mas ele não está aqui. Estendo a mão e aliso o lençol amarrotado, como se precisasse da confirmação de que ele realmente não está onde deveria.

Eu franzo a testa. Então onde ele está?

Meu coração dispara enquanto vasculho a mente atrás das possibilidades. Ele raramente viajava, então não deve ser isso. Ele pode apenas já ter se levantado, mas estamos no meio da noite e não me parece ser essa a resposta.

Não. Não pode ser – ou pode? Meus olhos percorrem o quarto como um farol, tentando ver detalhes no escuro para provar que estou errada. Não, este não é um quarto de hospital. Eu não acordei em 2013 para descobrir que Ed morreu. Ainda estou no passado. Só preciso saber quando.

O quarto está frio. Tremendo, rolo para o lado e empurro o edredom. Pego meu roupão, que está no chão ao lado da cama, e o visto. Abro a porta do quarto e ando devagar até a sala. As tábuas do assoalho rangem sob meus pés e o vidro da janela filtra o brilho alaranjado da rua, iluminando meu caminho. Abro a porta da sala de estar em silêncio e olho lá dentro. No começo não consigo ver nada. As persianas estão totalmente fechadas e nem um fio de luz consegue passar. Mas, quando meus olhos se acostumam com a escuridão, vejo uma forma no sofá.

Ed está deitado de lado, com apenas um cobertor fino para protegê-lo do frio, roncando suavemente. Acendo a luz do corredor para enxergar melhor sem acordá-lo e me sento na cadeira em frente.

Nisso, Ed se mexe um pouco e puxa o cobertor mais para cima do rosto, deixando de fora apenas os olhos. Observo-o por alguns minutos na escuridão, o cobertor subindo e descendo suavemente a cada respiração, e me pergunto por que ele está dormindo aqui, e não ao meu lado, onde é seu lugar. Será que brigamos? Isso só aconteceu algumas vezes, mas cada uma delas foi terrível. O que eu menos quero é reviver algum daqueles dias. Qual seria o sentido disso?

Eu me levanto e vou até a cozinha. O relógio do fogão marca 4h05. Sei que não vou mais dormir, então encho a chaleira e me sento em um banquinho para esperar a água ferver. Enquanto o zumbido da chaleira enche o ar, olho ao redor e percebo, com um sobressalto, que este é o apartamento em que morávamos quando Ed morreu. Onde moro agora. Não é mais o apartamento em que acordei na última vez e não posso acreditar que levei tanto tempo para perceber.

Há um calendário na parede, tento enxergá-lo sob a luz tão fraca. É de dezembro de 2010. Meu Deus, apenas três anos antes da morte de Ed. O tempo está passando tão depressa que este pode ser o último dia que terei ao lado dele. Minha cabeça gira só de pensar nisso.

Meus olhos estudam o calendário. “Jantar com as meninas”; “Ed, preparativos de Natal”; “Mamãe e papai”, todos com a minha letra. As anotações param em 10 de dezembro. Há apenas uma palavra aqui, sem pontos de exclamação, sem observações, sem nada. Apenas: “Resultados”. E então percebo. Deve ser hoje. Deve ser por isso que estou aqui. É o dia de pegar os resultados do nosso primeiro tratamento de fertilidade.

Isso significa que já se passou um ano inteiro desde que nossas vidas começaram a girar em torno de um só tema: reprodução. Conforme combinamos, fomos ver nosso médico. Ele fez várias perguntas pessoais e pediu uma série de exames. Mas nenhum deles revelou nada. Não parecia haver razão alguma para eu não engravidar. Mesmo assim, ainda não acontecia.

Tínhamos direito a uma tentativa de tratamento de fertilidade. Apenas uma, as outras teríamos que pagar. E, apesar de não depositar todas as minhas esperanças nessa chance, eu tinha certeza de que daria certo. Afinal, por que não?

O tratamento foi mais difícil do que eu imaginava.

“Acho que devemos tentar algo chamado inseminação intrauterina, ou IUI”, explicou o especialista.

Assim, fomos colocados em uma lista de espera e, alguns meses

depois, fomos chamados. Era a nossa vez.

Desde o início, a coisa toda parecia estar acontecendo com outra pessoa. Ed entregando sua amostra de esperma, a inseminação propriamente dita, os hormônios, as cólicas e a espera. Nada parecia real, não naquela primeira vez.

E agora estamos aqui, de volta ao dia em que descobriremos se tudo valeu a pena.

Apesar de tudo, apesar do que já sei, me pergunto se desta vez vai ser diferente, se esta é a razão para eu estar aqui de volta. Só de pensar nisso, quase caio do banco.

O som da chaleira sobe em um crescendo e, com a mão trêmula, eu me levanto e tiro uma caneca da prateleira, coloco um saquinho de chá dentro dela e derramo a água fervente. Estou em piloto automático. Mexo o saquinho de chá com uma colher, pego o leite na geladeira, me sirvo de uma generosa porção e o guardo de novo. Quando fecho a porta, quase morro de susto. Ed está ali, de pé, com os olhos vermelhos, atrás da porta da geladeira.

– Meu Deus, Ed, você quase me matou do coração!

– Desculpe. – Ele esfrega os olhos. – O que você está fazendo acordada?

– Não consegui dormir. E você, por que está acordado?

– Eu só... bem, você sabe, o sofá não é muito confortável...

Há um silêncio constrangedor, que não posso interromper, pois não sei exatamente por que ele está no sofá. Fico esperando que ele fale outra vez.

– Sinto muito – continua ele. – Eu não quis dizer nada daquilo que disse na noite passada. Eu só... – Ele esfrega a mão no rosto como se quisesse limpá-lo. – Bem, eu perdi o controle.

Ele estende os braços como um convite e eu não hesito. Realmente não ligo para o que ele disse ontem à noite ou para o que eu disse. O fato é que não importa, não mais.

– Tudo bem.

Ele se afasta e olha para mim.

– Então isso quer dizer que eu posso voltar para o quarto?

Fico em silêncio, fingindo pensar.

– Acho que pode.

Ed sorri.

– Oba.

– Só tem um problema. Perdi o sono. – Eu me sento à mesa e provo

o chá. – Talvez eu fique por aqui.

Ed fica um minuto pensativo, parecendo magoado.

– Nesse caso, vou ficar aqui com você.

Ele pega a chaleira, serve-se de uma xícara de chá e se senta no banco ao lado do meu.

– Então, você está pronta para hoje?

Eu dou mais um gole no chá.

– Acho que sim. E você?

Ed assente.

– Eu sei que você está apostando muito nessa tentativa, Zo, mas há uma coisa que eu disse na noite passada que é verdade. Se não funcionar desta vez, por favor, não fique muito desapontada. O médico disse que não há nenhuma garantia. É apenas nossa primeira tentativa.

– Eu sei. Mas vamos ver.

– Sim, vamos esperar para ver – diz Ed com delicadeza.

Eu olho para meu chá. Sinto Ed me observando, mas não consigo encará-lo, com medo de começar a chorar. Em vez disso, eu me levanto e aperto o cinto do roupão.

– Vou tomar um banho.

– Vou dormir mais um pouquinho.

– Está bem.

Não conseguiria dormir agora. Não paro de pensar nas inúmeras possibilidades. Talvez um banho me ajude a me acalmar.

Uma hora depois, envolta em uma toalha, eu me sento no sofá e fico olhando para o quadrado preto da janela que dá para a rua. São apenas cinco e meia e continua escuro lá fora. Está tudo estranhamente silencioso, o único som vindo dos trens ao longe e dos pneus de um automóvel ocasional que segue pela rua molhada. Minha agenda está sobre a mesa e eu leio o que está escrito na data de hoje. *Resultados, 15h, Whittington*. Sublinhei a palavra *Resultados* e usei também pontos de exclamação. A empolgação e a esperança partem meu coração.

Fecho a agenda. Vai ser um dia longo. Preciso fazer algo para preenchê-lo.

Silenciosamente, para não acordar Ed, eu visto a minha calça jeans *skinny* preferida e várias blusas quentes, enfio os pés nas botas e coloco uma parca bem grossa e um cachecol, luvas e gorro. Pego minha bolsa e as chaves e, com todo o cuidado, abro a porta. O ar frio

tira meu fôlego e eu inspiro fundo, enchendo os pulmões, e depois expiro depressa, fazendo surgir uma nuvem de vapor que sobe e desaparece no ar. Fecho a porta e enfio as mãos nos bolsos. Há um pouco de gelo no chão, que minhas botas trituram contra o concreto, e ouço o ritmo dos meus passos enquanto ando depressa, tentando me manter aquecida. Não tenho nenhum destino em mente, só preciso sair de casa e tomar ar fresco. Preciso me sentir viva.

Ando por ruas conhecidas, escolhendo os caminhos aleatoriamente, até que as casas deixam de ser familiares. Meu corpo está aquecido sob as camadas de roupa e tiro as luvas para deixar o ar esfriar minhas mãos.

Ainda está escuro, mas um brilho suave por trás dos edifícios anuncia o dia que está por vir. Quando passo por um café com os vidros embaçados, percebo que estou morrendo de fome, então tiro o gorro e o casaco e entro. É um típico café de comida gordurosa. O rumor de vozes e o cheiro de bacon e ovos enchem o ambiente, e é exatamente disso que eu preciso. Ninguém nota minha chegada. Peço ovos fritos com torrada e chá, e me sento a uma das mesas. O café está bem quente e eu observo os madrugadores, aqueles que trabalham nos turnos da manhã ou à noite, a gente a caminho de casa depois de uma noite de diversão, todos juntos em um só lugar.

Meus ovos chegam e eu os engulo com avidez. Em seguida, brinco um pouco com o chá, esperando esfriar. E então, só então, permito que a minha mente vagueie.

Penso em Becky e em seus dois filhos lindos: Gracie, que agora, em 2013, tem 6 anos, e Alfie, que tem 4 e é a cara do pai. Eu amo essas crianças do fundo do coração, mas me dói cada vez que as vejo, pois me lembram o que não posso ter. Por isso, evito me aproximar.

Uma conversa me vem à cabeça, algo que aconteceu mais ou menos nesta época. O número de Becky apareceu em meu telefone e, para variar, resolvi atender. Mas o que ouvi foi a voz de Gracie, que tinha 3 anos, e não a de minha irmã:

“Por favooooooooor, tia Zoe, vem brincar comigo, estou com saudade! Tenho um monte de bonecas pra você.”

Um nó se formou em minha garganta e eu mal consegui responder. Becky havia me enganado e fiquei irritada, mas não podia me zangar com minha sobrinha.

“Eu vou em breve, Gracie, prometo.” Minha voz era pouco mais que um sussurro.

“Mas você *sempre* diz isso. Você pode vir agora, por favor, por favor, por favor?”

“Sinto muito, não posso agora, querida. Mas vou logo, prometo. Posso falar com a mamãe agora?”

“Está bem, tia Zoe. Amo você!”

“Tchau.”

Depois de alguns segundos de silêncio, a voz de Becky surgiu:

“Desculpe, mas pensei que você ouviria mais a Gracie do que a mim. Você não vem nos ver há séculos. Está tudo bem?”

Ela estava certa. Não havia por que ficar zangada com Becky. Eu estava negligenciando minha família.

“Sim, tudo bem. Eu só...” Parei, para não dizer tudo que estava passando. Ninguém quer ouvir uma pessoa reclamando sem parar. Não era interessante para ninguém. Era meu pequeno drama pessoal. Meu e de Ed.

Mas Becky leu meus pensamentos.

“Zoe, você sabe que tudo vai ficar bem, não sabe? Os médicos fazem coisas surpreendentes hoje em dia. Você vai ver. Nada estaria certo neste universo se você não pudesse ser mãe.”

Tentei falar, mas parecia que minhas cordas vocais estavam amarradas.

“Você está chorando? Por favor, não chore. Não queria fazer você chorar. Só sentimos sua falta. Por favor, podemos vê-la em breve?”

“Sim. Sim, claro. Eu sinto falta de vocês também. É só... É que é muito difícil, Becky, só isso.” Eu não queria dizer mais nada.

“Eu entendo. De verdade. Ouça, Alfie acabou de fazer um cocô gigantesco e preciso desligar antes que o cheiro me faça desmaiar. Mas vamos nos ver em breve, promete?”

“Prometo.”

Eu desliguei, querendo de verdade manter a promessa. Mas não consegui. Ainda me mantive distante por muito tempo e, em 2013, foi ainda pior. Fiz o mesmo com meus pais e com Jane. Todos eles tentaram me ajudar, conversar comigo sobre a situação, mas eu não permiti, parei de atender seus telefonemas, parei de visitá-los.

Eu me sinto envergonhada. Desta vez, se tiver a chance, não vou cometer o mesmo erro.

Olho para cima e vejo que está claro lá fora. Não consigo enxergar o céu, mas percebo uma luz cinza-azulada suspensa sobre os edifícios e sobre as pessoas que passam, embrulhadas em seus casacos. É hora

de ir para casa. Deixo o dinheiro na mesa, pego meu casaco e saio. Não sei onde estou, mas, se continuar caminhando, vou acabar encontrando alguma estação de metrô. Pego meu celular na bolsa e envio uma mensagem para Ed.

A caminho de casa. Até mais. Bjs

Então desligo o telefone e começo a andar.



No meio do caminho, tomei uma decisão. Não fui diretamente para casa, afinal era quase certo que Ed já teria saído para o trabalho e eu não queria ficar sozinha. Em vez disso, enviei outra mensagem, avisando a ele onde eu estaria, e fui à casa de Jane. Eu não podia imaginar nada que pudesse fazer para alterar o resultado de hoje. Estava fora do meu alcance. Mas senti uma necessidade inadiável de visitar minha melhor amiga, a amiga que negligenciei tanto nos últimos tempos.

É por isso que agora me encontro aqui, tremendo de frio, na entrada do prédio de Jane, esperando que ela atenda a campainha.

Finalmente, sua voz distorcida surge pelo interfone, indecifrável, em seguida um zumbido alto, e eu empurro a porta e me dirijo às escadas. A porta do apartamento está entreaberta. Entro e a encontro inclinada sobre a máquina de café, xingando e emitindo alguns sons estranhos e abafados. Ela me ouve entrar e olha em volta, o rosto corado.

– Esta merda não quer funcionar – diz ela, mexendo na máquina e puxando uma peça, que joga com força no balcão.

– Acho que isso não vai ajudar em nada.

Ela sorri.

– Também não vai piorar.

Ela seca as mãos em uma toalha e vai até mim com os braços estendidos para me envolver em um abraço apertado e carinhoso. Eu a abraço também e ficamos assim por alguns instantes, até que Jane se afasta, ainda segurando meus braços.

– E aí, sumida, por onde você tem andado?

Eu abaixo a cabeça, envergonhada.

– Desculpe, eu tenho sido horrível. Para ser sincera, não tenho nenhuma desculpa.

– Não seja boba. Eu não quis dizer isso. Sei que você tem

enfrentado uma barra. E, ainda que soe piegas, tenho que confessar que senti saudades.

– Eu também.

Lágrimas ameaçam descer pelo meu rosto.

– Certo – diz Jane, mostrando a máquina de café quebrada. – Não vai ter café. Que tal um chá?

– Chá me parece perfeito – respondo.

Ela vai procurar saquinhos de chá no armário enquanto eu tiro o leite da geladeira e pego duas xícaras. Esta casa é tão familiar para mim quanto a minha própria.

Chá pronto, vamos até a sala de estar e eu me sento no sofá por cima das pernas dobradas. Olho para o relógio acima da TV e fico chocada ao ver que ainda são oito e meia. Estou acordada há horas.

– E aí, por que você não está no trabalho hoje? – pergunto.

– Eu liguei avisando que ia me atrasar.

– Por minha causa?

Ela dá de ombros.

– É claro. Minha amiga parecia estar precisando de mim, e você não soava assim há muito tempo.

– Deus, agora eu me sinto péssima.

– Que nada. Eu não teria feito isso se não quisesse. E, de qualquer maneira, dedico a eles tempo mais do que suficiente. Estão me devendo.

Ela toma um gole de chá.

– Então, o que está acontecendo?

Eu suspiro. Não sei bem por onde começar.

O que eu quero contar a ela é o seguinte: que Ed morreu e, por alguma razão bizarra e inexplicável, estou revivendo minha vida e tentando desesperadamente fazer as coisas de forma diferente para que ele não morra; que eu nunca vou me perdoar por nosso casamento ter se esvaziado, obcecados que estávamos pela ideia de engravidar; que sinto um vazio na boca do estômago toda vez que penso que nunca vou ser mãe; que fico enjoada só de pensar que, mesmo depois de tudo isso, eu talvez ainda não seja capaz de evitar a morte de Ed.

Mas não posso dizer nada disso.

Portanto, conto a ela sobre o tratamento de fertilidade, que me faz sentir como se meu corpo estivesse sendo usado para algum tipo de experiência médica, falo que os hormônios se espalham dentro de mim e provocam ondas de calor, que eu choro por qualquer coisa e culpo

Ed por tudo, que eu me sinto como se minha vida estivesse voltada para o único objetivo de gerar outra vida. Por fim, confesso que não revelei isso a ninguém e sinto que vou explodir.

Quando termino, meu rosto está molhado de lágrimas e sou surpreendida pelo alívio que a confissão me traz, depois de tanto tempo. Jane parece chocada, os olhos arregalados.

– Que merda, isso é um pesadelo.

Isso é tão Jane, tão diferente do que eu teria dito, que começo a rir. Tenho um ataque histérico, não consigo me controlar, e logo estou enxugando lágrimas de riso, e não de tristeza, segurando meu maxilar dolorido. Jane começa a rir também e, por alguns minutos, nenhuma de nós consegue falar. Leva algum tempo, mas aos poucos nos acalmamos. Tento dizer alguma coisa.

– Eu... – soluço – eu sinto muito, mas é que...

– Eu sei. – Jane recupera o controle. – E me desculpe, não queria parecer tão rude. Mas, Zo, eu realmente não sei mais o que dizer. Parece um maldito pesadelo.

Eu faço que sim, concordando, finalmente capaz de respirar outra vez, assim que as risadas diminuem.

– É mesmo. Mas o que é que eu vou fazer?

Ela dá de ombros.

– Quem pode saber?

– Deus.

Queria que alguém me orientasse. Que alguém me dissesse se estou fazendo a coisa certa, se estou fazendo o suficiente para mudar a situação, ou se estou apenas perdendo tempo. Será que, se eu disser a Ed que desejo interromper o tratamento agora, isso vai impedir que nos afastemos tanto e as coisas vão melhorar?

Ou será que me recusar a continuar tentando depois de tudo pelo que passamos vai nos afastar de qualquer maneira? Preciso tomar uma decisão crucial.

– Eu ainda quero um filho. Quero, de verdade. Quero que Ed tenha o filho que deseja e que eu também desejo. Só não sei se posso passar por tudo isso e acabar não engravidando e ainda ver nosso casamento ser destruído.

Um soluço sobe no meu peito e tento me acalmar.

– Você não sabe se isso vai arruinar as coisas entre vocês, Zo. Tudo ainda pode ficar bem.

– Meu casamento já está arruinado, Jane. Eu só quero consertá-lo.

– Ah, amiga, eu entendo...

Ela coloca o braço em volta dos meus ombros.

– E sei que isso não faz você se sentir melhor, mas há outras pessoas passando pelo mesmo problema. Só porque você vê mulheres com filhos o tempo todo, não significa que foi fácil para elas. Ouça, há uma moça no meu trabalho que tentou o processo de fertilização in vitro durante anos. Todos nós sabíamos quando ela estava passando por um novo ciclo, pois ela mal abria a boca, ficava muito triste e sensível, então sabíamos que era melhor deixá-la sozinha. Tudo isso durou muito tempo e a maioria se perguntava por que ela não desistia. Mas ela seguiu em frente e agora é mãe de gêmeos. Eu não estou dizendo que no seu caso vai levar muitos anos, apenas que... bem, que outras pessoas também têm problemas e talvez você deva procurar alguém com quem conversar, mulheres que passaram pela mesma situação. Pode ser que ajude.

Eu olho para minhas unhas e começo a roer com força.

– Talvez. Mas eu realmente não acho que as histórias tristes de outras pessoas vão me deixar melhor. Eu quero *fazer* alguma coisa e tentar mudar algo por mim mesma. Tomar uma atitude.

– Qual?

– É exatamente esse o problema. Eu não sei.

Jane reflete por um minuto.

– Você já tentou acupuntura ou, sei lá, reflexologia, algo assim?

Olho para ela.

– Sério? A mulher mais cética do mundo está me sugerindo terapias alternativas?

Ela dá de ombros, parecendo envergonhada.

– Pois é, só porque eu acho que uma coisa é um monte de besteira não significa que realmente é. Afinal, quem sou eu para ter certeza?

Penso sobre isso. Não tentei nada parecido na última vez. E, na última vez, não engravidei. Talvez Jane tenha razão, embora ela mesma não acredite. Talvez valha a pena tentar.

– É mesmo. Você pode estar certa.

– Bem, Zo, a verdade é que isso não vai fazer você se sentir pior. Quero dizer, olhe só para você.

Jane aponta para mim, uma mulher em pedaços, choramingando no sofá.

Eu dou um sorriso fraco.

– Eu sei. E obrigada, Jane. Eu precisava disso.

– Sempre às ordens, a qualquer hora, Zoe. Sério. Eu estou sempre aqui.

Fico imensamente grata por ela ser minha amiga. Não sei por que imaginei que seria mais fácil passar por isso sem ela.

Inspiro fundo.

– Bem, chega de falar sobre mim. Como anda a sua vida? Como está...

Eu me calo, percebendo que não consigo me lembrar do nome da pessoa com quem ela está no momento, se é que está com alguém.

Jane sorri.

– Joe já era. Não dá para acompanhar alguém que gasta todo o seu tempo na academia e prefere correr a beber uma boa cerveja. Um cara com uma bela barriga de tanquinho, mas, *caramba*, que sujeito mais chato!

Eu sorrio, aliviada por conversar sobre outra coisa.

– Então, não tem ninguém mais interessante em vista?

Jane havia se inscrito em um site de encontros mais ou menos nesta época. Espero não estar enganada.

– Beeeeeeem, eu ando pensando muito – diz ela, com um sorriso malicioso.

– O que você anda aprontando, mocinha?

– Preste atenção. Até agora não tive sorte ao escolher alguém do site, então achei que poderia encontrar alguém melhor se você escolhesse para mim.

– Eu?

– Bem, só se você quiser.

– Sim, tudo bem. Eu adoraria. E, para dizer a verdade, não posso me sair pior do que você.

– Excelente argumento, minha amiga.

Jane sempre escolhe homens lindos, mas que em geral são tediosos ou egocêntricos ou vivem duros, ou os três ao mesmo tempo. Tenho certeza de que posso encontrar alguém melhor para ela. E, se não conseguir, pelo menos vou me distrair pensando em algo além de mim mesma e dessa minha estranha segunda chance.

Jane pega o laptop no balcão da cozinha e se senta ao meu lado no sofá. Ela entra no site de encontros e clica nas novas mensagens. Nós as lemos juntas e reviramos os olhos, achando graça. Em seguida, ela passa o computador para mim e me permite dar uma olhada em alguns dos homens. Leio os perfis, espantada.

Eu amo taxidermia. Espero que você ame também. Ele está cercado por animais empalhados. Que horror!

Estou na prisão por fraude. Esse é mesmo um bom partido.

Sou naturista e passo a maior parte do tempo nu. Se você também prefere se livrar de suas roupas, então é a garota certa para mim! Dou uma boa gargalhada.

– O que foi? Deixe-me dar uma olhada.

Jane está tentando ver a tela, mas eu afasto o computador.

– Não, eu estou escolhendo, você tem que ser paciente.

– Mas você está demorando um *século*.

– Você quer ou não quer que eu encontre o homem dos seus sonhos?

– Quero, mas depressa.

Eu rio e continuo a leitura.

Poucos minutos depois, eu paro.

– Achei. *Este* é o homem para você.

Jane olha para a foto e franze o nariz.

– Mas... ele é magrelo.

– Ele *não* é magrelo, simplesmente não tem a carcaça musculosa. E você tem que ler o perfil do sujeito antes de decidir que não gosta dele. De qualquer forma, você disse que eu poderia escolher alguém para você conhecer, então tem que pelo menos dar uma chance ao rapaz.

Suspirando dramaticamente, Jane pega o laptop e lê o perfil de “Jamie, 38 anos, de Londres”. Ele é magro e usa óculos. Mas parece fofo e divertido.

Quando ela termina de ler, olha para mim.

– Tudo bem, vou convidá-lo para um encontro. Mas não prometo me apaixonar.

Eu reviro os olhos.

– Dê uma chance ao cara – peço.

Agarro o laptop e digito uma mensagem para Jamie.

– Certo, está feito – anuncio, fazendo um floreio ao clicar em ENVIAR. – Agora você não pode voltar atrás.

– Está bem, está bem. Que mulher mais insuportável você é. Já me arrependi de ter sugerido isso.

– Quer apostar que você não apenas vai gostar dele, como vai rolar um segundo encontro?

– Apostado – diz ela, e apertamos as mãos firmemente. Espero

poder descobrir como a história termina.

Poucos minutos depois, quando me despeço e me preparo para voltar para casa, encontrar-me com Ed e enfrentar o problema na clínica de fertilidade, percebo que, pela primeira vez em muito tempo, eu me sinto feliz. Foi incrível passar alguns momentos com Jane, falando de outro assunto que não gravidez. Eu me senti uma pessoa normal, e foi maravilhoso estar de novo tão perto de minha melhor amiga.

Prometo a mim mesma que vou fazer isso mais vezes.



À tarde, Ed segura minha mão com força enquanto seguimos em silêncio, sentados lado a lado no ônibus, a caminho da clínica. Meu corpo inteiro está rígido, tenso. Olho distraída pela janela. O céu está cinzento e cada vez mais escuro, ameaçando nevar. Espero que não seja um sinal.

Ouçõ o rumor das pessoas conversando em torno de mim, gente levando sua vida cotidiana. Eu invejo essa normalidade. Mas posso apostar que há pessoas no ônibus que trocariam de lugar comigo num piscar de olhos, se isso lhes desse a chance de rever uma pessoa amada. Aperto a mão de Ed com ainda mais força, e ele aperta de volta.

Não sei se os resultados que obteremos hoje serão iguais aos da outra vez, quando ficamos arrasados ao descobrir que o tratamento não havia funcionado.

E, ao mesmo tempo que minha cabeça me diz que vai ser igual, meu coração me diz outra coisa: que talvez, apenas talvez, eu tenha feito uma diferença. Talvez, neste momento, eu possa estar grávida.

Estremeço de repente e quase sou arremessada do meu lugar quando o ônibus faz uma parada súbita, os freios cantando.

– Que merda! – Ed aperta a barra ao seu lado com força. – Vamos sair, esta é a nossa parada mesmo.

Ele se levanta e agarra a minha mão, e eu o sigo, descendo do veículo para o ar gelado da rua e, em seguida, para o calor do hospital.

Cinco minutos depois, estamos sentados em cadeiras de plástico duras, esperando o médico. Os dias, as semanas e os meses de dor e sofrimento nos levaram até este momento, este breve encontro, neste

edifício inexpressivo de tijolos no meio de Londres. Tudo se resume ao que vai acontecer naquela sala daqui a poucos minutos. É isso que vai decidir nosso destino, determinar o que está por vir.

E não fica mais fácil na segunda vez.

Eu aperto a mão de Ed, que se vira para mim e sorri de leve. Ele parece tão apavorado quanto eu, e meu coração se enche de dor por ele.

– Você está bem? – pergunto.

Ele balança a cabeça brevemente.

– Estou com medo.

– Eu também.

Nós caímos de novo em silêncio. O relógio na parede em frente continua seu movimento incessante e o silêncio se estende até que algo venha quebrá-lo.

E então ele se quebra.

A porta de madeira se escancara e um rosto familiar – pelo menos para mim, não para Ed – aparece.

– Edward e Zoe Williams? – pergunta o médico, sorrindo calorosamente.

Nós nos levantamos e o seguimos para dentro do consultório. Sinto as pernas bambas ao entrar na sala onde passei muitas horas tensas, discutindo opções, gritando e chorando, e tenho que lutar para conter as lágrimas. As paredes amarelo-claras, os vasos de planta sobre a mesa, as poltronas confortáveis de couro falso em frente à mesa de madeira, isso tudo destoa completamente do resto da clínica. Na primeira vez que vi esse ambiente, meu coração estava cheio de esperança. Como é que alguma coisa ruim poderia acontecer aqui?

Trêmula, eu me sento e viro o rosto para o médico, o Dr. Sherringham. Ele já está sentado, com papéis espalhados sobre a mesa, e balança uma caneta entre o polegar e um dos dedos. Em seguida, sorri novamente, e eu retribuo com um sorriso tenso e pouco convincente. O rosto de Ed está impassível. O médico inclina-se para a frente e examina os papéis.

– Olá, sou o Dr. Sherringham.

Ele limpa a garganta, estende a mão e cumprimenta cada um de nós. Ed e eu estamos tremendo. O médico estuda de novo os papéis, depois olha para mim e, em seguida, para Ed.

– Muito bem, não vou mantê-los em suspense por mais tempo, pois sei como isso é importante para vocês. Eu tenho os resultados aqui e

temo que a notícia não seja muito boa. Você não está grávida.

Ele se cala e o silêncio que enche a sala me oprime, até eu sentir que minha cabeça vai explodir. Quero gritar, mas o grito não sai. Coloco a mão suavemente na barriga.

Nada mudou. Então por que dói ainda mais desta vez?

Não posso continuar com isso. Todo o sofrimento dos últimos anos vem à tona: a dor da morte de Ed, das brigas intermináveis, de trocar amigos e família por noites extenuantes de tratamento de fertilidade. A dor de perder a mim mesma. As lágrimas parecem não querer parar.

Ed se ajoelha e me abraça e, por alguns minutos, é como se fôssemos as únicas pessoas na sala. Ele também está chorando, nossas lágrimas se misturam e caem no meu colo, molhando minha calça. O médico fica em silêncio, permitindo-nos algum tempo para absorver a notícia.

Por fim, porém, ele tosse delicadamente e Ed se afasta. Os soluços diminuem, mas minha respiração é irregular e um tremor súbito me toma de surpresa de vez em quando. Nós dois ficamos olhando para o Dr. Sherringham.

– Eu sei como isso é difícil para vocês – diz ele. Sua voz é suave e gentil, o que, de alguma forma, torna tudo mais difícil. – Mas este não é o fim da linha. Ainda há muitas coisas que podemos tentar. Ainda temos muito tempo.

Ele está sendo sincero, mas sinto raiva, porque sei que não há muito tempo, não para nós.

– É o fim da linha. Nós nunca vamos ter um filho, e isso vai arruinar minha vida. Vai arruinar nossas vidas. Eu...

Não consigo prosseguir, de novo sufocada pelas lágrimas. O Dr. Sherringham me estende uma caixa de lenços de papel. Puxo alguns, agradecida, e seco os olhos inchados. Não ousou encarar Ed.

– Sinto muito. Eu só... estava esperando notícias mais positivas.

Limpo o nariz e amasso o papel nas mãos.

– Eu sei, eu também. Nós todos esperávamos boas notícias. Sinto muito que não tenha funcionado desta vez. Mas prometo que vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para que vocês consigam o filho que tanto desejam.

– Mas... por que isso aconteceu? – pergunto.

Ele dá de ombros.

– Não posso afirmar com certeza. Quando começamos o tratamento, todos nós sabíamos que havia apenas uma pequena

chance de sucesso. Sei que isso não torna a situação mais palatável, mas não significa que não possa dar certo na próxima vez, ou depois. Só temos que encarar os desafios um dia de cada vez, até encontrarmos a solução que seja melhor para vocês. E é por isso que estou aqui.

Ele faz uma pausa, em seguida recomeça, agora parecendo desconfortável:

– Vocês sabem que qualquer tratamento que quiserem fazer daqui em diante terá que ser pago, não sabem?

Eu olho para Ed, que assente.

– Nós vamos pagar pelo que for necessário.

Penso nos milhares de libras que vamos gastar nos próximos anos, nos problemas que isso vai nos causar, e minha vontade é gritar: “Não, vamos guardar nosso dinheiro e esquecer tudo isso.” Mas apenas aquiesço.

– Certo, então vamos falar sobre o que acontece a seguir? – pergunta o Dr. Sherringham.

– Sim, por favor – responde Ed.

Ele olha para mim e dou um leve aceno de cabeça. Mas a minha mente está acelerada. Nada mudou até agora, pelo menos não que eu perceba. Porém, talvez *este* possa ser o momento de fazer alguma coisa, minha chance de poupar anos de dor de cabeça, de salvar nosso casamento. Mal posso acreditar que estou pensando nisto depois de tudo o que passamos, mas e se eu deixar claro agora que para mim já basta, que não quero continuar mais tentando engravidar? Será que faria diferença?

Não tenho a menor ideia.

Sinto-me tonta e me concentro no incessante ponteiro dos segundos do relógio acima da cabeça do Dr. Sherringham. Ed e o médico estão discutindo nossas opções, mas não ouço quase nada. Tudo o que tenho na cabeça é que o tempo está correndo. Esta pode ser minha última chance.

– Não!

Sai quase um grito, surpreendendo até a mim mesma. Ed e o Dr. Sherringham param na mesma hora, o rumor de sua conversa substituído por um silêncio tenso e pesado. Não consigo encarar nenhum dos dois, então continuo a olhar para o relógio, os segundos passando sem parar.

– O que você quer dizer com não? – A voz de Ed é dura, mais

estridente do que o normal.

– Eu... – *O que eu quero dizer?* – Eu só quero dizer... que não acho que posso continuar a fazer isso.

– Fazer o quê, Zoe?

Sua voz suavizou-se um pouco e eu me viro para ele, olho em seus olhos, que têm um tom mais pálido, menos azul do que costuma ser.

– Acho que não consigo passar por intermináveis rodadas disso, Ed. É demais. É muito doloroso e, provavelmente, nunca vai dar certo. Eu só acho que talvez devamos parar.

Por um instante, ele me olha em silêncio.

– Mas você prometeu, Zoe. Você deseja isso, nós desejamos isso há meses. Você não pode desistir depois de apenas uma tentativa.

Ele olha para o Dr. Sherringham, suplicante, quase implorando por ajuda.

– Ed tem razão, Zoe. Este é apenas um contratempo. Não significa que vocês não vão ter um filho, apenas que precisamos tentar um pouco mais. A decisão é sua, é claro, mas sugiro que vocês vão para casa e tenham uma conversa, e depois nos vemos de novo. O que acham?

– Obrigado. Isso me parece perfeito. Zoe? – A voz de Ed é fria outra vez, e eu estremeço.

Não sei mais o que fazer. Tentei acabar com isso, fazer a diferença, mas, a menos que haja uma maneira de dizer a eles que eu sei que nunca vai funcionar, que esse processo vai arruinar nosso casamento, não tenho como explicar minha atitude. Não há como.

A sala começa a girar e eu fecho os olhos. Eu me inclino para a frente, agarro a cabeça com as mãos e vou virando o corpo, lentamente. Então tudo fica preto.



Eu me preparo para abrir os olhos, esperando ver o consultório do médico, com seus móveis de madeira escura, e Ed e o Dr. Sherringham olhando para mim, ainda à espera da minha decisão. Não quero fazer isso.

Finalmente, abro os olhos, já pronta para o que acho que vou encontrar.

O que eu vejo me pega de surpresa. Estou deitada em uma cama dura, olhando para um teto branco. Não há nada de notável nesse

teto. Noto uma rachadura que sai do pequeno lustre em direção à porta, mas que desaparece a meio caminho entre os dois. Pintaram por cima da rachadura, mas ainda dá para vê-la, apesar das várias camadas de tinta branca. Pisco com força e fito a porta de madeira escura, depois olho para baixo, na direção do chão, e viro a cabeça para enxergar mais detalhes do local.

Não reconheço nada. Franzindo a testa, viro a cabeça lentamente para o outro lado e quase caio da cama. Há uma mulher de costas para mim, na frente de uma janela com as persianas baixadas, escrevendo algo em um pedaço de papel. Ela ainda não me viu, o que me dá a chance de observá-la por mais tempo. Seus cabelos louros encaracolados, quase crespos, são como um halo, e de vez em quando ela abaixa a cabeça, fazendo-os balançar suavemente. Ela usa um avental branco e engomado e colocou os óculos na cabeça. Meias pretas grossas e um par de sapatos pretos resistentes e robustos aparecem debaixo de seu casaco. Quero saber quem ela é. Tenho certeza de que nunca a vi e, por um momento, eu me pergunto se estou de volta ao presente e não mais revivendo um dia do passado. Mas afasto essa ideia antes que ela se forme por completo. Não pode ser. Tenho certeza de que no presente estou no hospital, e aqui definitivamente não é um hospital.

Então, *onde* diabos eu estou?

Eu me viro um pouco, tentando descobrir se devo me sentar. Sinto minha barriga coçar, logo acima do umbigo, e estremeço. Ao ouvir minha respiração mudar, a mulher se vira, puxando os óculos de volta para baixo, e sorri.

– Como você está? – pergunta ela, com voz suave.

– Hum... Estou bem – respondo com a voz espessa e arrastada, minha língua seca.

Ela sorri de novo, revelando um dente da frente ligeiramente torto.

– Você caiu no sono, então eu estava fazendo algumas anotações.

Ela indica o papel à sua frente, com várias colunas que estava preenchendo. Não consigo ver o que está escrito.

– As agulhas vão cair daqui a... – ela olha para o próprio pulso – cinco, seis minutos. Você continua bem?

Eu faço que sim, finalmente entendendo o que está acontecendo. Estou em uma sessão de acupuntura.

Ela olha de novo para a mesa, e deixo a cabeça cair de volta onde estava. Continuo olhando para a rachadura no teto, tentando

concatenar as ideias.

Tudo é tão confuso... Isto é algo novo, um dia que nunca vivi. Eu nunca fiz acupuntura. Será que segui o conselho de Jane e resolvi tentar? Muito possivelmente. O que significa que algo mudou! Meu coração bate mais rápido.

Não posso explicar por que estou aqui e não de volta ao consultório, mas não me importa mais, porque esta é a prova de que estou no caminho certo. Promover mudanças pode fazer diferença.

O que significa que ainda posso salvar Ed.

– Certo, vamos tirar isso de você.

A mulher, cujo nome eu gostaria de saber, vai até o pé da cama e sinto um beliscão no tornozelo. Em seguida, ela se inclina ligeiramente para a frente e eu sinto outro beliscão, dessa vez na barriga, seguido por mais três ou quatro em rápida sucessão. A cada vez eu estremeço, esperando sentir dor, mas sem saber onde será. Ela sorri e sussurra desculpas.

– Pronto, estão todas aqui – diz, reunindo todas as agulhas e me cobrindo com uma manta. – Como você está se sentindo?

Ela aperta as mãos sob o queixo e espera pela minha resposta. Olho para as unhas bem-feitas dela enquanto tento descobrir como me sinto.

– Estou bem, acho.

Ela assente brevemente.

– Você provavelmente vai se sentir um pouco estranha por algumas horas. Beba bastante água para ajudar seu corpo no processo de cura.

Ela se vira para a mesa, pega um papel, o estuda brevemente e em seguida recoloca-o sobre a mesa.

– Levante-se devagar e depois venha se sentar aqui. – Ela aponta para a cadeira acolchoada ao seu lado.

Eu me levanto com cuidado, sentindo uma leve dor na barriga, onde estavam as agulhas, e o sangue corre para minha cabeça. Eu me apoio na beira da cama, coloco as pernas para fora, ponho os pés no chão e vou me sentar na cadeira que ela indicou. A mulher se coloca ao meu lado e, enquanto ela mexe na papelada, eu olho para as paredes, onde estão pendurados certificados, todos emoldurados e juntando poeira. “Elizabeth Penfold”, diz um deles. O nome dela é completamente desconhecido para mim.

Ao som de sua voz, eu me viro para encará-la. Os óculos escorregam para a ponta de seu nariz e ela os empurra para cima,

enrugando um pouquinho o nariz.

– Certo, bem, em primeiro lugar, parabéns pela primeira sessão.

Ela sorri novamente e eu sorrio de volta, nervosa.

– Pelo que vi, suas tubas uterinas estavam bastante bloqueadas. Espero que o que eu fiz hoje tenha ajudado a desobstruí-las um pouco, mas você terá que voltar regularmente para que ocorra uma diferença real. Está bem assim?

– Está ótimo.

Nós marcamos outra sessão. Anoto a data em minha agenda, perguntando a mim mesma se vou realmente voltar, então nos despedimos e eu saio.

Enquanto volto para casa, vejo no celular que hoje é 19 de dezembro de 2010. São nove dias depois da consulta com o médico.

Já em casa, giro a chave na fechadura e, segundos depois, Ed está diante de mim, como um filhote de cachorro esperando o dono chegar.

– Como foi?

Ele está obviamente desesperado por boas notícias, o que faz doer meu coração.

Eu deixo a bolsa no chão e me livro do casaco, pendurando-o cuidadosamente na entrada.

– Bom. Foi bom.

Ed espera, querendo ouvir mais. Eu suspiro e o olho nos olhos.

– Ed, foi tudo bem, juro. Ela disse que preciso voltar para mais sessões e agora estou me sentindo muito relaxada. E preciso de um café.

Não há mais nada que eu possa contar, mas sei que ele está desapontado. Ele me segue até a cozinha e fica me observando enquanto coloco grãos de café no moedor. Aperto o botão e, por alguns segundos, o ambiente fica tomado pelo som do café sendo moído. Desligo e coloco o pó na cafeteira, inspirando para sentir bem o aroma.

Há alguns segundos de silêncio e, então, ouço Ed se aproximando. Ele para logo atrás de mim e eu me viro, com uma expressão questionadora. Ele parece pensativo e posso ver a dor em seus olhos.

– É isso, então?

Há acusação e mágoa em sua voz. Porém, eu não sei mais o que dizer a ele.

– É isso o quê? – pergunto.

– Ora, Zoe, você sabe exatamente o que eu quero dizer. Você prometeu tentar e sabe o quanto significa para mim. Não quero ver você passar por mais nenhum sofrimento, mas você não pode me excluir dessa maneira. Eu só quero saber se vale mesmo a pena, se há alguma esperança.

Eu olho para a caneca em minha mão e a giro, um pouco ausente. Embora eu não saiba exatamente o que aconteceu, posso adivinhar. Eu obviamente concordei em dar uma chance à acupuntura antes de tentar outra rodada de fertilização in vitro. E, embora essa mudança seja boa, pelo que posso perceber até agora não parece estar ajudando nosso relacionamento. Aqui na cozinha, neste momento, sinto a distância entre nós se abrindo como um abismo. Percebo que, para Ed, o tratamento será a ponte que nos reaproximará, só que eu não tenho tanta certeza. Adoraria que fosse, mas percebo que as coisas não estão muito diferentes do que eram antes, quando fomos direto para mais uma tentativa de fertilização in vitro. Será que já estamos afastados demais para haver uma saída?

Eu respiro fundo e dou um passo em direção a ele.

– Desculpe, meu amor – digo, passando os braços ao redor de sua cintura, e sinto seu corpo relaxar ao meu toque. – É muita coisa para assimilar. Vamos esperar para ver como vai ser, sem ficarmos muito esperançosos?

Olho para cima e vejo seu maxilar retesado. Então, ele olha para mim e eu percebo as lágrimas em seus olhos.

– Desculpe – sussurra ele. – Não tive a intenção de colocar mais pressão em você. É que estou tão farto de tudo... – Ele respira fundo. – Só quero acabar com isso, termos nosso filho e vivermos felizes para sempre, e me parece uma injustiça muito grande não conseguirmos.

Ele me abraça. Ficamos parados na cozinha enquanto a chaleira fervente enche o ambiente de vapor, em um instante que parece nunca ter fim. Neste momento, eu desejo que nunca tenha fim.



Já é tarde quando vamos para a cama, em parte porque passamos a noite conversando, em parte porque tenho medo do que vai acontecer depois que eu adormecer – afinal, acordar em um dia que eu nunca tinha vivido foi algo diferente da rotina com a qual acabei me acostumando.

Mas há algo positivo nesta noite: Ed e eu conversamos de verdade, até mesmo sobre o que faremos se nada disso funcionar – o que é uma grande melhoria em nossa relação. Antes, éramos como dois robôs, vivendo nossas vidas enquanto, ao nosso redor, o processo de fertilização in vitro acontecia, afastando-nos de nós mesmos, substituindo-nos por máquinas de fazer bebês.

Nesta noite, no entanto, nós realmente conversamos.

Assim, quando finalmente caímos exaustos na cama, eu adormeço sentindo, pela primeira vez em muito tempo, que talvez as coisas tenham começado a mudar. Talvez agora eu tenha feito o bastante. Só me resta ter esperança.

13 de janeiro de 2012

MEU DEUS, QUE DESCONFORTO. Alguma coisa está cravando minhas costas e meu braço está dobrado em um ângulo estranho sob o corpo. Quando estico as pernas, acabo atingindo algo duro na extremidade da cama.

Abro os olhos. Levo alguns segundos para entender onde estou, mas então me dou conta e quero chorar. Estou na sala, no sofá. Há um cobertor extra, sem lençol, jogado sobre mim, e minha cabeça não está descansando sobre um travesseiro, mas sobre uma das almofadas. O sofá não é comprido o suficiente, então meus pés tocam o braço da outra ponta, e a coisa dura em minhas costas é a ripa de madeira por baixo das almofadas golpeando a minha coluna.

O que me faz querer chorar não é o desconforto. É saber que só pode haver uma razão para eu estar aqui, e não na cama com Ed: tivemos mais uma grande discussão.

Às vezes era eu, às vezes era Ed no sofá, mas, ao longo daqueles meses, era comum acordarmos em locais diferentes. E sempre que isso acontecia, eu sentia afrouxar um pouco mais o vínculo que nos mantinha juntos, até que, no final, ele quase já não estava mais lá.

Eu tremo à luz azul fria da manhã. Ouço carros passando lá fora e o bater de saltos altos na calçada distanciando-se aos poucos. A porta de um carro bate, ouço um motor e os sons abafados de arranhões e batidas na parede do apartamento ao lado. Fora isso, o silêncio é total.

Eu me levanto e, enrolada no cobertor, vou até o banheiro para preparar um banho. Minha cabeça está confusa e meus olhos ardem, o que provavelmente é resultado de muito choro e pouco sono.

Quando estou voltando, vejo que a porta do quarto está ligeiramente entreaberta, então eu a abro, dou uma espiada e vejo Ed dormindo em paz. Viro-me para sair, mas ele se mexe e olha para

mim, e eu me assusto ao ver a expressão em seu rosto. Ele parece muito triste.

– Oi – digo, suavemente.

Ele resmunga alguma coisa e se vira. Eu me sinto como se tivesse levado um soco no estômago. Ele me odeia. Eu me seguro na moldura da porta para me equilibrar. Não sei o que fazer, então fico ali por mais alguns segundos, esperando que ele se vire e fale comigo outra vez. Mas isso não acontece, então eu volto, trêmula, para o banheiro, fecho as torneiras e entro na banheira para mergulhar na água escaldante.

Enquanto estou deitada na banheira, presto atenção, esperando Ed vir ao meu encontro para falar comigo, gritar comigo. Qualquer coisa seria melhor que a indiferença. Mas os minutos se passam e eu o ouço tirar coisas das gavetas, abrir a torneira da cozinha e passar pela porta do banheiro várias vezes. Estou prestes a chamar seu nome quando ouço a porta da frente batendo e minha chance de falar com ele é perdida. Ele saiu sem se despedir.

As coisas devem estar bem ruins. Lágrimas deslizam pelo meu rosto e se misturam à água do banho. Respiro em meio a dolorosos e arfantes soluços. Não quero me lembrar dos tempos sombrios.

Quando consigo um mínimo de controle, a água do banho já esfriou e eu estou tremendo. Saio da banheira bem depressa, me enrolo em uma toalha e vou para a cozinha. A ausência de Ed ocupa todo o apartamento. Estou prestes a me virar quando noto algo em cima da mesa. É um pedaço de papel branco, enfiado sob uma xícara de café usada. Está dobrado ao meio, com meu nome escrito na parte externa. Eu o abro e vejo a caligrafia rabiscada de Ed.

Não posso falar com você hoje, é muito difícil. Vou voltar lá pelas cinco, quando você já tiver saído.

Não se esqueça, ainda amo você.

Ed

Só isso. Mas esse bilhete me faz entender, com uma terrível e ofuscante clareza, quando e onde estou. É janeiro de 2012, o dia em que saí de casa. O dia em que percebemos que nosso casamento estava destruído e não sabíamos como repará-lo.

A situação vinha piorando havia algum tempo. As brigas, a tensão, as noites dormindo em quartos separados, incapazes de enfrentar um

ao outro. Finalmente, as coisas haviam chegado ao limite.

“Acho que precisamos de um tempo.”

“O quê?”

Eu estava lendo o jornal quando Ed se aproximou de mim e do nada soltou essas palavras. Ele se sentou à mesa, de frente para mim, e abaixou a cabeça, incapaz de me encarar. Apertavas as mãos com força à sua frente.

“Acho que precisamos de um tempo, para colocar os pensamentos em ordem. Não podemos continuar assim. Estou... Estamos completamente infelizes.”

Olhei para ele, para suas mãos gentis, para o vinco em sua testa, seus lábios cheios e macios, e senti meu coração se partir em dois.

“Você quer se separar de mim?” Minha voz falhou nas últimas palavras e Ed finalmente olhou para mim.

“Não, Zoe, não é isso o que estou dizendo. Eu amo você, mas não posso continuar com essas brigas. Às vezes, parece que você me odeia, e eu não sei se tenho forças para continuar com isso. Acho que precisamos de um tempo... apenas um tempo longe um do outro.” Ele fez uma pausa. “Eu não me importo de me mudar por um período. Ou... Ou você poderia ir ficar com seus pais...”

“Uau. Você realmente pensou nisso com antecedência, não foi? Isso é que é uma facada nas costas.”

“Ora, Zoe, pelo amor de Deus. Você está realmente feliz?” Seu tom era duro, frio.

“Eu amo você.”

“Não foi o que eu perguntei. Você está feliz agora? Com isso”, ele fez um gesto apontando para nós dois, “com isso que está acontecendo com a gente?”

Eu balancei a cabeça, arrasada.

“Não.”

“Bem, então...”

Ele ficou sentado olhando para mim, esperando uma resposta.

“Então, o que você sugere?”

“Eu? Eu não sugiro nada, Ed. Parece que é você quem tem todas as sugestões.”

“Não faça isso, Zoe.”

“Eu não estou fazendo nada.”

Meu rosto estava ardendo, os meus ombros, curvados. Eu tinha medo de perdê-lo, mas fiquei furiosa por ele estar tentando se livrar

de mim. Por pensar que a melhor maneira de nos reaproximarmos era aumentando a distância. Mas a verdade é que nada mais parecia estar dando certo. Meus ombros caíram ainda mais e eu deixei escapar um grande suspiro.

“Você tem razão. É só que... ouvindo essas palavras, sinto que nunca mais poderei ser feliz, Ed.”

“Nós podemos. Podemos, sim. Só precisamos fazer isso direito.”

Eu refleti por um minuto. Não poderia ficar com Jane porque ela não tinha espaço suficiente. Ed poderia ficar com a mãe, mas eu tinha a sensação de que ele estava sempre fugindo para o colo dela e, embora eu a amasse muito, não queria admitir para Susan o quanto nós dois, como casal, havíamos fracassado. Becky tinha dois filhos, não havia lugar lá e eu duvidava de que estar com duas crianças fosse me ajudar.

“Vou telefonar para meus pais e ver se posso passar um tempo lá.”

“Tem certeza? E o trabalho?”

“Vou dar um jeito. Eles provavelmente vão me deixar fazer alguma coisa de casa por umas semanas.”

Ed se inclinou e estendeu as mãos para segurar as minhas. Senti meu corpo se contrair.

“Obrigado, Zoe. Vai dar tudo certo, você vai ver.”

Agora aqui estou eu, de volta ao dia em que me mudei. Deixo cair o papel no chão e fico parada, tensa, meu coração martelando no peito. Não quero reviver o dia de hoje. Foi terrível na primeira vez, mas agora é pior, muito pior: se é janeiro de 2012, isso significa que faltam apenas dezessete meses para a morte de Ed.

Meu tempo está acabando.

Não sei o que fazer. Devo apenas sair sem tentar mudar nada, sabendo que, no final, voltamos a morar juntos? Ou devo fazer alguma coisa, qualquer coisa, para modificar o futuro, torná-lo melhor?

Sento-me à mesa e pego meu celular, que está no bolso do roupão. Não há nenhuma chamada perdida. Tomo uma decisão. Vou ligar para ele.

Disco o número tão conhecido e espero pela conexão, passando a unha do polegar pelas ranhuras da mesa de madeira. Começa a chamar, e meu coração se acelera. Não sei o que eu vou dizer se ele atender, mas não posso não fazer nada. O telefone toca sem parar e então a voz de Ed, mecânica e metálica, surge na linha.

Desculpe, não posso atender sua chamada no momento, por favor deixe

uma mensagem após o sinal.

– Eu... Eu amo você. Vou ligar mais tarde, tudo bem?

Minha voz soa suplicante, desesperada, mas não me importo. É assim mesmo que me sinto. Não quero desperdiçar um único dia ficando sem Ed. Preciso vê-lo.

Desligo e espero. O bilhete de Ed está no chão, onde o deixei cair, e eu me inclino para pegá-lo. Eu o abro e o releio muitas e muitas vezes. As palavras soam tão frias, tão indiferentes, que meu coração se endurece um pouco enquanto as leio. Quero muito vê-lo hoje, mas e se eu tentar mudar demais os acontecimentos e depois não conseguir mais ter um dia sequer com ele? Pelo menos desta maneira eu sei que, no final, nós nos acertamos – e então haverá pelo menos a possibilidade de que eu acorde para termos mais um dia juntos.

Tenho que ir.

Volto para o quarto, me visto e começo a enfiar roupas em uma mala que encontrei debaixo da cama. Pronta para sair, eu levo a mala para a entrada de casa, volto para pegar minha mochila, o celular e a bolsa e me viro para sair. Mas, ao chegar à porta da frente, eu paro. Devo escrever um bilhete para Ed?

Arranco uma folha do caderno que Ed usou e rabisco algumas palavras.

Eu amo você. Lembre-se de nossa promessa. Por favor, não desista de mim.

Beijo, Zoe

Dou um beijo no final da carta, dobro o papel ao meio, escrevo o nome de Ed no lado de fora e o coloco no mesmo lugar onde encontrei o bilhete que ele me deixou. Em seguida, pego a minha mala e vou caminhando até a estação do metrô, dando início ao que, da outra vez, foi um dia horrível.



Eu mal me lembro da viagem, mas, antes que eu me dê conta, o trem já está parando na estação de Doncaster e eu já estou pisando no plataforma. Um homem atrás de mim me ajuda a descer a mala e eu fico com vontade de chorar diante dessa pequena gentileza. Deixo o cabelo cair sobre os olhos para esconder as lágrimas.

Ando pela plataforma, desço a escada, depois subo e já estou à luz do sol. Ali está minha mãe, caminhando em minha direção, o rosto preocupado.

Ela para na minha frente. Eu solto a alça da mala e nos abraçamos no meio do saguão.

– Ah, mãe... – gemo, quase sem conseguir falar em meio às lágrimas.

– Ssshhh – diz ela, esfregando minhas costas, como fazia quando eu era criança.

Ela me abraça por mais alguns minutos, em seguida me afasta e me olha nos olhos. Coloca meu cabelo com ternura atrás da minha orelha e seca uma lágrima com o polegar.

– Certo, vamos levá-la para casa.

Eu concordo, pego minha mala e a sigo até o carro. Pegamos a autoestrada, e a chuva no para-brisa e o ritmo dos limpadores me fazem mergulhar em um torpor. Minha mãe não me pergunta nada, e só posso ficar grata pelo seu silêncio.

Paramos em frente à casa e, pela primeira vez desde que acordei esta manhã, sinto um sorriso se esboçar em meu rosto. Quando entramos na garagem, meu pai aparece na porta da frente, desesperado para ajudar.

Eu saio pelo lado do carona.

– Oi, pai.

– Oi, meu amor. Quer que eu pegue as malas?

Aceito a ajuda e, enquanto ele se ocupa em tirar minha bagagem do porta-malas, eu respiro bem fundo. Fotos minhas e de Becky ao longo da parede, a mesinha com um telefone e uma planta verde sedosa, uma prateleira com chaves penduradas e alguns enfeites de gatos, passarinhos, um coelho. É tudo tão familiar que sinto um peso enorme ser retirado dos meus ombros só por estar aqui.

Estou em segurança.

Entro na cozinha e encontro minha mãe remexendo em um armário.

– Tenho alguns desses saquinhos de chá que você gosta – diz ela, esticando-se bem alto e quase caindo. – Mas acho que seu pai os colocou aqui em cima.

Ela desiste.

– Deixe que eu pego.

Vou até o armário e estico o braço, tateando para identificar uma

caixa de chá. Eu a encontro: é uma caixa do descafeinado que eu adorava. Não tenho coragem de dizer que não gosto mais. Eu a entrego para minha mãe.

– Zoe...

Ela não completa a frase. Sei que está desesperada para perguntar o que aconteceu.

– Mãe, vamos tomar uma xícara de chá e eu lhe conto tudo.

– Está bem, meu amor.

Ela acaba de fazer o chá e o traz até a mesa, colocando primeiro, com muito cuidado, os porta-copos. Parece um pouco inútil, levando em conta a quantidade de manchas e arranhões que a velha mesa já tem, mas eu aceito a bebida de bom grado.

Minha mãe fica de frente para mim e bebe seu chá devagar, esperando. Eu olho pela janela atrás dela, que dá para o quintal. Observo o céu já ficando escuro, imaginando por onde começar. A verdade é que eu não tenho falado com minha mãe tanto quanto deveria. Assim como não tenho falado com Jane, Becky e qualquer outra pessoa importante em minha vida. Eu não permiti que ela e meu pai participassem da minha vida quando os tempos ruins começaram. Não queria que eles vissem minha dor.

Mas esta é a oportunidade perfeita para mudar tudo isso. Penso na primeira vez que este dia ocorreu. Eu me recusei a falar com todos eles. Não contei nada. Sabia que minha mãe estava desesperada para ajudar, mas eu simplesmente não conseguia admitir que havia fracassado.

Desta vez, porém, vai ser diferente. Desta vez, vou contar tudo a ela, permitir que ela me ajude. Eu preciso dela.

Ao som de passos, eu me viro e vejo meu pai pegando sua caneca e vindo até a mesa. Minha mãe olha para ele e balança a cabeça quase imperceptivelmente, um aviso para ficar longe. Ele desvia o olhar de mim para minha mãe e depois de volta para mim.

– Ah, está bem. Só vim pegar uma bebida...

Ele ergue a caneca como prova e um pouco de chá espirra, caindo no chão de linóleo. Minha mãe revira os olhos, mas, antes que ela possa pegar um pano, meu pai já espalhou o líquido com o próprio chinelo.

– Ah, John...

Meu pai dá de ombros.

– Eu vou para a sinuca, então.

Ele, com um olhar de alívio, ele sai, fechando a porta firmemente atrás de si.

Eu me volto para minha mãe, que parece brava.

– Ele não muda nunca, não é? – comento.

– Ele fica pior, querida.

Há um momento de silêncio, mas sei que não posso deixá-la esperando. Respiro fundo e começo a contar:

– Eu não consigo engravidar e Ed me odeia por isso.

Não eram essas as palavras que eu esperava que saíssem da minha boca, e eu mesma fico surpresa. Era realmente isso o que eu pensava, que Ed me culpava pelos nossos problemas?

Mas minha mãe recebe tudo com grande tranquilidade.

– Ora, meu amor, é claro que ele não odeia você. De onde você tirou essa ideia?

Assim, eu conto tudo. Tudo o que não consegui contar na primeira vez e que reprimi durante anos até se tornar pesado demais.

Eu explico que antes não tinha certeza se queria um filho, enquanto Ed desejava uma família perfeita, conto como me tornei obcecada por engravidar desde que começamos a tentar e percebemos que não estávamos conseguindo, falei sobre a fertilização in vitro, a dor física e o terrível jogo de espera, sabendo que nosso futuro estava fora das minhas mãos. Revelo a dor que me atingia ao ver outras pessoas com filhos, a sensação de me sentir roubada, de odiá-las, ou não exatamente a elas, mas a ideia de que elas eram capazes de ter o que eu tão desesperadamente queria e não podia. A esperança e a dor intermináveis, as decepções, as brigas, a culpa, os silêncios e, claro, a discussão final.

Quando paro de falar, sinto-me muito mais leve. Minha mãe está olhando para mim do outro lado da mesa. Sua caneca está vazia agora, e a minha, ainda cheia pela metade. Olho para o chá já frio e vejo o reflexo da luz da cozinha no líquido marrom-escuro.

– Não posso acreditar que você passou por tudo isso sozinha – comenta ela por fim, a voz pouco mais que um sussurro, e levanto a cabeça ao ouvir essas palavras. – Por que cargas-d’água você guardou tudo para si mesma?

– Não sei.

Minha mãe se levanta e vem me abraçar, segurando-me com firmeza junto de si. Não consigo mais me controlar. Meu corpo inteiro treme com os soluços, dando vazão à dor por tudo o que perdi e ainda

vou perder, e sinto que meu choro jamais terá fim.

Aos poucos, porém, eu me acalmo, até que apenas um soluço ocasional faz meu corpo vibrar, como se fosse o dia seguinte a um terremoto. Quando paro, minha mãe ainda está na minha frente, de joelhos, me abraçando e esperando que eu me acalme. E eu fico muito agradecida.

– Obrigada, mãe.

– Ah, querida... É para isso que estou aqui, sempre.

Ela se senta na cadeira ao meu lado, se inclina e envolve as minhas mãos com as suas, como se pudesse aplacar a dor que há em mim.

Por alguns minutos, não dizemos nada. Ficamos apenas sentadas, em silêncio, deixando o relógio bater e as palavras que encheram a sala se acomodarem em seus devidos lugares.

– Não posso acreditar que você se culpe – diz ela por fim.

Eu olho para ela. Minha mãe sorri, desculpando-se.

– É verdade. Como você pode achar que tem alguma culpa em tudo isso?

– Sinto como se tivéssemos fracassado. Como se *eu* tivesse fracassado. Ed e eu... bem, você está vendo. Está tudo ruindo e só pode ser culpa minha. De quem mais seria?

Ela fica pensando por um momento.

– Quando coisas como essa acontecem, Zoe, é natural que, em vez de aproximarem as pessoas, acabem afastando-as. Esse foi o único ponto que deu errado, mas não significa que vocês fracassaram.

Ela faz uma pausa, como se quisesse dizer mais alguma coisa, mas não tivesse certeza de que deve. Em seguida, inspira fundo.

– Zoe, entenda, nada é tão simples quanto parece. Há sempre alguma coisa que dá errado. Mas nunca é impossível superá-la. Antes de você nascer, seu pai e eu... bem, tivemos alguns problemas, digamos assim, para ter você. Naquela época, não havia tantos tratamentos disponíveis, mas isso não significa que o problema tenha deixado de nos abalar e de abalar nosso casamento. Nós brigamos, discutimos, e a questão começou a se tornar maior do que nós dois. A verdade, querida, é que não fazemos ideia do que teria acontecido se tivéssemos continuado daquela maneira. Então, para nossa sorte, fiquei grávida, você nasceu, e seu pai e eu ficamos bem outra vez.

Minha mãe faz uma nova pausa antes de prosseguir:

– Ninguém é perfeito e ninguém esperaria que você estivesse feliz, satisfeita, que fosse a melhor esposa do mundo quando está passando

por tanta coisa. Então, você tem que parar de se culpar por isso e se dar conta de que o que você e Ed estão enfrentando é perfeitamente normal e que vocês vão superar o problema. Eu sei que vocês conseguem. Vocês se amam, e isso é tudo o que importa.

– Não acredito que você nunca tenha me contado nada sobre isso.

Ela balança a cabeça.

– Não me pareceu importante, para falar a verdade. Pelo menos não até agora. Mas eu quero que você entenda que... bem, que você e Ed precisam resolver as coisas e lutar pelo seu casamento. Ouça, mesmo que no final das contas você não engravide, o que eu tenho certeza de que não vai acontecer, vocês ainda terão um ao outro e precisam ser mais fortes do que eu e seu pai para que isso não estrague o que existe entre vocês. É importante demais.

Eu sei que ela está certa, mas isso não quer dizer que eu tenha alguma ideia do que fazer. Como é que eu começo a reverter as coisas a partir daqui? Ed e eu quase não nos falamos nos últimos meses, a não ser para discutir ou provocar um ao outro.

Não há nada que eu queira mais do que nós juntos como antes, duas pessoas que se amavam incondicionalmente. Cabe a mim descobrir como nos levar de volta até lá. Tenho que continuar fazendo de tudo para acertar.



Durante o resto da noite, eu me sinto uma fraude. Minha mãe tem sido carinhosa e compreensiva, e meu pai tem tentado ser menos irritante que de costume. Eu me abri tanto que agora me parece errado esconder deles o que realmente está acontecendo e que é maior do que tudo isso: o fato de eu estar vivendo tudo pela segunda vez e de que provavelmente eles vão estar ao lado de uma cama de hospital esperando que eu acorde de um coma. Se é que é isso mesmo o que está acontecendo comigo.

Mas, quando eu me imagino dizendo as palavras, sei que não consigo.

Pode soar estranho, mãe, mas eu já vivi este dia uma vez e agora o estou revivendo. Também revivi muitos outros dias. A propósito, Ed vai morrer em breve, então eu acho que voltei para tentar salvá-lo.

Não. Essas palavras nunca podem sair da minha boca, para ninguém.

Em vez disso, comemos empadão de carneiro, bebemos vinho tinto e falamos de Becky e das crianças.

– Você os viu recentemente? – indaga mamãe. Então ela fica boquiaberta de terror. – Ah, meu Deus, desculpe, querida, eu não quis... – Ela se cala, mortificada. – Desculpe, isso foi muito insensível.

– Não seja boba, mãe. Está tudo bem. Eu os vejo, só que não tão frequentemente quanto deveria, mas vou tomar providências quanto a isso.

– Que bom. Talvez Becky pare de se lamentar toda vez que liga, dizendo que você não a visita mais – comenta meu pai, enfiando na boca mais uma garfada de purê de batatas.

– John!

– O quê? – Papai olha para cima, confuso. – Eu só estava comentando.

– Por que você tem que ser assim, tão rude?

Não posso deixar de sorrir.

– Está tudo bem. Eu entendi o que papai quis dizer.

– Viu? Não disse nada de mais. Zoe sabe.

Ele toma um gole de vinho e continua a comer, sem entender nada.

– Desculpe pelo seu pai, meu amor.

Minha mãe lança um olhar para ele, mas meu pai a ignora.

– Não importa. Bem, e como vocês estão? – pergunto.

– Ah, sabe como é, querida, como sempre. Seu pai está me deixando louca, passa o dia inteiro pegando no meu pé desde que se aposentou, mas você sabe. É bom tê-lo por perto. Na maior parte do tempo.

Meu pai sorri e, percebendo que a conversa volta para um terreno seguro, minha mãe relaxa.

Eu também tento relaxar, mas não é fácil. Há algo me incomodando como se fosse uma pedra no sapato que se recusa a sair. Eu sei que tenho que ligar para Ed antes de ir para a cama e estou apavorada. Tenho medo do que vou dizer, de como conseguir falar com ele sem chorar. Porque este pode ser o último dia que vou reviver e ele nem esteve presente.

Finalmente, mais ou menos às dez e meia, minha mãe se levanta, bocejando.

– Muito bem, vou para a cama. Você quer usar o telefone fixo para ligar para Ed, meu amor?

– Não, está tudo bem, obrigada, mãe. Vou usar meu celular.

– Tudo bem. Então, boa noite.

Papai fica onde está, bebendo o resto do vinho.

– John.

Ele olha para minha mãe, surpreso pelo seu tom amargo.

– Ah, certo. Boa noite, meu bem. – Ele esvazia a taça e a coloca na pia. – Boa sorte.

– Obrigada, pai.

E então eles me deixam sozinha com meu celular e meus pensamentos. Eu escuto os passos de meus pais enquanto eles sobem a escada lentamente. Em seguida, ouço-os vagando de um lado para o outro, suas vozes abafadas enquanto executam sua rotina noturna. O barulho da descarga, do aquecedor quando a água quente é ligada, de uma escova de dentes sendo colocada no suporte. Então ouço as tábuas do assoalho rangerem mais algumas vezes. Até que tudo fica em silêncio e eu sei que não posso adiar a ligação por mais tempo.

Meu coração começa a bater freneticamente no peito e, por um minuto, acho que não serei capaz de ligar.

Não seja ridícula, é o Ed. Seu Ed, o homem que você ama, que você conhece desde os 18 anos. Este não é um telefonema assustador.

Respiro fundo algumas vezes e pego o celular. Aperto o botão verde, levo o telefone ao ouvido e espero tocar.

– Zoe? – ouço a voz de Ed, tão familiar, antes que o telefone dê sinal de que está chamando.

Fico surpresa. O som de sua voz me dá vontade de abraçá-lo e nunca mais largar. Porém, ele está a mais de 300 quilômetros e mais longe ainda emocionalmente.

Quando respondo, sinto minha voz presa na garganta.

– Oi – digo com um fio de voz.

– Graças a Deus. Eu não sabia se deveria ligar, mas estava desesperado para falar com você antes de ir para a cama. – Ed soa triste, solitário.

– Como... como você está?

A linha faz um barulho antes que ele responda.

– Eu estou... não muito bem. Não estou nada bem.

– Nem eu.

Outra pausa.

– Zoe, sinto muito por ter saído daquele jeito de manhã. Eu só não sabia o que dizer. Achei que seria difícil demais ver você antes da sua partida.

– Eu sei. É que eu... senti saudades de você.

– Eu também. – Uma pausa. – Fui ver minha mãe. Ela me deu uma bronca.

– Por quê?

– Por eu ser um imbecil e deixar você ir. Ela não disse imbecil, é claro.

– Não.

Eu sorrio ao imaginar Susan falando com Ed desse jeito. É mais que improvável.

– E o que você respondeu?

– Bem, eu concordei com ela, é claro. Eu só... não sei direito como chegamos até aqui.

Parte de mim quer dizer que foi ideia dele, mas sei que ele não está se referindo a isso.

– Eu não sei. Realmente não sei.

Ed solta um sopro de ar, que vibra no meu ouvido.

– Meu Deus, isso é horrível – diz ele com a voz embargada. – Você contou aos seus pais?

– Conteí. Quer dizer, contei à minha mãe. Tenho certeza de que ela está passando tudo para o meu pai neste exato momento.

– Meu Deus, eles devem me odiar.

– É claro que não. Eles só querem que a gente encontre uma solução. Por nós. Por mim.

– Eu também. Nós vamos encontrar uma, não vamos, Zo?

– Sim, vamos. Confie em mim, isso é apenas temporário.

Mais uma pausa.

– E agora? – indaga ele.

– Eu não sei. Acho que eu devo ficar aqui um pouco mais. Tenho algum trabalho comigo. Se eu retornar agora, vamos voltar ao mesmo ponto de onde saímos.

– Sim, imagino que vamos. Mas eu acho que já sei o que eu quero.

– Sabe?

– Sim. Eu não quero perder você.

– Que bom. Eu também não quero perder você.

– Então... quando você vai voltar? Semana que vem?

– Talvez. Provavelmente. Vamos usar esse tempo para pensar muito sobre as coisas. Vamos fazer valer a pena o sofrimento. E... Ed?

– Sim?

– Não se esqueça de alimentar o George.

– Pode deixar. Ele está aqui comigo agora. Está com saudades de você.

– Também sinto falta dele.

Ficamos em silêncio outra vez, escutando o chiado do telefone, e fico imaginando em que Ed está pensando.

– Tudo bem, querida – diz ele –, vamos dormir um pouco. Posso ligar para você amanhã?

– Sim, sem a menor dúvida.

– Então, boa noite.

– Boa noite.

Eu desligo e a tela fica preta.

Limpo o rosto e fico surpresa ao descobrir que estava chorando. É uma sensação terrível ouvir Ed tão desolado e triste na outra extremidade do telefone e, por uma fração de segundo, penso em pegar o trem de volta para casa agora mesmo e me jogar em seus braços. Mas estou exausta e, em vez disso, eu me levanto, subo a escada, deito debaixo das cobertas e pego no sono, torcendo para que, quando acordar, veja Ed outra vez.

9 de junho de 2012

DIZEM QUE, QUANDO VOCÊ PERDE um dos sentidos, os outros trabalham com mais tenacidade para compensar. O que pode explicar por que, antes mesmo de abrir os olhos, eu sei que alguém está olhando para mim. Não fico com medo, mas meu coração bate forte assim mesmo, na esperança de que seja Ed outra vez, e também por saber da decepção que vai tomar conta de mim caso não seja. Tenho medo de que ontem tenha sido minha última segunda oportunidade e que eu esteja de volta ao presente.

Ouçó uma respiração suave, rítmica, mas não sei se é a minha ou de outra pessoa. Há também o som de *tap, tap, tap*, que para de poucas em poucas batidas e depois recomeça. Um aquecedor? Ouço passos, mas não há rangidos, vozes ou ruído de carrinhos que indiquem que estou em um hospital. Na verdade, tenho bastante certeza de que estou em casa, na minha cama. Os sons são tão familiares que é como se fossem partes de mim.

Abro os olhos e fico por um momento ofuscada pela luz brilhante do sol que flui através das persianas abertas. Percebo uma silhueta que, enquanto meus olhos se ajustam à luz, vai entrando em foco aos poucos.

– Ed!

Jogo os braços ao redor dele e ele cai para trás.

– Quem você esperava ver na cama com você? O Papai Noel? – diz ele, rindo.

Eu rio também, com enorme alívio. Tenho outro dia com Ed e, desta vez, parece que não nos odiamos. Graças a Deus. Só posso torcer para que hoje seja um dia bom.

– Por que você estava me olhando daquele jeito? – pergunto, jogando a cabeça de volta no travesseiro.

– Estava apenas olhando. Eu tenho autorização. Você é minha mulher.

Ed sorri. Parece extremamente animado, como um cãozinho.

– Por que você está tão feliz?

Ele fecha o rosto brevemente e faz beicinho.

– Quer dizer que você já esqueceu? – Ele finge mau humor.

– Hum, não. Claro que não. Como eu poderia esquecer?

Esquecer o quê? Vamos lá, cérebro!

– Você está animada? Vai ser tão bom, depois de tudo o que temos passado.

– Vai mesmo.

Meu Deus, isso é insuportável.

– Então, vai me mostrar o que vai usar desta vez? Não é nosso casamento de verdade, você não tem que ser supersticiosa hoje.

E então eu compreendo. É dia 9 de junho de 2012. O dia em que renovamos os nossos votos de casamento.

Ed sugeriu que renovássemos os votos depois que passamos um tempo separados.

“Esses dois últimos anos foram horríveis”, disse ele, na ocasião. “Quero mostrar a você e a todo mundo que continuamos fortes como sempre. O que você acha?”

“Eu acho, Edward Williams, que você é o homem mais adorável do mundo. E um bobo antiquado e sentimental.”

“Isso quer dizer que sim, então?”

“Sim.”

“Beleza. E dispenso o adjetivo ‘antiquado’ na próxima vez, obrigado.”

E era por isso que, quase sete anos depois do nosso casamento, estávamos renovando os votos diante de alguns amigos e parentes. Não foi uma festa grande, mas tinha um enorme significado.

Não posso acreditar que quando ele morreu, um ano depois, estivéssemos de novo tão distantes deste momento. Mas, por ora, eu afasto esse pensamento. Não quero estragar tudo, ainda não.

– É isso aí – respondo.

Então eu me levanto e vou até o guarda-roupa, onde está pendurado meu vestido azul.

– Tã-rã!

Eu o levanto para mostrá-lo a Ed, e um sorriso cruza seu rosto.

– Bonito. Vai vestir para eu ver?

Balanço a cabeça.

– Ainda não. Você vai ter que esperar.

– Ora, vamos lá, vamos dar o pontapé inicial.

Eu dou um tapa na cabeça dele.

– Ai, por que você fez isso?!

– Porque você é um pervertido e devasso.

Ele sorri.

– Tem razão.

Rindo, eu pego um travesseiro e, antes que Ed saiba o que está acontecendo, bato com ele no topo de sua cabeça. Rio alto da sua expressão quando ele cai para o lado. Antes que ele possa reagir, agarro o outro travesseiro e o seguro como um escudo na minha frente.

– Sua pestinha.

Ele pega o primeiro travesseiro no chão e o gira descontroladamente à sua frente, mas eu me viro e corro para a sala de estar, rindo como uma criança. Ouço Ed logo atrás de mim e me jogo no sofá, chutando o ar como se fosse um tatu-bola de cabeça para baixo, tentando não ser atingida por ele.

– Saia daqui!

Eu rio, ofegante, e finalmente, derrotado e esgotado, ele para de me bater com o travesseiro. Eu me sento, sem fôlego, e de repente estou deitada outra vez, enquanto Ed me prende com os braços acima da cabeça. Não posso me mexer. Olho para o rosto de Ed, que fica sério. Está me observando, um ligeiro vinco se formando em sua testa.

– Qual é o problema?

– Eu simplesmente não consigo acreditar que quase deixei você ir embora. – A voz de Ed é quase um sussurro. – Eu amo tanto você, Zoe. Solto meu braço e acaricio seu rosto suavemente.

– Meu Deus, Ed, eu também amo você. Eu queria que você soubesse quanto.

Eu me calo e ficamos assim, um observando o outro.

– Podemos prometer que nunca mais vamos nos separar? – diz Ed, como uma súplica.

– Você não sabe como eu desejo isso. Acho que não suportaria ficar sem você de novo.

Minha voz falha. Ele me beija, e em seguida pousa a cabeça em meu peito. Sinto o cheiro do seu cabelo, e a memória de seu perfume pulsa por todo o meu corpo.

O clima é interrompido por um zumbido. Ed levanta a cabeça.

– Desculpe – diz ele, enfiando a mão no bolso para pegar o celular.

Ele olha para o visor e sussurra “Mamãe”, antes de se levantar e ir atender à chamada na cozinha.

Fico observando meu marido através do vidro da porta. Ele balança a cabeça de vez em quando, os músculos do pescoço contraindo-se com o movimento. Está de pé, na frente da pia, olhando pela janela para as casas e os minúsculos jardins, o telefone junto à orelha. De vez em quando ele grunhe para concordar com alguma coisa, mas não parece ter a oportunidade de dizer nada a respeito do que a mãe está contando. Vou até ele e deslizo os braços por sua cintura, apoiando o rosto em suas costas quentes e inspirando profundamente.

Agora, a alegria passou e sinto um nó de ansiedade retorcendo-se dentro de mim. Eu amei este dia na primeira vez que aconteceu, mas agora não sei como enfrentá-lo. Não posso me imaginar diante de toda aquela gente, das pessoas que me amam, e mentir para elas. Fingir que sou algo que não sou, fingir que acredito que tudo vai ficar bem. Tenho certeza de que vou deixar transparecer o que sinto.



O táxi está esperando do lado de fora e eu estou correndo pela casa como uma barata tonta, tentando encontrar meu celular e meu batom e ainda calçar o sapato. Ed está pronto, parado à porta, esperando impacientemente.

– Dois minutos! – grita ele, erguendo dois dedos para o motorista de táxi lá fora. – Desculpe.

– Sinto muito, Ed, eu pensei que ainda tivéssemos muito tempo. Simplesmente não consigo encontrar nada.

Nem me lembrar de onde coloquei as coisas mais de um ano atrás. Nada está onde eu esperava que estivesse.

Mas, finalmente, estou pronta. O dia ficou um pouco nublado, mas ainda está quente e eu me sinto confortável em meu vestido azul e meus saltos altos. Ed está lindo em uma bela camisa, sem gravata, barbeado, o cabelo preso em um rabo de cavalo. Eu adoro o cabelo dele nesse comprimento e penso na foto desse dia, para a qual olhei interminavelmente desde que ele morreu: nós dois nestas roupas, felizes. Tenho que conter as lágrimas.

Eu me sento no banco traseiro do táxi e o motorista parte. Ed aperta a minha mão e eu relaxo no encosto, olhando pela janela, vendo o mundo passar depressa. Antes que eu me dê conta, estamos lá, no Islington Town Hall, e estou saindo do táxi e vendo Jane de mãos dadas com um homem, Becky e Greg com Gracie e Alfie, mamãe e papai, Susan e Rob.

Minha mãe vem me abraçar e, para minha surpresa, meu pai faz o mesmo.

– Boa sorte, meu amor – diz ele.

– Obrigada, pai.

Olho para minha mãe, mas ela apenas dá de ombros, tão confusa quanto eu.

– Ei, gata – diz Jane, me abraçando e dando uma tragada no cigarro.

– Achei que você tivesse parado – comento, indicando o cigarro na mão dela.

– Eu parei. Mas depois desisti de parar. – Ela sorri. – Sou fraca demais, Zo, não consigo. Mas... – Ela puxa a mão do homem ao seu lado e ele tropeça para a frente, constrangido, ajeitando a gravata – Viu como Jamie está todo bacana?

– Oh! – Eu quase engasgo. – É Jamie, 38 anos, de Londres!

– O quê?

Jane me lança um olhar estranho e só percebo meu erro quando é tarde demais. Este é Jamie, do site de namoro, mas é claro que a verdadeira Zoe – e não a impostora que está aqui agora – conhece Jamie muito bem. Dou uma risada nervosa.

– Desculpe, é que às vezes eu me refiro a você dessa forma para Ed. Você sabe, o site de namoro...

Eu paro de falar e aperto a mão de Ed, buscando algum apoio, mas ele olha para mim como se eu tivesse ficado louca.

– Está tudo bem, Zoe? – Jane parece preocupada. – Você andou bebendo?

– Não, não, desculpe, estou apenas nervosa. Não sei o que está acontecendo comigo. É melhor me ignorar.

Aliso minha saia e me viro para Becky, torcendo para que meu erro logo seja esquecido. Ela está segurando a mão de Gracie e de Alfie.

– Tia Zoe! – chama Gracie, correndo em minha direção, as tranças com fitas voando atrás dela.

Eu me curvo, abro os braços e ela se lança para mim.

– Olá, menina linda – digo, abraçando-a.

– Você está muito linda também, tia Zoe – responde ela. – Gostei do seu vestido. Você gostou do meu? – Ela gira o corpo para mostrar.

– Esse vestido é simplesmente maravilhoso.

Ela abre um sorriso largo. Olho para baixo e vejo Alfie agarrando-se timidamente à perna da mãe.

– Você não vai dizer oi para a tia Zoe? – pergunta Becky, abaixando-se.

– Oi – diz ele, em voz baixa.

Eu me agacho.

– Oi, querido, você está muito bonito hoje. Vou ganhar um abraço?

Ele olha para a mãe, para ver se ela aprova, e em seguida dá um passo à frente e me deixa abraçá-lo. Ao sentir seu corpinho em meus braços, não posso evitar uma pontada de dor. Sei que ele me ama, mas é terrivelmente tímido, e é sempre assim quando nos encontramos. Tento não levar para o lado pessoal.

Quando eu me levanto, vejo Ed sendo quase atropelado por Gracie, que adora o tio. Ele a pega no colo e a coloca de cabeça para baixo, as camadas de tule do vestido voando para todos os lados, e ela grita de alegria. Eu sorrio para ele, ele sorri para mim, a pele em volta de seus olhos se enrugando suavemente enquanto traz Gracie de volta à terra. Sei que ele está imaginando como seria se tivéssemos nosso próprio filho, e tento não pensar nisso enquanto Gracie grita:

– De novo!

– Não, chega, Gracie, deixe o tio Ed em paz.

Becky toma a filha pela mão e a leva para longe, apesar dos protestos da menina.

Ed vai até mim e me estende a mão. Todos já entraram no salão e estão esperando por nós para começar.

– Pronta? – pergunta ele.

– Não poderia estar mais pronta.

Pego a mão dele e a aperto com firmeza, então nós também entramos para dizer a todos quanto nos amamos.



Mais tarde, em um pub próximo, a atmosfera é alegre. As crianças estão correndo ao redor do pequeno jardim e eu estou sentada com Ed, Becky, Greg, meus pais e Jane, esvaziando uma garrafa de vinho.

O dia está sendo muito agradável e me sinto triste por estar chegando ao fim. Está começando a ficar frio e eu me embrulho no casaco de Ed, que olha para mim e sorri.

– Você está bem? – pergunta ele, só mexendo os lábios, e eu faço que sim.

Ele parece feliz como há tempos eu não o via, e sem dúvida muito mais feliz do que no dia em que morreu, o que me faz querer congelar o tempo e ficar neste dia para sempre. Tento não pensar muito que o tempo está se esgotando, que estamos quase de volta ao dia da morte de Ed, mas é quase impossível ignorar esse fato, que mais parece uma mosca insistente zumbindo em volta da minha cabeça.

Eu me acomodo na cadeira e fico ouvindo a conversa ao redor, observando as crianças brincarem. Elas estão amontoadas em volta de algumas peças de Lego e parecem completamente imersas na brincadeira que inventaram. Tento imaginar como seria se Ed e eu tivéssemos um filho aqui também, juntando-se à diversão, brincando com os amigos, mas simplesmente não consigo evocar essa imagem. Não estou certa se algum dia cheguei a acreditar de verdade que me tornaria mãe, mesmo na primeira vez.

Olho para longe e, depois, de volta para a mesa. Meu pai está contando a todos uma história de quando eu era bebê. Eu reviro os olhos, pego minha taça, tomo um gole enorme e tento não ficar zangada. Ele está apenas se divertindo.

Logo chega a hora de as crianças dormirem, por isso Becky e Greg começam a se preparar para sair. Enquanto os observo, eu me pergunto se esta será a última vez que os vejo novamente nesta estranha situação. Se, na próxima vez que nos encontrarmos, vou estar vivendo o dia pela primeira vez – sem Ed. Não suporto nem pensar nisso, não hoje.

– Muito bem, querida, nós já vamos – diz Becky.

Ela se inclina para me abraçar com apenas um braço, enquanto segura Alfie com o outro. Seus olhos brilham de afeto e embriaguez.

– Obrigada pelo lindo dia. Estou feliz por você estar feliz.

Ela me abraça novamente, desequilibrando-se quando se abaixa para pegar a bolsa.

– Opa, talvez seja melhor Greg levar Alfie.

Ela entrega o menino ao marido, rindo, e coloca a bolsa de volta no ombro.

– Até logo, Becky, vão com Deus, vocês quatro. – Eu sorrio. – Você

me liga amanhã?

Ela faz sinal de positivo com os polegares.

– Tchau, tia Zoe! – grita Gracie enquanto se afastam.

Ela agita os braços como se fossem um moinho de vento e eles atravessam o pub em direção à saída. Eu jogo um beijo, ela finge pegá-lo e esfregá-lo no cabelo, e em seguida já se foram.

Eu me viro para os outros.

– E então, mais uma rodada? – pergunto, indicando as taças vazias.

Meu pai se levanta, sem muito equilíbrio.

– Deixe que eu pego desta vez – diz ele. – O mesmo novamente?

– Vinho branco, por favor – peço, levantando minha taça.

– Eu também – diz minha mãe.

– Tinto, por favor – diz Ed.

– Qualquer coisa líquida – completa Jane, segurando uma risada.

– Então, uma garrafa de vinho tinto e uma de branco, certo? – diz meu pai, atravessando a multidão e indo até o bar.

O lugar está ficando cada vez mais barulhento e quase temos que gritar para sermos ouvidos, mas, apesar do terror que sinto em saber que logo vou perder Ed, estou realmente me divertindo. Sentia falta de meus amigos e minha família.

Finalmente, meu pai retorna do bar. Ele traz duas garrafas de vinho e é seguido por um barman com uma bandeja cheia de taças de champanhe e um balde de prata, com uma garrafa dentro.

– Não seria uma celebração adequada sem uma garrafa de champanhe, seria? – pergunta ele com um sorriso, colocando o vinho na mesa.

O barman deposita a bandeja, meu pai pega a garrafa de champanhe e começa a abri-la. A rolha sai voando com um barulho enorme e bate no teto, por pouco não atingindo uma mulher loura que estava por perto.

– Opa! – exclama papai, piscando para a tal mulher. – Desculpe.

– Sem problema – responde ela, afastando-se.

Meu pai serve a bebida sem muito cuidado, derramando mais fora das taças do que dentro. O champanhe borbulhante se espalha por toda a mesa de madeira e ele ri.

– Pai, deixe que eu sirva.

– É... pode ser uma boa ideia.

Ele me entrega a garrafa. Eu pego as taças e derramo o líquido com cuidado em cada uma.

– Você tem muita prática nisso, hein? – comenta meu pai, observando-me atentamente.

– Ah, sim. Pratico toda noite. – Sorrio e entrego uma taça a meu pai. – É assim que nós, londrinos, fazemos.

– É claro – diz ele, segurando a taça pela haste.

Quando todo mundo está com a taça cheia, meu pai levanta a voz.

– Certo, eu quero dizer uma coisa.

Nós todos olhamos para ele, que, pela primeira vez nesta noite, parece sério.

– Vocês sabem que não sou muito de fazer discursos. Mas eu só queria dizer, Zoe, Ed – ele levanta a taça para cada um de nós –, que estamos muito felizes, eu e sua mãe, por vocês terem resolvido tudo. Odiávamos ver vocês tão tristes. – Ele faz uma pausa, olha para a própria taça por um momento. – Além disso, foi um prazer nos livrarmos dela. Ela estava fazendo uma bagunça enorme em nossa casa.

Todos riem e papai puxa um brinde:

– A Zoe e Ed. Saúde.

– Saúde! – gritam todos, e nós batemos as taças e bebemos.

Lágrimas enchem meus olhos e eu me sinto tola. Porque sei que essa felicidade não pode durar muito tempo mais. Eu sei que, aconteça o que acontecer, algo está prestes a mudar.

Eu só gostaria de saber o quê.



Mais tarde, já em casa, minha cabeça está girando pela empolgação e pelo champanhe. Meus pais vão passar a noite em nosso pequenino quarto de hóspedes, e ouço minha mãe colidindo com as paredes e os objetos no banheiro. Um ronco suave vem do quarto e, quando enfio a cabeça para ver, papai já está dormindo, ocupando a maior parte do sofá-cama.

Eu me arrasto até a cozinha e encho um copo com água, bebendo tudo de uma só vez. Estou prestes a encher o copo de novo quando sinto os braços de Ed em volta de mim.

– Oh! – Dou um pulo e quase derramo água no chão. – Você me assustou!

– Quem você achou que fosse? – diz ele, esfregando o nariz em meu pescoço.

– Hum, que gostoso.

Ele dá beijos suaves em meu pescoço e ao longo do ombro. Sinto o corpo inteiro formigar.

– Ed, aqui não. – Preciso de toda a minha força de vontade para dizer isso. – Meus pais estão ali.

Viro-me para encará-lo, mas ele não para, descendo os lábios suavemente para o meu seio direito. Eu gemo, tomada de desejo.

Quase não tenho tempo para refletir, mas a decisão é quase instantânea. Na outra vez, eu o empurrei, com medo de que meus pais entrassem a qualquer instante. Desta vez, não me importo. Eu o quero, e esta pode ser minha última chance de sentir seu corpo contra o meu, de abraçá-lo, de saber que ele me ama. Então, seguro seu rosto com as duas mãos e o beijo profundamente, depois pego sua mão e caminho depressa para nosso quarto, fechando bem a porta. Seus lábios logo estão em mim outra vez, percorrendo meu pescoço, meus seios, descendo em direção à minha barriga, e meu corpo inteiro está cheio de desejo. Eu o agarro, puxando-o com tanta força que ele quase se torna parte de mim, e caímos na cama como um único ser. Então eu relaxo e me entrego a ele inteiramente, como se fosse meu último prazer na vida.

Quero que esta noite dure para sempre. Tenho medo de que, quando acordar, tudo esteja acabado. Mas chegamos ao fim. Passamos alguns instantes deitados, olhando um para o outro. Então, finalmente me sinto pronta para soltá-lo. Eu me inclino para ele e sussurro:

– Eu amo você. Por favor, nunca me deixe.

Mas os olhos de Ed já estão fechados e ele não me ouve.

Não há mais nada a fazer a não ser dormir.

25 de dezembro de 2012

NORMALMENTE, AS MÚSICAS DE NATAL – até mesmo John Lennon cantando “Happy Xmas” – me deixam feliz. Eu amo o Natal e tudo o que se refere a ele.

Mas, quando acordo nesta manhã e ouço Ed cantando juntamente com o CD de Natal, eu me sinto mal. Está quase na hora. Daqui a seis meses, Ed estará morto.

Engulo em seco e faço um esforço para tirar esse pensamento da cabeça e me concentrar nas coisas que tentei mudar. Tentei ser mais gentil. Tentei parar de discutir. Tentei enfrentar os problemas, encontrar mais pessoas, falar sobre o futuro. Até tive experiências completamente novas. Mas, no final, na grande trama da vida, parece que nada mudou muito.

Por exemplo, ainda estamos aqui, no Natal que precedeu a morte de Ed, e só posso supor que ele continua tão zangado comigo quanto antes. Foi horrível.

Susan estava lá, assim como meus pais, Becky, Greg e as crianças. O espaço era pequeno demais para todos nós, mas quisemos que o Natal fosse aqui e esprememos toda a família em nosso apartamento.

Ed e eu havíamos tentado mais uma rodada de fertilização in vitro, mas ainda não havia nenhum sinal de gravidez e parecíamos incapazes de tratar um ao outro com um mínimo de carinho. Eu já estava começando a me questionar se deveríamos mesmo continuar juntos. Passamos o dia inteiro provocando e irritando um ao outro, o que fez com que ninguém se divertisse e todos passassem o tempo inteiro mastigando suas batatas assadas em um silêncio tenso. Eu estremeço só de me lembrar.

Desta vez, vou garantir que as coisas sejam diferentes. Mesmo se isso não mudar nada no final, pelo menos posso fazer de hoje um dia

feliz. E também posso ter esperança.

Saio da cama, pego meu roupão pendurado atrás da porta e sigo pelo corredor até a cozinha. Ed já trocou de roupa e está usando o suéter que comprei para ele, com um boneco de neve na frente. Meu coração salta ao vê-lo. Eu chego por trás dele.

– Bum! – grito, beliscando-o enquanto o agarro.

– Ah! – Ele deixa cair a faca que está segurando e a lâmina bate no chão, quase se cravando no pé dele. – Meu Deus, você quer me matar?

É como imaginei. Ele está furioso comigo. Em vez de reagir, eu respiro fundo, determinada a não provocar uma briga.

– Desculpe, querido, não vi que você tinha uma faca na mão.

Eu me abaixo e pego a faca, colocando-a de volta na bancada. Pouso as mãos em sua cintura e olho atrás dele, tentando ver o que ele está fazendo.

– O que é isso? Alguma coisa para mim?

A expressão em seu rosto ainda é de rancor.

– Vamos lá, quero ver.

Sem dizer nada, ele se afasta para me deixar ver, o corpo tenso de raiva. Sobre a bancada estão algumas batatas descascadas e uma panela com água.

– Ah, obrigada, Eddie, você já começou a preparar o jantar.

Levanto os braços e os coloco em volta do pescoço dele.

– Não vamos ficar zangados um com o outro. Sorria para mim. Por favor, só isso.

Finalmente, incapaz de resistir a esse ataque de amabilidade, o canto da boca de Ed se contrai e se levanta um pouquinho.

– Venha aqui... – Eu faço cócegas em sua nuca com a ponta dos dedos. – Vamos nos esforçar e fazer deste um lindo dia. Mesmo que seja apenas um em meio a centenas de dias terríveis, vamos fazer com que este seja bom. O que você acha?

Ele fica parado, duro como uma tábua, me observando.

– Está bem. Certo – murmura.

Ele se volta para a bancada e pega a faca para voltar a descascar batatas. É um pequeno avanço, mas já é alguma coisa.

Eu vou para a sala e acendo as luzes da árvore de Natal, ouvindo Ed cantarolar “Rockin’ Around the Christmas Tree”.

Tomo um banho e me visto e, quando volto, Ed está no sofá, uma caixa de chocolates aberta de um lado, uma pilha de papéis descartados do outro. Ele olha para mim e seu rosto se suaviza.

– Quer um?

Ele me entrega um bombom envolto em papel amarelo.

– Quero, mas não este.

Eu me inclino e pego depressa um roxo da pilha que está em seu colo, rindo.

– Ei, esse é o meu favorito!

– Tarde demais, também gosto deste – digo com a boca cheia de chocolate.

– Sua desalmada.

Ele pega um bombom de nozes e enfia todinho na boca e, por alguns minutos, nenhum de nós pode falar. De qualquer maneira, é melhor mesmo ficarmos calados. Não queremos e não precisamos passar o dia de hoje remoendo tudo o que deu errado. Precisamos aproveitá-lo com tudo o que ele tiver de bom.

Ed se levanta e vai até a geladeira.

– Quer um drink? – Ele segura uma garrafa de champanhe e uma caixa de suco de laranja.

– Por favor.

Ed me entrega uma taça e levanta a outra.

– A nós. Você tem razão. Vamos fazer com que este Natal seja especial.

Meus ombros relaxam de alívio quando brindamos. As bolhas do líquido gelado deslizam pela minha garganta.

– Meu Deus, isso é delicioso.

– Hum.

Ficamos sentados em silêncio por alguns minutos, ouvindo canções de Natal melosas, observando as luzes piscarem na árvore. A consciência do que está por vir pesa em meu coração, mas não posso deixar de sentir algum contentamento pelo fato de que, mesmo se eu não conseguir mudar o futuro, pelo menos terei a lembrança boa deste momento, em vez de gritos e ódio.

Meus pensamentos são interrompidos pelo tom estridente da campainha. Ed se levanta de um pulo.

– É hora da festa.

Eu dou um sorriso fraco. Não tenho tempo para pensar, pois, segundos depois, Becky, Greg e as crianças já estão entrando na sala.

– Feliz Natal, tia Zoe!

Gracie se joga em minhas pernas. Eu a levanto no ar e ela ri descontroladamente.

– Feliz Natal, querida.

– Tia Zoe, adivinha só. Papai Noel passou lá em casa e me trouxe um monte de coisas. Ganhei uma casa de boneca nova, um Playmobil com uma piscina que você pode colocar água e tudo o mais, e ele me trouxe também uma bicicleta nova, um capacete e uma buzina para colocar na frente, que é toda cor-de-rosa brilhante.

Ela faz uma pausa para respirar. Eu rio.

– Caramba, Papai Noel foi muito generoso este ano.

Becky encontra meu olhar por cima da cabeça de Gracie e revira os olhos.

– Você não faz ideia.

A campainha toca de novo e em um instante a festa está completa, com minha mãe, meu pai e Susan, todos empilhados em nossa minúscula sala de estar, esmagados em sofás, sentados no chão, preenchendo todo o espaço disponível. E é uma enorme alegria. O fato de ter todos aqui, podendo ser felizes, ameniza a ansiedade. Quando olho em volta, para essas pessoas que tanto amo, fico aliviada por elas não saberem o que está por vir. Eu me sinto afortunada porque meus entes queridos poderão ter este momento de alegria para guardar para sempre no coração.

E, em um cantinho da minha mente, não posso deixar de pensar que talvez, apenas talvez, o fato de este dia correr de maneira tão diferente signifique que ainda há uma pequena chance de as coisas terminarem de outra forma.

– Feliz Natal – diz Ed, levantando sua taça.

– Feliz Natal – repetem todos.

– Saúde! – brinda Gracie, e todos riem. O Natal começou.



Está escuro lá fora. Ed e eu estamos deitados na cama, olhando para a lua entre as cortinas abertas. Sua respiração desacelerou e eu sei que ele vai pegar no sono em breve. Mas ainda não estou pronta para deixá-lo. Tento permanecer acordada e ficar com ele por mais alguns momentos. Minha mente voa de volta para um momento mais cedo neste dia, logo que terminamos de jantar. Ed engoliu seu último pedaço de pudim e ficou esfregando a barriga e estufando as bochechas.

“Bem, e assim se vai mais um ano”, disse ele, reprimindo um

arroto. “Cacete, comi demais!”

“Ed, não diga isso na frente das crianças”, reclamou Susan, apontando para Gracie e Alfie.

“Ora, não se preocupe, eles ouvem coisa muito pior do Greg, pode acreditar”, disse Becky, lançando um sorriso irônico ao marido. Greg deu de ombros.

“É mesmo, você tem razão, minha boca anda mais suja do que um penico.”

Mas eu quase não ouvia, porque as palavras de Ed ecoavam na minha cabeça. *E assim se vai mais um ano.*

Mesmo agora, não consigo parar de pensar nessas palavras, e meu coração dói por ele, por mim, pelo futuro que não poderemos ter. Pelo fato de que, se nada for feito, se eu não conseguir mudar nada, este será o último Natal de sua vida.

O quarto gira e eu seguro a cabeça entre as mãos, gemendo.

– O que aconteceu?

Ed se virou e está olhando para mim, a testa franzida, e percebo que tenho lágrimas nos olhos. Eu as limpo com as costas da mão e balanço a cabeça.

– Nada, nada. Desculpe. É só o estresse das últimas semanas. Estou tão feliz por você estar aqui e... – Minha voz fica presa na garganta. – Eu amo você, é só isso.

– Ei, eu sei disso, querida. Mas está tudo bem, nós estamos bem, não estamos? Pelo menos por hoje?

– Sim. Sim, estamos. Pelo menos temos o dia de hoje.

Ed franze a testa e eu desvio o olhar, incapaz de explicar o que quero dizer e torcendo para que ele não me peça que explique. E então ele adormece e eu o observo enquanto o sono o leva para longe de mim mais uma vez. Por fim, permito que meus olhos se fechem e me entrego à escuridão, rezando para vê-lo novamente, só uma última vez.

19 de junho de 2013

HOJE É O DIA.

No instante em que acordo e vejo onde estou, simplesmente sei. Hoje é o dia em que Ed vai morrer. É também o dia em que posso perdê-lo pela segunda vez se não fizer algo para impedir.

Meu coração parece parar quando penso na gigantesca responsabilidade que tenho pela frente e sinto que vou vomitar. Sei que tive sorte por me encontrar com Ed novamente, ter a chance de vê-lo, abraçá-lo, estar com ele, falar com ele. Mas a ideia de sua morte pesou em mim o tempo todo como uma enorme nuvem carregada. E se eu não tiver feito o suficiente para salvá-lo? E se eu não conseguir fazer isso hoje?

E se eu tiver fracassado?

Permaneço deitada, tentando acalmar a respiração, mas ela continua a vir em sopros irregulares. Ao meu lado, Ed ainda dorme tranquilamente e eu me apoio nos cotovelos para olhá-lo bem. Ele está deitado de frente para mim, os longos cílios fazendo sombra nas bochechas, a pele bastante bronzeada, o queixo marcado pela barba malfeita. Sua boca está ligeiramente aberta e ele assobia levemente a cada expiração. É difícil acreditar que ele não tenha ideia do que o dia de hoje vai trazer. Mas como poderia?

Ed se mexe e lhe dou um beijo suave. Tem o hálito azedo, mas eu não me importo. Preciso tocá-lo, ficar perto dele. Ele abre um olho e me olha, parecendo cansado.

– Hã? Que horas são? – Sua voz ainda está rouca de sono.

Olho para o relógio.

– Seis e meia.

– Hummmm. Por que está me acordando?

Ele rola de costas e fecha os olhos de novo, um braço esticado

acima da cabeça.

Aproximo meu corpo do dele e me aconchego em seu braço, deitando a cabeça em seu peito. Estendo o outro braço sobre sua barriga. A pele de Ed está quente e reconheço seu cheiro tão familiar, uma mistura de sabonete líquido, sabão em pó e sono. Alguns lampejos repentinos de memória surgem em minha mente, perfurando-a como um raio de dor: eu, deitada nesta mesma cama, depois que Ed morreu. Em vez de Ed em meus braços, eu segurava o travesseiro onde ele descansa a cabeça agora. Permaneci no mesmo lugar por horas, em silêncio, atordoada, sentindo tanta dor que as lágrimas não conseguiam descer, e enfiei a cabeça ainda mais no travesseiro, tentando sentir esse mesmo perfume, o cheiro leve e persistente de Ed na fronha.

Aconchego o rosto ainda mais em seu peito.

– Zoe, me dê licença, você está me machucando.

Ele se afasta e esfrega o peito.

– Desculpe. Eu só queria ficar abraçada.

– Você pode ficar abraçada quando eu estiver acordado. Por enquanto me deixe dormir, estou exausto.

Relutante, eu me afasto e deslizo para fora das cobertas. Não quero causar uma briga hoje. Quero me esquecer do que veio antes, quero que hoje seja perfeito. Quero que Ed saiba quanto eu o amo, aconteça o que acontecer.

Vou para a cozinha e abro os armários, sem me concentrar no que faço. Meu coração pesa só de pensar no que vem pela frente. Quero aproveitar este tempo com Ed, mas não me sai da cabeça o momento em que ele saiu de casa pela última vez. Naquele instante, quando ele colocou o capacete e saiu pedalando em meio ao tráfego. É isso que eu preciso mudar hoje. Preciso evitar que Ed saia para o trabalho de bicicleta, custe o que custar. E não posso me zangar com ele.

Decisão tomada, começo a preparar o café da manhã. Torradas e chá na cama é um bom começo para o dia. Passo manteiga e geleia na torrada, despejo chá e leite em canecas e coloco tudo em uma bandeja que pego no fundo do armário. Então olho pela janela e vejo o tão amado jardim de Ed. Abro a porta dos fundos e saio, ainda de pijama, para pegar uma rosa do pequeno jardim. Volto para a cozinha, coloca-a em um copo de água e adiciono à bandeja. Fica bem melhor.

Pego a bandeja e volto para o quarto. São sete horas agora. Ed deve acordar em breve, mas eu não posso esperar nem mais um

segundo. Coloco a bandeja sobre o edredom e me sento ao lado dele, abaixando-me para beijar o pescoço do meu marido. Ele dá um pulo e arregala os olhos enquanto se vira para mim.

– Eu perdi a hora?

Ele esfrega os olhos e tenta enxergar o relógio.

– Não. É cedo ainda. Eu só quis trazer isto.

Ele olha para a bandeja sobre a cama e, em seguida, de volta para mim.

– Por que isso?

Eu dou de ombros.

– Não sei. Apenas pensei que seria bom tomarmos o café da manhã juntos na cama.

– Ah, certo. Obrigado.

Ele me olha com curiosidade, e quem pode culpá-lo? Neste momento, estamos gostando realmente um do outro.

– Mas vai ter que ser rápido, pois tenho que trabalhar.

– Eu sei.

Subo na cama, me enfio debaixo do edredom e espero enquanto Ed se senta. Em seguida, coloco a bandeja entre nossos joelhos. Ela oscila um pouco e as canecas deslizam na direção dele.

Ed as agarra.

– Cuidado, você vai derramar tudo.

Pego a minha xícara de chá e tomo um gole. Então, coloco-a de volta na bandeja e dou uma mordida na torrada. Ficamos sentados em silêncio por alguns minutos, mastigando e bebendo. De onde estou, posso ver um pouco do jardim e um pequeno pedaço do céu acima dos prédios atrás do apartamento. O céu está azul e brilhante, com poucas nuvens sem densidade, incapazes de atrapalhar o sol já quente. Os girassóis que Ed plantou há algumas semanas estão começando a colocar a cabeça de fora acima do peitoril da janela, balançando ao sabor de uma brisa muito suave. Eu suspiro.

– Que suspiro profundo. Está tudo bem? – indaga Ed.

Se ele soubesse...

– Sim, tudo bem. Eu só estava pensando.

– Cuidado.

– Ha ha.

Paro um tempo, sem saber como dizer o que planejo.

– Seria bom se não tivéssemos que ir trabalhar hoje.

– Seria mesmo. O sol hoje parece que vai ferver.

Ele estreita os olhos para a janela.

– Podemos ficar aqui mesmo – sugiro.

– O que você quer dizer? Nós dois temos trabalho.

Eu o encaro.

– Eu sei, mas... Você não acha que seria bom tirar um dia de folga?

Inventar que estamos doentes e passar o dia aqui, na cama, no jardim, apenas... juntos. Não temos feito isso o suficiente nos últimos tempos.

Tento não demonstrar desespero na voz, mas percebo como minhas palavras se aceleram, escapam da minha boca, o tom subindo pouco a pouco. Ed também percebe e me olha com estranheza.

– Não podemos simplesmente tirar o dia de folga. Estou no meio de um projeto enorme e já disse a você como o cara é exigente e chato com o deque. Se não terminarmos hoje, ele não vai parar de reclamar. E você... bem, Zoe, você simplesmente não falta ao trabalho. Não é da sua natureza. Primeiro, café da manhã na cama, e agora isso. O que está acontecendo com você?

Eu só preciso mantê-lo aqui, em segurança, comigo, e não permitir que você vá a lugar nenhum, não enquanto o dia não terminar, porque então eu vou saber que você está vivo e não me deixou. Estas são as palavras que anseio dizer. Mas não é o que digo.

– Eu só quero ficar com você, Ed. Só isso. Estou cansada, preciso de um descanso e quero que você fique aqui comigo. Por favor.

Ele me olha por um minuto e levanta meu queixo suavemente com um dedo, o que me obriga a manter o pescoço em uma posição desconfortável.

– Você sabe que não podemos fazer isso, não sabe?

– Mas por que não? – Minha voz se torna chorosa, mas me controlo. – Qual é o problema? Outras pessoas fazem isso o tempo todo.

– Sim, mas nós não fazemos. Pelo menos não você.

– Mas quero fazer hoje.

– Não, Zoe. Desculpe, mas eu preciso ir. Já estou atrasado.

Fico observando, desesperada, meu marido colocar sua caneca no chão, afastar a bandeja para o lado e pôr as pernas para fora da cama. Ele se inclina, me dá um beijinho no nariz e vai até o banheiro. Está claro que a conversa terminou. Eu queria ser forte o suficiente para agarrá-lo, imobilizá-lo na cama e mantê-lo em cativeiro durante toda a manhã. Mas vou ter que pensar em outra solução.

Afasto as canecas e os pratos sujos e, percebendo que ele está no

chuveiro, vou atrás dele. A porta do boxe está toda embaçada e só consigo enxergar o contorno de seu corpo nu. Enfio a cabeça e fico olhando por alguns segundos antes de ele me notar.

– Ei, saia daí!

Ele me joga água, e eu afasto a cabeça e pego uma toalha para limpar a água com sabão que caiu em meus olhos.

– Não posso entrar com você?

A água para e a cabeça de Ed aparece.

– Terminei. Pode entrar. Sério, o que está havendo com você hoje?

Ele sai do chuveiro balançando a cabeça e enrola uma toalha na cintura. Meu coração dispara com a visão de seu corpo nu.

– Obrigada.

Entro debaixo da água fresca e deixo que ela bata em meu rosto e na cabeça, corra pelo meu pescoço e meu corpo, me refrescando. Ed parece resistir a qualquer esforço que eu faça para mantê-lo aqui, e agora ele acha que estou me comportando de maneira estranha. Não sei o que fazer.

Saio do chuveiro e deixo a água escorrer lentamente para o tapete, estremecendo ao sentir o ar frio do banheiro. Eu me enrolo em uma toalha e volto para o quarto, onde Ed já está vestido, de bermuda e camiseta. Seu cabelo úmido está despenteado. Dou um passo em sua direção até ficarmos a milímetros de distância e corro os dedos pelos cabelos dele, soltando a minha toalha e colando meu corpo ao dele. Sinto seu corpo enrijecer e ele respira fundo quando pressiono meus lábios sobre os dele. Sinto sua resistência. Ele está tentando se afastar antes que seja tarde demais, mas não posso deixá-lo sair, por isso levanto a perna e o prendo, puxando o rosto dele para o meu, aprofundando o beijo. Seu corpo relaxa. Em seguida, seus braços estão em volta da minha cintura, a ponta dos dedos acariciando minhas costas, e eu me arqueio de prazer. Começo a desafivelar seu cinto, mas então ele para e me afasta.

– Zoe, não. Eu não tenho tempo agora.

Eu o ignoro e o beijo novamente, mas ele é mais forte e me afasta de novo, segurando firme meus braços.

– Zoe, pare, por favor. Eu tenho que ir. Não posso fazer isso agora. Meu Deus, você escolhe cada hora...

– Ah, vamos lá, Ed, já faz meses. Eu sei que você me quer. Por favor, venha para a cama comigo.

– Não, Zoe, eu não posso. Não sei o que está acontecendo com você

hoje, mas tenho que ir trabalhar, e você também.

– Mas eu amo você, Ed.

Ele me olha de maneira estranha.

– Eu sei, mas... Olha, eu adoraria passar o dia com você e acreditar que isso poderia mudar as coisas entre nós. Mas nada iria melhorar e, bem, eu tenho trabalho a fazer, e você também. Vamos resolver as coisas, Zo, só que não agora.

– Mas nós precisamos. – As palavras saem da minha boca antes que eu possa pensar.

Ele franze a testa.

– O quê?

– Bem, por que não hoje, por que não agora? Por que hoje não pode ser o dia em que mudamos as coisas entre nós para sempre? Por que você não confia em mim quando digo que hoje é o dia que pode fazer com que sejamos felizes juntos pelo resto da vida? Eu...

Faço uma pausa, percebendo, na expressão perplexa de Ed, que ele não tem ideia do que estou falando e que já falei demais.

– Eu só não entendo por que não podemos tentar hoje, só isso.

Eu dou de ombros e me sento na cama, triste. Ed fica de pé, me observando.

– Mas por que tem que ser hoje, justo hoje? – Ele se senta ao meu lado, o corpo ligeiramente inclinado em direção ao meu. – Zoe, o que está acontecendo? Você tem alguma coisa para me contar?

Queria mais que tudo contar a ele. Eu me imagino dizendo que estou revivendo minha vida, que venho tentando mudar as coisas para tentar evitar que ele morra, que este é o dia em que ele morreu e que eu preciso impedi-lo de sair para protegê-lo. Para salvá-lo.

Mas não há uma maneira de explicar isso.

Enquanto ele espera minha resposta, só consigo enxergar seu rosto furioso quando ele saiu de casa nesse dia na primeira vez. Ele estava com raiva de mim e nós dois quase nos odiávamos. Não posso permitir que isso aconteça de novo.

– Não, não tenho nada para contar. Eu só... só não quero que sejamos assim nunca mais. Quero que a gente se ame outra vez, como antes.

Ele se senta e me observa por um minuto. Em seguida, pega a minha mão.

– Zoe, eu amo você. Sempre amei e sempre vou amar. Mas este não é o momento para discutir tudo o que há de errado entre nós. Eu juro

que quero, é claro que sim, e nós podemos conversar. Só que, neste exato momento, nós dois estamos muito ocupados no trabalho, o fim de semana está chegando e poderemos passar um dia juntos quando não tivermos outros compromissos. Não hoje, quando nós dois temos que trabalhar.

Ele inspira fundo e suspira.

– Eu simplesmente não consigo ver a urgência, para ser honesto com você. Ora, isso já está acontecendo há tanto tempo que não vejo que diferença dois dias poderiam fazer.

– Mas podem. Eu não sei, só tenho a sensação de que tem que ser hoje.

Eu não espero que ele me ouça. Por que o faria? Eu mesma não me ouviria. Mas vale a pena uma última tentativa.

Ed balança a cabeça.

– Sinto muito, Zoe. Eu tenho que ir trabalhar. Mas, escute, por que não voltamos para casa mais cedo e temos uma noite especial? Boa comida, velas, o serviço completo? Posso até cozinhar...

– Tudo bem – concordo, relutante.

– Ótimo.

Ele se vira e sinto um aperto no coração. Nada está funcionando. Enquanto ele sai da sala, coloco o cérebro para funcionar, tentando descobrir outra maneira de impedir que ele pegue aquela maldita bicicleta e me deixe.

E, então, a ideia me vem à cabeça.

Ouçoo atentamente enquanto Ed faz barulho na cozinha, preparando mais uma xícara de café. Pego minha bolsa no chão e remexo até encontrar o que estou procurando. Então, em silêncio, saio do quarto, atravesso o corredor e vou até a porta da frente. Eu a abro, torcendo para ela não ranger. Quando consigo, deixo escapar o ar que nem tinha percebido que estava segurando. Eu me viro para a esquerda e ali está a bicicleta de Ed, acorrentada à cerca entre o nosso prédio e o do lado. A rua está tranquila. Faço tudo bem rápido, antes que alguém apareça: eu me agacho e perfuro um dos pneus com um prego, então o ar escapa com um barulho suave e contínuo. Repito o procedimento com o outro, o coração martelando na certeza de que estou prestes a ser pega em flagrante. Confiro se ambos os pneus estão bem vazios para que Ed perceba de imediato e em seguida volto para dentro de casa, fechando a porta silenciosamente.

Ele não quis me ouvir, mas isso vai impedi-lo.

A cabeça de Ed aparece na porta do banheiro.

– Zoe? Alguém bateu na porta?

Meu rosto fica quente, mas eu balanço a cabeça.

– Não, eu não ouvi nada.

Ele dá de ombros.

– Está bem.

Ele vem até mim. Está escovando os dentes. A pasta pinga de sua boca, caindo lentamente do queixo até o piso de madeira.

Nós dois olhamos para a mancha de pasta branca. Não posso deixar de lembrar como fiquei irritada quando isso aconteceu na outra vez, e agora não sei explicar a razão. Nem me sinto mais a mesma pessoa.

– Opa.

Ed sorri, pulverizando mais pasta de dente no ar. Algumas gotas batem em meu rosto e eu as limpo.

– Que nojo!

– Desculpe.

Ele vai à cozinha, pega um punhado de toalhas de papel e limpa o chão. Quando se abaixa, um pouco de pasta cai na bermuda.

– Vá cuspir essa pasta antes que você a deixe cair em outro lugar, seu bagunceiro – digo, empurrando-o para o banheiro e rindo.

Ed sai, envergonhado.

Começo a arrumar minha bolsa, escovo os cabelos, coloco maquiagem, mas, na verdade, estou esperando por Ed, para ter certeza de que ele não vai sair. Pelo menos não de bicicleta.

– Certo, estou saindo.

Ed me dá um beijinho no rosto. Ele cheira a hortelã e ainda há uma pequena mancha no canto de seu lábio. Eu a limpo cuidadosamente com o polegar.

– Certo, meu amor, até mais tarde.

Ele prende o capacete, coloca a mochila nas costas e sai, fechando a porta com força. Eu fico parada, prendendo a respiração, esperando. Não demora muito. Alguns segundos depois, ouço sua chave rodar na fechadura e Ed volta, resmungando.

– Algum filho da mãe esvaziou meus pneus.

– Não acredito! Que saco. O que você vai fazer?

– Não sei. Pegar o metrô, eu acho. Mas é uma chatice fazer todo o caminho até South Norwood. Esses filhos da mãe!

Ele está realmente zangado, mas eu não me importo. Não tive

escolha.

– Eu posso lhe dar uma carona, se você quiser.

– Uma carona? Mas você não tem que ir trabalhar?

– Sim, mas... seria mais fácil, não acha?

– Não para você.

– Não. Mas... Vamos, deixe que eu leve você. Eu gosto de dirigir.

Faz séculos que não pego o carro.

Ed olha para mim por um minuto, sem saber o que fazer. Em seguida, ele aceita.

– Está bem, se você realmente quer me levar. Seria mesmo ótimo, obrigado.

– Vou só pegar as chaves.

Meu coração está martelando no peito quando entramos em meu Fusca velho, que comprei meses atrás, mas raramente tive a chance de dirigir. Eu consegui, eu o impedi de ir de bicicleta! Mal posso acreditar que deu certo.

Abaixo as janelas e ligo a ventilação, mas é bastante ineficaz contra o já intenso calor do dia. Dirigimos em silêncio por algum tempo. De qualquer maneira, sinto-me tão feliz por ele não estar mais na bicicleta que o tirou de mim que não sei nem o que dizer.

Seguimos devagar pelo trânsito do norte de Londres, o calor dentro do carro aumentando a cada sinal vermelho, a cada obra na rua. Mas não me importo. Estou aqui, com Ed, e ele está vivo. Sinto como se flutuasse.

– Por que você está sorrindo?

– Ah, nada. Só... Bem, está um dia lindo, não está?

– Está, sim. Adorável.

Ed lança um olhar interrogativo para mim, depois se vira para a janela, confuso.

Levo mais de uma hora para fazer o trajeto de 25 quilômetros seguindo as instruções de Ed, mas finalmente chegamos.

– É aqui, no lado direito.

Ed aponta para um caminhão branco que já se encontra estacionado, ocupando metade da calçada. Eu me aperto em uma vaga atrás dele e desligo o motor.

– Obrigado pela carona. Espero que você não chegue muito atrasada ao trabalho.

– Você vai voltar cedo para casa, como combinamos, não vai? – Minha voz hesita diante da ideia de deixá-lo aqui.

– Sim, vou dar um jeito. Mas vou ter que pegar o metrô, está bem? Sinto lágrimas pinicando e não quero que Ed as veja.

– Está bem.

– Até mais tarde, então.

Ele sai do carro e percorre o caminho que cruza o jardim. Ele se foi.

As lágrimas estão caindo pelo meu rosto, mas agora preciso ir embora, por isso volto para a rua. Uma buzina soa alto e ouço uma freada, em seguida um carro passa, o condutor gritando pela janela aberta.

– Desculpe – digo em voz baixa, levantando a mão.

Dirijo de volta para casa, mal notando o trânsito, as pessoas, o calor. Estaciono, pego minha bolsa no banco do carona e caminho até a estação do metrô.

De pé no metrô, a caminho do trabalho nesta manhã quente e úmida de junho, eu olho desatenta os anúncios acima da cabeça dos passageiros enquanto balanço ao ritmo do trem.

Só me resta esperar que eu tenha feito o suficiente para evitar a morte de Ed.

Quando chego à minha mesa – com duas horas de atraso –, minha chefe, Olive, está esperando por mim. Ela bate em seu relógio e aponta para a sala de reuniões do outro lado do escritório.

– Zoe, estão precisando de você – diz ela.

– Desculpe – murmuro, com um leve sorriso, enquanto pego um caderno e uma caneta e, praticamente correndo, atravesso o escritório.



Enfim a reunião acaba. Eu não ouvi uma única palavra. Só consigo pensar na outra vez que assisti a este encontro e no que aconteceu depois. Os policiais, o silêncio, o hospital...

Corro para a copa, coloco água para esquentar e fico olhando pela janela a rua vários andares abaixo enquanto espero. Observo as pessoas se deslocando sob o calor do dia e penso em Ed lá fora, ao sol, do outro lado da cidade, trabalhando e suando, pensando em sair mais cedo para me ver.

É o que espero.

A água ferve e eu a coloco na xícara, misturando com café instantâneo. Mexo rapidamente, pouso a colher na borda da xícara e

volto para o escritório. Mas, quando chego à minha mesa, paro. Olive está lá, o rosto sério, e meu coração se parte.

Meu Deus, está acontecendo tudo de novo.

– Nããão – gemo, caindo de joelhos, o café quente salpicando o tapete gasto.

Não consigo ouvir nada, não consigo pensar em nada. Embora soubesse que este dia iria chegar, percebo que havia sempre uma parte de mim que guardava uma centelha de esperança.

Agora ela se apagou.

Através do ruído em meus ouvidos, ouço a voz de Olive vindo em minha direção como se estivesse a quilômetros de distância.

– Zoe, Zoe, o que está acontecendo?

Olive está sacudindo meu ombro com força e eu levanto a cabeça e a encaro. Ela tem o cenho franzido, o rosto preocupado, mas eu não consigo falar. Não quero ouvir o que ela tem a dizer.

– Não – sussurro, colocando as mãos nos ouvidos.

– Zoe – chama ela, com mais força desta vez. – Você está passando mal? O que aconteceu?

Eu não respondo. Mas, enquanto me levanto no meio da sala, as palavras de Olive começam a penetrar minha consciência e eu olho para ela outra vez. Ela continua me perguntando se estou me sentindo mal, sem parar. E se... eu quase não ousa pensar isso... Mas se ela não vai me dar a notícia que eu acho que vai, então meu comportamento a fez imaginar que estou mesmo passando mal.

Paro de soluçar, tiro as mãos dos ouvidos e pela primeira vez ouço suas palavras da maneira adequada.

– Zoe, venha comigo – diz ela, me ajudando, com cuidado, a ficar de pé outra vez.

Ela me guia para a sala de reunião de onde acabei de sair e fecha bem a porta.

– Sente-se – pede ela, apontando para a cadeira ao seu lado e sentando-se em outra. – Por favor.

Eu puxo a cadeira e me sento na ponta, nervosa. Minhas mãos começam a tremer e eu tento mantê-las paradas no colo.

– Zoe – diz ela, com a voz grave.

Prendo a respiração, esperando suas próximas palavras. Mas as palavras esperadas não vêm.

– Estou preocupada com você. Que diabos foi isso? Você parecia ter visto um fantasma e depois desabou.

Eu olho para as minhas mãos. O que posso dizer? Que eu pensei que ela ia me dizer que Ed morreu porque foi isso o que aconteceu na outra vez, e eu não podia suportar ouvir? Claro que não. Então apenas dou de ombros.

Uma batida suave à porta quebra o silêncio e alguém enfia a cabeça pela fresta. Não vejo quem é, mas Olive balança a cabeça de forma quase imperceptível e a porta se fecha de novo, deixando-nos em silêncio. É a minha vez de falar.

– E-Eu... – gaguejo, sem saber o que dizer. – Eu estou bem, sinceramente. Peço desculpas, mas é que... Sei lá, você olhou para mim como se tivesse uma má notícia. – Uma desculpa esfarrapada, mas foi a melhor que consegui.

Olive franze a testa.

– Longe disso – comenta ela.

Eu a olho, surpresa.

– Na verdade, eu queria contar a você algo empolgante – prossegue ela.

Pela primeira vez, noto que ela tem uma pasta rosa nas mãos, a mesma que lhe entreguei há poucos dias com um plano de marketing. Eu a observo colocar a pasta sobre a mesa e abri-la.

– É sobre isto. – Eu espero, ansiosa. – O cliente adorou e quer usar suas ideias, o que significa que você vai coordenar a campanha.

Ela está me observando, esperando por uma resposta. Eu sei que deveria estar animada pelo sucesso. Trabalhei duro nesse projeto, fiquei acordada até tarde várias noites para que ficasse bem-feito. Eu deveria estar dançando pelo escritório. Mas a única coisa que estou realmente interessada em ouvir é que Ed está bem, que ainda está vivo e que eu o salvei. Em comparação, a boa notícia me parece irrelevante.

– Ah, isso é ótimo! – respondo, colando um sorriso no rosto.

Olive franze a testa.

– Você não ficou tão animada quanto eu esperava. Tem certeza absoluta de que está tudo bem?

– De verdade, eu estou bem. Está tudo bem. Só tive um problema passageiro, só isso. São os malditos hormônios.

Tento sorrir de novo, mas não consigo.

– Tudo bem.

Olive não está convencida, mas encerra o assunto por ora e eu me sinto aliviada. Agora ela se vira de novo para a pasta.

– É óbvio que vamos precisar conversar sobre isso em detalhes, mas, basicamente, eles amaram sua ideia e querem tocar a campanha o mais depressa possível. Funciona para você... você sabe, em todos os aspectos?

Eu havia tirado tanta folga para me submeter ao tratamento que tive que revelar a ela um pouco do que estava acontecendo. Faço que sim com a cabeça, grata pela preocupação.

– Sim, sem problemas.

– Ótimo. Bem, então vamos nos reunir amanhã de manhã cedo e discutir cada detalhe. Que tal?

– Perfeito.

Olive se levanta, coloca os papéis de volta na pasta e vai até a porta. Antes de sair, ela se volta para mim.

– Zoe, cuide-se. Promete?

Eu faço que sim, tentando não chorar.

– Prometo. – Minha voz não é mais que um sussurro e eu tusso para disfarçar.

A porta se fecha e eu fico parada por alguns minutos, parte de mim querendo desesperadamente telefonar para Ed e ter certeza de que ele está bem, a outra parte não querendo saber, preferindo permanecer aqui, neste momento, no qual, pelo que eu sei, ele está vivo e em segurança.

Respiro fundo, saio da sala, cruzo o escritório e volto para minha mesa, ignorando os olhares curiosos. Verifico o celular, mas não há mensagens. Não sei se isso é bom ou ruim. Escrevo uma mensagem para Ed, só que não a envio. Esperar pela resposta seria pior do que não enviar a mensagem.

De repente, Olive está de novo ao meu lado e meu coração dá um salto. Não sei quanto ainda posso suportar hoje. Ela se agacha.

– Acho que você deve tirar o resto do dia de folga. Ultimamente você tem trabalhado demais e as coisas vão ficar ainda mais agitadas. Você precisa de um descanso. Vá para casa.

Eu não preciso que ela me diga isso duas vezes. Levanto-me, enfio o celular na bolsa e pego meu casaco, que estava pendurado no encosto da cadeira.

– Obrigada, Olive.

Eu a beijo no rosto e ela fica corada.

– Não deixe de descansar. Quero você amanhã com a bateria carregada para encarar o trabalho de manhã cedo – diz ela, sorrindo.

– Estarei, prometo.

Eu quase saio correndo do escritório, refazendo os passos em direção à minha casa. No metrô, penso no pavor que senti quando vi Olive ali, de pé, e fico arrepiada. Não posso deixar que aconteça de novo. Simplesmente não posso.

Saio da estação do metrô e corro pela rua até nosso apartamento. As calçadas estão tão quentes que parecem grudar nos sapatos e o sol bate em minha cabeça, me fazendo suar. Pego um punhado de cabelo e faço uma espécie de rabo de cavalo. Sinto um doce alívio com o ar que toca a parte de trás do meu pescoço. A esta altura do dia, antes do almoço, em plena quarta-feira, a região é muito calma, e eu saboreio o momento, escutando o barulho dos carros e das batidas de minhas sandálias enquanto caminho.

De repente, o silêncio é quebrado por um toque alto e preciso de alguns segundos para perceber que é meu telefone. Mergulho a mão na bolsa para encontrá-lo e estreito os olhos para enxergar o visor.

– Ed!

– Ei – diz ele, e eu tenho que me encostar em uma parede para não desmaiar de alívio.

– Onde você está?

– No trabalho. Só estou ligando para dizer que posso sair mais cedo. Vou terminar daqui a cerca de uma hora, aí teremos a tarde inteira juntos.

– Maravilha.

– Que horas você pode sair?

– Eu já estou quase em casa. Tive boas notícias no trabalho e Olive me deu o resto do dia de folga.

– Ótimo. Conte-me tudo quando eu chegar em casa. Vejo você em breve, tudo bem?

– Tudo. Ed?

– Sim?

– Como é que você vai voltar para casa?

– De trem, acho. Os ônibus que saem daqui são um lixo.

– Eu busco você.

As palavras saem antes que eu possa refletir, mas, assim que as digo, sei que é a coisa certa a fazer. Se eu tiver que atravessar Londres inteira de carro, sob um calor escaldante, para manter Ed a salvo, então isso é o que farei.

– Como assim? Não seja boba, vai ser mais rápido ir de trem.

– Talvez, mas eu quero. Quero muito. Por favor!

– Hum, então tudo bem.

Noto a hesitação em sua voz, mas não me importo se ele pensar que fiquei louca.

– Vou chegar o mais rápido possível. E... Ed?

– Sim?

– Eu amo você mais do que qualquer coisa.

– Eu também. Até mais tarde.

O telefone fica mudo. Levanto-me e vou correndo para casa a fim de pegar o carro. Quando chego, estou suada e sem fôlego, mas não ligo. Só preciso trazê-lo para casa. Pelo seu tom de voz, percebi que ele está se perguntando o que há de errado comigo hoje; ele não faz a menor ideia de por que é tão importante para mim ir buscá-lo. Mas não faz mal. O que interessa é mantê-lo em segurança. E quem sabe, talvez no futuro, se eu conseguir fazê-lo chegar vivo ao fim deste dia, eu possa lhe explicar um pouco disso tudo. Mas, por enquanto, ele só vai ter que confiar em mim.

O tráfego está pesado e, quando estaciono em frente ao local onde o deixei, já se passou quase uma hora e meia. Imaginei que ele estaria esperando por mim, mas não há sinal dele. O nó em meu peito se aperta e começa a se arrastar para a garganta, e eu sinto como se estivesse sufocando.

“Não seja boba, ele provavelmente ainda está no jardim”, digo a mim mesma. Mas não consigo bloquear uma irritante voz interior, então, girando sem controle da esquerda para a direita, quase abandono o carro em um local de estacionamento proibido e corro para procurá-lo. Porém, ainda não o vejo em lugar nenhum. Sinto o coração batendo muito rápido no peito. Combinado com o calor, isso me faz entrar em pânico. Sinto-me tonta, por isso paro de procurar e descanso as mãos nas coxas.

– Zoe?

É apenas uma palavra, mas me faz engasgar. Fico ereta e viro a cabeça. E lá está ele, meu Ed, seu corpo tão conhecido vindo pelo caminho, de bermuda e camiseta. Ele está bronzado e saudável, da mesma forma como de manhã, e meu coração dá um pulo. É difícil acreditar que tinha essa aparência quando foi atropelado e morto na primeira vez. Ele parece tão... vivo.

E, agora, ele está.

Minhas pernas tremem quando o vejo se aproximar. Então Ed sorri

para mim e eu corro até ele, quase o derrubando com o impacto. Jogo os braços em volta do seu pescoço e me agarro nele, minhas lágrimas se misturando ao suor dele, enquanto juro a mim mesma que nunca vou deixá-lo partir.

– Ei, o que é isso? O que houve? – pergunta ele, sua voz abafada no meio dos meus cabelos, mas eu não afrouxo os braços.

Eu o seguro com firmeza e sinto seu cheiro, o calor de sua pele, seu coração batendo no peito. Não posso acreditar que, depois de tudo o que aconteceu nos últimos dias, semanas, anos, sei lá quanto tempo se passou, eu consegui.

Eu o salvei.

Finalmente, eu me afasto. Ed está sério, confuso. Enxugo o rosto com as costas da mão e suspiro. Devo estar parecendo uma louca.

– Desculpe.

Ed inclina a cabeça, intrigado.

– O que está acontecendo, Zo? Você não queria me deixar sair esta manhã. Eu só fiquei longe por algumas horas e você está se comportando como se não me visse há séculos. Estou confuso.

Dou de ombros.

– Eu só senti a sua falta.

É uma resposta pateticamente inadequada, mas é tudo o que consigo oferecer.

– Tem certeza?

Faço que sim, fungando novamente.

Ele fica em silêncio por um instante, me estudando, e meu rosto queima sob o seu olhar. Por fim, ele parece satisfeito e caminha para o carro.

– Estou suando como um porco. Vamos para casa.

Ele segue rumo ao carro e, quando passa por mim, segura meu queixo suavemente. Meu corpo inteiro se arrepia.

– Tem certeza de que está bem?

– Estou bem. De verdade – respondo com a voz débil, mas espero que ele não perceba. – Venha, vamos.

A viagem para casa é tranquila, o zumbido do rádio ao fundo ocupando o espaço entre nós. Há tanta coisa que eu quero dizer a Ed que me sinto sufocar e não sei por onde começar. Em vez disso, penso nos dias que revivi, em tudo o que tentei mudar. Nada parecia dar certo até agora, mas só posso concluir que tudo levava ao dia de hoje. Este era o dia que eu precisava mudar.

Olho para o relógio. Três horas. Da última vez, Ed já estava morto neste momento.

Esta foi minha chance de salvar a vida de Ed. E eu consegui.

Um arrepio percorre meu corpo e meu coração se abranda. O sol bate através do para-brisa, fazendo-me suar, e eu tento acalmar minhas mãos trêmulas.

Finalmente, paramos em frente ao nosso prédio. Enquanto entramos no corredor frio, tento agir como se tudo estivesse normal e respiro bem fundo.

– Preciso de um banho. Quer ir primeiro?

– Se você não se importar. Estou imundo.

Ele me mostra as mãos cobertas de poeira, a lama debaixo das unhas.

Eu concordo.

– Obrigado, querida. Vejo você daqui a pouco.

Então ele me beija no nariz e vai para o banheiro, deixando as roupas pelo caminho. Momentos depois, escuto o jorro de água quando ele liga o chuveiro e enfim permito que a tensão abandone meu corpo. Sinto-me como se fosse desmaiar, então me sento no sofá e inclino a cabeça para trás, suspirando profundamente.

Seguro as lágrimas e fecho os olhos, sentindo que a exaustão, de repente, começa a me sufocar.

– Ei.

A voz de Ed ao meu lado me faz pular. Ele está vestido, o cabelo ainda molhado do banho, gotas d'água deslizando pelo seu pescoço e se reunindo na clavícula. Eu imagino como seria lambê-las.

Ele me beija e sorri.

– Estou feliz por estar em casa.

– Eu também.

Um momento de silêncio.

– Então, qual é a boa notícia?

– O quê?

– Sua boa notícia, no trabalho?

Eu tinha me esquecido de tudo.

– Ah, sim. Eu consegui uma nova conta, aquela na qual vinha trabalhando. Olive quer que eu a coordene e... bem, isso vai significar muito mais trabalho.

– É uma ótima notícia. Eu sabia que você conseguiria. Você é uma menina inteligente.

Eu dou um sorriso fraco.

– Você não parece muito feliz com isso – comenta ele.

– Mas estou. É só que... Desculpe, é muita coisa na cabeça.

– Quer dividir comigo?

Eu balanço a cabeça.

– Não, está tudo bem. Coisas do trabalho.

– Tudo bem.

Ed dá de ombros e se levanta. Então eu tenho um lampejo de inspiração. Algo sobre o qual vale a pena conversar, agora que eu sei que pode fazer diferença. Vou direto ao ponto:

– Acho que devemos parar de tentar a fertilização in vitro.

Ed para e volta a se sentar.

– O quê?

– Acho que devemos parar. Esse processo já consumiu nossas vidas o suficiente. Prefiro estar ao seu lado, sem nenhum bebê, a ficar sem você. É hora de parar.

– Uau. – Ed olha para mim e depois para as tábuas do assoalho. – Eu não esperava por isso.

– Tenho pensado no assunto há um tempo.

– Entendo. Então é por isso que você estava tão estranha hoje. – Fico feliz em deixá-lo pensar assim. Ele se vira para mim. – Tenho que confessar que estou muito chocado, Zo. Quero dizer... Isso é o que você tem desejado nos últimos, sei lá, nos últimos anos.

Dou de ombros.

– Eu sei. É verdade. Mas essa vontade arruinou tudo, Ed, e eu só acho que é hora de pararmos. Para mim, já basta.

– Uau – repete ele.

Ed olha para a lareira por alguns minutos e eu fico ansiosa para saber se ele vai dizer mais alguma coisa. Então ele se vira para mim.

– Zoe, eu tenho que ser honesto: estou muito feliz que você tenha dito isso. Quero dizer, eu adoraria ter um filho com você, e a ideia de nunca conseguirmos faz meu coração doer. Mas você está certa, isso não pode continuar. Está nos afastando, e eu não quero perder você. Você tem certeza absoluta? Eu sei que, neste instante, você tem, mas realmente acha que essa decisão vai deixá-la feliz pelo resto da vida? Seremos apenas nós dois?

Faço que sim.

– Eu sei que você teme que eu o culpe ou que eu fique ressentida cada vez que vir alguém com uma criança, e talvez eu fique, de certa

maneira. Sempre vou desejar ter dado à luz. Mas, se continuarmos tentando e fracassando, vou sempre desejar ter parado e não ter perdido você. Eu... – Paro para enxugar as lágrimas. – Não posso perder você de novo, Ed.

Ele não percebe o significado das minhas palavras, mas não faz a mínima diferença.

Ed assente e olha para mim, admirado.

– Zoe, eu estou muito aliviado.

– Eu também.

Ele estende a mão e enxuga meu rosto. Percebo que meu vestido está encharcado de lágrimas, que o fazem colar em minhas coxas.

– Ora, amor, não chore. Foi uma boa decisão.

– Eu sei – respondo, soluçando. – Eu sei que é boa. Eu só...

Eu me calo, deixando que ele complete a frase. Mas as lágrimas também vêm porque consegui salvar Ed, não apenas porque perdi o filho que nunca tive. E são lágrimas de alívio por me ver de repente livre do horror de querer engravidar a qualquer custo.

Sinto-me, pela primeira vez em muitos anos, livre.

Não faço ideia de quanto tempo se passa, mas finalmente as lágrimas diminuem e Ed e eu ficamos sentados no sofá, um ao lado do outro. Ele pega minha mão, levanta meu queixo e ficamos frente a frente.

– Este pode não ser o momento certo, mas não estou nem aí. Vamos para a cama?

Faz meses que não dormimos juntos, e o desejo faz meu corpo estremecer. Percebo que estou segurando a mão dele com força, como se, ao fazê-lo, estivesse salvando nossas vidas.

– Vamos, sim, por favor – sussurro.

Em silêncio, Ed se levanta e me leva pela mão até o quarto. A cama está à nossa espera, como um símbolo de nosso relacionamento recuperado. Gentilmente, Ed tira meu vestido, deixando-me apenas de calcinha e sutiã, puxa a própria camiseta e empurra a bermuda para o chão. Em seguida ergue os braços para que eu possa me aninhar neles. Eu me aconchoo em seus braços e suas mãos acariciam minhas costas, meus ombros, meu pescoço, meu rosto. É cheio de paixão, mas ao mesmo tempo delicado. Eu o aperto com mais força e levanto a cabeça para beijá-lo.

Enquanto afundamos na cama, um emaranhado de pernas quentes e suadas, eu me entrego totalmente. Ed está em cima de mim, me

beijando, e depois dentro de mim, e o mundo se torna perfeito.



Mais tarde, deitados na cama, um nos braços do outro, não posso deixar de pensar sobre quanto as coisas mudaram. Na última vez, este foi o pior dia da minha vida, e eu terminei à cabeceira de Ed, e ele estava morto. Desta vez, estou aqui, com os braços dele em volta de mim, e me sinto a mulher mais sortuda do mundo.

Ao meu lado, Ed apoia-se no cotovelo e olha para mim.

– Acho que isso merece uma comemoração – diz ele, com os olhos brilhando.

– Tem razão.

– Devemos comemorar hoje à noite.

Eu reviro os olhos e sorrio.

– Qualquer desculpa para uma bebida.

– Isso mesmo.

Ele se senta.

– Bem, se você está tão desesperado, por que não vamos àquela adorável adega em Muswell Hill?

– Adega? Vinho não serve, Zo. Precisamos de champanhe!

– Precisamos? Agora? Bem, se você insiste...

– Eu insisto.

– Tudo bem. Mas vamos ficar mais alguns minutos aqui. Por favor.

– Sem problema.

Ele sorri e se deita de novo ao meu lado. Vejo um raio de luz mover-se lentamente pelo teto. O sol da tarde cintila, ainda feroz, através da janela. Minutos vão passando, o dia segue em frente.

– Preciso de um banho.

Ed me cheira.

– Sim, eu diria que você precisa mesmo.

Dou um tapa em seu braço.

– Grosso.

Ele sorri.

– Talvez. Mas só falei uma verdade.

Rindo, eu jogo minhas pernas para fora da cama. Estou começando a me sentir tonta com a emoção de ter salvado Ed, misturada a um nó de tensão que vai se desfazendo lentamente quanto mais o dia se aproxima do final.

- Não saia daqui.
- É claro que não.

Ele joga os braços atrás da cabeça e fecha os olhos. Eu me viro e vou para o chuveiro. Depois de uns minutos debaixo da água fresca, sinto o estresse do dia escorrer pelo ralo, juntamente com a água suja.

Saio do banho e me seco, me enrolo em uma toalha e vou até o quarto. Quando chego à porta, eu paro. Ed não está lá. Procuro no corredor. Ele não está. Franzo a testa. Deve estar apenas fazendo um chá.

Coloco um vestido limpo e vou até a cozinha encontrar Ed. Ele não está lá. Sem querer, começo a sentir o nó de tensão retornando ao meu estômago. Onde diabos ele se meteu?

Pego uma Coca diet na geladeira e vou até a porta dos fundos. O calor bate no meu rosto quando saio, e estreito os olhos contra a luz. À medida que meus olhos se ajustam, procuro no jardim. É um espaço muito pequeno e logo vejo que Ed não está aqui.

Meu coração começa a bater um pouco mais forte quando me viro e volto para a cozinha. E então eu vejo: um papel sobre a mesa, a letra de Ed rabiscada.

Não quero nem saber, preciso de champanhe agora. Fui à loja, volto em dez minutos. Amo você. Ed

Enquanto leio essas palavras, quase deixo cair a Coca no chão. Minhas mãos estão tremendo tanto que tenho que colocá-las em cima da mesa. Ele saiu!

Não tenho ideia de quanto tempo faz que ele saiu, então não tem sentido ir atrás dele. Eu me sento, tentando pensar nisso de maneira racional. A loja fica a poucos minutos de distância. Ele logo estará de volta e tudo vai ficar bem.

Tudo vai ficar bem. Tem que ficar.

Tomo um gole da Coca, esforçando-me para ouvir a chave dele na porta da frente, tentando manter a calma. Inspiro, expiro, inspiro, expiro.

Dez minutos depois, ainda não há sinal dele.

Tentando não entrar em pânico, vou até a janela da frente e observo. O sol brilha através do vidro, fazendo gotas de suor brotarem em meu rosto e no meu peito, mas nada de Ed voltar.

Retorno à cozinha e me sento à mesa, a respiração se acelerando, a pulsação acelerada alcançando as extremidades dos dedos das mãos, dos dedos dos pés, até que todo o meu corpo pulsa no mesmo ritmo. O

ar condensou na lata de Coca-Cola, que está pingando em cima da mesa. Eu pego a lata e a coloco na testa. É uma sensação agradável em minha pele superaquecida. Seguro a cabeça entre as mãos e olho para baixo, para a mesa, observando as linhas na madeira. O silêncio no apartamento enche meus ouvidos e tenho consciência de que estou prendendo a respiração, tentando escutar o ruído da porta se abrindo. Fico assim por algum tempo, olhando para o relógio: 17h05. Já faz cinquenta minutos que Ed saiu. O sangue corre para minha cabeça com um rugido, deixando-me tonta. Por que ele teve que ir? O que ele estava pensando?

Com as pernas bambas, vou até a sala. Ligo a TV, olhando para a tela sem enxergar. Não consigo tirar da minha cabeça que Ed não está aqui. Nada conseguirá fazê-lo.

Pego o telefone sobre a mesa. Não há mensagens, então aperto o botão verde e chamo a última pessoa com quem falei: Ed. Meu coração bate com tanta força enquanto ouço o tom de chamada que tenho certeza de que, se Ed atender agora, será capaz de ouvi-lo.

Mas ele não responde.

Uma onda de náusea toma conta de mim quando ouço a gravação da voz de Ed: *Desculpe, não posso atender sua chamada no momento, por favor deixe uma mensagem após o sinal.*

Desligo. Respiro fundo, tentando encher os pulmões de ar, mas me sinto fraca. Sento-me no sofá e digito uma mensagem.

Onde você está?

Aperto ENVIAR e agora tudo o que posso fazer é esperar e torcer para que ele veja a mensagem...

Eu me deito no sofá e tento não deixar minha mente especular sobre o que pode ou não ter acontecido com Ed. Tranquilizo a mim mesma: *é apenas uma hora, ele está a caminho de casa. A qualquer minuto ele vai passar por aquela porta e você vai rir de tudo isso e se perguntar por que ficou tão preocupada.*

Mas a vizinha irritante que estou tentando subjugar vai ficando cada vez mais alta e não posso mais ignorá-la.

Você realmente achou que poderia mudar a história?, ela me diz. *Você realmente achou que poderia evitar a morte de Ed? Que mulher mais idiota.*

Lágrimas estão correndo pelo meu rosto e pingando na almofada debaixo da minha cabeça, e eu não posso fazer nada para detê-las. Fico olhando para o teto, para os padrões que a luz forma na pintura,

e o abajur parece nadar diante dos meus olhos. Puxo os joelhos para cima e me deito de lado, para ficar de frente para a porta principal. Só para o caso de ele aparecer. Então eu o verei bem ali.

Não sei por quanto tempo fico assim, mas percebo que a luz do sol se move lentamente no chão e na parede, sinal de que o tempo está passando. Mas o apartamento continua mergulhado em silêncio, um silêncio tão profundo que mal posso suportar, até que a pressão é tamanha que fica difícil respirar. Pego o telefone, mas não há nenhuma mensagem, nenhuma chamada de retorno. Eu o coloco suavemente de volta na mesa, com a mão trêmula.

Será que devo ligar para alguém? Jane, minha mãe, Becky, qualquer pessoa. Mas o que eu poderia dizer? Elas não iriam entender meu pânico. Não poderiam. Porque não sabem o que eu sei. Não sabem o que aconteceu na última vez.

Então eu me sento sozinha e espero.

O calor do sol já está desaparecendo quando o toque do telefone quebra o silêncio. Meu coração quase para e eu me levanto e arranco o aparelho da mesa, quase o deixando cair. É o número de Ed.

– Alô – atendo, sem fôlego, embora não me mexa há horas.

Há um momento de silêncio e, neste instante, eu sei. Eu sei.

– Alô, é Zoe Williams quem está falando? – pergunta uma voz grave e desconhecida.

Eu quero gritar. Quero jogar o telefone do outro lado da sala e me recusar a ouvir uma única palavra que esse homem tem a dizer. Mas, em vez disso, falo:

– Sim.

Minha resposta é apenas um fio de voz e eu tusso para limpar a garganta, que está seca e dolorida.

– Eu sinto muito, mas aconteceu um acidente. É seu marido, Edward...

Ele continua falando, só que eu não ouço mais nada. Meus joelhos cedem e eu me sento na beira do sofá, tensa. Então percebo o silêncio do outro lado da linha.

– A senhora está aí? – diz a voz novamente.

Eu sei que preciso responder para que eles saibam que estou ouvindo, mas, de alguma forma, as palavras não se formam em minha garganta nem fazem seu caminho através da minha boca seca e árida. Em vez de palavras, deixo escapar um ruído estranho e o telefone cai no chão, fazendo um barulho nas tábuas de madeira. Segundos se

passam, minutos, horas, semanas, e eu permaneço sentada, imóvel como uma pedra. Meu coração é de pedra, meu corpo é de pedra, minha mente é de pedra. No entanto, ouço uma batida, suave no início, depois mais alta, depois mais insistente, como um baterista atingindo um crescendo. Viro a cabeça ligeiramente para a porta da frente e vejo duas silhuetas atrás do painel de vidro colorido, quase imperceptíveis contra a luz do dia que vai se acabando. Sei que tenho que abrir a porta, mas não posso. Não posso. Vai ser uma má notícia.

Porém, eles não vão embora, por isso eu me levanto e me movo como um zumbi. Duas pessoas estão à minha porta, rostos sombrios, uniformes escuros. Eles entram em minha casa e eu me afasto, movendo-me para o lado, entorpecida, quando passam por mim e vão até a sala. Nós nos sentamos, os três, e eu espero que digam alguma coisa, sem querer ouvir, mas sabendo que é preciso.

– Sinto muito, Sra. Williams – diz a policial –, mas seu marido foi atropelado quando estava atravessando a rua. O carro ia depressa demais... E... infelizmente ele não conseguiu...

Fito o assoalho brilhante, sem saber o que falar ou como reagir. Olho para os sapatos da policial. Estão tão polidos que o que resta da luz do sol se reflete na ponta. Em vez de pensar em Ed morrendo de novo, imagino essa mulher se preparando para o trabalho nesta manhã, de pé na cozinha, polindo os sapatos até brilharem, pensando no dia que teria pela frente. Será que ela pensou que, mais tarde, teria que informar a alguém que seu marido havia morrido? Será que imaginou como seria?

Eu continuo sem dizer nada. Meus olhos percorrem o tapete, tomando consciência dos arranhões no piso de madeira no local de onde puxamos o sofá algumas semanas atrás. Tento descobrir como me sinto, o que quero fazer, mas não sei, nem mesmo nesta segunda vez, o que esperam que eu faça. Então permaneço sentada, olhando para o chão.

– Sra. Williams? – diz uma voz.

Eu levanto os olhos. Dois rostos me observam, esperando que eu diga alguma coisa.

– Eu... Eu... – As palavras não saem. – Onde ele está? – finalmente consigo murmurar.

Aliviado por ter algo a dizer, o policial pigarreia.

– Ele foi levado para o Royal Free Hospital. Podemos levá-la até lá se a senhora quiser.

Concordo, então me levanto, pego o telefone, que ainda está no chão, e os sigo para fora do apartamento até a viatura. A rua está estranhamente calma, o que me parece de alguma forma adequado. No fundo da minha mente, sei que tenho que ligar para minha mãe, Jane e a mãe de Ed, por isso, enquanto o automóvel percorre o caminho para o hospital, telefono para esses números.

Primeiro, Jane. Ela é a que mora mais perto e preciso de alguém aqui comigo neste momento.

– Oi – diz ela, a voz leve e animada, o que soa muito incongruente. Eu suspiro. – Zo, o que aconteceu?

– Ed... – Minha voz falha e luto para conseguir pronunciar as palavras. – É o Ed. Ele... Aconteceu um acidente e...

Não consigo terminar. Eu não consigo dizer a palavra.

– Que merda, Zo, onde você está?

– Royal Free. – Minha voz não é mais que um sussurro.

– Estou indo.

Quando desligo, estamos estacionando em frente ao hospital. Não há tempo para ligar para mais ninguém. O sol está baixo atrás do edifício de tijolinhos marrons, delineando uma estranha silhueta gótica contra o céu iluminado. Eu saio do carro. Minhas pernas estão tremendo e eu tropeço, mas a policial – não consigo lembrar o nome da moça – segura meu cotovelo para me apoiar. Caminhamos lado a lado em direção à porta e, quando ela se fecha, eu sinto como se tivesse sido tragada pelo inferno.

Eles me conduzem até uma fileira de cadeiras em um pequeno quarto enfiado nas profundezas do hospital. Enquanto espero, olho sem realmente ver os cartazes na parede sobre luto e depressão. Leio as palavras, mas não as assimilo. E então eu ouço uma voz familiar, levanto a cabeça e lá está Jane. Ela corre para mim, atravessando a minúscula sala, e logo estamos nos braços uma da outra e eu estou soluçando: soluços fortes, que sacodem meu corpo como se fossem parti-lo ao meio.

– Ele... Ele morreu – consigo dizer através de abundantes lágrimas.

– Ah, Zoe, Zoe, Zoe...

Jane me abraça e acaricia minhas costas até meus soluços diminuírem e, em seguida, nós nos sentamos de mãos dadas.

– As coisas andavam tão ruins entre mim e Ed... mas... mas hoje foi diferente. Hoje ele não me odiou...

– Zoe, Ed nunca a odiaria. Ele a adorava e sabia que você o amava.

Por favor, por favor, não pense uma coisa dessas, minha amiga querida.

– Mas nós andávamos tão zangados um com o outro e... ele saiu para buscar champanhe e eu disse a ele para não ir, mas ele foi assim mesmo, e agora é tarde demais e eu nem sequer pude dizer adeus. O que vou fazer agora?

Antes que Jane possa responder, o médico aparece e somos levadas até onde Ed está, para identificar o corpo. O médico explica que ele foi atingido por um carro quando atravessava a rua, não teve a menor chance de escapar, que já chegou morto ao hospital. As palavras “traumatismo crânio-encefálico” ficam invadindo minha cabeça, mas não posso pensar em Ed sentindo dor, sofrendo. Só consigo pensar no porquê. Por que eu o deixei sair? Ele chegou em casa a salvo, nós estávamos quase conseguindo, ele continuou vivo quase o dia inteiro e possivelmente teríamos mudado as coisas para sempre. E então eu o deixei sair.

Uma parte de mim sabe que talvez isso fosse acontecer de qualquer maneira, que, não importa o que fizesse, eu nunca teria o poder de mudar o curso da história. Mas não posso parar de pensar no momento em que o deixei, deitado na cama. Não posso deixar de pensar em como ele estava cheio de vida, alegria e felicidade.

Sou levada até a cabeceira de Ed. Apesar dos ferimentos – eles o limpavam da melhor maneira possível, mas ainda há vestígios de sangue no rosto e no peito –, posso ver meu Ed deitado ali. A vontade de tocá-lo, de abraçá-lo e dizer que vai ficar tudo bem é avassaladora. Mas sei que é impossível.

Em vez disso, faço um sinal.

– Sim, é ele.

Então eu me viro e vou embora, entorpecida, com Jane me segurando pelos ombros.



As próximas horas são como um borrão. As pessoas trazem chá, me abraçam. Há o barulho dos carrinhos passando pela sala reservada aos parentes. Em seguida, Susan chega e nós nos abraçamos, unidas por uma dor que ameaça nos sufocar.

E, durante todo esse processo, sinto raiva também. Raiva por ter sido obrigada, por algum motivo, a reviver a perda do amor da minha

vida. Uma vez já foi difícil o suficiente. Uma vez já foi o bastante para me despedaçar. Mas duas – duas vezes é simplesmente cruel, já que, no final das contas, nada mudou. No final, Ed ainda morreu.

Como posso passar o resto da vida sabendo que falhei com ele?

10 de setembro de 2013

MEUS OLHOS AINDA ESTÃO FECHADOS, mas já consigo perceber que hoje é diferente. Talvez tenha algo a ver com a luz, com o brilho entrando através de minhas pálpebras, ou talvez seja por causa dos ruídos que estão se infiltrando em minha consciência. Em vez dos sons suaves do dia a dia – chaleiras fervendo, passos leves no tapete, rádios tocando baixinho ao fundo –, tudo aqui é mais alto e mais abrasivo. Saltos batendo em pisos duros, vozes gritando, ruídos de todos os tipos – *bangs* e *bips* – martelam em minha cabeça, como um pica-pau tentando furar o tronco de uma árvore. Os sons de um hospital.

E, com uma certeza atroz, eu sei onde estou. Estou de volta ao presente – que nem sei mais quando é. O que eu não sei dizer é como vou estar e quem vai estar aqui quando eu abrir os olhos.

Ouçó com mais atenção, tentando me concentrar nos barulhos mais suaves, nos sons mais sutis. Estou ouvindo alguém respirando? Não tenho certeza. Espere, o que foi isso? Um farfalhar e um tapinha fraco. Uma página sendo virada? Alguém lendo ao lado da minha cama? Ou é apenas alguém estudando as anotações a meu respeito para verificar meu estado?

Inspiro profundamente, preparando-me para abrir os olhos. Um, dois três... *abrir*.

Mas meus olhos não se mexem. Parece que estão fechados há séculos. Tento levantar as mãos e esfregá-los, como se estivesse apenas acordando de uma boa noite de sono, mas minhas pernas e meus braços também se negam a trabalhar. Então, tento abrir os olhos outra vez. Lentamente, sinto minha pálpebra esquerda reagindo e uma pequena fenda se abre, deixando que a luz do sol penetre, enchendo minha cabeça com uma mancha branca. Fecho a fresta depressa e fico esperando a luz parar de dançar no escuro da minha mente.

Muito bem, eu consigo. Eu consigo abrir os olhos. Tenho que fazer isso.

Forço de novo as pálpebras para cima. Desta vez, meu olho esquerdo abre quase todo, e o direito, só um pouquinho. Parece que o brilho de uma lâmpada de alta potência vai sendo lançado sobre meus olhos, mas não os fecho. Eu os mantenho abertos, pestanejando e marejando de dor. Pisco com força e sinto as lágrimas escorrerem, descendo pelo rosto em direção às orelhas, caindo no travesseiro, e lentamente, bem lentamente, o mundo começa a entrar em foco. Uma luminária no teto branco. O teto dividido em quadrados. Uma luminária feia, desligada. Olho para a direita. Uma janela com feixes de luz que atravessam as persianas cinzentas e empoeiradas, deixando o local mais alegre do que deveria. E, então, há um movimento ao meu lado e um rosto aparece acima de mim. Há um suspiro, um “Ah, meu Deus, ela abriu os olhos”, uma mão fria que agarra a minha e a aperta, e eu a aperto também, com toda a força que consigo reunir.

– Zoe, você está me ouvindo? Zoe, é a mamãe.

– Nnnngngng.

– Espere, não tente falar, deixe que vou buscar alguém. – Passos correndo e, em seguida, aproximando-se novamente. – Eu volto já, você vai ficar bem?

– Nnnngg.

Passos se afastando mais uma vez e vozes agitadas no corredor. Muitos passos vindo em minha direção e, em seguida, algumas silhuetas recortadas contra o sol ao redor da minha cama. Sinto-me como um animal em um zoológico, pois todos ficam em cima de mim, fazendo alvoroço e discutindo a meu respeito como se eu não estivesse presente. Apenas duas vozes se destacam no burburinho.

– Mãe... pai... – consigo dizer com a garganta seca.

– Ah, Zoe, graças a Deus você acordou.

Minha mãe se joga sobre mim, tentando ser delicada, mas me apertando tão forte quanto pode. Queria me jogar nos braços dela, mas meus músculos não querem se empenhar.

– Oi, mãe – consigo dizer.

Quero saber o que aconteceu comigo. Onde estou, por que e, acima de tudo, se alguma coisa mudou. E ainda está morto ou eu sonhei tudo isso? Não consigo mais distinguir o que é realidade e o que é ficção. Mas sei que eles vão me dizer e, por enquanto, só preciso me adaptar ao fato de estar acordada de novo.

Minha mãe pega minha mão e a segura com ternura enquanto os médicos voam em torno de mim. Há fios me conectando a vários monitores e papéis com números, e gráficos passam de mão em mão. É tudo sobre mim, mas eu não quero saber de nada disso agora. Nada disso me importa.

– Mãe – eu sussurro e ela se inclina para me ouvir melhor. – Você pode me sentar?

Assentindo, mamãe aperta um botão e, pouco a pouco, a cama se mexe e me coloca sentada para que eu possa ver o que está acontecendo.

– É o suficiente, Sra. Morgan – interrompe o médico. – Precisamos fazer alguns testes antes de tudo. Tente não agitá-la demais, por favor. E não cansá-la.

Em seguida, o quarto fica vazio e em silêncio.

Minha mãe se senta, nervosa, na beira da cama.

– Pensamos que tivéssemos perdido você, meu amor – diz ela.

Sua voz falha e lágrimas brilham em seus olhos. Ela faz uma pausa, olha para meu pai e de novo para mim. Seus olhos estão sombrios e preocupados.

– Você... Você se lembra de alguma coisa? – Insegura, sua voz vai sumindo.

Eu faço que sim, o pescoço rígido.

– Você quer dizer sobre Ed, não é?

– Sim, meu amor.

– Eu me lembro, mãe. Eu me lembro. Ed está morto.

O silêncio enche o quarto enquanto as palavras são absorvidas e minha mente assimila a certeza de que ele realmente se foi. Eu solto um gemido. A dor é grande demais para suportar.

– Ah, filhinha, sinto muito. Tente não ficar muito agitada, você acabou de despertar. – Mamãe está acariciando meus cabelos, sua pele macia roçando meu rosto. – Você se lembra de alguma coisa do seu acidente?

Será que me lembro? Lembro-me de estar ensopada, das folhas molhadas, de uma dor na cabeça, de luzes brilhantes, de gritos. E, então, acordei no passado. Eu balanço a cabeça.

– Não, não me lembro de nada.

– Você bateu a cabeça, querida. Você estava... fazendo alguma coisa no jardim, estava chovendo e você deve ter escorregado e batido com a cabeça. Jane a encontrou quando foi visitá-la depois do

trabalho. Ela ficou preocupada com você. E graças a Deus que ela foi até sua casa, ou poderíamos ter perdido você... Não sabíamos o que você poderia ter feito a si mesma com tamanho sofrimento.

Ela para e um soluço escapa de seus lábios.

– Sandra. – A voz de meu pai é firme e ela olha para cima, chocada. Ele balança a cabeça. – Não faça isso.

– Tem razão. Desculpe, querida. Eu só queria dizer... Você estava tão triste! Nós ficamos tão preocupados com você desde que...

Ela para, mas sei o que ela ia dizer. Desde que Ed morreu. Ela se apruma e ajeita o cobertor.

– De qualquer forma, você bateu a cabeça e está aqui desde então.

– Há quanto tempo estou aqui?

Minha mãe olha para baixo e, em seguida, de volta para mim.

– Há quase um mês.

Um mês? Acabei de reviver os últimos vinte anos da minha vida em menos de quatro semanas? Não me parece possível.

Há tanta coisa que quero dizer, mas não posso.

– Oh – é tudo o que consigo articular.

Minha mãe olha para meu pai novamente e percebo que há algo mais.

– O quê? O que foi?

– Como assim? – Minha mãe é péssima mentirosa e sabe disso.

Há um momento de silêncio enquanto ficamos sentadas, olhando uma para a outra, cada uma esperando que a outra fale. O que eles vão dizer? É sobre Ed? É sobre mim? Algo terrível aconteceu desde que eu entrei no hospital? Não posso mais suportar.

– Vamos, me digam o que é! – grito, e ambos dão um salto, levando um susto.

Meu pai fala primeiro:

– Bem, sim, temos que lhe contar algo. – Ele espera um segundo, que se estende por toda a eternidade. – É sobre o bebê.

O quarto parece girar quando ele diz essas palavras. Eu me seguro na cama com força, com medo de cair.

– Bebê?

– Sim – diz minha mãe. – Seu bebê está bem, ele vai ficar bem.

Eu sinto que vou vomitar e, rapidamente, coloco a mão na boca para impedir.

– Meu Deus, Zoe, o que você tem?

Minha mãe pula da cadeira, agarra uma bacia e a coloca sob meu

queixo, puxando meu cabelo para trás. Meu estômago se contorce e eu vomito, mas não há nada para sair e, depois de alguns minutos, ele se acalma e eu me ajeito de novo no travesseiro, totalmente sem forças.

– Eu não sabia que havia um bebê – sussurro.

Minha mãe suspira e leva a mão à boca.

– Mas... – Ela se interrompe. – Ah, Deus, achamos que você soubesse e que estaria preocupada. – Suas palavras saem como uma torrente d'água. – Quero dizer, depois de tudo o que vocês passaram para ter um filho, pensamos que você saberia e...

O silêncio entre nós torna-se gigantesco enquanto a notícia que acabo de receber toma conta do ambiente.

Estou grávida.

– Como... Quantas semanas? – pergunto.

– Os médicos calculam cerca de doze...

Meu Deus. Doze semanas. Minha mente corre para o passado, tentando descobrir o que isso significa. Quando eu bati com a cabeça, Ed estava morto havia dois meses. Mais outras quatro ou cinco semanas desde então e isso significa que devo ter ficado grávida no último dia em que estivemos juntos, no dia em que não...

– Meu Deus. Eu mudei isso. – As palavras são apenas um sussurro, mas minha mãe as escuta mesmo assim.

– O que você quer dizer, meu amor?

– Nada, mãe, me desculpe. Estou muito confusa.

Abro um sorriso fraco e ela sorri de volta, sem entender. Ela parece querer dizer outra coisa, mas muda de ideia.

Sinto uma súbita necessidade de ficar sozinha, para poder assimilar a enormidade do que acaba de acontecer.

Então fecho os olhos e permaneço imóvel por alguns minutos, até ouvir meus pais se levantando e abrindo a porta. Eles saem sem fazer barulho, a porta se fecha e, em seguida, há apenas paz, tranquilidade e tempo para refletir...

Volto a pensar no último dia. Eu tinha tanta certeza de que Ed ia sobreviver que pensei que salvá-lo era o motivo para eu viver a coisa toda mais uma vez. Então, quando ele morreu de novo apesar de tudo, fiquei completamente transtornada, certa de que havia fracassado. Não tive tempo para pensar na possibilidade de que talvez, apenas talvez, o último dia em que estivemos juntos fosse o que eu havia mudado, a única coisa que eu consegui fazer diferente da primeira vez. Nós nos amamos naquele dia e ficamos juntos de uma maneira

como não acontecia havia muito tempo.

Mas, ainda que eu tivesse pensado isso, jamais teria me ocorrido que poderia estar grávida. Eu nunca consegui engravidar, nem com toda a ajuda que recebemos. Enfrentamos um verdadeiro inferno para termos um filho, o que partiu nossos corações muitas e muitas vezes.

E agora, depois de tudo, isso acontece.

Um filho.

Ed me deixou, mas me deu o maior presente de todos. Deixou uma parte de si.

Abro os olhos, empurro as cobertas e coloco as mãos suavemente sobre a barriga. Quem não soubesse não perceberia nenhuma diferença, mas eu consigo enxergar uma ligeira ondulação através da camisola do hospital e esfrego a palma das mãos delicadamente na barriga, para a frente e para trás. Sinto-a quente.

– Obrigada – sussurro e, por um momento, quase posso imaginar que Ed está aqui comigo, observando este momento.

E então, com as mãos na barriga, ouvindo um suave zumbido ao fundo, eu adormeço. E desta vez, pela primeira vez em vários meses, é um sono profundo e sem sonhos.



Abro os olhos de repente, meu coração batendo forte. Pisco desesperadamente, olhando em volta, e tento levantar a cabeça, mas está muito pesada e cai de volta no travesseiro. Respiro fundo algumas vezes e tento me acalmar. Estou no hospital, está tudo bem, já passou. Não está acontecendo tudo outra vez.

Minha frequência cardíaca vai desacelerando aos poucos, os segundos entre cada batida vão aumentando, o barulho em meus ouvidos diminui.

E, então, eu me lembro.

Levanto as mãos e, lentamente, descanso-as sobre a barriga. O pequeno volume que notei ontem não me parece tão óbvio agora e eu tenho medo de que tudo tenha sido um sonho. Afinal, as últimas semanas não foram exatamente normais. Mas eu sei que é verdade. De alguma forma, eu me sinto diferente. Sinto que é assim que tudo deve ser.

Permaneço alguns minutos deitada, acreditando que estou me transportando para mais perto do filho cuja existência só descobri

poucas horas atrás. Ele vem crescendo há doze semanas, sem qualquer ajuda minha, e tento imaginar como ele deve ser agora. Será que já tem alguns traços, ou ainda é apenas uma bolha de matéria? Será que vai ser tão parecido com Ed que vai me deixar sem fôlego quando o vir pela primeira vez? Será que vai ter seus olhos, seu nariz, sua boca?

Lágrimas descem pelo meu rosto, encharcando o travesseiro, mas não as enxugo. Quero manter as mãos onde estão por enquanto.

Os minutos passam e o quarto está cheio de paz. Não há máquinas zumbindo, sinais sonoros, nada, e não há ninguém aqui. Apenas eu, meu bebê e os sons do hospital do lado de fora. Então noto um rangido e olho para a porta, que se abre bem devagar.

– Olá?

Um rosto familiar aparece e eu sorrio.

– Oi, mãe. O que você está fazendo, chegando assim, sem fazer barulho?

– Desculpe, querida, eu não sabia se você estava dormindo ou não. Não queria acordá-la.

Ela entra no quarto e se senta com cuidado na beira da minha cama. O colchão afunda sob seu peso e eu me viro um pouco em sua direção.

– Como você está se sentindo?

Eu penso um minuto antes de responder. Como eu estou me sentindo? Feliz, triste, aliviada, assustada, animada, confusa... todas essas coisas e muito mais.

– Estou com medo, mãe.

Ela aperta minha mão.

– Ah, querida...

– Eu só queria... só queria que Ed estivesse aqui para ver isso. Para conhecer nosso filho.

Ela assente em silêncio.

– E se eu não for capaz de fazer isso sozinha?

– O que você quer dizer?

– Bem, eu nunca fui mãe e sempre pensei que, se tivesse um filho, Ed e eu cuidaríamos dele juntos, nós dois iríamos alimentá-lo, abraçá-lo, trocar suas fraldas. Nunca me imaginei fazendo isso sozinha, eu...

Minha voz fica presa na garganta e eu me calo.

– Eu entendo, eu entendo. Mas você sabe que seu pai e eu vamos fazer tudo o que pudermos para ajudá-la, não sabe? E Becky também.

– Obrigada – sussurro.

Mas eu não disse nem metade do que estou realmente sentindo. Eu me sinto vazia como uma concha e estou apavorada, tenho medo de que não tenha sobrado amor suficiente em mim para dar ao meu filho. Tenho medo de que o sofrimento e a dor sejam grandes demais para eu ignorar e que eu decepcione meu bebê. Como decepcionei Ed. Eu deveria ter sido capaz de salvá-lo, para que ele pudesse estar aqui conosco, neste momento.

Não digo nada disso. Simplesmente afundo a cabeça bem devagar no travesseiro, fecho os olhos e finjo que estou dormindo até ouvir minha mãe se levantar e sair.

epílogo

19 de junho de 2015

O DIA ESTÁ NUBLADO e uma brisa suave sopra meus cabelos no rosto. Eu fico sem fôlego ao empurrar o carrinho pelo caminho íngreme até o topo da colina, fazendo uma pausa de alguns segundos para recuperar o ar antes de prosseguir.

Lá em cima, paramos e olhamos para a cena abaixo de nós. Londres estende-se até onde os olhos alcançam. Uma nuvem escura de tempestade aparece a distância, em algum lugar sobre Canary Wharf, e eu me arrepio.

Coloco minha bolsa sobre o banco e olho ao redor. Devido ao clima, não há tanta gente como de costume, e fico feliz por isso. Facilita um pouco as coisas.

– Ma-mã, ba-ão – diz Edward, apontando para o ar e sorrindo.

– Sim, meu amor, mamãe trouxe os balões.

Desamarro os balões da alça do carrinho e os puxo para que ele possa vê-los. Ele estende a mão gordinha, empurra um balão e ri quando ele sobe outra vez.

– Ei! – grita ele, e repete a brincadeira, rindo histericamente.

– Querido, vamos sair do carrinho?

– Sim!

Tomando cuidado para não largar os balões, que esvoaçam sem controle ao sabor da brisa, eu solto o cinto de segurança de Edward e ele sai do carrinho com cautela. Eu me sento no banco e ele se coloca ao meu lado.

– Certo, vamos soltar esses balões e deixá-los ir para o céu visitar o papai – explico, sem pressa.

Ele assente solenemente.

– Vamos torcer para o papai pegar um e ficar com ele para sempre, sabendo que nós o mandamos porque o amamos.

Ele assente novamente.

– Vamos, então?

– Sim!

Eu lhe entrego um balão e ele o agarra com força.

– Certo, quando eu disser “já”, você solta. Um, dois, três, *já!*

– Já! – grita ele, e joga o balão no ar.

A bola colorida é carregada pela brisa e, de repente, flutua para a esquerda antes de tomar altura. Ficamos olhando, depois soltamos mais um, e mais um, e mais um, até que todos os oito subam ao céu.

– Papá – diz Edward, apontando para o céu com o dedo gordinho, entusiasmado.

Eu sorrio e o puxo para o colo, segurando-o com firmeza.

– Sim, exatamente, papai.

Permanecemos sentados por alguns minutos até o último balão desaparecer, então percebo que a temperatura caiu e começo a tremer.

– Agora vamos para casa.

Pego Edward, coloco-o de volta no carrinho e desço a colina lentamente, perdida em pensamentos. Queria mais que tudo fazer isso sozinha, marcar os dois anos da morte de Ed, só eu e nosso filho. Mas agora estou me sentindo um pouco solitária e me arrependo de não ter chamado meus pais ou a mãe de Ed.

Pelo menos vou vê-los mais tarde. O ano passado foi terrível. Edward tinha 3 meses e tentamos fazer uma cerimônia em memória de Ed, mas a emoção tomou conta de mim e não consegui parar de chorar. Este ano, determinada a fazer algo especial para meu filho amado, eu o trouxe ao Alexandra Palace, onde Ed e eu passamos tantos momentos felizes, para soltar alguns balões em memória do pai que ele nunca conheceu. Ele ainda é muito pequeno para entender, mas a alegria em seu rosto enquanto via os balões subirem ao céu e desaparecerem entre as nuvens valeu a pena.

Mais tarde, vamos fazer uma cerimônia com a presença dos amigos mais próximos e da família. Jane me ajudou a organizá-la e me sinto imensamente grata. Ela esteve ao meu lado em todos os momentos desde que Ed morreu e não sei se teria conseguido passar por tudo isso sem minha melhor amiga.

Agora, enquanto Edward e eu fazemos o caminho de volta para nos prepararmos em casa, eu sorrio. Foi um período longo e árduo, mas eu finalmente me sinto pronta para enfrentar a vida sem Ed.

Afinal de contas, ele me deixou o presente mais precioso do

mondo.

agradecimentos

Ao escrever os agradecimentos de meu próprio livro, me sinto como um ator que prepara o discurso para quando receber seu Oscar: é algo com que você sonha, mas nunca acredita realmente que vai precisar fazer. Então, perdoem-me se eu divagar ou se me esquecer de alguém. Deve ser a empolgação.

Antes de tudo, preciso agradecer aos meus adoráveis e queridos primeiros leitores, Serena e Zoe (cuja única semelhança com a Zoe ficcional é o nome!). O entusiasmo delas pela história me ajudou a seguir em frente e chegar ao final. Agradeço também à muito talentosa Katy Regan, que me ajudou a descobrir qual era a essência da minha história, e, é claro, aos meus amigos muito tolerantes, por me escutarem enquanto eu falava sem parar sobre o livro, especialmente Sarah G., Rachel e Viks, que, sem dúvida, assumiram uma tarefa exaustiva.

Entretanto, este livro teria permanecido em minha gaveta virtual se não fosse por Judith Murray, que é não apenas uma agente brilhante, mas também uma das pessoas mais gentis que conheci. Ela viu potencial em mim, Zoe e Ed e me ajudou a transformar o livro no que ele é. Então, obrigada, Judith. Você fez meu sonho se tornar realidade. Há, naturalmente, muitas outras pessoas a quem também devo agradecer na Greene and Heaton, em particular a invencível Kate Rizzo, por sua incrível tenacidade e dedicação ao trabalho.

Muito obrigada também para a equipe maravilhosa da Pan Macmillan – todos os que se entusiasmaram pelo livro e que me disseram quanto ele os fez chorar (perdão!) me deram um grande estímulo. Mas acima de tudo obrigada a Victoria Hughes-Williams, minha brilhante editora, que sabe uma coisinha ou outra sobre como fazer as pessoas se emocionarem e me ajudou a trazer o melhor da

história no manuscrito final.

Algumas pessoas muito amáveis dedicaram seu tempo a conversar comigo sobre vários temas durante minhas pesquisas, incluindo Andrew Taylor, da instituição de caridade Headway, e Sophie Franklin, da Zita West Clinics. Um agradecimento especial vai para minha amiga Jo Littlejohn, por compartilhar sua história comigo. Isso me ajudou muito a entender o sofrimento de Zoe por sua infertilidade.

Sem dúvida, há também muitas, muitas outras pessoas a quem eu deveria agradecer, incluindo meus queridos pais, que sempre me incentivaram a perseguir meus sonhos. Mas não posso terminar sem dizer um enorme obrigada ao meu marido, Tom, que, com paciência e bondade, me ajudou a encontrar tempo para finalmente terminar o livro. Eu não poderia ter feito isso sem você, mesmo que você ainda não o tenha lido...

E obrigada a Jack e Harry, por serem minha constante inspiração.

sobre a autora



CLARE SWATMAN nasceu em 1975 no condado de Essex, Inglaterra. Estudou francês e espanhol na faculdade, mas, para sua vergonha, mal fala uma palavra dessas línguas hoje em dia. Ela é jornalista há tanto tempo que nem se lembra desde quando. Além de escrever para várias publicações femininas, edita uma revista em Hertfordshire, onde mora com o marido e os dois filhos *Meus dias com você*, seu livro de estreia, já foi vendido para 18 países.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA ARQUEIRO



UMA CURVA NO TEMPO

Dani Atkins

Às vésperas de saírem da cidade para a faculdade, Rachel Wiltshire e seus amigos sofreram um terrível acidente. Durante o jantar de despedida do grupo, um carro desgovernado atravessou a vidraça do restaurante onde estavam. Rachel escapou por pouco... Na verdade, ela deve sua vida a Jimmy, seu melhor amigo, que se sacrificou para salvá-la.

Cinco anos mais tarde, todos do grupo estão prestes a se reencontrar para o casamento de Sarah. Bem, quase todos. É com muita dificuldade que Rachel se convence a prestigiar a amiga, pois sabe que, para isso, terá de enfrentar os fantasmas do passado. Principalmente a culpa pela morte de Jimmy.

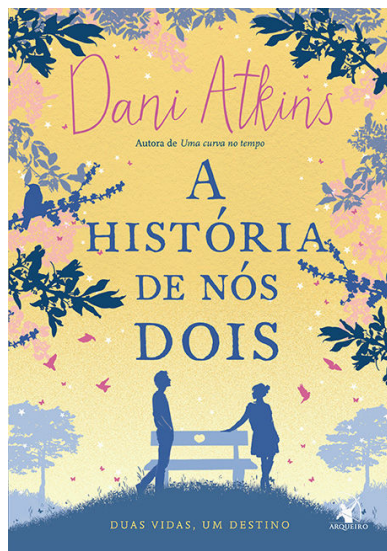
Com a vida destroçada, o rosto desfigurado por uma grande cicatriz e sofrendo de constantes dores de cabeça em decorrência do acidente, Rachel se obriga a encarar os fatos e vai ao cemitério visitar pela primeira vez o túmulo do amigo. Ao chegar lá, sua dor se intensifica a tal ponto que ela acaba desmaiando.

Quando acorda no hospital, Rachel fica surpresa: seu pai parece estar curado do câncer que o devastava, Jimmy está vivo e Matt – seu

ex-namorado – alega ser seu noivo.

Sem entender o que lhe aconteceu, Rachel tenta convencer a todos de que nada daquilo pode ser real, mas os médicos apenas a diagnosticam com amnésia.

Desesperada por respostas, Rachel precisa primeiro decidir se vale a pena tentar voltar para a vida que conhecia e que, no fim das contas, era muito pior do que a que ela tem agora...



A HISTÓRIA DE NÓS DOIS
Dani Atkins

Emma tem 27 anos, é linda e inteligente e vive cercada de pessoas que ama. Prestes a se casar com Richard, seu namorado desde a época de escola, ela não poderia estar mais empolgada.

Mas o que deveria ser o momento mais feliz de sua vida de repente vira uma tragédia. Emma sofre um acidente e é salva por um estranho minutos antes que o carro em que ela viajava explodisse.

Abalada, ela decide adiar o casamento. E nesse meio-tempo descobre segredos que a fazem questionar as pessoas nas quais sempre confiara – a ponto de duvidar se deve se casar, afinal.

Para complicar, ela se sente cada vez mais ligada a Jack, o homem que a salvou e que não sai da sua cabeça. Jack é lindo, gentil e divertido, de um jeito diferente de todos que ela já conheceu. Por outro lado, é Richard quem ela sempre amou...

Uma mulher, dois homens, tantos destinos possíveis. Como essa história vai terminar?



O PRIMEIRO DIA DO RESTO DA NOSSA VIDA

Kate Eberlen

Tess e Gus foram feitos um para o outro. Só que eles não se encontraram ainda.

E pode ser que nunca se encontrem... Tess sonha em ir para a universidade. Gus mal pode esperar para fugir do controle da família e descobrir sozinho o que realmente quer ser. Por um dia, nas férias, os caminhos desses dois jovens de 18 anos se cruzam antes que os dois retornem para casa e vejam que a vida nem sempre acontece como o planejado.

Ao longo dos dezesseis anos seguintes, traçando rumos diferentes, cada um vai descobrir os prazeres da juventude, enfrentar problemas familiares e encarar as dificuldades da vida adulta. Separados pela distância e pelo destino, tudo indica que é impossível que um dia eles se conheçam de verdade... ou será que não?

O primeiro dia do resto da nossa vida narra duas trajetórias que se entrelaçam sem de fato se tocarem, fazendo o leitor se divertir, se emocionar e torcer o tempo todo por um encontro que pode nunca acontecer.



UM MENINO EM UM MILHÃO
Monica Wood

Quinn Porter é um guitarrista de meia-idade que nunca conseguiu deslanchar na carreira. Enquanto aguardava sua grande chance na música, foi um marido e pai ausente, e jamais conseguiu estabelecer um vínculo afetivo com o filho, uma criança obcecada pelo Livro dos Recordes e algumas peculiares coleções.

Quando o menino morre inesperadamente, alguém precisa substituí-lo em sua tarefa de escoteiro: as visitas semanais à astuta Ona Vitkus, uma centenária imigrante lituana.

Quinn assume então o compromisso do filho durante os sete sábados seguintes e tenta ajudar Ona a obter o recorde de Motorista Habilitada Mais Velha. Através do convívio com a idosa, ele descobre aos poucos o filho que nunca conheceu, um menino generoso, sempre disposto a escutar e transformar a vida da sua inusitada amiga. Juntos, os dois encontrarão na amizade uma nova razão para viver.

Um menino em um milhão é um livro sensível, poético e bem-humorado, formado por corações partidos e aparentemente sem cura, mas unidos por um elo de impressionante devoção pessoal.



DEPOIS DAQUELA MONTANHA
Charles Martin

O Dr. Ben Payne acordou na neve. Flocos sobre os cílios. Vento cortante na pele. Dor aguda nas costelas toda vez que respirava fundo.

Teve flashes do que havia acontecido. Luzes piscavam no painel do avião. Ele estava conversando com o piloto. O piloto. Ataque cardíaco, sem dúvida.

Mas havia uma mulher também – Ashley, ele se lembra. Encontrou-a. Ombro deslocado. Perna quebrada.

Agora eles estão sozinhos, isolados a quase 3.500 metros de altitude, numa extensa área de floresta coberta por quilômetros de neve. Como sair dali e, ainda mais complicado, como tirar Ashley daquele lugar sem agravar seu estado? À medida que os dias passam, porém, vai ficando claro que, se Ben cuida das feridas físicas de Ashley, é ela quem revigora o coração dele. Cada vez mais um se torna o grande apoio e a maior motivação do outro. E, se há dúvidas de que possam sobreviver, uma certeza eles têm: nada jamais será igual em suas vidas.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,

visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

Prólogo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

Epílogo

Agradecimentos

Sobre a autora

Conheça outros títulos da Arqueiro

Uma curva no tempo

A história de nós dois

O primeiro dia do resto da nossa vida

Um menino em um milhão

Depois daquela montanha

Informações sobre a Arqueiro

Pode o amor resistir
às mais duras provocações?

Da autora
de **DESEJO
PROIBIDO**

eternamente
 você

SOPHIE JACKSON



Eternamente você

Jackson, Sophie

9788580414820

80 páginas

[Compre agora e leia](#)

Eternamente você é um e-book gratuito que se passa entre os livros 1 e 2 da trilogia que se iniciou com Desejo proibido. Quando conheceu o arrogante presidiário Wesley Carter em Desejo proibido, a professora Kat Lane sentiu um misto de atração e ódio. Mas, à medida que o relacionamento entre eles se intensificou, ela descobriu um novo lado de seu aluno e se apaixonou por ele. Agora os dois resolvem se casar, mas a mãe de Kat não fica nem um pouco satisfeita com a notícia do noivado. Além disso, Carter acaba de assumir a presidência da empresa da família, uma grande responsabilidade em sua nova vida fora da prisão, e precisa apoiar seu melhor amigo, que não consegue se livrar das drogas. Equilibrar problemas pessoais, da família e de um negócio de bilhões de dólares não deixa muito tempo para o casal aproveitar a vida a dois. Em meio a esse turbilhão, será que Carter e Kat vão conseguir manter a chama da paixão acesa?

[Compre agora e leia](#)



LISA
KLEYPAS

CASAMENTO
HATHAWAY



Casamento Hathaway

Kleypas, Lisa

9788580418484

36 páginas

[Compre agora e leia](#)

A família Hathaway recebeu uma herança inesperada, que lhes deu dinheiro, terras, título e prestígio. Mas nem tudo são flores. Ninguém imaginava que seria tão difícil navegar pelo complicado sistema de normas e procedimentos da sociedade londrina. Ainda assim, os cinco irmãos, Leo, Amelia, Winnifred, Poppy e Beatrix, se esforçam para se integrar aos círculos aristocráticos, sem deixar de lado seu jeito confuso e excêntrico. E, de quebra, descobrem que é possível encontrar o amor, não importa a circunstância. Você está cordialmente convidado para o casamento de Win Hathaway e Kev Merripen, uma cerimônia repleta de amor, improviso e convidados surpresa. Casamento Hathaway é um conto exclusivo da série Os Hathaways, presente de Lisa Kleypas para seus leitores. A história se passa entre os livros 2 e 3.

[Compre agora e leia](#)



AUTORA DE PAIXÃO SEM LIMITES

ABBI GLINES

KIRO
E
EMILY



Kiro e Emily

Glines, Abbi

9788580416107

120 páginas

[Compre agora e leia](#)

O ano é 1992, e a Slaker Demon é a maior banda do momento. Ganhadores do disco múltiplo de platina, tendo turnês inteiras com ingressos esgotados, liderando as paradas de sucessos e acumulando rios de dinheiro, seus integrantes são a definição perfeita de deuses do rock. Por isso, não é de estranhar que o bad boy incrivelmente sedutor Kiro Manning, vocalista da banda, tenha todas as mulheres a seus pés. Ou pelo menos era isso que ele pensava até ser rejeitado por Emily, uma jovem linda que apareceu inesperadamente em uma das badaladas festas pós-show. Emily é diferente. Determinada. Pura. Especial. Ele a deixou escapar quando se conheceram, mas não para de pensar nela desde então. E ao se reencontrarem, Kiro promete não desistir desse sentimento novo que faz com que ele queira ser alguém melhor. Alguém que mereça ser amado. Nesse livro emocionante, Abbi Glines nos transporta de volta no tempo para apresentar o romance secreto que todos os jornalistas tentaram desvendar em A primeira chance. E, nessa jornada, ela mostra que o amor verdadeiro supera qualquer barreira.

[Compre agora e leia](#)

Antes dos irmãos Bridgertons, havia OS ROKESBYS

Julia Quinn

UM
MARIDO
DE FAZ DE
CONTA

ARQUEIRO

2

OS ROKESBYS

Um marido de faz de conta

Quinn, Julia

9788580419238

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Enquanto você dormia...Depois de perder o pai e ficar sabendo que o irmão Thomas foi ferido durante uma batalha, Cecilia Harcourt tem duas opções: se mudar para a casa de uma tia ou se casar com um vigarista. Para fugir desses destinos, ela cruza o Atlântico, determinada a cuidar do irmão. Após uma semana sem conseguir localizá-lo, ela encontra o melhor amigo dele, Edward Rokesby, inconsciente e precisando desesperadamente de cuidados. Mas, para permanecer a seu lado, Cecilia precisa contar uma pequena mentira...Eu disse a todos que era sua esposa.Quando Edward recobra a consciência, não entende nada. A pancada na cabeça o fez esquecer tudo que aconteceu nos últimos três meses, mas ele certamente se lembraria de ter se casado. Apesar de saber que Cecilia é irmã de Thomas, eles nunca foram apresentados. Mas, já que todo mundo a trata como esposa dele, deve ser verdade. Quem dera fosse verdade... Cecilia coloca o próprio futuro em risco ao se entregar ao homem que ama. Mas, quando a verdade vem à tona, Edward também pode ter algumas surpresas guardadas para a nova Sra. Rokesby. "Esse é um daqueles romances em que queremos gritar com os personagens e mandá-los contar logo a verdade um para o outro." – Kirkus Reviews"Um romance fabuloso! Um marido de faz de conta evoca todo o encanto dos primeiros livros de Julia Quinn." – Freshfiction.com

[Compre agora e leia](#)

Antes dos irmãos Bridgertons, havia OS ROKESBYS

Julia Quinn



Um cavalheiro a bordo

Quinn, Julia

9788580419849

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ela estava no lugar errado...Durante um passeio pela costa, a independente e aventureira Poppy Bridgerton fica agradavelmente surpresa ao descobrir um esconderijo de contrabandistas dentro de uma caverna. Mas seu deleite se transforma em desespero quando dois piratas a sequestram e a levam a bordo de seu navio, deixando-a amarrada e amordaçada na cama do capitão. Ele a encontrou na hora errada...Conhecido entre a alta sociedade como um cafajeste e um corsário inconsequente, o capitão Andrew James Rokesby na verdade transporta bens e documentos para o governo britânico. No meio de uma viagem, ele fica assombrado ao encontrar uma mulher na sua cabine. Sem dúvida sua imaginação está lhe pregando peças. Mas, não, ela é bastante real – e sua missão para com a Coroa o deixa preso a ela. Será que dois erros podem acabar no acerto mais maravilhoso de todos? Quando descobre que Poppy é uma Bridgerton, Andrew entende que provavelmente terá que se casar com ela para evitar um escândalo. Em alto-mar, as disputas verbais entre os dois logo dão lugar a uma inebriante atração. Mas depois que o segredo de Andrew for revelado, será que ele conseguirá conquistar o coração dela?"O terceiro volume dos Rokesbys apresenta um dos casais mais encantadores até agora. Os diálogos inteligentes de Julia Quinn fazem os personagens brilharem. Um verdadeiro presente para os fãs e para qualquer pessoa que adore romances de época." – Publishers Weekly"O talento de Julia Quinn para elaborar conversas espirituosas, desenvolver os personagens e construir pouco a pouco a tensão romântica está na melhor forma em Um cavalheiro a bordo." – Kirkus Reviews

Compre agora e leia